

NOITES
COM OS
METHODISTAS
E OUTROS PROTESTANTES

RESPOSTA A SEYMOUR

AUTOR DO LIVRO

“NOITES COM OS ROMANISTAS”

PELO PADRE

HENRIQUE BRANDÃO C. S. S. R.

TOMO I

◁ APROVAÇÃO ECCLESIASTICA ▷



CENTRO DE PROPAGANDA CATHOLICA
JUVENAL PESTANA

Director-Proprietario

Rua Santa Thereza, N. 20—Caixa, 650—S. PAULO

NOTES

COM OS

METHODISTAS

E OUTROS PROTESTANTES

RESPONDA A SEYMOUR

THOMAS

NOTES COM OS ROMANISTAS

DE

HENRIQUE BRANDÃO C. S. R.

TOMO I

PARTE VAGUE ENCONTRE ASSIM



A. GALLIOT - EDITOR

REDACTED THE FOLLOWS AND A ASSIM

REDACTED

APPROVAÇÕES

Imprima-se o primeiro volume das *Noites com os Methodistas* pelo Revmo. Padre H. B. Redemptorista.

Rio de Janeiro, 28 de Agosto de 1908.

PADRE AUGUSTO BEUKERS C. S. S. R.

Visitador.

Imprima-se. Por commissão do Exmo. e Revmo. Snr. Bispo Diocesano.

S. Paulo, 14 de Setembro de 1908.

ARCIPRESTE EZECHIAS GALVÃO DA FONTOURA.

APPROVAÇÕES

1900-1901

Examinados e aprovados no curso de Engenharia de Minas

1. João de Deus da Silva

2. João de Deus da Silva

3. João de Deus da Silva

Examinados e aprovados no curso de Engenharia de Minas

1. João de Deus da Silva

2. João de Deus da Silva

3. João de Deus da Silva



ALERTA!

A epigraphe que encima estas linhas foi-me suggerida pela leitura d'um livro que, casualmente, me veiu ás mãos e trouxe por titulo, *Noites com os Romanistas*.

Este livro, de origem ingleza, mas traduzido em portuguez, é muito estimado dos methodistas, que d'elle fazem um dos livros de referencia no ensino theologico do seminario methodista em Juiz de Fôra.

Com licença dos superiores Ecclesiasticos (pois a leitura d'este livro é prohibida a todos pelas regras do Indice, que vedam aos catholicos lerem livros que atacam a fê e defendem a heresia) folheei o dito livro, e já desde as primeiras linhas que ia lendo, deparou-se-me a sua grande significação.

Não, que contivesse grandes verdades, pois não contem verdade alguma a não ser a confirmação das palavras de Nosso Senhor Jesus-Christo: «que os filhos d'este seculo são mais prudentes entre si que os filhos da luz.»

E de facto, já por espaço de alguns annos, não ha duvida alguma, este livro está exercendo sua acção demolidora entre os catholicos, sem que haja apparecido uma solida refutação dos erros que formigam n'elle.

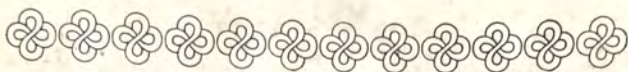
Mas, porque raras vezes encontrei um livro heretico, em que, ao que parece, d'um modo tão pacato, serio e benevolo, mas em realidade, com tanta má fé e tanta astucia serpentina, são combatidas as verdades da Igreja Catholica.

Resolvi, pois, a prevenir os catholicos contra o dito livro e os erros n'elle contidos, e pôl-os em estado de responder aos methodistas e outros protestantes quando estes, valendo-se das

armas que lhes são fornecidas n'este arsenal de heresia, os atacam pedindo-lhes conta da sua fé.

Ao mesmo tempo aproveito-me da occasião para avisar meus correligionarios do perigo que ameaça sua fé pelo trato com methodistas e outros protestantes; e da prohibição rigorosa de mandarem seus filhos a escolas, collegios e seminarios das seitas hereticas.





CAPITULO PRELIMINAR

Sobre os resultados do systema Romano

Falla-se muito hoje em dia sobre a decadencia dos paizes e povos catholicos. Diz-se que sob o ponto de vista economico, social, mas sobretudo moral os paizes e povos protestantes levam vantagem sobre os catholicos. Attribue-se esta inferioridade dos catholicos ao catholicismo e para provar a these comparam-se umas com outras as estatisticas de criminalidade catholica e protestante.

O fim de tudo isto é atacar a Religião Catholica, Apostolica, Romana. Dahi a predilecção com que em seus combates com os catholicos se servem desta arma os protestantes, methodistas e mais herejes. Testemunha, o autor das *Noites com os Romanistas* que em seu capitulo preliminar trata dos resultados moraes do systema romano. Não quero responder a todas as amabilidades que nellas dirige á Igreja á qual tenho a HONRA de pertencer. Prefiro tratar a questão mais fundamentalmente.

Vejamos, pois, *quanto calem as estatisticas para provar a superioridade do protestantismo sobre o catholicismo, para em seguida confrontal-as umas com outras.*

Digo 1.^o que *nenhuma estatistica* por mais desfavoravel que seja para os catholicos póde provar a *superioridade da religião protestante sobre a catholica.*

Concluir da verdadeira ou pretensa superioridade moral das nações protestantes sobre as catholicas á *inferioridade do CATHOLICISMO* ficará sempre *uma grande inconsequencia, uma grande falta de logica.*

A razão é clara. Basta perguntar que religião é mais *santa em si*, a protestante ou catholica? Pois é evidente que, sendo p. e. a religião catholica mais *santa em si* do que a protestante, o catholico *concedido e fiel aos principios catholicos* terá maior moralidade que o protestante nas mesmas condições. Se

o catholico neste caso não leva vantagem sobre o protestante não é devido ao *catholicismo*, mas ao proprio *catholico*, que não vive conforme o catholicismo.

Ora é fóra de duvida que o *protestantismo considerado em si é muito inferior ao catholicismo*.

A religião protestante em materia de *dogma* toma por ponto de partida, não a authoridade de Deus Revelador, mas a *razão individual e independente*, que póde admittir o que agrada e rejeitar tudo o mais. E' por assim dizer uma religião racional(*) sem fé divina, mas com fé humana, uma religião *simplificada* que regula prudentemente suas exigencias pelo systema do *quanto menos possivel*; evita com o maior cuidado systematisar e precisar suas crenças, e uma vez que deve precisal-as, não tem a força de as tornar estaveis, obrigatorias e universalmente acceitas.

Por isso póde-se ser bom protestante sem carregar grande bagagem de crenças religiosas. Para muitos, nem o dogma fundamental, a crença na Divindade de N. S. Jesus Christo parece necessario.

E quanto á MORAL, suas exigencias são ainda *mais modestas*. Prega sabiamente a *rectidão*, isto é a *honradez do homem do mundo*, o afastamento de todo o excesso, a fugida de todo o escandalo publico. Não ultrapassa os limites da idéa abstracta do *dever*, e é ainda mais accessivel á do *util*. Faz até do *util* o *principio* do *dever* e não produz senão homens *honrados* no sentido mundano.

Inteiramente outra é a *catholica*. Sua *moral* préga inteira sujeição a Deus sempre, em tudo, e em todos os logares. Na pratica da liberdade, o respeito dos direitos alheios, a abnegação propria, a mortificação, o desinteresse, a dedicação até a morte. Tem por divisa: *excelsior, mais alto*, sempre mais alto, mais avante. Seu elemento é o heroismo, cria santos, apóstolos, confesores, martyres, virgens. E em seu *dogma* não deixa nada ao livre exame da razão individual, mas exige sujeição inteira á authoridade da Igreja em *tudo quanto ella propõe como revelado por Deus*.

Supposto, pois, mas não concedido, que a moralidade das nações protestantes fosse maior do que a das nações catholicas, dali não se poderia deduzir que o *protestantismo é superior ao catholicismo*. Esta argumentação se chamaria em boa logica *latius hos*, isto é, seria concluir a mais do que permittiriam as premissas. Não; a *única conclusão logica*, que deste facto se poderia tirar com razão, seria que os *protestantes* neste caso viveriam melhor que os *catholicos*; que os protestantes se mos-

(*) Isto é no mesmo sentido em que fallamos do *racionalismo*: logo uma religião que procura substituir o elemento divino pelo humano, a fé sobrenatural pelo espirito privado, e deste modo aniquila toda a fé.

trariam superiores á sua religião (como bons protestantes sempre fazem) e os catholicos inferiores: que a falta de moralidade nos catholicos seria nelles a falta de catholicismo: que elles mesmos e não a religião catholica, seriam responsaveis por sua immoralidade.

Fica pois, provado que nenhuma estatistica por mais desfavoravel que seja aos catholicos, pôde provar a superioridade do protestantismo sobre o catholicismo.

Segue-se disto, que seria pois uma grande inconsequencia e falta de juizo reprochar por exemplo ao catholicismo a immoralidade espantosa da actual França. Por mais que figure na testa das estatisticas recentes, não depõe contra a religião catholica. Pois cada um sabe, que a maioria da população franceza, em consequencia das escolas atheas em que foi educada, e ainda por muitas outras causas, mostra, sem ter abjurado formalmente a sua crença religiosa, *indifferença absoluta para com as leis moraes prescriptas por esta crença.*

E, por conseguinte, quando vemos pelas estatisticas, que o nível da moralidade na França desce de dia para dia, não somente entre os adultos senão tambem entre os menores, — chegando por exemplo o total dos delictos e crimes commettidos em um anno por menores de 15 annos a 16.368; o das victimas de prostituição em idade inferior a 16 annos a 40.000 meninos e 13.000 meninas só em Paris; o dos suicidios de menores a 1.788 sobre os quaes 65 de meninos inferiores a 16 annos; — não podemos dizer, como fazem muitos e sobre tudo os protestantes e descrentes: eis aqui o resultado do *systema romano*: pois para que deveras fossem resultados daquelle systema, era preciso que este systema *influisse na vida delles e fosse para elles dererax uma força animadora, que desse uma direcção determinada e constante a seus pensamentos, palacras e obras.* Causa que não se realisa.

A estatistica da immoralidade portanto, só pôde attestar pró ou depór contra uma religião quando é a *consequencia natural e necessaria desta religião*: a não ser assim attesta pró ou depõe só contra os fieis que a praticam; e eis a razão porque d'un lado nunca é permittido concluir da immoralidade dos catholicos á immoralidade da *religião catholica*: ao passo que DE OUTRO LADO É PERMITTIDO CONCLUIR DA IMMORALIDADE DOS PROTESTANTES Á IMMORALIDADE DO SYSTEMA PROTESTANTE.

Digo 2.^o Que bem longe de poder concluir da immoralidade verdadeira ou pretensa das nações catholicas á immoralidade do *catholicismo*, é PRECISO concluir da moralidade que ás vezes se repara num povo catholico á *immoralidade do systema protestante.*

Com effeito, embora seja verdade que já antes de existir o protestantismo houve muitos crimes e delictos em certas nações

catholicas, crimes e delictos, que, portanto, não podem ser attribuidos ao protestantismo *que ainda não existia*, mas devem ser attribuidos a outras causas, como por exemplo, á diminuição da fé, á fraqueza humana — não é menos verdade que esses crimes e delictos tomaram proporções espantosas *depois do nascimento do protestantismo*.

A reforma, prégada pelos primeiros reformadores, em lugar de trazer ao mundo melhoramento de costumes, trouxe, como elles mesmos se queixam, uma corrupção geral. Basta o testemunho do proprio Luthero, o qual, n'um sermão prégado na primeira Dominga do Advento, confessou que «o mundo torna-se «peior todos os dias; a licença e toda a classe de vícios nunca «foram taes sob o papismo. Não crêm mais em nada. Vivem «como porcos e morrem como porcos».

E este protestantismo, desenvolvendo com o andar do tempo o principio do espirito privado, degenerou em *racionalismo e atheismo* e baniu em muitas nações catholicas *a creença e a pratica do Catholicismo*. E, por conseguinte, é a ELLE que se deve attribuir a immoralidade que se repara nessas nações, e não ao *Catholicismo*.

Muito de proposito, pergunta o Sr. P. Franco, em suas — «Respostas», II, pg. 466, — *onde é* que em paizes catholicos se nota *a maior immoralidade*? Será porventura entre aquelles que *têm o nome de catholicos e vivem como taes*? Certamente que não; mas entre *aquelles que os protestantes têm pervertido*; a quem fizeram abraçar suas creenças ou, pelo menos, suas praticas. E' immoral a mocidade que, corrompida pelas leituras indecentes, e maximas racionalistas, repellé a autoridade da Igreja, desconhece as praticas catholicas, afasta-se dos sacramentos, odeia o sacerdote e rechaça a fé. Tem maus costumes aquella parte da sociedade que seduzida pelos sophismas protestantes anheia todas as liberdades modernas e está prompta a consummar todas as revoluções e a commetter todos os delictos. Ficae, portanto, conclue o já citado author, apostrophando os protestantes, ficae com o *que é certamente rosso* e attribui a immoralidade ás nações catholicas quando puderdes *procar que os mais immorales são verdadeiramente os* que reverenciam a Igreja, recebem frequentemente os sacramentos e conservam viva no coração, manifestando-a com as obras, a fé catholica. Até que isto se demonstre, affirmaremos que *a verdadeira origem da immoralidade é a rebellião protestante*, que até em nações catholicas se vae introduzindo de mil maneiras.

Fica pois provado *que a verdadeira ou pretensa immoralidade das nações catholicas não depõe contra o Catholicismo em favor do protestantismo*, mas, CONTRA O PROTESTANTISMO EM FAVOR DO CATHOLICISMO.

A estas duas observações accrescento outra e digo:

3.^a Que a differença de moralidade que se manifesta pelas estatísticas em alguns paizes e algumas nações, pôde-se explicar ao menos até certa altura, *sem prejuizo de qualquer religião*, pelas circumstancias peculiares em que vivem essas nações, como sejam: a situação geographica do paiz, seu clima, o caracter e a indole do povo e outras causas que influem muito na ordem social ou nos individuos.

Assim, por exemplo, é certo que o vicio da embriaguez com todos os males que della costumam seguir, grassa mais nos paizes protestantes do Norte, onde o clima é mais frio, do que nos paizes catholicos do Sul, cujo clima é mais quente. Da mesma maneira os simples homicídios são mais frequentes em numero nos paizes catholicos do Sul, cujo povo tem a indole viva, ardente, irascível, do que entre os povos protestantes do Norte que são mais frios e fleugmaticos. Tambem ha muitas causas particulares que só em certas occasiões podem concorrer para mudar efficaçamente as estatísticas da moralidade. Estas causas são pela maior parte transtornos profundos na ordem social ou na vida dos individuos. Assim, por exemplo, os effeitos do famoso « Krach », produzido na bolsa de Paris, no mesmo anno de 1882 fizeram-se sentir não sómente em Paris, mas por toda a França. De 1874 até 1886 o augmento medio dos suicídios em cada anno não passava de 2 %o, mas em 1882 devido a este « Krach » subiu a 7 %o.

Em 1866 a Prussia annexa varias provincias importantes e ao mesmo tempo se põe á testa da confederação do Norte. Ora esse anno de gloria e poder é logo acompanhado d'um repentino augmento de suicídios. Depois da guerra de 1870 esta mesma Prussia passa por uma nova transformação feliz. Uma enorme indemnisação de guerra vae engrossar a fortuna publica; o commercio e a industria tomam seu voo. Pois bem, nunca o desenvolvimento de suicídios foi tão grande; de 1875 até 1886 augmentou de 90 %o.

Ora, esquecer-se *destas causas naturaes* do augmento da immoralidade em certos paizes e *culpar della a religião* que professam os seus habitantes, tambem não deixa de ser uma *grande inconsequencia*. Sem duvida (quem o negará?), a religião é *chamada para remediar estes males*; mais: ella, e só ella, pôde proporcionar-lhes o remedio opportuno: mas quando os fieis n'aquelles paizes não querem ouvir a voz da religião, sobre quem recae então a responsabilidade? Não *sobre a religião*, mas sobre os *propios individuos* que não professam sua religião.

A estas tres observações preliminares junto outra não menos importante, a saber: que muitos dos paizes e das nações que costumam ser citados como protestantes, no rigor do termo, não são *exclusivamente protestantes*. Pois abstracção feita da Inglaterra, da Noruega, da Suecia e da Dinamarca, os catholicos

são muito numerosos nos mais paizes chamados protestantes. Assim, por exemplo, a porcentagem dos catholicos na Alemanha é de 36.1 %. Na Suissa e na Hollanda constituem quasi duas quintas partes da população, ao passo que, segundo uma estatistica do Dr. H. K. Carroll, methodista de religião, havia, faz uns tres annos, nos Estados Unidos da America do Norte, sobre 72.000.000 de habitantes, 44.000.000 de pagãos e só 28.090.603 que professavam alguma forma de christianismo, e entre elles, mais de 10.000.000 de catholicos, que hoje em dia já cresceram até 16.000.000.

Quando, portanto, acontece que as estatisticas da moralidade d'aquelles paizes de *população mixta*, em alguns pontos são mais favoraveis para os protestantes do que as dos paizes *exclusivamente catholicos*, não podemos *sempre concluir d'isto* que os que concorreram especialmente para estes resultados mais favoraveis foram os *protestantes*; pois muitas vezes serão devidos aos *catholicos*, que (como provaremos dando as estatisticas dos paizes de população mixta, isto é, de paizes onde os catholicos vivem juntos com os protestantes), naquelles paizes são mais fervorosos e vivem mais conforme os principios do Catholicismo.

Agora, depois de ter provado nestas observações preliminares que as estatisticas, quaesquer que forem os resultados que ellas derem, não poderão depôr contra o *Catholicismo*, mas, quando muito, só *contra os catholicos*, e *contra o protestantismo*, vou indagar se é verdade, o que se ouve em toda a parte, que as estatisticas provam a *superioridade moral das nações protestantes sobre as catholicas*.

Examinemos primeiro as estatisticas do SUICIDIO.

Aqui os paizes e as nações *catholicas* levam grande vantagem sobre os paizes e nações *protestantes*. — Quem passa os olhos, escreve Emilio Durkein, professor atheo de sociologia na Faculdade das Letras em Bordoas, em sua obra: «Le suicide, étude de sociologie, Paris 1897, pg. 149», quem passa os olhos no mappa dos suicidios na Europa, vê ao primeiro lance que em *paizes puramente catholicos*, como na Hespanha, em Portugal, na Italia, etc., o suicidio é *muito menos desenvolvido*, ao passo que *chega a seu auge nos paizes protestantes*, na Prussia, na Saxonia, na Dinamarca.

Morselli, outro sociologo, dá o seguinte termo médio em *cada milhão de habitantes*:

Nos estados protestantes.	190
Nos estados mixtos (de protestantes e catholicos)	96
Nos estados catholicos.	58
Nos estados dos gregos e catholicos.	40

Nos estados exclusivamente protestantes e nos onde os protestantes vivem misturados com os catholicos, o suicidio é *muito*

mais frequente do que nos estados puramente catholicos. E isto é confirmado pelo *British medical journal*.

Do suicidio passemos á EMBRIAGUEZ.

Aqui, segundo as ultimas estatisticas, a Belgica, paiz catholico, depois de 1895, figura na testa como a maior consumidora, chegando o consumo de bebidas alcoolicas a *6 litros e meio* por cabeça. Porém (excepção feita para a França, que principia a rivalisar com os paizes protestantes), é logo seguida pela Inglaterra, pela Allemanha, pela Suissa, pela Hollanda, pela Suecia, pela Dinamarca, pela Noruega, que consomem *mais ou menos cinco litros* por cabeça e pelos Estados Unidos que consomem *tres*; ao passo que os outros paizes catholicos, como a Italia etc., figuram no ultimo lugar com um consumo de *um litro* ou quando muito litro e meio por cabeça.

E quanto contribuirá esta embriaguez para augmentar naquelles paizes a estatística da criminalidade, não preciso explicar.

Vem agora a estatística do DIVORCIO.

E' sobretudo neste particular que se vê a enorme differença entre os paizes e nações catholicas que condemnam o divorcio como contrario á indissolubilidade do Matrimonio e os paizes e nações protestantes que o admittem.

Basta comparar a estatística da *America do Norte* onde domina a raça anglo-americana com a *de toda a Europa*.

Os resultados das estatisticas durante os *20 ultimos annos*, dão como divorciados nos Estados Unidos a cifra de mais de *500.000* pessoas, ao passo que estas mesmas estatisticas *durante o mesmo periodo* e APEZAR DA POPULAÇÃO DA EUROPA EXCEDER MAIS DE 300 MILHÕES Á DOS ESTADOS UNIDOS, dão para todo o continente europeu apenas *318.841* divorciados.

O mal chegou a tal ponto que os ministros protestantes anglo-americanos pertencentes a todas as confissões christãs decidiram fazer um esforço para conter a marcha crescente dos divorcios. Propõem-se crear uma especie de syndicato, cujos membros se compromettem a não casar os divorciados de anteriores matrimonios.

A mesma decadencia do Matrimonio christão se repara no Império Allemão, onde as estatisticas officiaes de 1892 reconhecem que os divorcios de protestantes exceedem muito os de catholicos.

En poderia ainda continuar a comparar a criminalidade entre os paizes e nações catholicas e protestantes, e exhibir as estatisticas dos *roubos, dos homicidios de toda especie, dos nascimentos illegitimos, da prostituição*, etc., etc., as quaes tão pouco como as anteriores, deporiam contra os paizes e nações catholicas, porém julgo melhor esconder tanta miseria. Para meu fim já basta ter provado com estatisticas fidedignas e irrespon-

díveis que a pretensa inferioridade moral dos paizes e nações catholicas aos paizes e nações protestantes, não existe.

Vejamos agora, para d'isto mais nos convencer, quaes são os resultados que dá a estatística para os *paizes mixtos*, isto é, os paizes onde os catholicos vivem juntos com os protestantes.

I. Com respeito aos SUICÍDIOS.

Já vimos que alli o termo médio é de 96 sobre cada milhão de habitantes, ao passo que em paizes exclusivamente protestantes a proporção sobe a 190, e nos paizes exclusivamente catholicos desce a 58.

Pois bem, qual é a proporção nos paizes mixtos, quem contribue mais para augmentar o numero dos suicídios, os catholicos ou os protestantes?

São os protestantes, diz o Sr. Emilio Durkheim: os suicídios dos catholicos são muito menos frequentes. E em prova cita a *Baviera*, a qual sendo a mais catholica entre todos os grandes Estados da *Allemanha*, tem relativamente o menor numero de suicidas. Nem satisfeito com isto, compara entre si as *varias provincias* tanto da Baviera como da Prussia, e prova com algarismos que alli os suicídios estão em *razão directa* com o numero dos protestantes e em *razão inversa* com o dos catholicos.

A mesma observação podemos tambem fazer na *Suissa*: alli os cantões *catholicos* dão *5 a 6 vezes menos* suicidas do que os cantões *protestantes*, qualquer aliás seja a sua nacionalidade, quer franceza quer allemã. Desde 1876 até 1900 os suicídios, segundo o ultimo relatorio estatistico, chegaram até ao numero de 650 por anno. Pois bem, a maior parte deu-se no cantão *protestante de Waadt*, a saber: 602 suicídios por dez mil habitantes, enquanto o cantão *mais catholico não deu nem um suicidio* por dez mil habitantes. — O relatorio estatistico viu-se obrigado a fazer a seguinte nota: «A religião catholica dá aos seus partidarios uma grande força moral, capaz de os fazer resistir á tentação do suicidio». Do suicidio passemos ao divorcio.

II. Com respeito ao DIVORCIO.

O mesmo relatorio accrescenta: «A mesma influencia da religião catholica sobre os homens podemos tambem observar a respeito dos partos illegitimos e dos *divorcios*. E com effeito: enquanto na Suissa a proporção é de 1 para 142 casamentos nos cantões *catholicos*, é de 1 para 19 nos cantões *protestantes*.

Durante o anno de 1895, sobre 22.910 casamentos effectuados, houve 897 divorcios, ou 4 por cem casamentos.

Esta proporção geral, muito elevada já por si, nada é comparativamente ao que se dá em certos cantões *protestantes*. A relação é de 1 para 23 no cantão de Berne: 1 para 28 no cantão de Schaffhause; 1 para 18 no de Zurich: 1 para 14 no

de Neuchatel; 1 para 13 no de Geneve, e assim por diante, até que em Rhodes-Exteriores é de 1 para 11.

A mesma comparação feita para os cantões *catholicos* dá os resultados seguintes: Soleme 1 divórcio em 26 casamentos; Appenzell-Interior 1 em 31; Song 1 em 37; Friburg 1 126; Luzerne 1 em 139; Schweiz 1 em 193; Tersim 1 em 209. Nos outros cantões catholicos *não houve* divórcios.

A proporção de Appenzell-Interior foi devida a um concurso de circumstancias desfavoraveis, tendo sido outro o resultado nos annos precedentes.

III. Seguem-se agora OS NASCIMENTOS LEGITIMOS, PROVAS DA MORALIDADE DO MATRIMONIO.

Na *Prussia* os nascimentos desde 1875 até 1900 deram os seguintes resultados:

Na Prov. da Prussia Oriental — de paes protestantes	4.2.	De paes catholicos	5.4
» » » » Occidental » » » »	4.8.	» » » »	5.4
Na cidade de Berlim: — » » » »	2.7.	» » » »	3.6
Na Provincia de Brandeburgo — » » » »	4.0.	» » » »	5.3
» » » » Pommern — » » » »	4.3.	» » » »	6.0
» » » » Posen — » » » »	5.0.	» » » »	5.4
» » » » Silesia — » » » »	4.1.	» » » »	5.0
» » » » Saxonia — » » » »	4.1.	» » » »	5.0
» » » » Sleeswyk Holstein » » » »	3.7.	» » » »	4.7
» » » » Hannover — » » » »	3.8.	» » » »	4.4
» » » » Westphalen — » » » »	4.6.	» » » »	5.0
» » » » Hlessen Nassau — » » » »	3.9.	» » » »	4.4
» » » » Rhenana — » » » »	4.4.	» » » »	5.0
» » » » Hohenzollern — » » » »	9.6.	» » » »	5.0
Em toda a Prussia — » » » »	4.0.	» » » »	5.0

Ora, estes algarismos são mui notaveis. Ensinam 1.^o que tanto em toda a Prussia como em cada uma das suas provincias, o total do nascimento entre os catholicos excede notavelmente o dos protestantes, e por conseguinte, *attesta a moralidade dos casamentos catholicos*; só fica exceptuada Hohenzollern, a mais pequena e menos povoada das provincias, com 9/10 de catholicos. Alli, o numero dos protestantes é tão pequeno que o numero exorbitante dos nascimentos entre os protestantes deve ser considerado como casual e abnormal, e por conseguinte não entra na conta.

Em segundo lugar patenteia-se que a asserção espalhada e explorada tantas vezes com fins politicos prussianos como se a raça polaca fosse muito mais productiva que a germanica, não é confirmada pelos algarismos; pois o total dos nascimentos nas provincias habitadas mais especialmente pelos polacos (Polonia, Prussia occidental, Silesia) não differe muito do das mais provincias.

Emfim, vemos na estatistica da cidade de Berlim, que influencia a vida d'uma grande cidade exerce na moralidade do casamento, porém mesmo assim os catholicos vencem os protestantes.

O mesmo é applicavel á *Hollanda*.

Alli no anno de 1906 os nascimentos *legitimos* em cada mil deram por resultado: de mães protestantes 56,86
 „ „ catholicas 65,03

IV. Dos nascimentos legitimos aos ILLEGITIMOS a transição é facil.

Pois bem que dizem as estatisticas?

O relatorio estatistico da *Suissa* apregoa como já vimos, altamente a *superioridade dos catholicos*.

A seguinte estatistica da *Prussia* a confirma.

Alli sobre mil nascimentos legitimos houve *illegitimos*:

De 1875 - 1880, 63.8 de mãe <i>catholica</i> — 101.1 de mãe <i>protestante</i>	
„ 1881 - 1885, 69.9 „ „ „ — 108.1 „ „ „	
„ 1886 - 1890, 76.4 „ „ „ — 106.8 „ „ „	
„ 1891 - 1895, 67.6 „ „ „ — 103.7 „ „ „	
„ 1896 - 1903, 64.8 „ „ „ — 105.4 „ „ „	

A da *Hollanda* nos faz chegar á mesma conclusão.

Alli no anno de 1906 sobre 100 nascimentos a proporção para as mães *protestantes* era de 2.21, para as *catholicas* de 2.01.

Aqui tambem os catholicos levam vantagem aos protestantes. E o que não se deve perder de vista é, que sendo o matrimonio civil considerado pelos catholicos como uma mera formalidade da lei perante a sociedade, e não como verdadeiro matrimonio, casando-se sempre alguns só religiosamente, muitos nascimentos que aos olhos do Estado são illegitimos aos olhos de Deus e de todos os bons catholicos são nascimentos legitimos, circumstancia que torna ainda maior a vantagem dos catholicos sobre os protestantes.

Accrescentemos a estas tres estatisticas a da *Irlanda*, paiz onde em alguns logares os catholicos e em outros os protestantes formam a maioria.

Na Provincia Ulster a proporção dos catholicos é de 44.25, a dos protestantes 55.77 — o numero dos nascimentos illegitimos 4.3.

Na de Leinste . . .	85.3 . . .	14.7 . . .	2.3
„ „ Munster . . .	93.7 . . .	6.3 . . .	2.2
„ „ Connaught . . .	95.8 . . .	4.2 . . .	0.9

A conclusão é evidente.

E o que mais confirma estes Algarismos é a estatistica da provincia da Ulster.

Esta provincia contem 4 ducados. Em dois delles os protestantes formam a maioria, nos outros os catholicos. Pois bem os Algarismos dão o seguinte resultado mui instructivo.

Ducados	Protestantes	Catholicos	Nascimento illegitimos
Antrim . . .	80 % . . .	20 % . . .	5.8 %
Down . . .	73 . . .	27 . . .	4.5
Cavan . . .	27 . . .	73 . . .	1.7
Donegal . . .	22 . . .	78 . . .	2.

Estendendo agora o exame sobre a Irlanda toda, comparando os ducados que tem a mais forte maioria de protestantes com os onde os catholicos formam a maioria mais forte, veremos que os ducados protestantes Autorim, Armagh e Down têm uma proporção de 5 0/0 e os ducados inteiramente catholicos como Mayo Roscomsaun, e Lectorin, só uma proporção de 0.65 0/0.

Estes Algarismos são eloquentissimos. Mostram claramente, diz um jornal acatholico de Londres, o Pall Mall Gazette, que o numero dos nascimentos illegitimos está em *razão directa com os Orangistas* (protestantes irlandezes) e que, onde a castidade feminina pode-se chamar uma virtude, a *finis flor della porcerto deve achar-se nos ducados catholicos da Irlanda.*

E que estes resultados são devidos á fé viva da população e ao zelo dos padres irlandezes, é geralmente admittido pelos proprios protestantes. Consideradas as circumstancias actuaes da vida, e o temperamento brusco do celto, escreve o Sir. Horace Plunkett chefe dum dos mais importantes ramos industriaes na Irlanda, o bom exito do padre irlandez na conservação da castidade de seu rebanho é absolutamente unico. Ninguém pôde negar que este resultado moral quasi inteiramente se deve ao clero catholico romano.

E já faz 34 annos, outro protestante inglez Fronde, numa conferencia em Nova-York disse: A Irlanda é um dos paizes mais pobres da Europa, entretanto ha alli menos roubos, menos injustiças do que em qualquer outro paiz das mesmas dimensões geograficas. A impureza *durante um espaço de 100 annos* alli ficou quasi desconhecida.

Essa ausencia de cada crime baixo, essa fineza de caracter, essa continencia deve-se á influencia do clero catholico romano. Será para elle uma gloria eterna.»

Concluirei com uma pequena estatistica sobre os casos de loucura causados pela EMBRIAGUEZ.

A embriaguez, como já vimos, grassa sobretudo nos paizes protestantes, exceptuando-se a Belgica e a França, e produz muitos casos de loucura.

E estes casos calculam-se na Inglaterra á proporção de 15 a 20 0/0. Na Prussia sobre 12.288 doentes em que foi possível determinar com certeza a causa da loucura 2836 ou 23 0/0 de-ram ter sido a intoxicação alcoolica. Ha até na Allemanha cidades onde esta espécie de affectação cerebral alcança proporções espantosas. Siemerling constatou 2260 alcoolicos no asylo da caridade em Berlim sobre 4784 admissões desde 1888 até 1890, logo uma proporção de 47,4 0/0. No Suissa, segundo as estatisticas, a proporção era de 21,3 0/0 nos homens e de 2,8 0/0 nas mulheres, ou sem distincção de sexos de 21,54 0/0. (Jaquet. L'alcoolisme pag. 10).

Pois bem, numa estatística das casas dos alienados na Prússia de 1889-1901 se vê que o numero dos alienados por causa da bebida, que não pertenciam a nenhuma sociedade religiosa era muito superior aos que pertenciam a qualquer sociedade religiosa e entre estes ultimos *a porcentagem dos catholicos era muito inferior á dos protestantes*. Para os alienados alcoolicos pertencentes á egreja *evangelica* a estatística dava 7.51 %/o, para os que pertenciam á egreja *catholica* 5.15 %/o, para os chamados dissidentes 12.29 %/o; Innegavel, nota aqui um jornal protestante De Standaard, é a relação entre o cumprimento de toda a religião e a escravidão da bebida; ao que accrescento como tambem a entre o catholicismo e a dita escravidão.

Agora pergunto eu: E' verdade que em moralidade os *paizes e nações protestantes* levam vantagem sobre os *paizes e nações catholicas*?

Ao que, portanto, se reduz este dito, que para muitos parece um axioma, segundo o qual o Catholicismo em moralidade é inferior ao protestantismo? E que dizer do capitulo preliminar do autor?





CAPITULO I

A LEITURA DAS SAGRADAS ESCRIPTURAS

Seguindo de perto ao autor das *Noites com os Romanistas*, principio, assim como elle, com a leitura das Sagradas Escripturas, e para proceder methodicamente e não deixar nada sem resposta, repartirei este capitulo em cinco artigos.

ARTIGO I

Que regras traçou a Igreja Catholica acerca da leitura da Biblia ?

Na nota com que conclúe o autor das *Noites com os Romanistas* seu artigo sobre « a leitura das Sagradas Escripturas », escreve o seguinte: « Tal é a letra da lei da Igreja a respeito « das Sagradas Escripturas, formulada por uma comissão do « Concílio de Trento. Seguindo as providencias desta lei, vemos: « 1º. Que ninguem pôde comprar ou lêr as Escripturas sem per- « missão de seu Bispo. 2º. Que nenhum livreiro pôde vendel-as, « ou dal-as aos que não tiverem a dita permissão sem se expôr « ás penas, que o Bispo haja por bem impor-lhe. 3º. Que até « aos frades e ás freiras é prohibida a leitura da Biblia sem « permissão expressa ».

— *Esta lei está ainda em vigor...* ».

Sem querer indagar aqui, se as palavras da regra do Indice são ou não textualmente citadas, e as conclusões que dellas tira o autor, legítimas ou não, só pergunto: será ignorância crassa ou má fé, sustentar num livro traduzido e editado no anno 1904, que a antiga regra do Indice, a respeito da Sagrada Escriptura, e a lei da Igreja Catholica acerca da sua circulação ainda estão em vigor nos tempos actuaes ?

Ou não sabe o autor que as antigas regras já de ha muito cahiram em desuso e que o Papa Leão XIII. de gloriosa e saudosa memoria, no anno de 1897 reformou as regras do Indice e com ellas tambem as que dizem respeito à leitura e circulação da Escriptura Sagrada?

Vejamos, pois, como rezam as novas regras do Indice.

Antes, porém, um breve resumo historico da leitura da Biblia, na Igreja Catholica Apostolica Romana.

A leitura da Biblia, embora sempre fosse mais recommendada *aos bispos e aos padres* (I. Timoth.: 13, 15, 16; II. Timoth.: III: 14, 15, — S. Jeron. ad Nepot. 7. 8), já desde o principio era permitida tambem *aos leigos*; pelo menos não ha nos primeiros seculos exemplo d'uma prohibição ou limitação. As Escripturas Sagradas eram publicamente lidas e explicadas pela authoridade ecclesiastica nas reuniões dos christãos (I. Thess.: v. 27; Col. IV: 16), e os fieis que a isso se sentiam attrahidos, podiam tel-as privadamente em casa.

E' verdade que tambem nestes primeiros seculos não faltavam heresias que em favor de seus erros appellassem para a Biblia. Como porém, esses herejes só se apoiassem em alguns textos avulsos e não emittissem a respeito da leitura da Biblia opinião que obrigasse a Igreja a uma declaração terminante, não houve da parte della prohibição ou limitação.

A primeira apparencia de tal prohibição deu no seculo XI o Papa S. Gregorio VII. a quem os protestantes costumam chamar «o primeiro oppositor à leitura da Biblia». N'uma carta de 2 de Janeiro de 1080 ao duque da Bohemia, Wratislaw escreveu, que, por razões especiaes mencionadas na mesma, não pôde permittir-lhe a traducção da Biblia em lingua vulgar. Porém não prohibiu que nos logares onde já existisse tal traducção, os fieis della se servissem.

Mais tarde, quando os albigenses e os waldenses procuravam divulgar seus erros no Sul da França, o então bispo de Metz escreveu ao Papa Innocencio III que os homens e as mulheres de seu paiz, tomados de soffreguidão de lêrem a traducção franceza da Biblia, se reuniam em conventiculos para lêrem a Biblia e buscar nella as provas para heresias de toda a especie. Responde-lhe Innocencio III em 1199, que, geralmente falando, era cousa muito louvavel lêrem-se as Escripturas Sagradas, porém que não era sem perigo que pessoas simples e illetradas quizessem explicar as profundezas da Biblia, que estava cheia de segredos até para os illustrados e eruditos. Comtudo, o Papa não lhes prohibiu a leitura da Biblia.

Passado, porém, algum tempo depois da morte de Innocencio III, o Synodo de Tolosa, na França, no anno 1229, para refrear a audacia dos catharos (outra especie de herejes), que fundavam seus erros na Biblia, prohibiu com expressas palavras

que os leigos tivessem em seu poder os livros do Antigo e do Novo Testamento. Semelhante prohibição deu em 1233 o Synodo de Tarragona na Hespanha. Estas prohibições, contudo, não diziam respeito à Igreja Universal, obrigaram só os fieis das ditas jurisdicções. Em 1408 o Synodo de Oxford, na Inglaterra, obrigado pelo procedimento atrevido de Wiclef (o qual, além de sustentar que a Biblia era a unica fonte da Doutrina revelada e facil de entender por todos, deu d'ella uma traducção ingleza na qual omittiu todos os livros deuterocanonicos), prohibiu a dita traducção e todas as mais que não fossem approvadas quer pelo bispo diocesano, quer pelo Concilio provincial, e vedou aos leigos a leitura illimitada da Biblia. Tambem esta prohibição só obrigava aos fieis da dita jurisdicção.

Agora, porém, principiam as prohibições para os fieis de toda a Igreja. O Concilio de Trento deu para isso o primeiro impulso: pois no Indice dos livros prohibidos, composto em 1564 a mandado do dito Concilio, o Papa Pio IV permittindo a leitura do Antigo Testamento a todos os que, segundo a opinião do respectivo bispo, eram piedosos e illustrados, prohibiu a todos, sem distincção, a leitura das traducções *hereticas* do Novo Testamento. Mais: na 4.^a regra estabeleceu: que, visto o perigo que, segundo a experiencia, occasiona a leitura da Biblia em lingua vulgar, fosse observada a decisão do bispo ou do inquisidor, de sorte que, segundo o parecer do confessor ou do parocho, a leitura das *traducções catholicas* da Biblia só fosse permittida áquelles que, segundo a opinião delles, não podiam ter dessa leitura perigo algum, mas antes augmento de fé e de piedade. Mandou além d'isso que essa permissão fosse dada por escripto e que em caso de desobediencia os fieis não pudessem receber absolvição de seus peccados senão sujeitando-se ao bispo.

Sixto V foi mais longe ainda: privou os bispos do direito que lhes dera Pio IV, e investiu d'elle a Santa Congregação do Indice; o que foi confirmado por Clemente VIII. Benedicto XIV á sua vez modificou esta regra no sentido de permittir a dita Congregação que só approvasse as traducções que já foram approvadas pela Santa Sé ou tivessem notas explicativas tomadas dos escriptos dos Santos Padres ou de homens piedosos e illustrados. E esta praxe continuou a estar mais ou menos em vigor na Igreja até a reforma de Leão XIII no anno 1897.

Examinemos agora as novas regras do Indice deste Pontifice.

1.^o « *Edições do texto original ou de antigas traducções da Escriptura Sagrada tambem da Igreja Oriental, dadas por quaesquer acatholicos, ainda que sejam fieis e incorruptas, são permittidas só aos que se applicam aos estudos theologicos ou escripturisticos, sob condição que nos tratados, que*

« as precedem ou nas notas, os dogmas da fé Catholica não sejam combatidos ».

2.^o « *Do mesmo modo e sob as mesmas condições* são permittidas *outras traducções* dos livros sagrados e *editados por acatholicos quer na lingua latina, quer em lingua morta*.

3.^o « Porque se prova pela experiencia, que, se as Escripturas Sagradas n'uma lingua viva são permittidas sem distincção, d'ahi provem maior prejuizo que vantagem, *todas as traducções na lingua patria*, mesmo as que são feitas por catholicos são prohibidas, *a não ser que sejam approvadas pela Santa Sé, ou editadas sob a vigilancia dos Bispos com notas tomadas dos Santos Padres da Igreja ou de doutos escriptores Catholicos* ».

4.^o « Prohibidas são tambem *todas as traducções* dos livros Sagrados *em qualquer lingua viva, feitas por qualquer acatholico*, sobre tudo aquellas, que são divulgadas pelas sociedades biblicas, já mais d'uma vez condemnadas pelos Papas Romanos, porque nellas não se faz caso algum das leis salutaes da Igreja a respeito da edição dos livros Sagrados.

« *Estas traducções todavia são permittidas aos que se applicam a estudos theologicos ou biblicos*, observando-se sempre, o que fica dito sob n.^o 2.^o ».

Destas regras do Indice segue-se, pois, geralmente fallando :

a). Que a nenhum catholico é permittido lêr outra Biblia a não ser a catholica. Biblia ou traducções da Biblia editadas por acatholicos só pôdem ser lidas pelos que se applicam aos estudos theologicos ou escripturisticos, e sob condição, que nos tratados que as precedem ou nas notas, os dogmas da fé Catholica não sejam combatidos.

Ora, ha n'isto motivo algum de censurar a Igreja Catholica? Se ella tem a certeza de ser a unica e verdadeira Igreja de Jesus-Christo, de possuir a unica fé verdadeira, e como uma das fontes da sua fé a Biblia *genuina*, poderá ella então permittir, sem grande crueldade, a seus filhos, que usem de Biblia *hereticas*, que expõem a sua fé ao perigo de alterar-se? Por ventura gostariam os senhores pastores protestantes de vêr que suas ovelhas, *com desprezo da sua*, lessem a Biblia Catholica?

b). Que todo o catholico pôde lêr a Biblia Catholica escripta *n'uma das linguas mortas* como sejam : as linguas latina, grega, hebraica, embora essas Biblias não tenham notas explicativas.

E a razão é, porque a Igreja Catholica julga que os que têm bastante instrucção para entenderem a Biblia escripta numa dessas linguas, tambem têm bastante juizo para não se deixarem arrastar pelo erro.

c). Que só a leitura da Bíblia *em lingua vulgar*, por conseguinte só as traducções numa das linguas vivas, como por exemplo em portuguez, está sujeita a certa limitação. Pois a Igreja Catholica quer que as traducções das quaes usam seus filhos sejam fieis e não deem occasião a má interpretação. Por isso estabeleceu que toda a traducção deva ser acompanhada de notas explicativas das passagens mais obscuras, cujo sentido poderia ser alterado por falta de instrucção e que a traducção assim como a annotação sejam approvadas pela autoridade ecclesiastica, por exemplo pelo Papa ou por um dos Bispos catholicos. Mesmo não exige essas annotações quando a traducção é approvada pelo proprio Papa.

Logo que qualquer traducção satisfaça estas condições cada um pôde lê-la.

As que não satisfazem estas condições ficam prohibidas.

Agora pergunto eu: Pôde-se dizer com sinceridade e em consciencia que a Igreja Catholica prohibe a leitura da Bíblia? Não concedeu desde o principio a seus filhos quanto pôde conceder-lhes sem offender a Deus, sem renegar a sua missão nesta terra? A prohibição de que fallam os methodistas e os mais protestantes não é antes uma *sabia precaução* justificada e imposta por seu fim que é a conservação da unidade e integridade da fé catholica?

Não, a Igreja Catholica não prohibe a ninguém a leitura da Bíblia. Ella, que recebeu de Deus o thesouro das Escripturas Sagradas não tem maior desejo que vêr seus filhos alimentarem-se da palavra divina e meditar nos oraculos que nella estão confiados.

Mas ella recorda-se que Saſanaz serviu-se da Escriptura Sagrada para tentar a Jesus no deserto: que os Escribas e Pharisaeus combatiam a Jesus e a seus Apostolos em nome da palavra de Deus: e que, desde o momento da sua instituição até os dias de hoje, não houve hereje que não procurasse basear seus erros na Bíblia.

Lembra-se tambem, que seu primeiro Pontifice S. Pedro, o principe dos Apostolos, fallando das Epistolas de S. Paulo, e em geral de toda a Bíblia, ensina: « que nellas se encontram passagens difficéis de comprehender, que homens sem doutrina e de espirito inconstante depravam para a sua propria ruína ». — E ensinada d'esta maneira pela experiencia e pela propria Bíblia, comprehende que uma traducção em lingua vulgar pôde ser muito perigosa para seus filhos, a não ser que ella mesma tome algumas precauções para que esses filhos tenham a certeza de que o que leem é exactamente a palavra de Deus e não a palavra de algum traductor, ou, o que peor é, de algum perfido: pois essas traducções infieis infelizmente abundam.

Ha cousa mais razoavel, mais necessaria?

Muito a proposito, portanto, observa o *protestante* Dr. U. Leo, de Berlim: « Dizer que a Igreja Catholica prohibe a seus adeptos a leitura da Biblia é *vil calunnia*. Pelo menos não faz tal cousa quando encontra simplicidade e fidelidade christãs. Verdade é que ella emprega todos os meios para prevenir as indagações puramente curiosas, as duvidas de pura critica e a leitura não reflectida, e que em certas circumstancias e lugares poderão esses cuidados ser levados ao extremo; porém essa severidade, esses mesmos cuidados dos padres catholicos nos deveriam parecer plenamente justificados ainda quando não estivessemos convencidos, *attendendo aos esforços desses emissarios inglezes (e americanos, posso acrescentar para o o Brazil), que como aves de rapina semeiam por toda a parte a discordia, sem attender ao estado em que se acham os homens e sem respeitar conveniencias de sorte alguma* ».

Depois de tudo isto pergunto eu: quem promove mais a leitura da Biblia: o protestantismo, que sob o pretexto de a collocar ao alcance de todos, espalha por toda a parte Bibles, porém, *sem attender a que a traducção seja fiel*, ou o Catholicismo, que toma todos os cuidados para que seus filhos leiam *a verdadeira palavra de Deus?*

A resposta é facil. Sim, só a Igreja Catholica respeita a Biblia, porque ella só é a unica que comprehende a santidade da Biblia, e seu verdadeiro uso.

ARTIGO II

Com que direito a Igreja Catholica em certos casos prohibe a seus filhos a leitura da Biblia?

Baseando-se em alguns sophismas e textos mal comprehendidos da Biblia, aos quaes responderei num dos paragraphos seguintes e deixando a simplicidade columbina, tão recommendada por Jesus Christo, para valer-se da astucia serpentina tão agradável ao demonio, o autor das *Noites com os Romanistas* contesta á Igreja Catholica o direito de prohibir aos catholicos a leitura da Biblia, e affirma que esta leitura é um direito individual de cada christão, á qual cada um tem tanto direito quanto tem á luz do sol e ao ar do céu.

Ouçamos para nos convencer d'isto, como tambem do grande perigo ao qual a leitura do seu livro traidor (que tambem é prohibido pela Igreja aos catholicos) expõe os leitores incautos e mal instruidos na religião Catholica, Apostolica, Romana, as proprias palavras do autor:

« Deixando o moço controversista, escreve elle, dirigime

« a um dos circumstantes, cujos amigos tinham emigrado para
« a America e que estava esperando cartas e remessas de di-
« nheiro, com a esperanza de seguil-os.

« O senhor está esperando cartas, lhe disse eu, que lhe
« deem noticias da terra longinqua onde seus amigos estão, e
« para onde deseja ir.

« Essas cartas o informarão das difficuldades que terá de
« arrostar, dos perigos que deverá evitar e dos deveres que
« terá de cumprir.

« Essas cartas lhe dirão tambem a adversidade ou prospe-
« ridade que pôde esperar nesse paiz remoto e lhe communi-
« carão os meios pelos quaes o senhor poderá chegar lá com
« segurança e de novo reunir-se aos seus amigos. Pois bem ;
« supponhamos que já chegaram essas cartas e que o chefe (o
« agente do correio) recusa entregar-lh'as e que em consequen-
« cia d'isto o senhor insiste no direito que tem de lê-las ; mas
« o chefe continua a recusar-lh'as, sob o pretexto de ser o se-
« nhor um homem ignorante, susceptivel de se enganar a res-
« peito do sentido das cartas, podendo usar em prejuizo pro-
« prio o dinheiro que ellas contêm — e portanto julga mais
« prudente guardar para si as cartas e o dinheiro, dizendo que
« o senhor devia contentar-se com o que elle julgar bom com-
« municar-lhe ; neste caso, pergunto eu, como procederia o senhor?

« A expressão dos olhos da pessoa a quem me tinha di-
« rigido parecia indicar que comprehendia perfeitamente o ver-
« dadeiro fim de minha pergunta.

« Respondeu-me que obrigaria o chefe a entregar-lhe as
« cartas, dizendo que lhe vinham dirigidas e tinham por fim
« dar-lhe certas informações, que portanto tinha direito a ellas
« e as havia de obter por mais que elle a isso se oppuzesse.

« Mas, (continui eu) se o chefe lhe dissesse que o senhor
« era um homem ignorante; e que se poderia enganar no senti-
« do das cartas, como lhe responderia o senhor?

« Disse que em todo o caso havia de experimentar, e
« quando as obtivesse, havia de lê-las e fazia o possível por
« entendel-as, recorrendo, se fosse necessario a outros para que
« o ajudassem, que a todo o custo havia de alcançar as cartas
« e não consentiria que homem algum lh'as retivesse.

« Isto, disse eu então, é exactamente o que se dá a res-
« peito das Sagradas Escripturas: são a palavra de Deus, como
« todos sabemos, e foram escriptas por inspiração do Espírito
« Santo para nosso ensino e instrucção a respeito da Terra da
« Promissão — a terra celestial para onde estamos viajando.

« Nós aqui só somos peregrinos estrangeiros, emigrantes,
« que olhamos para outro mundo, não um mundo além do occa-
« no, mas além do sepulchro; e as Sagradas Escripturas, do
« mesmo modo que as cartas que o senhor espera, foram es-

« escriptas para precaver-nos contra os perigos e peccados, que
 « difficultam o caminho, para alentár-nos com as promessas e
 « esperanças que estão ligadas á fé, e á santidade e para fallar
 « nos de toda a bemaventurança, pureza e felicidade do céu.
 « Agora pois pergunto: qual deve ser o seu procedimento quan-
 « do qualquer homem debaixo de qualquer pretexto procurar
 « impedir-lhe a leitura das Sagradas Escripturas, escriptas co-
 « mo foram para o senhor, e á leitura das quaes o senhor tem
 « tanto direito como á luz do sol e ao ar da céo? »

Que dizeis agora caro leitor desta amostra dos raciocínios do autor das *Noites com os Romanistas*? Não vos parece homem muito astucioso e perigoso? Não vos parece que sua linguagem facil e persuasiva é muito capaz de induzir e arrastar ao erro não somente os rudes e ignorantes senão mesmo pessoas educadas que não conhecem o fundo da Religião Catholica, Apostolica, Romana e não têm bastante juizo para distinguir o ouro de lei do vil ouro falso? Não vos sentis um pouco abalado por estas palavras: podereis logo refutal-as? Não parece ser muito clara e decisiva a prova contida nestas palavras e directamente dirigidas contra a Igreja Catholica? Comtudo todo este raciocinio não passa d'um sophisma cheio de má fé e astucia serpentina. — Vamos ás provas.

Não quero occupar-me da consideração daquelle direito de ler a Biblia, que o autor attribue indistinctamente a cada christão.

Este direito *não existe*, como veremos no quarto artigo deste capitulo.

E por isso não ha paridade entre os dois termos da comparação. A pessoa a quem foi dirigida a carta americana tem direito pessoal a ella e por isso póde reclamá-la.

O catholico não tem o mesmo direito á Escriptura Sagrada e por isso não póde reclamar para si o direito de lê-la.

Mas, dado de barato, que este direito existisse, digo que toda a força do argumento do autor, a qual consiste na recusa do chefe de entregar cartas a quem tem direito a ellas, isto é, na recusa da Igreja Catholica de permittir a leitura da Biblia a quem tem direito a ella, se perderia deante da realidade dos factos.

Com effeito, a Igreja Catholica, como vimos no paragrapho antecedente, *não prohibe a ninguém* a leitura da Biblia, bem entendido *da verdadeira Biblia*. Ella permitté *a todos* seus filhos lerem *a Biblia Catholica numa das linguas mortas*, isto é, nas linguas latina, grega ou hebraica: permitté tambem *a todos* a leitura de *todas as traducções* da Biblia, que *são reconhecidas por ella como verdadeiras e genuinas*.

Ella, portanto, para servir-me da mesma comparação de que se serviu o autor, não recusa a ninguém entregar-lhe as cartas, que lhe foram mandadas por Deus. Pelo contrario entregando-lh'as, dá-lhe ao mesmo tempo as mais preciosas informações

a respeito da sua procedencia e de seu contendo, enriquecendo-as de notas explicativas dos Santos Padres da Igreja Catholica e de catholicos piedosos e illustrados.

Porem, o que ella se recusa a fazer, é, dar a seus filhos em lugar *das proprias* cartas que Deus escreveu, *copias* dessas cartas, e sim *copias de autenticidade duvidosa*, Biblias editadas ou traduzidas por herejes, *copias adulteradas*, Biblias falsificadas, como fazem os methodistas e outras seitas protestantes, que alteram as cartas de Deus, a palavra de Deus aos homens, quer regeitando livros inteiros ou partes da Escriptura Sagrada, quer falsificando o texto por interpolações arbitrarías ou más traducções, quer juntando-lhe notas explicativas em que procumram torcer o texto em favor da sua heresia.

Prohibindo a leitura dessas Biblias ou traducções da Biblia protestantes e hereticas, a Igreja Catholica não prohibe a leitura da *Biblia*, mas sim a leitura da *Biblia adulterada e falsificada*. E n'isto não somente usa d'um direito que o proprio Jesus-Christo lhe deu, mas cumpre ao mesmo tempo um dever rigoroso.

Com effeito, a Igreja Catholica foi encarregada por seu Divino Fundador da elevada missão de prégár a fé a todos os povos e conserval-a pura e inteira até o fim dos seculos. «Ide» disse Jesus-Christo aos chefes da Igreja, isto é aos apóstolos, e ensinaí todos os povos, ensinando-lhes que observem tudo quanto eu vos mandei. Por esta razão a Igreja deve ter todos os meios e poder dispôr do que ella julga necessario ou opportuno para permanecer fiel á sua vocação. Ora, como não poderia ficar fiel á sua missão, se não tivesse o poder de prohibir a seus filhos a leitura de Biblias adulteradas ou de autenticidade duvidosa, segue-se necessariamente, que este poder lhe compete e *que com pleno jus e em virtude da sua authoridade divina pode prohibir a seus filhos a leitura de tues Biblias*.

O autor das «Noites com os Romanistas», portanto, não póde sustentar que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana não tem *direito* de prohibir a seus filhos em certos casos a leitura da Biblia. Tem este direito *em virtude da sua authoridade divina*. O que mais é, está *obrigada a excercer este direito* cada vez que houver perigo que seus filhos em lugar da Biblia genuina leiam uma Biblia falsificada e adulterada, como são ou ao menos por graves razões se suppõem ser *todas as Biblias espalhadas por sociedades Biblicas ou por protestantes, methodistas etc.*

ARTIGO III

**Razões porque a Igreja Catholica
prohibe a seus filhos a leitura de traducções biblicas
feitas por catholicos em lingua vulgar
e sem notas explicativas approvadas por um dos
Bispos Catholicos**

Provando o direito da Igreja Catholica de prohibir a seus filhos a leitura de edições ou traducções Biblicas feitas por acatholicos, já deixei explicada a principal razão desta prohibição. E' o justo temor e muitas vezes a plena certeza de que, usando para com elles de maior indulgencia, seus filhos em vez da genuina Biblia leiam uma Biblia adulterada: em vez da palavra de Deus ouçam a palavra de qualquer homem. — Mas além das Biblias ou traducções Biblicas de origem acatholica a Igreja Catholica prohibe tambem uma especie de traducções Biblicas feitas pelos mesmos catholicos. E são todas as traducções fieis feitas em lingua vulgar por catholicos mas não enriquecidas de notas explicativas nem approvadas pela Authoridade Ecclesiastica. São as unicas Biblias genuinas (pois as de origem acatholica não são reputadas genuinas), cuja leitura a Igreja prohibe a seus filhos.

Aqui parece-me ouvir o autor das *Noites com os Romanistas* dizer-me: pois então o senhor concorda commigo em que a Igreja Catholica prohibe a leitura da Biblia!

Respondo, *não*. A Igreja Catholica dá a seus filhos toda a liberdade de lerem a Biblia: só faz excepção para as Biblias acatholicas que não são Biblias genuinas, ou ao menos sempre tem grande perigo de não o ser e para as traducções catholicas sem notas e approvação ecclesiastica: e isto pelo mesmo direito divino pelo qual prohibe as Biblias e traducções Biblicas acatholicas e *por gravissimos motivos*; pois essas traducções sem notas explicativas approvadas por um dos Bispos Catholicos, *trazem consigo sempre perigo de serem mal entendidas por leitores rudes, ignorantes e simples, até não deixam de ser perigosas para pessoas d'uma certa illustração*.

Ora, deste perigo, o autor das *Noites com os Romanistas* nada quer saber. Ser a Biblia sem notas explicativas difficil de entender!! Não, diz elle, a Biblia não é difficil de entender: a verdadeira razão porque a leitura das ditas traducções é prohibida não é serem ellas demasiadamente obscuras e difficéis de entender, senão serem ellas demasiadamente claras e facéis de entender, por outras palavras *a Igreja Catholica se oppõe á leitura da Biblia, porque a Biblia se oppõe a ella!*

Eis uma descoberta digna do seculo de luzes e progressos em que vivemos, eis uma invenção que por si só é capaz de immortalizar para sempre o nome de seu inventor!!

Mas não interromperei a ordem dos assumptos a tratar; direi primeiro alguma coisa sobre a pretendida clareza da Biblia. O judicioso leitor julgará da resposta, que darei se é verdade que a Biblia se oppõe á Igreja Catholica, e se foi o temor de ser reconhecida como falsificadora da doutrina Biblica, que levou a Igreja á dita prohibição?

O autor das *Noites com os Romanistas* pretende que a Biblia é muito clara ou ao menos não é difficil de entender.

Pergunto eu: quem comprehendeu melhor a Biblia, o Apostolo S. Pedro ou o pastor evangelico, autor das *Noites com os Romanistas*?

Fazer esta pergunta já é responder-lhe. Pois bem, que diz S. Pedro? Fallando das Epistolas de S. Paulo e *em geral de toda a Biblia*, ensina, que nellas se encontram passagens difficeis de entender que os homens sem doutrina e de espirito inconstante depravam para a sua propria ruina. — E como estas palavras são *inspiradas pelo Espirito Santo*, o proprio Deus confirma o testemunho de S. Pedro e diz assim como seu Apostolo, que na Biblia tem passagens difficeis de comprehender. (Eis pois nosso autor em contradicção aberta com o proprio Deus!)

Segue-se d'isto, que o medo de serem mal comprehendidas por seus filhos podia muito bem ser a razão porque a Igreja Catholica lhes prohibiu a leitura de traducções Biblicas sem notas explicativas e sem approvação da authoridade ecclesiastica, e que não é preciso que com o autor das *Noites com os Romanistas* busquemos outra razão da dita prohibição.

Mas, como importa muito ao autor, em defeza de sua heresia, convencer seus leitores da pretendida clareza da Biblia, cita muitos textos, que *á primeira vista parecem* claros e facéis de entender e por isso *parecem patrocinar* sua doutrina heretica: em seguida confronta com esses textos a doutrina Catholica, e em fim pergunta com ares de vencedor a seus leitores enganados: «não vêdes que é só por medo que o povo veja que a Biblia condemna sua doutrina que a Igreja Catholica prohibe a leitura da Biblia, pretextando a difficuldade de ser comprehendida?»

Acompanhemos, portanto, o autor na ponderação dos textos que allega e vejamos como elle, para quem a Biblia não parece ter segredos, se engana não somente em cada pagina da sua obra, o famoso baluarte methodista contra o Catholicismo, mas já nesse seu primeiro capitulo sobre a leitura das Sagradas Escripturas.

Dos textos citados pelo autor para provar o direito que cada um tem de ler a Biblia tratarei no paragrapho seguinte.

Os primeiros textos dizem respeito ao uso das Imagens na Igreja Catholica. O autor cita Exodo, XX: 4, 5: « Não farás
« para ti imagens de esculptura, nem figura alguma de tudo
« o que ha em cima no ceu, e do que ha em baixo na terra,
« nem de cousa alguma que haja nas aguas debaixo da terra.
« — Não as adoras nem lhes darás culto, porque eu sou o Se-
« nhor teu Deus ». Depois confirma este texto com outros: Deut. IV: 15-18; 23-26. Jerem. X: 25.

Em seguida escreve: « Todas estas passagens são muito fá-
« ceis de entender, e prohibem inteiramente, como costume pa-
« gão, a pratica de conservar imagens para as adorar ou ve-
« nerar. E é este exactamente o conceito que os protestantes
« fazem das imagens. Os Catholicos Romanos porém, têm uma
« grande quantidade de pinturas e esculpturas em suas casas
« e igrejas: e é esta a razão porque a Igreja Romana acha tan-
« ta difficuldade em explicar estas passagens de um modo que
« se harmonise com as suas praticas e, com medo de que o
« povo veja que a Biblia as condemna, diz-lhe, que não deve
« lê-la por ser muito difficil de entender ».

Ora, que o autor das *Noites com os Romanistas* se engane aqui redondamente tanto no sentido destes textos que lhe parecem tão claros como em suas applicações á Igreja Catholica, está claro. Ao mesmo tempo patenteia a sua má fé, pois quem conhece algum tanto a litteratura polemica entre a Igreja Catholica e as seitas, sabe que o sentido heretico em que ellas tomam estes textos e as conclusões que delles deduzem já são refutadas, victoriosamente milhares de vezes.

Repetimos, portanto, o que tantos outros antes de nós já disseram.

A prohibição de fazer imagens, escreve o exímio contraversista Dr. Carlos de Laet, não tem o sentido absoluto que lhe attribuem o autor, os methodistas e outros protestantes, nem jámais o teve mesmo entre os Hebreus: o que bem se comprova pelo mesmo Exodo XXV: 18-25. Alli falla o Senhor a Moysés: « Farás tambem dous cherubins de ouro, trabalhados a
« martello, nas duas extremidades do oraculo. — Um cherubim
« estará a um lado, outro ao outro. Cubram ambos os lados do
« Propiciatorio, com as azas estendidas, e cobrindo o Oraculo,
« estarão olhando um para outro com os rostos virados para o
« Propiciatorio, com o qual se cobrirá a Arca: — na qual porás
« o testemunho que te hei de dar. — Dahi te ordenarei e te fal-
«arei em cima do Propiciatorio, e do meio dos dous cheru-
« bins, que devem estar sobre a Arca do testamento », etc.

Notai bem aqui com que solicitude o Senhor falla das imagens dos dous cherubins e como nos transcriptos versiculos repete e explica sua divina vontade. Agora pergunto ao autor:

Então como é isto? Deus *prohibe em absoluto* a feitura de imagens, e depois manda fazel-as?

Mais: em Numeros. XXI: 8, 9, vemos Moysés fazendo uma imagem. «E o Senhor lhe disse: Faze uma serpente de metal e põe-na por signal: todo o que sendo ferido olhar para ella viverá.—Fez pois Moysés uma serpente de metal, e pôl-o por signal: e os que estando feridos olhavam para ella, sara-vam».

E no Evangelho de S. João III: 14, aprendemos da santissima bocca do proprio Jesus Christo, que tal imagem era a figura d'Elle mesmo, na cruz.

Sí, portanto, as imagens foram *absolutamente* condemnadas na Lei antiga, *inesplicaveis e contraditorios* seriam os textos, que ali deixamos reproduzidos.—Logo o autor que se gabou que os textos por elle allegados eram tão claros não chegou a comprehender-lhes o sentido. Coitado! que será então dos rudes e ignorantes que leem estes textos?

Serão por ventura mais felizes que o autor?

E assim como o autor das *Noites com os Romanistas* errou gravemente na explicação dos textos, errou tambem nas conclusões que delles tirou. Pois á formidavel increpação por elle feita á Igreja Catholica, facilmente já se tem respondido, muitos milhões de vezes, que nos citados versetos o que está prohibido é o peccado de idolatria, é o culto de latria, é o culto summo—o que evidentemente não é o caso dos catholicos que de accôrdo com o estatuido na sessão XXV do Sacro Concilio Tridentino não acreditam que nas imagens dos santos haja qualquer divindade ou virtude, pois a veneração que lhes tributamos é meramente relativa e toda se refere aos prototypos que ellas representam. Assim não adorando, nós, os catholicos, imagens algumas, nem lhes prestando outra veneração senão a que tributamos aos entes ou seres cuja idéa ellas lembram, claro está, que não infringimos o divino mandamento.

Acompanhando o autor cujo primeiro tentamen de exegese biblica sabiu tão contra sua expectativa, vou citar outro que se refere ao casamento do clero, prohibido como sacrilegio na Igreja Romana.

O autor cita I Timotheo III: 1-5—Importa logo, que o «bispo seja irreprehensivel, esposo d'uma só mulher... que saiba governar bem a casa; que tenha os seus filhos em sujeição, «com toda a honestidade;» e exclama em seguida: aqui não «póde haver equívoco algum: pois que se faz menção da mulher e dos filhos do bispo». Logo depois cita ainda I Timoth., III: 8-12 e Tito I: 5-7 onde se leem palavras analogas a respeito dos diaconos e dos presbyteros; e conclue: «Estas passagens são taes que nada em si tem de obscuro ou difficil. E' verdade no entanto que para a Igreja Romana são obs-

« curas e diffíceis de explicar pois que ella prohibe o casamento do clero, taxando-o de lascivo e sacrilego ».

Vejamos se a Biblia, que para o autor das *Noites com os Romanistas* não tem segredos, lhe desvelou o segredo destas palavras, fazendo-o bem comprehender seu sentido!

Coitado! nem desta vez atinou com elle! As palavras «esposo de uma só mulher» significam tanto com respeito aos bispos como com respeito aos diaconos e presbyteros, que elles não podiam ser casados pela *segunda* vez: que os que casaram duas vezes, por outras palavras que os viuvos, os quaes depois da morte de sua mulher casaram outra vez, não podiam ser eleitos bispos ou ordenados padres e diaconos: por isso o texto não diz «importa que o bispo, etc., sejam casados, mas que sejam esposos d'uma só mulher». E' este o sentido, que desde o principio a Igreja ligava a estas palavras de S. Paulo. E a razão d'isto é evidente. Pois embora a Igreja sempre desejasse confiar o cargo pastoral a pessoas desimpedidas e consagradas a Deus por voto de castidade perpetua (veja-se S. Paulo I Cor.: VII: 7 «quizera que todos fossem assim como eu, vivendo em continencia») não pôde realisar seu desejo senão mais tarde quando já estava bem espalhada pelo mundo. No principio, portanto, acceitava tambem pessoas casadas, mas não viuvos, e dahi a expressão «esposos d'uma só mulher». E com esta explicação cae por terra tudo quanto escreveu o autor a respeito dos filhos dos Bispos, Diaconos e Presbyteros: pois que está claro como a luz do dia, que tendo elles filhos de seu unico casamento deviam tratar d'elles.

Depois destes dous esforços tão mal succedidos para a defeza de sua heresia, o autor das *Noites com os Romanistas* vae tentar outro. Acompanhemol-o. Desta vez a questão versa sobre a pratica da Igreja Catholica de dar aos fieis na Sagrada Communhão só o pão consagrado e não o vinho consagrado. — Cita o autor quatro textos: Math. XXVI: 26-28; Marc. XIV: 22-24; Lucas, XXII: 19-20, e emfim I Cor. XI: 23-25.

Referiréi as palavras da epistola aos Corinthios por serem mais extensas:

« Porque eu recebi do Senhor o que tambem vos ensinei a vós, que o Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou o pão, e dando graças, o partiu e disse: «Recebei e comei, este é o meu corpo, que será entregue por amor de vós: fazei isto em memoria de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou tambem o calix, dizendo: Este calix é o novo testamento em meu sangue: fazei isto em memoria de mim todas as vezes que beberdes ».

« Estas passagens, nota o autor, são tão claras que é impossível serem-n'o mais. Em todas ellas se faz menção especial do pão e do vinho, e quando os padres dizem que são

« difficéis de entender, devem antes dizer que são difficéis de « conciliar com o seu systema ».

Que direi em resposta a estas palavras? Parece que uma fatalidade pesa sobre o autor das *Noites com os Romanistas*, pois todas as vezes que julga atinar com o sentido das palavras da Biblia, este sentido lhe escapa. — Vejamos : A quem foram dirigidas as palavras de Jesus Christo : « Recebei e comei (I Cor. XI). « Bebei d'este, todos » (Math. XXVI : 27); a todos os fieis ? Não ; sómente aos doze Apostolos, pois eram os unicos que estavam com elle ; os unicos de quem se verificavam as palavras que as seguem immediatamente : « Todos vós padecereis, escandalos em mim esta noite » ; os unicos a quem dizem respeito as palavras de Marcos XIV : « e beberam d'elle todos ». Elles, sim, deviam todas as vezes que diziam missa (obrigação imposta a elles pelas palavras : « fazei isto em memoria de mim ») consagrar pão e vinho e depois consumir estas duas especies. Assim o quiz Jesus Christo que, sendo sacerdote segundo a ordem de Melchisedech, assim como este, offereceu pão e vinho, e mandando a seus Apostolos, que o imitassem : « fazei isto em memoria de mim », ao mesmo tempo lhes ordenou consagrassem o pão e o vinho e depois os consumissem.

Mas, estas palavras *não regulavam o modo da communhão dos simples fieis*, estes não haviam de *offerecer um sacrificio*, mas deviam *só receber um sacramento*, e, como tanto recebe o que communga sobre as duas especies como aquelle que o faz sob só uma especie, não tinham obrigação de receber o vinho consagrado.

O mesmo segue-se das palavras de S. Paulo, que o autor, de certo por esquecimento humano e não de proposito, omittiu de citar : I Cor. XI : 27, estava tão perto e citou só I Cor. XI : 23-25 : « o que comer este pão *ou* beber o calix do Senhor indignamente, será réo do corpo e do sangue do Senhor ». Pois se o Apostolo tivesse julgado que fosse necessario que os fieis commungassem sob *as duas* especies, teria dito : « o que comer este pão *e* beber o calix do Senhor... »

D'ahi tambem a praxe da Igreja, nos primeiros seculos da sua existencia, de dar a Sagrada Communhão muitas vezes sómente sob a especie de pão, algumas sómente sob a especie do vinho. Assim, por exemplo, os viajantes, os anacoretas no deserto, e os fieis durante as perseguições dos Imperadores Romanos tinham consigo a hostia consagrada e commungavam só com a especie de pão. E quando os methodistas e outros protestantes nos objectam que o papa Gelasio mandou que durante seu pontificado os fieis recebessem tambem o calix do vinho consagrado, foi só para descobrir os manicheus, hereges que diziam que o vinho havia sido creado pelo demonio, por isso não usavam d'elle. Porém basta ; eu não estou refutando aqui o erro

dos que pretendem que o leigo deve também commungar sob a especie de vinho, estou apenas mostrando que a Biblia é tão facil de entender, e que o autor das *Noites com os Romanistas* é tão feliz em seu entendimento e sua interpretação das palavras da Biblia, que nunca erra mas sempre atina com o seu verdadeiro sentido!!

Mas o autor é atrevido: eis que apresenta uma quarta prova para provar a clareza das palavras da Biblia e o medo que d'ella tem a Igreja Catholica. « As orações latinas, escreve elle, que são recitadas no sacrificio da missa, constituem outra « diffiuldade pela qual o clero prohibe a leitura da Biblia. As « seguintes passagens, porém, ninguém pôde accusar de obscuras ».

E agora seguem tres citações muito compridas: I Cor. XIV : 7-11; I Cor. XIV : 14-19; I Cor. XIV : 23-25.

Limitar-me-hei a citar só I Cor. XIV : 14-19 e acharei occasião de fallar das duas outras citações na minha resposta. « Porque, se eu orar numa lingua estrangeira, verdade é que « meu espirito ora, mas o meu entendimento fica sem fructo. « Que farei eu logo? Orarei com o espirito, orarei também com « a mente. Mas se louvares com o espirito, o que occupa o « logar de simples povo como dirá Amen sobre a tua benção, « visto não entender elle o que tu dizes? Verdade é que tu « dás bem as graças, mas o outro não é edificado. Graças dou « ao meu Deus, que fallô todas as linguas que vós fallaes: mas « eu antes quero fallar na Igreja cinco palavras da minha intelligencia para instruir também aos outros do que dez mil « palavras em lingua extranha ».

Depois destas citações, conclue o autor: « eu disse-vos que « vós mesmos podereis avaliar se as Escripturas são más de « entender; a mim parecem tão faceis que até uma creança as « comprehenderia. Quando o clero vos diz que são muito diffi- « ciceis para que o povo possa comprehendel-as, é porque sabe « que são demasiadamente comprehensíveis ».

Respondendo a esta 4.^a prova da clareza da Biblia e do medo que d'ella tem a Igreja Catholica, não quero, para poupar ao autor das *Noites com os Romanistas*, formar uma séria comparação entre o entendimento esclarecido d'aquellas crianças que entendem a Biblia e o d'elle, pois teria dó de vêr um pastor evangelico confundido e envergonhado ante uma criança; só quero provar que nem aqui chegou o autor a acertar com o verdadeiro sentido das palavras de S. Paulo. O glorioso Apostolo nem pensa nem falla no latim da Missa catholica, a qual em seu tempo, sem duvida alguma, em Roma, se dizia em latim, nem quer reprovar o uso da lingua latina no santissimo sacrificio da Missa. O que elle quer é: provar aos Corinthios que entre os charismos ou dons do Espirito Santo, o dom da prophecia excedeu muito em valor o dom das linguas que era

mais estimado dos Corinthios. E a prova que elle allega é, que quando uma pessoa tem o dom das linguas *sem ter ao mesmo tempo o dom de interpretar*, de traduzir ao povo a lingua estrangeira que falla, suas palavras não surtirão effeito algum, ficarão sem proveito para a Igreja, não contribuirão para a edificação do povo: ao passo que uma pessoa que tem o dom da prophecia, fallando em lingua vulgar será entendida e produzirá grande bem, razão porque elle mesmo diz que embora possua o dom das linguas e queira que os Corinthios o possuam tambem, aprecia mais o dom da prophecia. O Apostolo, portanto, ordena o uso da lingua vulgar não para a Missa, mas para *os sermões, exhortações e instruções* que se faziam nas assembléas e eram destinadas a edificar o povo. E nisto a Igreja Catholica sempre praticou à risca o ensino apostolico: seus bispos, sacerdotes e missionarios servem-se sempre da linguagem commun a todos, e entendida por todos, e descem a fallar até os dialectos mais obscuros, para fazer chegar a palavra divina a todas as intelligencias.

Quanto ao uso da lingua latina ou estrangeira na Missa, elle não falla nem eu fallarei mais nella neste momento, porém terei ainda occasião de sobejo de fallar nella neste tratado, e já basta para o meu fim ter provado que o illustrado autor das *Noites com os Romanistas* desta vez de novo errou o caminho e não entendeu aquillo que diz poder ser entendido por crianças.

Passemos agora, guiados por elle, a outro ponto. Vou apresentar-vos, escreve elle, outro exemplo relativo ás orações dirigidas aos santos e aos anjos, a respeito das quaes as Escripturas são igualmente decisivas.

Seguem-se agora seis citações: Act. X: 25-26: Act. XIV: 10-14: Apoc. XIX: 10: Apoc. XXII: 8-9: Col. II: 18-19.

Das duas primeiras citações, onde se conta que o pagão Cornelio, ao receber o Apostolo S. Pedro o adorou: e que o povo de Laiconia quiz sacrificar toiros para adorar a Barnabé e Paulo (cousas essas que tanto S. Pedro como S. Barnabé e S. Paulo prohibiram dizendo que não eram deuses mas homens), nada preciso dizer, senão que os textos são entendidos do mesmo modo pelo autor das *Noites com os Romanistas*, como tambem pelos mesmos Romanistas: e que o autor só erra em sua applicação, dizendo que a Igreja Catholica permite esta adoração: cousa que nunca fez e nunca fará.

Citemos os outros textos: «E eu prostrei-me a seus pés para o adorar. E elle me disse: Vê, não faças tal: eu sou servo contigo e com teus irmãos, que têm o testemunho de Jesus. Adora a Deus. Porque o testemunho de Jesus é o espirito de prophecia (Apoc. XIX: 10).

«E eu, João, sou o que ouvi, e o que vi estas cousas. E

« depois de as ter ouvido e visto, me lancei aos pés do anjo
 « que m'as mostrava, para o adorar: e elle me disse: Vê, não
 « faças tal: porque eu sou servo contigo e com teus irmãos, os
 « prophetas, e com aquelles que guardam as palavras da pro-
 « phecia deste livro: adora a Deus (Apoc. XXII: 8-9).

« Ninguém vos desencaminhe, affectando parecer humilde
 « e dar culto aos anjos, que nunca viu no estado de viador,
 « inchado vamente no sentido da sua carne, e sem estar unido
 « com a cabeça » (Col. II: 18-19).

Depois d'estes textos escreve o autor:

« Serão estas passagens obscuras e difficeis! Não são antes
 « claras e faceis, ensinando que nem a santos nem a anjos,
 « devemos tributar culto, e que todo este é devido a Deus?
 « Considerando, porém, a pratica da Igreja Romana, não admiro
 « que ella prohiba aos seus membros a leitura das Escripturas,
 « pois que é mais facil prohibir a leitura da Biblia ».

A estas palavras do autor, que julga comprehender toda a Biblia, respondo que elle mais uma vez enganou-se no entendimento dos textos citados. Pois elles não ensinam que não devemos tributar culto a santos nem a anjos. A razão é evidente. Basta perguntar: Quem conheceu melhor a doutrina ensinada por Jesus Christo. O Apostolo S. João, que ouviu esta doutrina da bocca do proprio Jesus Christo e passou tres annos na escola do Divino Salvador, ou o pastor evangelico, autor das *Noites com os Romanistas*?

Logo, quando vemos que o Apostolo S. João se lança, até por duas vezes diversas (Apoc. XIX e XXII), aos pés do anjo para o adorar, isto é, para em signal de summo respeito inclinar o rosto até o chão (eis o sentido da palavra: adorar), não podemos suppor que elle praticou uma acção *prohibida* por sua fé, mas antes que *procedeu conforme* sua fé, e então a resposta do anjo: « Vê, não faças tal, eu servo sou contigo », é clara, porque não lhe foi inspirada senão por sua modestia, que não o faz attender á sua elevada natureza (a natureza angelica) senão só á sua qualidade de servo de Deus, qualidade que lhe é commum com o Apostolo S. João.

Mas dirá o autor este outro texto: « Ninguém vos desencaminhe, affectando parecer humilde e dar culto aos anjos » etc. Porventura não é claro, não reprova o culto que a Igreja Catholica tributa a santos e anjos?

Não, este texto não prohibe tributar aos anjos o culto que lhes tributa a Igreja Catholica. O sentido, com o qual o autor não acertou, é outro. O Apostolo S. João nelle combate a heresia dos que sustentavam, que o homem é por demais baixo para entrar em communicacão directa com Deus, e por isso devia necessariamente invocar os anjos, sendo estes os unicos mediantes entre Deus e o homem. Esses hereges pois rejeitavam

por uma falsa humildade a mediação de Jesus Christo, sustentando que Jesus não era o nosso unico Medianeiro necessario (como o ensina a Igreja Catholica, não obstante todos os esforços dos methodistas e protestantes para negal-o,) mas que o eram os anjos.

E é neste sentido que o Apostolo exhorta os fieis: « Ninguém vos desencaminhe, etc. »

Logo o Apostolo, neste texto, não reprova a pratica da Igreja Romana de honrar os anjos, nem o podia, porque elle mesmo, como acabamos de vêr, honrava os anjos. e porque vemos em Genesis XIX: 1, esta veneração prestada pelo patriarcha Lot aos anjos que o visitaram: « sobre a tarde chegaram os dous anjos a Sodoma, e a tempo que Lot estava assentado ás portas da cidade. Tanto que elle os viu, levantou-se e sahio a recebel-os, e prostrado por terra os adorou. »

« Mais um exemplo, escreve o autor das *Noites com os Romanistas*, e terei concluido: Vou ler algumas passagens sobre a confissão. Como sabeis os Catholicos Romanos confessam-se aos padres e os protestantes confessam-se a Deus. Vejamos o que a este respeito dizem as Escripturas Sagradas. »

Vejamol-o nós tambem, caro leitor, para mais uma vez sermos testemunhas da incomprehensivel má fé do autor, da sua completa ignorancia no entendimento da Biblia, e sua inteira incompetência para censurar a doutrina da Igreja Catholica.

Cita dous textos: « Eu te manifestei o meu peccado: e não occultei a minha injustiça. Eu disse: Confessarei ao Senhor contra mim, a minha injustiça: e tu me perdoaste a iniquidade do meu peccado » (Psalm, XXXII. 5) « E orei ao Senhor meu Deus, e confessei as minhas faltas, e lhe disse: guarda o teu pacto, e tua misericordia para com os que te amam e que observam os teus mandamentos. Nós peccamos nós commettemos a iniquidade, nós obramos impiamente, e nós nos retiramos de ti: e nós nos apartamos dos teus preceitos e das tuas ordenações » (Dan. IX, 4. 5.)

« Agora, pergunto eu, escreve o autor, não achais que as Escripturas são sufficientemente claras e facéis? Ellas dizem que a confissão era feita a Deus, do modo praticado pelos protestantes, e não aos padres, como fazem os Catholicos Romanos. Decerto que, quando os padres vos prohibem a leitura da Biblia, o fazem pelo receio que temem de que as acheis facéis e claras e não por algum outro motivo.

« Concluindo, estou certo de que vos posso confiar a decisão desta contenda, disse eu. »

Sim, respondo eu, o autor das *Noites com os Romanistas* pôde-nos confiar a decisão desta contenda. Elle sahio-se muito

mal, foi batido em toda a linha, provou não entender nada do sentido das palavras da Biblia. Só n'uma cousa foi bem succedido, isto é, mostrou a astucia serpentina e a grande má fé com que procura combater a Igreja Catholica e defender a heresia methodista e protestante.

Suas ultimas citações o comprovam de sobejo.

Com effeito, caro leitor, o autor deve provar que a confissão feita aos padres é contraria á Biblia, que a Biblia ensina aos peccadores confessarem-se só a Deus para alcançarem o perdão de seus peccados.

Pois vae proval-o. Como porem? Citando textos do *Novo Testamento*, porque segundo a doutrina catholica Jesus Christo insistiu a confissão e impoz aos fieis a obrigação de se confessarem? Não; citando textos do *Antigo Testamento*, textos d'um tempo em que todos admittem que ainda não houve obrigação de confessar-se ao padre, d'um tempo em que bastava confessar-se só a Deus!!! Será possivel levar a má fé a mais subido grão? Ai da causa que precisa de taes argumentos para ser sustentada e defendida!

Eu poderia, agora, indignado d'um procedimento tão baixo limitar-me ao que disse, mas para desenganar os simples, que talvez se deixassem prender pela astucia do autor, citarei um texto dos Actos dos Apostolos, do qual se segue com clareza que já os primeiros christãos confessavam seus peccados aos Apostolos (Act. XIX: 18): « Muitos dos que haviam crido, « vinham, confessando e declarando o que tinham praticado ». E « a consequencia desta confissão foi (v. 19): « E muitos das « quelles que tinham seguido as artes vãs, trouxeram juntos os « seus livros e os queimaram diante de todos. »

Chegando pois ao fim deste artigo pergunto eu, não teve a Igreja Catholica, que deu aos seus filhos ampla licença de lerem a Biblia, permittindo a todos a leitura de todas edições da Biblia feitas n'uma lingua morta e todas as traducções da Biblia feitas por catholicos em lingua vulgar, quando têm notas explicativas e são approvadas por um dos Bispos Catholicos, não teve a Igreja Catholica toda a razão de prohibir a leitura das traducções não acompanhadas de notas approvadas por um Bispo Catholico, por causa do perigo de não entendel-as bem? Quando vemos que o autor das *Noites com os Romanistas*, homem de educação, que volveu e revolveu milhares de vezes as paginas da Biblia, para nellas achar argumentos contra a doutrina catholica e em prol da sua heresia, não chega a acertar com o verdadeiro sentido de *nenhum dos textos que allegou*, que será então daquella massa do povo inculto, a quem o methodismo e o protestantismo querem, que se lhe dê nas mãos a Biblia? Por ventura entendel-a-ha melhor?

Não preciso responder a esta pergunta, pois a historia do protestantismo que nos mostra esses milhares de seitas (em que se dissolveu o protestantismo); que nos mostra essas milhares de crenças contradictorias; que nos mostra tantos crimes praticados durante tres seculos em consequencia do máu entendimento da Biblia; nos prova com eloquencia assombrosa a sabedoria e o bom direito da Igreja Catholica, quando prohibiu essas traducções sem notas explicativas e sem approvação ecclesiastica, e com isso provei claramente a inverdade da affirmação do autor, que foi o medo de ver sua doutrina contradita pela Biblia e não o medo de ver seus filhos afastados da unica fé verdadeira pela má interpretação de logares difficeis de entender, que levou a Igreja Catholica a tal prohibição (*).

ARTIGO IV

Resposta a algumas difficuldades do autor

Seguindo o costume dos methodistas e protestantes que, em suas controversias com os catholicos, nunca se limitam á questão sobre a qual versa a controversia, mas com a facilidade do saltimbanco saltam de um assumpto para outro para desviar a attenção de seu adversario do ponto em litigio e atacar a Igreja Catholica, em todas as doutrinas nas quaes com ella discutem, o autor das *Noites com os Romanistas* trata em seu artigo sobre a LEITURA DAS ESCRIPTURAS de muitas outras cousas. Acompanhemol-o para lhe servirmos de resposta.

« Se o facto das Escripturas Sagradas serem obscuras, e
 « de ser a linguagem demasiadamente difficil para ser enten-
 « dida por um povo ignorante, é razão sufficiente para que
 « este não as leia nem as ouça lêr, necessariamente o facto —
 « o facto certissimo — de ser a missa celebrada todos os dias
 « em latim, em linguagem não sómente difficil mas impossivel
 « de ser entendida por um povo ignorante, é sufficiente para
 « que o povo não assista á missa nem deva ouvil-a ».

(*) Convém lembrar aqui ao autor das *Noites com os Romanistas*, e a todos os methodistas e protestantes a resposta, que em 1672 deram os gregos scismaticos, reunidos em concilio sob a presidencia do patriarcha Dositheo, aos protestantes de então. Quanto á leitura da Biblia, diziam os gregos: Não é preciso que todos os christãos leiam a Biblia em lingua vulgar. Pois, embora estejamos convencidos que as Escripturas Sagradas são uteis e até necessarias para que todos vivam piedosamente, comtudo não julgamos bom que todos os fieis as leiam. A sua leitura só pôde ser permittida aos que ouvindo uma boa explicação são capazes de comprehender as suas profundezas, e que aprenderam a verdadeira arte de bem a lêr e explicar. A Igreja Catholica teve razão quando depois d'uma triste experiencia prohibiu tal leitura aos que leem a Biblia sem discrição, ou se aferram á sua letra para explical-a no sentido d'elles. Que confusão para os protestantes !!

Respondo em latim : nego paritatem, e traduzo em portuguez : nego, que as duas partes da comparação sejam iguaes, que haja paridade nellas : que uma possa ser comparada com a outra.

Pois uma cousa é : não dever o povo ignorante lêr a Biblia, porque é demasiadamente difficil de entender : outra não dever este mesmo povo assistir á Missa porque não entende o latim. — A Biblia não acompanhada de notas explicativas approvadas pela autoridade Ecclesiastica, e com mais forte razão a Biblia dos methodistas, protestantes e tutti quanti, dada nas mãos d'um povo ignorante e rude que não entende seu sentido, conduz á perda e apostasia da unica fé verdadeira e á perda e corrupção dos bons costumes, como provamos no artigo precedente; mas a Missa em latim, assistida por este mesmo povo, não conduz a tal fim, pelo contrario, augmenta a fé e faz reviver os bons costumes.

A prova mais clara desta verdade se vê na differença entre os catholicos que costumam assistir á Missa e os que costumam falhar á Missa. Ao passo que aquelles são crentes fervorosos e muito morigerados (ao menos em sua quasi totalidade) estes são indifferentes na Religião e de costumes muito mais relaxados.

Além disto o povo ignorante, assistindo á Missa rezada em latim, não deixa de entender as partes principaes da Missa, como sejam : o offertorio, a consagração, a communhão : ouve repetidas vezes explicar do pulpito a doutrina sobre a essencia, os fins, as cerimoniaes da Missa; pôde sempre comprar livrinhos em que todas as cerimoniaes da Missa estão explicadas, todas as orações traduzidas, ou pedir explicação a outrem, — cousa que não se realisa com este mesmo povo, quando lê uma Biblia sem notas explicativas. Pois neste caso não tem quem o ensine acerca do sentido das palavras, visto como não pôde acceitar as explicações dos methodistas e protestantes que sempre estão promptos para isso, mas cujas explicações são de origem suspeita, nem poderá achar sempre tempo de consultar os padres, nem os padres tempo para sempre ouvir o e responder-lhe, pois tanto o povo illetrado como os padres andam muito atarefados. — Em fim, propriamente fallando, nem é preciso que o povo entenda, o que o padre falla, quando está celebrando o sacrificio da Missa, pois pôde acompanhar a Missa e unir-se ao padre que a celebra, quer meditando na paixão de Jesus Christo, quer rezando o terço, quer lendo as orações que se acham nos livros de reza. — Logo o latim da Missa não tem nada que ver com a difficuldade de se entender a Biblia, e dizer com o autor quando o povo ignorante não pode lêr a Biblia, porque é difficil de entender, nem pôde assistir á Missa cujo latim não entende, é simplesmente bobagem.

Porém, para d'uma vez para sempre deixar dito, porque a Igreja Catholica se serve do latim, transcrevo esta pagina das *Palestras Familiares* de Mgr. de Segur :

« A Igreja Catholica se serve do latim, porque é *Apostolica* ;
« é a Igreja de S. Pedro e dos Apostolos, e conservou como
« preciosas reliquias todas as recordações dos Apostolos. Quan-
« do elles se espalharam pelo mundo para cumprir com as
« ordens do Senhor e annunciar a todos povos o Evangelho
« da salvação, acharam o Universo fallando duas linguas : no
« Occidente a lingua latina, no Oriente a lingua grega. Pré-
« garam a fé em latim e em grego, seus escriptos e suas
« constituições foram redigidas nessas duas bellas linguas, a Igre-
« ja conservou esses monumentos com uma religiosa venera-
« ção, e aqui está o motivo porque sua lingua é no Occiden-
« te o latim, no Oriente o grego. Aquillo pelo que se censura
« a Igreja é exactamente em seu abono ».

« Demais, a Providencia tinha de antemão preparado es-
« tas cousas ; o latim e o grego, tendo-se tornado linguas
« mortas e por isso invariaveis, eram maravilhosamente aptas
« para formular as doutrinas de uma Igreja, que não conhece
« variação, porque é divina. Fez-se um curioso calculo sobre
« as variações das linguas vivas e encontrou-se, que, se a
« Igreja de S. Pedro, de S. Paulo, de S. Marcos, etc... tivesse
« adoptado o francez teria sido obrigado a modificar mais de
« 260 vezes a formula do sacramento do baptismo, sem o que
« aquella formula não exprimiria na linguagem corrente a
« idéa que encerra ; por isso pôdem-se imaginar as transfor-
« mações que teria soffrido o Credo, bem como os decretos dos
« Concilios primitivos e dos primeiros Papas sobre a fé ».

« A Igreja serve-se da lingua latina não só porque é in-
« variavel, mas tambem porque é *Catholica*, quer dizer uni-
« versal, e se dirige a todos os tempos, a todos os povos e a
« todos os paizes. Nos tres ou quatro primeiros seculos, o la-
« tim era a lingua do mundo civilisado e posto que fosse a
« lingua vulgar tinha o caracter catholico universal e indispen-
« savel á linguagem da Igreja. Mas quando o mundo se frac-
« çionou, a Igreja conservou e não podia deixar de conser-
« var, com a sua lingua primitiva, a unidade na forma assim
« como na essencia ».

« Assim pois a Igreja serve-se da lingua latina porque é
« Apostolica, porque é Invariavel, porque é Catholica.

Encaremos agora outra difficuldade movida contra a pro-
hibição de lêr Bíblia em lingua vulgar sem notas explicativas
approvadas por um dos Bispos Catholicos. São alguns textos,
que, segundo o autor, tornam manifesto o direito que tem todo
o homem de lêr as Escripturas. Cita do Antigo Testamento
Deut, VI : 6-9 ; XXXI : 9-13 ; Josué VIII : 34-35 ; II Esdras

VIII: 11; IV Réis XXIII: 2-3; e do Novo Testamento Act: XVII: 10-12; II Timoth III: 14-17 e conclue:

« De tudo o que fica dito é evidente que as Escripturas Sagradas foram dadas por Deus para todos, até mesmo para os meninos. E' impossivel lêr estas passagens, sem que se fique intimamente convencido de que o povo, homens, mulheres, erianças tem direito e a obrigação de lêr e ouvir as Escripturas Sagradas. Os padres não tem mais direito de prohibir esta leitura do que de privar da luz do sol ».

O autor, como já vimos, não prima na exegese das passagens da Biblia, que elle diz serem claras e facéis de entender.

Vejamos, portanto, se nos textos aqui citados foi mais feliz. Errou de novo o alvo! Pois a Escriptura Sagrada não foi dada por Deus ao *povo*, como elle erradamente pretende, mais sim aos *chefes* do povo, como claramente se vê dos textos citados, onde Moysés, Josué, Esdras, Salomão, Paulo e Silas, leem (e não *dão a lêr*) ao povo, explicam (e não *dão para explicar-a*) ao povo, a Escriptura Sagrada.

E' esta uma cousa da qual é preciso convencer-se bem, visto que della segue-se necessariamente, que ao *povo não compete o direito de lêr a Biblia*, mas que elle tem a *obrigação de a ouvir lêr e explicar pela authoridade competente na Igreja*. A' força de ouvir-se o protestantismo sempre gritar, que a Igreja Catholica prohibe a seus filhos a leitura da Biblia, que todo o homem tem direito a lêr a Biblia, corre-se o perigo de considerar a leitura da Biblia como um verdadeiro direito do povo. Todavia *nada é mais contrario á verdade*.

Este pretendido direito do povo de lêr a Biblia é uma invenção protestante e methodista, que não se basêa em nenhum texto da Escriptura Sagrada; pelo contrario se oppõe à Escriptura Sagrada e foi sempre reprovada pela Tradição.

Leiam-se por exemplo Malachias, II: 7, « Os labios do sacerdote guardarão a sciencia e da sua bocca é que os mais buscarão a *intelligencia da lei*, porque elle é mensageiro do Senhor ».

Esdras VIII: 8: « Os levitas expunham a *lei de Deus* e davam a sua significação ».

Bem sei que o autor, em imitação de todos os protestantes e methodistas, procura provar este direito appellando para alguns textos mal entendidos como por exemplo, para Act: XVI: 11 onde se lê que os de Berea eram mais generosos « do que aquelles de Thessalonica, os quaes receberam a palavra com um ansioso desejo indagando todos os dias nas Escripturas, se estas cousas eram assim », razão, accrescentam os protestantes pela qual foram louvados na Biblia. Mas este e outros textos como por exemplo, João V: 39 não provam nada; pois — o *facto de os de Beréa fazerem assim*, não

prova, que elles e outros *tem o direito* de fazerem assim. Nem é verdade que foram louvados *porque* examinavam as Escripturas para ver se a prégação de S. Paulo e Silas estava em harmonia com ellas, mas *por causa de seu zelo porque não imitaram os de Thessalonica* que resistiram á prégação destes Apostolos.

Do mesmo modo podemos discorrer sobre S. João V : 39 : « Examinae as Escripturas, pois julgaes ter nellas a vida eterna » e ellas são que dão testemunho de mim ». Jesus com estas palavras não quer dizer que todos os homens têm direito de lêr a Biblia ; mas indignado da incredulidade dos Judeos a quem provou sua divina missão, appellando tanto para o testemunho de S. João Baptista como para o de seu Pae Eterno e para seus milagres, lhes diz : Vós confiaes só na Escriptura em que julgaes lêr todo o necessario para a vida eterna ; pois bem, lêde então nessa Escriptura o que alli se acha a respeito de mim ; lá achareis a confirmação de minhas palavras. Jesus, portanto, procedeu com os Judeos como nós, os catholicos, com os methodistas, etc. Jesus lhes disse : vós não quereis crêr nas provas que vos dou da minha divina missão ; pois bem, consultae a Escriptura que para vós é tudo, lá achareis a confirmação de minhas palavras. Do mesmo modo dizemos nós aos protestantes : vós não quereis acceitar as provas que vos damos para provar a divina instituição da Igreja Catholica ; pois-bem, consultae a Biblia, que para vós é tudo, lá achareis a confirmação.

Não ; a *authoridade competente da Igreja, tanto no Antigo como no Novo Testamento*, foi estabelecida por Deus a guarda, a vigia, a interprete da Escriptura Sagrada, e não o povo. Ella assim entre os Judeos como entre os Christãos devia guardar o deposito da Biblia que lhe era entregue por Deus, vigiar em que não fosse adulterada, lêl-a e explical-a ao povo, que tinha não o direito de lêl-a e interpretal-a mas o de pedir á authoridade sua explicação e a obrigação de ouvil-a com fé.

E se a Igreja desde o principio da sua existencia permitiu ao povo a leitura da Biblia não foi porque julgava que o povo tinha direito de lêl-a, mas *porque comprehendeu o proveito espirital que podia tirar da leitura da Biblia*. Por isso mudou de praxe logo que esta leitura se tornou um perigo para seus filhos. Era nos dias da chamada *Reforma*, quando a Biblia foi adulterada em grande escala e pela imprensa (que acabava de ser inventada) espalhada por toda a parte. Então a Igreja Catholica como depositaria e guarda da verdadeira palavra de Deus, teve que combater pela integridade da Biblia e da fé, e prohibiu todas as Biblias e traducções da Biblia que eram adulteradas, ou que por não terem notas explicativas naquelles tem-

pos de incessaveis disputas religiosas expunham os fieis ao perigo de perderem a fé.

Mas o autor das *Noites* não desanima; com a teimosia característica da heresia, passa a outra objecção. Vae fallar da Tradição, a qual para os catholicos juntamente com a Biblia é fonte de verdade revelada, mas que elle (com todos os methodistas e protestantes) rejeita, *porque lhe convém muito*. Procurarei resumir fielmente o que com sua grande verbosidade escreve a respeito da dita Tradição.

O autor conversa com uma terceira pessoa. Pergunta-lhe se não é verdade que vindo, segundo a doutrina Catholica, a Biblia e a Tradição da mesma fonte, será mister que haja entre ellas plena concordancia. A' resposta affirmativa, pergunta-lhe a qual das duas rejeitaria caso que a Tradição contradiscesse a Biblia? O interlocutor responde que não póde haver contradicção. Negando-o o autor cita como exemplo o uso do latim na sacrificio da Missa e a negação da especie do vinho na Sagrada Communhão. Depois diz, que é preciso comparar sempre a Tradição com as palavras da Biblia e, caso que lhes seja contraria, rejeita-a. A isto responde o interlocutor que tal seria interpretar a Escriptura Sagrada segundo o juizo privado, reprovado por S. Pedro, II Epist. I: 19-23. O autor nega-o e dá outra interpretação ao texto citado; diz que todo o homem tem direito de interpretar a Biblia, esperando o ensino do Espirito Santo: confirma suas palavras pelo exemplo dos de Beréa, Act: XVII; e conclue dizendo que Jesus (Marc. VII: 1-5) rejeitou as tradições dos Judeos, que rejeitavam a palavra de Deus para guardarem suas tradições, cousa essa em que a Igreja Catholica os imita.

Eis pois a ultima difficuldade movida pelo autor das *Noites com os Romanistas* contra a prohibição de lér uma Biblia ou traducção de Biblia, de origem acatholica, ou uma traducção feita por qualquer catholico mas sem notas explicativas approvadas por um dos Bispos Catholicos. Resumida e systematisada eila se reduz ao seguinte: A Biblia é a unica fonte da verdade revelada e por consequente a unica regra da fé; a Tradição não tem valor algum; se ella concorda com o conteúdo da Biblia, acceitemol-a, se lhe contradiz ou nella não está expressa claramente, rejeitemol-a, o direito de vér se a Tradição concorda com a Biblia, ou (o que vem a ser o mesmo no sentido do autor e dos methodistas e protestantes) a interpretação da Biblia, segundo o ensino do Espirito Santo, é direito de cada homem.

Vejamos se o autor ensina a verdade ou o erro:

A Biblia, diz elle, é a unica fonte da verdade revelada e por consequente a unica regra da fé. Mas, pergunto eu, *como póde elle saber que a Biblia que tem nas mãos contém a ver-*

dade revelada; que a palavra que lê na sua Biblia, é a palavra de Deus? Nós, os catholicos, sabemol-o pelo testemunho da nossa Igreja, mas elle rejeita esta authoridade. Como então poderá ter certeza infallivel de que sua Biblia contém a palavra de Deus? Para chegar a tal certeza, elle devia primeiro ter certeza absoluta de que os livros da sua Biblia *são authenticos*, isto é, escriptos pelos escriptores cujos nomes trazem. Ora, esta certeza não a pôde ter, pois quantas questões complicadas e inextricaveis de critica e historia não terá que resolver antes de obter esta certeza! (*)

Nem digaes, que nisto o autor se pôde fiar no testemunho de outros, pois como methodista ou protestante, elle não reconhece outra authoridade para distinguir a verdade senão o proprio entendimento illuminado pelo Espirito Santo (guia esse, como veremos mais tarde, no qual não pôde fiar-se); o testemunho de outros fica para elle sempre uma opinião privada.

E se por impossivel elle pudesse chegar á certeza de que sua Biblia é *authentica*, como saberá que os livros que ella contém *são verdadeiramente inspirados*. Pela mesma Biblia não pôde proval-o; pois, embora ella reivindique para alguns de seus livros, a inspiração divina, em todo o caso não diz claramente que (e quantos) livros não inspirados. Nem pôde dizer que o Espirito Santo lh'os faz reconhecer. Pois, como então explicar o grande desacordo que neste ponto ha entre as seitas protestantes, umas das quaes veneram o que outras rejeitam?

Emfim, mesmo quando pudesse chegar á certeza da authenticidade e da inspiração da sua Biblia, como saberá que a *traducção de que se serve é perfeitamente fiel*? Para isso é preciso conhecer fundamentalmente o hebreu, o grego e o latim; além d'isto, de alguns livros não se sabe perfeitamente em que lingua foram originariamente escriptos. — Segue-se d'isto que o autor e todo o protestante ou methodista que considera a Biblia como unica fonte da verdade relevada, e por consequente como unica regra da fé, não pôde ter a certeza de que a Biblia, de que se serve, contenha a palavra de Deus,

(*) Sabem acaso os protestantes quaes são as Sagradas Escripuras? Consideram como taes aquellas que nos têm sido transmitidas pelo Igreja Catholica? Ouvi o que dizem seus theologos:

Veter diz não ser o Pentateuco de Moysés; De Wette duvida da authoridade do Livro dos Reis; Carlstad rejeita os livros de Samuel e Esdras; Staflner chama de romance piedoso o Livro de Judith; Bretschneider contesta a inspiração dos Psalmos e do Cantico de Salomão; Michaelis não quer saber do livro de Jonas; Wegschneider affirma que o Livro de Daniel é apocrypho; Schulz e Schulthess não crêm no Evangelho de S. Matheus; Staedlin diz que o Livro de S. João é obra d'um sabio alexandrino; Luthero nega a authenticidade do Apocalypse e da Epistola de Santiago; Gneisse sustenta que nem um dos Evangelhos é do autor do qual traz o nome; Schleiermacher e Baumgartner atacam as Epistolas de S. Paulo; Claudius, as Epistolas de S. João; Eichborn, os Evangelhos de Marcos, S. Matheus, etc.

Então, que é que fica das Sagradas Escripuras, na opinião dos protestantes?

Mas, supposto que elle tivesse esta certeza, nem por isso poderia considerar sua Biblia como unica fonte da verdade revelada e a unica regra da sua fé. Vou prova-lo allegando as palavras de Mgr. de Segur e de outros autores.

A Biblia não pôde ser a unica fonte da verdade revelada e a unica regra da fé por muitas razões. A primeira é que o *primeiro meio de transmittir as verdades reveladas por Jesus Christo* não devia ser a leitura da Biblia, mas a *tradicção por viva voz*, a *prégação dos Apostolos* e dos seus successores. Bem o sei, que Deus mais duma vez mandou assim aos autores do Antigo como aos do Novo Testamento escreverem o que lhes tinha revelado; a razão foi porque *tambem* a palavra de Deus escripta devia ser uma das fontes da fé, mas quando Jesus Christo estava para confiar a seus Apostolos a missão de espalharem a fé, não lhes disse: *Ide e espalhae Biblias*, o que por certo devia ter dito caso que a Biblia fosse a *unica* fonte das verdades religiosas: mas « *ide e ensinai todas as nações* », declarando com isso que a magisterio da Igreja, o ensino dado pela Igreja devia ser a regra da fé. Por isso *tambem* accrescentou: « *quem vos ouve a mim ouve, quem vos despreza a mim despreza* ». E com effeito os Apostolos não esperaram com a sua prégação, até que tivessem um grande numero de Biblias para as espalhar entre seus ouvintes, mas antes de as terem, até antes de existir a Biblia (ao menos o Novo Testamento), prégarão a doutrina de seu Mestre. Ainda não houve Biblias e já houve muitos christãos e floresceu a Igreja de Jesus. « O christianismo, diz, por tanto o protestante Lessing, estava já espalhado *antes* de os Evangelistas escreverem a vida de Jesus. Rezava-se o « *Padre Nosso* », antes de ser escripto por S. Matheus no seu Evangelho, porque Jesus em pessoa o havia ensinado a seus Apostolos, que o tinham *transmittido* aos primeiros christãos: « já se baptizava em nome do Padre, e do Filho e do Espírito Santo *antes* que a formula do baptismo tivesse sido escripta pelo mesmo S. Matheus, porque Jesus Christo a havia *precripto verbalmente* aos seus discipulos ».

Esta primeira prova, que é uma prova de facto, vale tanto como qualquer outra e o autor, por mais que reflecta, nunca achará cousa razoavel a oppôr-lhe.

2.^o A Biblia não pôde ser a unica fonte da verdade revelada e unica regra da fé, porque como prova claramente seu conteúdo, *não é escripta para servir de manual da fé*. Basta correr os olhos pelos livros santos e em particular pelo Novo Testamento, para logo perceber-se que estes livros não são um catecismo, isto é, um ensino religioso claro, completo e methodico, como, por exemplo, os manuaes e catecismos dos catholicos, dos methodistas, e protestantes. Os Evangelhos, os Actos dos Apostolos e em geral os livros historicos são simplesmente

te narrações, que decerto têm por fim instruir, mas ainda mais edificar os fieis. As Epistolas de S. Paulo e dos outros Apostolos são fragmentos soltos tratando um ou outro ponto da doutrina em particular; a maior parte das vezes são respostas a perguntas ou allusões a certos erros que já não existem. Os Psalmos são principalmente orações, os livros dos Prophetas são a predicação da vida do Jesus e dos grandes destinos da Igreja. Nunca os Apostolos e os mais autores inspirados pretenderam dar naquelles fragmentos escriptos, um codigo do ensino completo, uma formula da crença. Isto é evidente e salta aos olhos á primeira leitura.

Por isso S. João (2.^a Epist.) diz: «posto que eu tenha mais cousas que vos escrever *não o quiz fazer por papel e tinta, porque espero estar convosco e falar-vos rosto a rosto,* para que o vosso gozo seja perfeito».

Muito bem, diz portanto o celebre protestante Grotius: «os Apostolos não tiveram intenção de expôr extensamente, em suas epistolas, as doutrinas necessarias a salvação; escreveram-nas occasionalmente a proposito de questões que se lhes apresentavam».

3.^o A Biblia não pôde ser unica fonte da verdade revelada e unica regra da fé, *porque encerra muitos textos difficeis,* que por sua profundidade divina escapam ás intelligencias mais luminosas e por isso, para serem explicados, requerem imperiosamente uma authoridade que esteja acima das opiniões individuaes dos differentes doutores, e determine com infallibilidade o verdadeiro sentido delles. Já vimos nos artigos precedentes, como o autor errou em todos os textos citados por elle, textos que, como disse, eram tão claros e facéis de entender que até creanças os poderiam entender. Era por certo em confirmação das palavras do mesmo Luthero, o pai dos methodistas, protestantes e tutti quanti, que disse: «Profundar o sentido das Escripturas é cousa impossivel, só podemos attingil-o superficialmente; comprehendermos o seu sentido seria milagre. Digam e façam os theologos o que quizerem, penetrar o mysterio da palavra divina sempre será empreza superior á nossa intelligencia. Suas sentenças são o bafô do Espírito de Deus. Logo desafiam a intelligencia humana».

4.^o A Biblia não pôde ser a unica fonte da verdade revelada, e a unica regra da fé, *porque neste caso a maior parte dos homens não poderia salvar-se.*

Com effeito a maioria dos homens é formada pelo povo, por esses pobres, esses pequenos segundo a estimação do mundo. Ora, se é verdade o que sustenta o autor, que a Biblia é a unica fonte da verdade e a unica regra da fé, e que o Espírito Santo, illuminando o espirito de cada christão, lhe ensina a leitura as verdades contidas nella e necessarias á sal-

vação, segue-se d'isto, que a leitura da Biblia é absolutamente necessaria para os adultos que se quizerem salvar. Porém que será então do povo? Ha tantos analphabetos, muitos que não sabem ler, e de que serve um livro para quem não sabe lê-lo? Além disto, ha tantos jornaleiros, obreiros, artistas, criados, empregados, que occupados em trabalhos manuaes não têm tempo para lêr.

Se, portanto, o autor das *Noites com os Romanistas* tem razão, se para a salvação é necessario ler-se a Biblia, então diz ainda o protestante Lessing: «quanto vos lamento, a vós « todos que nascestes em paizes cuja lingua não sabe fallar a « Biblia, a vós que nascidos nessas condições da sociedade, em « que se está privado de todos os conhecimentos, não sabeis « lêr a Biblia. Julgai-vos christãos porque sois baptisados. Des- « graçados! não vêdes que é tão necessario para a salvação « saber lêr como ter recebido o baptismo? E receio muito, que « tenhaes que aprender o hebreu, se quizerdes ficar bem cer- « tos da salvação da vossa alma!»

E supposto mesmo, que todos esses proletarios soubessem lêr, estariam muito adiantados com isso? Não se veriam elles embarcados a cada versículo da Biblia; pois se para o autor já é tão difficil, como vimos, interpretar a Biblia, que será então para os que não tiveram educação esmerada, que só sabem o que é absolutamente necessario para lêr e escrever? E não diga o autor, que é bastante para o povo miudo que seus pastores leiam e expliquem a Biblia. Essas explicações, segundo os protestantes, não passam de opiniões individuaes, que não têm authoridade alguma e variam segundo o capricho de cada um. Não é a palavra de Deus, é a palavra de fulano, de sicrano, de beltrano, o que é muito differente. Quer pois o povo miudo saiba lêr, quer não, a Biblia não pôde ser para elle unica fonte da verdade revelada, unica regra da fé. Dando-lhe a Biblia como unica fonte da verdade revelada e unica regra da fé, Deus teria excluido da salvação eterna quasi todos os homens, o que seria uma impiedade, e o que nunca ninguém acréditará.

5.º A Biblia não pôde ser a unica fonte da doutrina revelada e a unica regra da fé, *porque se o fosse, este principio, devia estar claramente expresso na mesma Biblia*, isto é, deviamos lêr na Biblia com palavras redondas, visto como seria da maior importancia, que todos os homens o soubessem, que a Biblia é a unica fonte da doutrina revelada e a unica regra da fé. Ora, em toda a Biblia não se acha texto algum (desaffio o autor ou qualquer outro methodista ou protestante para que m'o mostrem) para confirmar este principio; que a Biblia contem *toda* a verdade revelada e que a Biblia é a *unica* regra da fé. Pelo contrario, a Biblia diz claramente *que não contem*

toda a verdade revelada, (João, XX: 30; XXI: 25) que Jesus fez ainda muitas outras cousas que não foram escriptas.

Por conseguinte, é falso, absolutamente falso o que sustenta o autor das *Noites com os Romanistas* dizendo que a Biblia é a unica fonte da verdade revelada, a unica regra da fé.

Mas o autor errou tambem na sua segunda these, *rejeitando a Tradição, como outra fonte da verdade revelada*, assim como o ensina a Igreja Catholica.

Pois, a *propria Biblia que elle reconhece como unica fonte da verdade revelada*, bem longe de dizer, que os fieis não devem admittir nada que o que nella não está escripto, *diz expressamente, que é preciso consercar e observar cuidadosamente as Tradições*. Para a commodidade do autor vou citar uns textos: S. Paulo em 2.^a Thess. II: 14, diz: «Irmãos, estae firmes e conservae as tradições que aprendestes, ou pelos nossos discursos ou por » epistola nossa».

E no capitulo III verso 6: «Nós porem vos prescrevemos, » irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Christo que vos » aparteis de todos os irmãos que andam desordenadamente e » não segundo a *tradição que receberam de nós*».

E na sua 2.^a Epistola a Thimoteo II: 2: «E o que tens » *ouvido de mim* diante de muitas testemunhas, *transmitte-o a » homens fieis que forem capazes de ensinar tambem a outros*». E no capitulo I verso 13: «Toma por modelo as santas pa- » lavras que me tens *ouvido na fé*» E 1.^o Cor. XI, 2: «Eu vos » louvo, irmãos, porque em tudo vos lembrais de mim e guardais » as *minhas instrucções* taes como eu vol-as ensinei.» E 1.^o Thess. IV, 2: «Porque já sabeis que *preceitos vos tenho dado » por authoridade do Senhor Jesus*». Ora, as instrucções que os Corinthiõs deviam guardar e os preceitos que os de Thessalonica deviam cumprir, não foram dados por escripto mas de *cira coz*.

Mas, basta. A Tradição como fonte da verdade, juntamente com a Biblia, é tão clara e evidente para os que são livres de preconceitos hereticos que o protestante Dr. Kahnis em seu Manual de Theologia Protestante escreve:

«A antiga Igreja nada sabe da Biblia como unica fonte » da revelação. No tempo dos Apostolos e nos que o seguiram » a palavra transmittida de bocca á bocca fundava e conserva- » va as Igrejas. A authoridade da Biblia baseava-se na authori- » dade da Igreja. Era a Igreja que entregava ás Igrejas par- » ticulares a Biblia como seu livro santo; a importancia da » Biblia como regra da fé presuppunha a fé da Igreja, isto é, » a Tradição.

E isto é confirmado pelo Dr. protestante Hagenbach, que na sua Theologia escreve: «Por maior que fosse a authoridade

« da Biblia, comparada com ella, a da Tradição não é menor.
 « Pelo contrario, considerava-se a Biblia como insufficiente
 « para combater os herejes, porque a Biblia só pela sua união
 « com a Tradição mantem a sua verdadeira posição e acha a
 « sua verdadeira interpretação».

Estas palavras são bem duras para o autor das *Noites com os Romanistas*, mas qué fazer? Quem tem medo não vae á guerra. (*)

Agora não ignoro que o autor, com todos os methodistas e protestantes, procuram enfraquecer a força destes textos para rejeitar a Tradição e salvar seu principio que a Biblia é a unica fonte e unica regra da fé. Assim, por exemplo, nos objectam muitas vezes o que diz S. Paulo 2.º Timóth: III 15: «que todas as Escripturas são uteis e que ellas podem instruir para a salvação». Mas, nenhum catholico nega isto. Se o dito

(*) Coisa admiravel! escreve o Dr. Fr. de Macedo Costa (Cath. e Prot. pg. 19), os protestantes apezar dos seus protestos contra a *Tradição*, apezar do grande alarde que fazem da Biblia para dar á sua doutrina falsa e perversa uma certa apparencia de religião verdadeira e para poder mais facilmente enganar os incautos, veem-se em certos casos obrigados a abandonar a letra da Escriptura Sagrada e tomar por norma de seus pensamentos e do seu proceder a Tradição Catholica.

1.º Como por exemplo, podem sem recorrer á Tradição Catholica provar a dicina authoridade da Biblia, como determinar quaes e quantos são os lieros que fazem parte da Escriptura Sagrada, como mostrar que são inspirados por Deus? — Em parte nenhuma da Biblia se encontra o numero desses lieros ou os titulos. Já no principio da Igreja circulavam varios evangelhos falsos, por exemplo, o de Cerintho e outros. E por onde senão pela Tradição Catholica sabem os protestantes que estes evangelhos eram falsos, e que pelo contrario os de S. Matheus, S. Marcos, S. Lucas e S. João são authenticos? S. Marcos e S. Lucas não eram Apostolos, mas discipulos dos Apostolos: porque cremos então que seus Evangelhos foram escriptos sob a inspiração de Deus? S. Clemente Romano, S. Ignacio de Antiochia, Hermas e Papias eram tambem discipulos dos Apostolos, e, apesar d'isto, seus escriptos não foram contados entre os liros divinos. Qual a razão d'esta excepção em favor de S. Marcos e S. Lucas? Disto não se pôde achar razão nenhuma na Biblia, mas só no facto de assim ter sido ensinado e crido na Igreja Catholica desde o principio, isto é sabemol-o unicamente pela Tradição Catholica. Se esta Tradição se põe de parte, nada ha que fique certo e seguro.

2.º Onde está escripto na Biblia que os christãos devem santificar o Domingo em vez do Sabbado? Não ordena ella que se santifique o setimo dia da semana, o sabbado?

3.º A Biblia diz tambem que os Apostolos prohibiram aos christãos o uso do sangue e das carnes suffocadas, isto é, por estrangulação, e apezar d'isto, que protestante crê dever-se ainda observar este preceito? Porque? Porque a Tradição ensina que assim como o Sabbado foi substituido pelo Domingo assim esta prohibição foi abrogada.

4.º Como podem os protestantes provar a necessidade e a validade do baptismo administrado ás crianças, parecendo a Biblia exigir para o baptismo a necessaria instrução (Matth. XXVIII: 19; Marc. XVI: 16) e admitir que os filhos são santificados por vontade dos paes christãos (L. Cor. VII: 14)? E' só a Tradição Apostolica, que aqui explica tudo.

5.º Porque os protestantes não lavam os pés dos que recebem a ceia sem do claro e positivo o preceito do Senhor: Se eu pois, sendo vosso Senhor, João XIII: 14)?

Unicamente porque a Tradição o ensina.

E assim elles, como se vê, procedem incosequentemente sempre incertos d'um lado para outro.

texto dissesse, que a Escriptura só torna o homem instruido em todas as cousas necessarias para a salvação, então sim a objecção seria irrefutavel, agora porem nada prova. Mas, replicam, é certo, que Jesus, em Marc. VII: 1-5 e Math. XV-9 rejeita a Tradição:

« E vós tambem porque transgredis o mandamento de Deus pela vossa tradição». *(dos homens)*

« Em vão pois me honram ensinando doutrinas e mandamentos que veem dos homens».

Alem disso, não escreveu S. João no Apocalypse (XXII, 18): « Se qualquer acrescentar alguma palavra a esta cousa, que Deus faça cahir sobre elle os flagellos escriptos neste livro? » Não escreveu S. Paulo, Gal. I: 8: « Mas ainda que nós mesmo ou um anjo do céu vos annuncie um Evangelho: differente do que vos annunciamos, anathema? » Não escreveu Moysés, Deut. IV: 2: « vós não acrescentareis nada ao que vos digo ».

Anda errado Sr. autor das *Noites com os Romanistas*; estes textos nada provam contra a Tradição. Pois Jesus rejeita as doutrinas e mandamentos que vêm dos homens, que são feitos pelos homens sem que tivessem authoridade para fazel-os. Ora, a Tradição para a qual appella a Igreja Catholica e que ella reconhece como segunda fonte da verdade revelada, não contem doutrinas e mandamentos que vêm dos homens, mas do proprio Deus, de Jesus Christo ou do Espirito Santo. Pois a Tradição no sentido catholico é: Algumas verdades que dizem respeito á fé ou aos costumes, ensinadas aos Apostolos por Jesus Christo ou pelo Espirito Santo, (João XIV. 26) prégadas pelos Apostolos, não por escripto mas de viva voz á Igreja, e por ella conservadas intactas, transmitindo-as de um seculo a outro.

Nem adianta allegar o texto de S. João no Apocalypse, visto como, se provasse contra a Tradição, delle seguiria que o proprio S. João teria incorrido na maldição, com que ameaçou; pois o Evangelho de S. João é posterior ao Apocalypse, que foi escripto antes do Evangelho. O mesmo devia-se dizer, se o texto de S. Paulo Gal. I, 8: provasse contra a Tradição; neste caso o mesmo Apostolo, S. João, pela mesma razão teria incorrido na maldição formulada por S. Paulo. E quanto ao texto de Deuteronomio, elle por dizer respeito só ao Antigo Testamento não póde estender-se ao Novo Testamento.

De tudo quanto disse, segue-se que o autor das *Noites com os Romanistas*, devido á sua incapacidade para explicar a Biblia que elle sustenta ser tão facil de entender, enganou-se tanto na primeira como na segunda das suas theses; e que deve admittir que a Biblia não é a unica fonte da verdade revelada e que a Tradição tem tanto valor como a Biblia.

Disto segue-se também, que nunca pôde haver verdadeira contradicção entre a Tradição e a Bíblia: que pôde haver verdades necessarias para a salvação que não estão na Bíblia; e que caso a Tradição ensine tal verdade, não é permittido negal-a, pretextando que ella não se acha na Bíblia.

Mas como o autor fallou muito no juizo privado isto é no Espirito Santo que, segundo elle, illumina o entendimento de quem lê a Bíblia, e o faz entender o sentido da Bíblia com plena certeza, será bom discorrer uns momentos sobre este assumpto.

A Bíblia não sabe nada deste espirito privado. Entretanto, se deveras existisse, a Bíblia, unica fonte da doutrina methodista e protestante, *devia fallar delle com expressas palavras*. Sei que o autor com os protestantes allegam sobretudo tres textos para proval-o. Sobre dois delles já fallei, a saber sobre Act. XVII: 11, e João V: 39, mostrei claramente sua insufficiencia. Mas ha outro muito precioso aos olhos do autor que não deixa de cital-o, I João II: 27: «Emquanto a vós, a « unction que recebestes delle permaneça em vós. Não tendes « necessidade de que alguem vos ensine, mas o que a unction « vos ensina em todas as cousas é verdade e não mentira. Por- « tanto assim como elle vos ensinou permaneei nelle». Ora este texto em logar de ser uma arma offensiva nas mãos do autor e dos methodistas para atacarem a Igreja, é uma arma defensiva nas mãos da Igreja; por outras palavras: não os methodistas e protestantes, mas os catholicos podem servir-se deste texto. Pois, como é evidente do contexto, o Apostolo exhorta aqui os fieis a guardarem a doutrina e a unction desta doutrina, que receberam em recompensa de sua fé na palavra dos Apostolos e não se deixar enganar pelas palavras dos falsos prophetas, dos falsos christos; por isso diz: não tendes necessidade que alguem vos ensine; sabeis qual é a verdade; permaneei nella.

~~X~~ Mas, para provar claramente que este espirito privado não pôde ser a regra da fé, vejamos a que tristes consequencias elle já tem levado no passado e ainda pôde levar no futuro. Com effeito quantas torpezas não se tem querido justificar com as palavras do Senhor: «Crescei e multiplicai-vos.» Os anabaptistas de Munster, e depois delles muitos outros, tiraram dellas como conclusão necessaria a legitimidade da polygamia. Foi baseados, não sei em que passagem do Evangelho, que Luthero, Bucer e Melancthon permittiram a Philippe de Hesser duas mulheres ao mesmo tempo. Foi ainda em nome da Bíblia, da palavra de Deus, que Luthero levou os camponezes d'Allemanha a revoltarem-se contra os principes, e depois assustado de sua obra, incitou os principes a matarem os camponezes. João de Leyde descobriu, lendo a Bíblia, que devia desposar onze mulheres ao mesmo tempo; Hermann alli desco-

briu que elle era o Messias enviado por Deus ; Nicolaus que tudo o que tem relação com a fé é desnecessario, e que deve-se viver em peccado a fim de que a graça abunde: Sympson pretendeu lêr nella que se deve andar nú pelas ruas para mostrar aos ricos que devem ser despojados de tudo; Ricardo Hill acha na Biblia que o adultério e o homicídio são obras que concorrem para o bem, e accrescenta que, se a estes crimes se juntar o incesto, nos farão mais santos na terra, mais felizes no céo. Mesmo segundo a confissão de protestantes serios não ha crime e abominação que não tenha encontrado sua pretendida justificação em qualquer texto da Biblia interpretado pelo espirito privado, fóra da authoridade tutelar da Igreja Catholica.

Façamos aqui ponto e seja esta a nossa conclusão : A Biblia não póde ser a unica fonte da doutrina revelada, a unica regra da fé. *A unica regra da fé é o ensino da Igreja Catholica fundado na Biblia e na Tradição.* Felizes dos que seguem esta doutrina !

ARTIGO V

Umas considerações

Depois de ter respondido, nos artigos precedentes, ao primeiro capitulo do autor das *Noites com os Romanistas* sobre a leitura das Sagradas Escripturas, e mostrado claramente quão falsas são as accusações que elle faz á Igreja Catholica, e com quanta má fé, astucia requintada e ignorancia completa do verdadeiro sentido da Biblia nisto procede, podia considerar acabada a minha tarefa. Contudo, achei bom, para melhor entendimento da questão, esclarecer ainda alguns pontos.

E' costume dos methodistas e protestantes, gabarem-se muito do que têm feito e ainda fazem em beneficio da Biblia e calar-se do que em prol della, tem feito e ainda faz a Igreja Catholica. Assim por exemplo, procuram introduzir no povo a persuasão, que antes de Luthero a Biblia era quasi desconhecida dos Catholicos, que quasi não havia traducções Biblicas e que quasi ninguem della se servia. Do mesmo modo procuram convencer o povo, que a traducção official da Biblia Catholica, a Vulgata, estava crivada de erros e alem disto adulterada em muitos livros ou partes de livros e que elles a substituíram por traducções fieis e emendadas. Emfim, vangloriam-se muito de que elles a cercam de honra servindo-se della sempre, ao passo que a Igreja Catholica quasi não se serve della

Vejamos se tudo isto é verdade.

1.^o Que a Biblia antes de Luthero estava quasi desco-nhecida dos Catholicos, que não havia quasi traducções Bi-blicas, e que quasi ninguem della se servia é simplesmente mentira, falsificação de Historia. Com effeito, que diz a Historia?

Que o primeiro cuidado da Igreja Catholica, Apostolica, Romana foi sempre traduzir a Biblia na lingua dos povos convertidos.

Por isso já vemos nas Igrejas orientaes, desde os primei-ros seculos do christianismo traducções de toda a Biblia ou de partes della feitas ou adoptadas e reconhecidas pela autho-ridade ecclesiastica, nas linguas grega, chaldaica, samaritana, syria, arabica, ethiopica, armenica, georgica, hebraica (de ori-ginaes gregos), etc., etc.

Na Igreja occidental estas traducções se fizeram na lin-gua latina como provam a Italia que provavelmente data do primeiro e a traducção de *S. Jeronymo* que data do IV seculo. — Apenas a lingua latina misturou-se com as linguas barba-ras e formaram-se novos idiomas, foi nesses idiomas que a Igreja se apressava a traduzir a Biblia, como claramente se vê da antiguidade e da variedade das traducções conhecidas antes da chamada Reforma. Estas traducções, como é facil compre-hender-se, datam de antiguidade mais remota para os povos cuja lingua pouca ou nenhuma semelhança tinha com a lati-na do que para os povos latinos, que tinham a *Vulgata* a qual até na idade media quasi todos entendiam.

Tambem não devemos perder de vista que a arte da imprensa ainda não estava descoberta, isto succedeu no anno 1460 por Gutemberg de Monguncia e que por consequente as traducções deviam ser transcriptas; o que alem de custar muito dinheiro gastava muito tempo.

Apesar disto vemos a Biblia já muito cedo traduzida. No IV seculo o bispo Ulfilas creou para os Godos um novo idioma e uma nova escriptura e dellas se serviu para espalhar no Norte da Europa a traducção grega dossetenta revista so-bre a latina de Roma.

O mesmo fizeram no IX seculo S. Cyrillo e S. Methodio pa-rra os slávos e os povos da Pamonia. Na Saxonia, a patria de Luthero, na vida do celebre Wittekind, Luiz o piedoso (IX se-culo) por ordem do Imperador mandou fazer uma traducção pa-rra o povo. Na Inglaterra, Adhelmar já deu no seculo VII uma traducção dos Psalmos; S. Bêda no seculo seguinte uma de to-da a Biblia; em quanto Alfredo, o grande, desde 874 até 890 hospedava em seu palacio monges, celebres hebreistas, hellen-citas, e latinistas para outra vez traduzirem em vernaculo to-da a Biblia.

Do tempo antelutherano e d'uma epoca muito anterior á invenção de arte typographica existem na Allemanha ainda 30

manuscriptos de livros inteiros e de fragmentos Biblicos que datam do seculo VIII até o seculo XII. Dos seculos XIII, XIV ha alguns exemplares inteiros de Biblias em vernaculo e mais de 40 fragmentos — alguns mui importantes — de traducções originariamente integras. Do seculo XV conhecemos sete versões inteiras em manuscriptos que se acham em diversas bibliothecas da Allemanha e da Austria.

Só entre os 60 annos, que intervêm entre a epocha em que se effectuou a invenção da typographia e a da apparição da traducção Biblica de Luthero, foram impressas 17 diversas e integras traducções allemães da Biblia. De todas ellas existem ainda hoje exemplares.

Na França a situação é quasi a mesma.

Existem alli traducções da Biblia ou de partes da Biblia em quasi todos os dialectos da antiga França. Tão grande é seu numero, que Reuss (Rev. theol II. 3) constatou, que quanto á riqueza e antiguidade da litteratura Biblica nenhum povo moderno pôde-se comparar com os francezes. Só as bibliothecas de Paris, continua elle, contêm mais manuscriptos francezes, que todas as bibliothecas d'alem-Rheno manuscriptos allemães.

Na Hespanha João de Sevilha traduzio em 840 a Biblia na lingua arabe. E embora alli como na Italia as traducções inteiras ou parciaes da Biblia em lingua vernacula não remontem senão até o seculo XII, este facto não denota falta de applicação ao estudo da Biblia mas se explica pelo conhecimento da lingua latina, que estes povos latinos conservavam mais tempo.

Quando, portanto, Luthero no prefacio da sua Theologia Allemã nos diz, que a palavra de Deus jazia debaixo dos bancos, esquecida, coberta de pó e carcomida de traças; quando os methodistas e protestantes repetindo-o, dizem que a Igreja prohibiu tanto a traducção como a leitura da traducção da Biblia e que elles restituiram á Biblia a honra que lhe era devida, elles mentem impudentemente e se esquecem do que já disse Cicero: que a primeira lei da historia é a verdade dos factos.

2º. A' mesma verdade historica faltam os methodistas e protestantes, quando sustentam que a traducção official da Biblia, a Vulgata, estava repleta de erros e adulterada, e que elles por amor da verdadeira palavra de Deus substituiram a traducção da Igreja Catholica pela sua. *Pois a Igreja Catholica nunca alterou logar algum da Escriptura Sagrada.*

Desafio a todos os methodistas e protestantes para que me mostrem um unico escriptor que prove uma d'essas pretendidas alterações. A mim, até o dia de hoje me foi impossivel encontrar uma só. Pelo contrario, achei outra cousa. Encontrei,

posso dizer com o autor das « *Perguntas Respeitosas* »: escriptores protestantes, não só um mas muitos e illustrados, que me afiançam a veracidade da versão biblica usada pela Igreja Catholica. Mais: encontrei outros, igualmente protestantes que me asseveram ter sido a Reforma que alterou a Biblia, rejeitando parte de livros, até livros inteiros. Ainda mais: encontrei autores protestantes que dizem com uma franqueza, de quem não receia ser contestado, que para acostumar o povo ás innovações introduzidas pela Reforma, os reformadores fizeram uma Biblia a seu gosto, a qual não era senão uma alteração continuada do mesmo texto, em todas aquellas passagens que lhe convinham (vide Cobett, Bretschneider etc.).

Citemos factos historicos: As traducções de Luthero, Calvino, Zuinglio, Oecolampadio e a de Jacob I na Inglaterra foram condemnadas e reprovadas até pelos mesmos escriptores e theologos protestantes.

Na de Luthero, Hemser encontrou cerca de 1.400 erros hereticos e mentiras.

Na de Jacob I o Dr. Blaxney notou centenaes de alterações; o Dr. Stern encontrou em uma só edição 7.000 erratas, e os doutores Willighan e Roberts mencionam uma phrase inteira, que elles dizem, ser pura invenção do traductor. Finalmente, em 1841 Mgr. Conquest corrigiu esta traducção e publicou a *twenty thousand emendation Bible* (A Biblia das vinte mil emendas) e a esta seguiu outra traducção em 1875 com o titulo de: *Speakers commentary*, que foi tambem julgada, logo depois de ter apparecido, não merecer muita confiança.

E' pois faltar grandemente á verdade sustentar como fazem muitos methodistas e protestantes « que a Reforma recebendo a Biblia da Igreja Romana a recebeu adulterada e « corrompida e que expurgando-a de todas as alterações, pôde « com muito trabalho reduzi-la á sua genuina expressão perfeitamente conforme aos originaes gregos e hebraicos mais « antigos. »

Muito pelo contrario! « Os protestantes mais instruidos, escreve o Dr. protestante Walton, julgam que a Vulgata (a traducção catholica) se deve preferir a todas as versões latinas mais modernas, porque essa versão é mais antiga e tem sido publicamente acceita desde muito tempo pela Igreja occidental e por isso com muitissima razão deve ser estimada e não rejeitada temerariamente. E o distincto exegeta protestante Dr. Millio accrescenta mais, que João Brossio (protestante) n'um tratado que compoz, riquissimo em erudição e doutrina, defende a antiga versão da Biblia (isto é a Vulgata, a Catholica) e prova com muitas passagens della, conferidas com as das edições de Beza e muitos outros protestantes, que são inteiramente fieis e rectas, de modo que Isaae Casabonas (pro-

testante), nas notas que fez aos Evangelhos e Actos dos Apóstolos, preferiu o texto dos Catholicos, o texto da Vulgata, áquelle do hodierno grego, provando com fortes argumentos, que a Vulgata combina plenamente com os mais antigos manuscritos gregos. Assim escreve o Dr. Walton.

3o. Vejamos ainda em ultimo se é verdade que os protestantes honram mais a Biblia e della mais se servem que os Catholicos.

Os protestantes e methodistas traduzem, imprimem e espalham em numero de centenaes de milhares a Biblia, e com isso julgam honrar a «Palavra de Deus» — Será porem verdade?

A primeira prova de honra devida á palavra de Deus é, decerto, *traduzil-a fielmente*. Ora pode-se dizer que as traducções das sociedades Biblicas são fieis? No numero anterior já vimos as falsificações propositaes da Biblia das quaes se tornaram réos os primeiros reformadores; os protestantes modernos serão mais leaes? Não; e em abono desta verdade vou notar com um autor anonymo algumas das muitas passagens em que o texto sagrado tem sido substancialmente alterado.

a) Vaticina Job a resurreição dos corpos com as seguintes palavras: «Eu sei que meu Redemptor vive, e que no ultimo dia hei-de resuscitar da terra. A quem hei de vêr eu mesmo, e meus olhos o hão de vêr, e não outro» (Job XIX: 25-27) — Os protestantes racionalistas impugnaram esta prophacia dando-lhe por bocca de Eichhorn uma interpretação tão differente, que destroe por sua base aquelle dogma importantissimo. Diz assim Eichhorn:

«Conheço ou sei que o defensor da minha honra vive, e que ainda que está para baixar á terra; e, ainda esta minha pelle e meu corpo estejam já corroidos, comtudo neste corpo verei ainda a Deus, assim como sou, o verei em honra, e o verão meus olhos, que me favorecerão muito». (Eichhorn. Job. Goth. 1824).

b) O versículo 17 do Salmo XXI contem uma prophacia manifesta da paixão e crucifixão do Salvador: «Traspassaram, diz, minhas mãos e os meus pés». Mas De Wette (Versione de Salmi — Heidelberg) o traduz assim: «Me atam as mãos e os pés». O que menos é, é o tempo; o que não pode passar sem correctivo é a differença do verbo. Não é o mesmo dizer *foderunt* que *alligaverunt*, traspassaram, que ataram.

c) Na traducção de Osterwald impressa em Paris em 1843 se lê o seguinte, tirado de Nehemias VIII: 7-8. «Os levitas faziam que o povo ouvisse a lei, e o povo ficava em seu posto, elles liam o livro da lei de Deus e explicavam e davam intelligencia della, *fazendo que se entendesse a Escriptura por si mesma*». *La faisant entendre par l'Ecriture même*.

As palavras que deixamos gryphadas não estão na Escripura, essa é uma fraude dos protestantes. Ao contrario, no mesmo capitulo VIII se prosegue dizendo: E *Nehemias* (que é o mesmo Athersatha) *Esdras, sacerdote, escribas e os levitas, que interpretaram a lei a todo o povo... E o segundo dia os chefes de familia de todo o povo, os sacerdotes e levitas, recorreram a Esdras para que lhes interpretasse as palavras da lei*. (II Esd. VIII: 9, 13).

Certamente os haviam de interpretar, porque sem isso que fructo poderiam tirar da leitura?

Por esta razão não nos causa nenhuma extranheza o que se diz no versiculo 12 do citado capitulo e livro: isto é que o povo se retirava summamente satisfeito por ter entendido o que se lhe havia ensinado.

Merecia seguramente a pena de fazer festa e celebrar como um ditoso acontecimento o facto de ter podido penetrar o verdadeiro sentido da lei, graças ás sabias explicações de Esdras. Prova a mais invicta e solemne de que a Escripura não se entende por si mesma.

d) Digno de melhor cousa são os esforços feitos pelos protestantes para demonstrar que a Igreja é invisivel, affin de concluir que cahiu na idolatria, ficando totalmente destruida: dahi a necessidade de Luther o a fundar de novo. Mas que provas adduzem para sustentar tão garrafal absurdo? Vejamos.

Reprehendendo o propheta Ezequiel aos Judeos a sua infame defecção, lhes diz em nome de Deus: «E me irritaram e não quizeram ouvir-me: Cada um não afastou a abominação dos seus olhos, nem deixaram os idolos do Egypto». (Ezeq. XX: 8). O que diz Ezequiel em termos geraes, applicando-o a uma grande parte, ou se quizer, á generalidade dos hebreus, o esticam e estiram os protestantes até fazel-o chegar absolutamente a todo o povo: sem exclusão d'um só Israelita.

Na edição de Martin selê: «*Não um delles* não rejeitou a abminação de seus olhos. E na de Osterwald. *Nenhum delles* não rejeitou etc.

Eu poderia facilmente continuar as citações dessas falsificações propositaes nas traducções das sociedades Biblicas; porem chega; o que deixei dito é mais que sufficiente para provar que os protestantes modernos não differem de seus predecessores e QUE, ASSIM COMO ELLES, DESHONRAM A BIBLIA, A PALAVRA DE DEUS COM TRADUCCÕES PROPOSITALMENTE INFIEIS.

Mas a honra devida á Biblia não só exige que a traducção seja fiel, exige tambem *que seja feita n'uma linguagem pura e correcta em vernaculo castiço*. Ora pôde-se dizer que as traducções Biblicas protestantes satisfazem esta condição? Eis a resposta do R. G. José De Aguirre em sua conferencia sobre a «*A Biblia e os protestantes*»: «As traducções que elles (os

« protestantes) fizeram nas differentes linguas são muitas vezes verdadeiras monstruosidades que, longe de converterem e de edificarem, são objectos de riso.

« Tal é, por exemplo, a edição usada em Gôa, que, segundo Mons. Dubois, não traduz exactamente um só versículo, e que um gôano, possuindo a instrução mais rudimentar, não pôde lêr em attitudo seria. Sobre a versão Kunkun, assim se expressava um sabio indiano: Esta Biblia é mal escripta e sem sentido; pelos erros monstruosos em que abunda, o sentido do original é muitas vezes mudado absolutamente em uma significação ridicula e absurda. Faz supôr que é obra d'algum mentecapto. Sir Tennent, diz que a versão ingleza de Cotta, é taxada pelos proprios conversos de blasfemia. A traducção feita para os Maoris nem elles mesmos comprehendem, tal o numero de palavras forjadas, que não existem na lingua.»

Testemunhos identicos nos vêm não de catholicos mas dos proprios protestantes a respeito das traducções chinezas, japonezas, etc.

E as nossas traducções? pergunta o citado autor.

Respondo: é bastante examinarmos a mais conhecida, a de Figueiredo, cuja infidelidade de traducção foi tão bem provada pelo Commendador Tiburtino Mondim, na celebre discussão no salão do Club Gymnastico Portuguez, de S. Paulo, para julgarmos das outras de menos vulto que pullulam por ali como mercadoria barata.

Emfim uma terceira exigencia da honra devida á Biblia consiste em *seu uso religioso e respeitoso*. Ora, que uso fazem della os proprios protestantes? A resposta nos dá o Rev. C. F. Thwing, ministro protestante e presidente da Western Reserve University nos Estados Unidos da America do Norte. Eis as suas palavras:

« As sociedades biblicas fazem imprimir o livro (a Biblia) em numero de centenaes de milhares; porém, o povo não o lê; e si o lê, não lhe faz impressão alguma. Sua historia considerada, quer como veridica ou como fabula, lhe é desconhecida. Seus héroes lhe são menos familiares do que Jack, o matador dos gigantes, ou Jack, o constructor de casas. Sua poesia não é apreciada. A majestade e a magnificencia de seu estylo, a elegancia de suas phrases e a doçura das allusões, a perfeição de sua forma literaria, como tambem a significação profunda de seu ensino ethico e religioso, cessou de ser parte da valiosa propriedade da comunidade protestante. Expliquemos esta situação do melhor modo que pudermos, ou indiquemos os resultados como convém; a primeira emoção é a de pesar diante deste empobrecimento da humanidade.»

E se muitos *protestantes* (pois não quero generalisar estas

palavras e applical-as a todos) são tão indifferentes a respeito da Biblia, achará ella melhor sorte quando distribuida em grande quantidade a *povos pagãos ou meio convertidos* que não estão preparados para lê-las e que não pôdem mesmo ter o devido respeito para com um livro de cuja doutrina elles nunca tiveram noticia?

Eis o que responde o já citado conferencista:

« Para vos dar uma idea do uso que os infieis fazem da Biblia e do fructo que colhem os ministros protestantes, da diffusão systematicamente desordenada desse livro, trazer-vos-
« hei para aqui citações colhidas na importante obra, « *Autour de la Bible* » de Mons. Vanghan, conego de Westminster, edição franceza de 1904.

Fallando dos chinezes, um missionario protestante declara abertamente: Não temos o menor indicio de que as milhares de Biblias distribuidas a este povo, tenham interessado a qualquer pessoa ou determinado alguem a procurar os meios de se converter.

Apezar de termos não menos de sete edições impressas em malaio, disse em candida confissão o ministro Malcon, encarregado de fazer uma inquirição acerca do resultado da propaganda, apezar de termos distribuido milhares de Biblias não temos obtido nenhum resultado, pois não ouvi fallar da conversão de nenhum malaio em toda a peninsula.

O arcediago Grant, diz que os infieis manifestam um vivo desejo de obter a Biblia, mas para fins profanos (como testifica o proprio pastor Williams) nos balcões de casas commerciaes, partidas, descosidas, servindo suas folhas para envolver medicamentos, fructas ou outra qualquer mercadoria. O bispo de Singapore, attesta ter visto duas casas desta cidade com as paredes completamente forradas de folhas da Biblia.

Maior é ainda a profanação, quando se servem das folhas para embrulhar toucinho e fumo. Nas cidades fronteiras da China os caixões de biblias são comprados a titulo de papel velho pelos droguistas e principalmente pelos sapateiros, que diz Marchini, as convertem em elegantes chinellinhos chinezes. Em diversos lugares são usadas para a vaidade das moças que dellas se servem para frisar os cabellos.

Na Africa distribuem-se milhares de Biblias tambem com resultado nullo. Os africanos não lêem a Biblia, mas são bastante engenhosos para dar-lhe um fim.

Mons. Gabou diz que assistiu a uma grande distribuição de fragmentos do Velho Testamento entre os negros e que os meninos, de posse destas folhas, as convertiam logo nesse brinquedo que nós conhecemos com o nome de papagaio.

Os kafios, observa o coronel Napier, convertem a nos-custa as Biblias em cartuchos e buchas.

Mons. Parkins, fallando da Abyssinia, escreve: Vi um abyssinio receber dois exemplares da Biblia e no mesmo dia trocal-os por jarra de cerveja com que se embebedou. Em summa a sociedade Biblica é uma vasta e próspera organização para fornecer gratuitamente ao mundo papel para embrulho e outros misteres.

Opponhamos agora a este procedimento o da Igreja Catholica, Apostolica, Romana. Ella só satisfaz todas as exigencias da honra devida à Biblia, pois só ella comprehende completamente o seu valor.

Ella vigia com extremo cuidado em que as suas traducções sejam fieis. Dahi o direito de aproval-as que ella reservou a si propria; e por pouco que uma traducção, mesmo feita por catholicos, faltar à fidelidade ella a reprova sem transigir como provam as muitas traducções catholicas que estão no Indice.

Ella tambem não deixa de aconselhar a pureza de linguagem nas traducções que fazem seus filhos.

Emfim ella faz da Biblia um uso religioso e respeitoso. Pois a Igreja Catholica se serve da Biblia em todas as suas solemnidades e rezas publicas. As orações do SS. Sacrificio da Missa e as do Breviario são pela maior parte emprestadas à Escripura Sagrada. Da explicação da Biblia e de seus textos abundam todos os livros piedosos desde as magnificas obras dos doutores da Igreja até os mais simples tratados que todos os dias sahem do prelo. Della tambem todos os theologos tiram as provas e explicações das verdades catholicas. E quantas centenas e centenas de livros não ha, unicamente escriptos com o fim de provar a authenticidade, a divina inspiração e a fidelidade da traducção da Biblia, de explicar os seus textos e de defendel-os contra seus inimigos. Se comparassemos o numero dos exegetas catholicos, não digo de antes da Reforma, mas até de depois da Reforma, com o dos exegetas protestantes, veriamos claramente que na Igreja Catholica se usa incomparavelmente mais da Biblia do que na Igreja protestante. Nem digais: em todo o caso se compararmos o uso que se faz da Biblia entre os simples fieis destas duas Igrejas, os da Igreja protestante levam a vantagem, pois leem muito mais a Biblia do que os catholicos. Pois nem isto posso conceder. Muitos catholicos que sabem o latim, leem-na em latim e muitos outros trazem habitualmente consigo o Novo Testamento, ou ao menos os quatro Evangelhos (edição catholica). Em muitos paizes se leem todos os dias na estação da Missa fragmentos do Antigo Testamento ou das Epistolas dos Apostolos. Muitissimos catholicos leem a Historia Sagrada do Novo e Antigo Testamento, e esta Historia é ensinada aos meninos e meninas na escola ou no Catecismo. Em todos os Domingos e dias

santos os fieis ouvem do alto do pulpito explicar a Biblia. Ha poucos padres que não consagram todos os dias um certo tempo á leitura e á meditação da Escriptura Sagrada.

E se quereis ouvir alguns exemplos do respeito, da veneração, do amor que lhe dedicam, vou allegar uns delles. S. Carlos Borromeo, o grande arcebispo de Milão, não lia a Biblia senão de joelhos, a cabeça descoberta, e viram-no quatro horas seguidas absorto neste divino trabalho. O mesmo fizeram S. Francisco de Salles e S. Vicente de Paulo, e póde-se dizer todos os Santos Bispos e Padres. O Sr. Olier, reformador da disciplina ecclesiastica na França cercava o livro da Biblia d'uma admiravel veneração. Tinha-a feito encadernar mui ricamente em prata massica e nunca a punha ao pé dos outros livros. Antes de abrir vestia primeiro a sobre-pelliz e como S. Carlos nunca a lia senão de joelhos. Eis como os catholicos respeitam a Biblia!

Agora pergunto eu: quem respeita mais a Biblia? os catholicos ou os protestantes? E com esta pergunta concluo meu primeiro capitulo sobre a Leitura da Biblia (*).

(*) Um dos eventos mais notaveis do seculo findo, é a completa mudança que se nota no protestantismo, acerca da antiga, e até recentemente fundamental — theoria: *A Biblia e so Biblia*. A velha e firme fe na Biblia como guia litteral, infallivel e facil de interpretação, como unica guia em materia de fé e moral cahiu uma vez por todas. Relatemos um facto: Na Escocia — *broad Scotland, Bible-loving Scotland* — a Assemblêa da Igreja Unida Livre — *United Free Church Assembly* — acaba de absolver da accusação de heresias ao rvd. F. A. Smith, admitindo, desta maneira, que um ministro e professor daquella Igreja possa livremente ensinar, como de facto ensina o tal Smith, que a Biblia é mais fallivel do que muitos dos outros livros antigos; que os milagres relatados no Novo Testamento não são historicos; e que cada um individualmente pode decidir o que é verdadeiro ou falso na Biblia!

E não se diga que é uma voz isolada a daquella assemblêa. Não; está deluição das crenças protestantes está reinando na maioria do seu corpo docente, na maioria dos professores de theologia das suas universidades. Eis aqui uns testemunhos: « A Biblia », lamenta um jornal protestante em que escrevem muitos professores (Berliner. Er. Kirch. Anzeiger de 1896), a Biblia já não é para nós mais do que uma ruina ». — « O livro que chamamos Sagrada Escriptura não é livro divino, diz Ritschel, e sim humano » — « Não ha aberração maior do espirito humano » blasphema Delitzsch, « do que a crença que a Biblia contém uma revelação de Deus, ella não passa d'uma collecção de fabulas ».

E o Dr. Köller tambem ministro protestante e professor de theologia em Giessen, ao subir pela primeira vez á cadeira cathedraica declarou francamente, que considerava como seu fim principal a seducção da juventude academica, isto é, tirar-lhe pela raiz a fé de seus antepassados na Biblia e tazer della jovens scepticos nas verdades do christianismo. E esta doutrina pagá os jovens candidatos ao ministerio protestante tem aprendido e muitos já a ensinam ao simples povo protestante.

Quem considera tudo isto do fundo do seu coração dá graças a Deus de ser catholico e não protestante!



CAPITULO II

DA UNIDADE DA IGREJA

O segundo capitulo das *Noites com os Romanistas*, traz por epigrapho — *A Unidade da Igreja*. Este capitulo, assim como o precedente e todos os seguintes, é um tecido de sophismas especiosos, principios hereticos e falsas interpretações da Escrip-tura Sagrada, coordenadas com muita astucia e grande má fé.

Responder methodicamente a todas as objecções do autor, é quasi impossivel, não porque falte a resposta (é mesmo muito facil), mas porque como já disse, os methodistas, protestan-tes e *tutti quanti*, em suas discussões religiosas com os catho-licos, participam da natureza do saltimbanco; nunca se limitam a discutir o ponto em litigio, mas saltam com rapidez prodi-giosa dum assumpto para outro e num só capitulo fallam de tudo. Procurarei, contudo, ser methodico em minha resposta e por isso tratarei primeiro da natureza da unidade da verda-deira Igreja de Jesus Christo para em seguida provar que esta unidade só se acha na Igreja Catholica e em nenhuma das seitas protestantes.

Antes, porém, uma observação. Em todo o seu capitulo sobre a unidade da Igreja o autor *confunde de proposito a unidade da Igreja de Jesus Christo com a sua UNICIDADE*.

O symbolo da fé catholica, composto pelos Bispos Catho-licos em união com o Papa Romano no Concilio Niceno, ensi-na-nos crêrmos: «Unam, Sanctam, Catholicam et Apostolicam Ecclesiam».

Ora, como devem-se traduzir estas palavras? Nós, os ca-tholicos, traduzimos: «Creio na Igreja Uma, Santa, Catholica e Apostolica», professando com isto crêr não sómente que não ha senão uma só Igreja de Jesus Christo, mas além disto que esta Igreja recebeu de seu Divino Fundador, Jesus Christo, al-gumas notas, caracteristicas pelas quaes póde ser reconhecida e distinguida por todos de todas as sociedades religiosas que fal-

samente se dizem ser a verdadeira Igreja de Jesus Christo. Essas notas são a unidade, a santidade, a catholicidade e apostolicidade.

Isto, porém, não convém muito ao autor das *Noites com os Romanistas*.

Como, portanto, traduziu elle estas palavras? Traduziu-as: «creio em uma só Igreja». Ora a razão porque as traduziu assim é *evidente*. Vae muito duma só Igreja á Igreja uma. Traduzindo: «Creio em uma só Igreja» póde sustentar que os Padres do Concilio Niceno só quizeram enunciar, que professavam como ponto de fé, que na Igreja fundada por Jesus, dois corpos haviam de ser unidos; que os judeus e os gentios deviam formar não duas mas uma só Igreja, e que não havia de haver uma Igreja uma salvação, um methodo de salvação para os judeus, e outra Igreja, outra salvação, outro methodo de salvação para os gentios, mas sim «que haveria uma e mesma cousa para ambos». Deste modo engana com uma astucia requintada, que passa desapercebida aos leitores superficiaes.

Dito isto, vou tratar do assumpto.

ARTIGO I

Em que consiste a unidade da verdadeira Igreja de Jesus Christo?

A unidade da Igreja de Jesus Christo, segundo a idéa que della se faz o autor das *Noites com os Romanistas*, consiste no laço que entre si une os filhos de Deus, e estes com Jesus Christo. Eis as suas palavras: «Esta união é a de que falla a Biblia. As Escripturas fallam de uma grande variedade de Igrejas. Chamam Igrejas ás reuniões de christãos em casas particulares; chamam Igrejas ás reuniões dos crentes em cidades onde vivem isolados; chamam Igreja ao aggregado dessas reuniões em alguma provincia longinqua; e ao conjuncto ou aggregado de todas ellas chamam a Igreja de Christo. A multidão de individuos christãos, tomados conjunctamente, constitue a Igreja d'aquelle lugar e o aggregado de todas estas Igrejas, constitue a Igreja de Christo. O nome do lugar ou alguma peculiaridade distinctiva, dado a uma Igreja não affecta a realidade do seu christianismo mais do que o caracter christão de um homem póde affectar o nome do paiz ou a cor da sua cutis. Se um homem é verdadeiro crente e leal discipulo de Christo na Igreja Anglicana, tambem o é nas outras Igrejas protestantes e até mesmo na Igreja Romana, porque um homem não é verdadeiro chris-

«tão em virtude de pertencer a qualquer Igreja, mas sim em virtude da sua união com Christo; e assim também um homem não é mais christão por ser membro de uma Igreja em lugar de ser de outra. A grande regra das Escripturas a respeito das nações é a mesma a respeito das Igrejas: «Deus não faz excepção de pessoas, mas em toda a nação (ou Igreja) aquelle que o teme e obra o que é justo, esse lhe é acceto» (Act. X: 34-35). (*)

A união dos filhos de Deus entre si e a delles com Jesus Christo, eis pois o que, segundo o autor, constitue a unidade da verdadeira Igreja de Jesus Christo. Não quero negar que estas palavras possam ser verdadeiras n'um certo sentido, a saber: quando pela união dos filhos de Deus se entende a união visível de todos os que pertencem á unica Igreja instituída por Jesus Christo com seu chefe visível o Papa e por elle com seu chefe invisível Jesus Christo; mas não é assim que o autor as entende, pois reconhece com expressas palavras, que um homem não é verdadeiro christão em virtude de pertencer a qualquer Igreja, mas sim em virtude da sua união com Christo, e que pôde haver união com Christo embora não haja em nenhuma outra cousa.

Ora, desafio o autor para provar-me que esta doutrina esteja na Biblia.

Ella é, como provarei mais tarde, inteiramente contraria á Biblia. Sei, que segundo a explicação do autor, (explicação na qual aliás concordo com elle), nosso Senhor Jesus Christo, quando fallou de um só rebanho e um só pastor, alludiu a dois partidos, aos gentios e aos judeos, os quaes pretendia unir numa só Igreja. Outrosim, concedo gostosamente, que São Paulo, Eph. II: 13-16, ensina a mesma verdade, mas como o autor destes dois logares da Biblia pôde tirar a conclusão: logo um homem não é verdadeiramente christão em virtude de pertencer a qualquer Igreja, mas sim em virtude de sua união com Jesus Christo, eu não entendo. Ou não tinham os judeos e o gentios, reunidos numa e mesma Igreja, a mesma fé, não observavam os mesmos preceitos, não tributavam a Deus o mesmo culto, e não obedeciam ao mesmo chefe invisível, Jesus, e, depois da morte d'elle, ao mesmo chefe visível, o Papa Romano? Não, o contrario é que é verdade. Não pertencendo á Igreja de Jesus Christo o homem não pôde estar unido

(*) Se isto é verdade; se o homem não é verdadeiro christão em virtude de pertencer a qualquer Igreja, mas sim em virtude da sua união com Christo.—e por consequente o verdadeiro crente na *Igreja Romana* tão christão como o verdadeiro crente na *Igreja protestante* ou *methodista*,—porque então se cança tanto o autor em invectar contra a *Igreja Romana* e os *Romanistas*?

Ou precisará elle talvez do referido principio para salvar a sua causa desesperada e reivindicar sophisticamente para sua seita uma unidade que não tem?

com Christo e por conseguinte não pôde ser christão. A primeira condição para ser christão é pertencer á Igreja de Christo; pertencer a esta unica Igreja que Jesus Christo instituiu; quem pertence a uma seita religiosa que falsamente diz ser a Igreja de Jesus Christo, no rigor do termo não é christão.

Nem adianta dizer com o autor das *Noites com os Romanistas* que «pôde haver muitas Igrejas distinctas e nationaes, sem contudo deixarem de constituir uma só Igreja Catholica Universal, pois no sentido do autor isto não pode. O autor, está claro como a luz do dia, quer dizer que as diversas Igrejas protestantes, Igrejas particulares como sejam: as Igrejas lutherana, calvinista, anglicana, presbyteriana, methodista, etc. etc., com suas differentes formas e opiniões podem constituir a Igreja de Jesus Christo, porque têm seu vinculo de união em Jesus. Mas é precisamente esta união em Jesus Christo que lhes falta. Poderia talvez haver união em Jesus Christo quando essas seitas protestantes estivessem concordes na doutrina, mas quando discordam entre si, não a respeito de pontos de pouca importancia, como diz o autor contra o dictame da sua consciencia, porém em pontos importantissimos, como provarei, onde fica então a união em Jesus Christo? Ou bastar-lhes-ha por ventura para estabelecerem esta união, o dizerem: nós todos reconhecemos por chefe a Nosso Senhor Jesus Christo? Bonita união essa: reconhecer a Jesus por chefe e entretanto não admittir sua doutrina, essencialmente uma!!

Mas, pergunta o autor: «não temos um exemplo do que digo no Novo Testamento? Não se falla alli da Igreja de Roma, da Igreja de Corintho, da Igreja de Galacia, da Igreja de Epheso, da Igreja de Filippos, da Igreja de Thessalonica, das sete Igrejas da Asia e especialmente da de Jerusalém: «essas Igrejas não eram distinctas e independentes, ou pelo menos não pareciam todas estar no mesmo pé de igualdade como Igrejas particulares, tendo sido a de Jerusalém a mãe de todas ellas?»

Respondo: sim! Falla-se de muitas Igrejas. Mas será permitido comparar as Igrejas *particulares* dos protestantes com as *Igrejas* dos primeiros christãos? Ha igualdade entre estas e aquellas? Eis em que está a duvida. As Igrejas protestantes (se é permitido chamal-as Igrejas) são Igrejas *particulares differentes uma de outra*; as Igrejas dos primeiros christãos não eram particulares, eram *secções* d'uma e mesma Igreja, e por isso *iguaes em tudo uma á outra*.

A Igreja de Corintho, por exemplo, era em tudo igual á de Thessalonica, a de Thessalonica á de Epheso. Todas ellas tinham *a mesma doutrina, o mesmo culto, o mesmo chefe su-*

premo, o Apostolo S. Pedro. Mas pode-se dizer a mesma coisa das Igrejas protestantes?

A Igreja Methodista, por ventura, é igual em tudo á Igreja Anabaptista? a Igreja Lutherana está de perfeito accordo com a Calvinista? Todas ellas têm a mesma doutrina, o mesmo culto, o mesmo chefe supremo visivel? Por certo que não! Logo, onde ha tanta desigualdade entre os dois termos da comparação, não ha lugar para comparação, como maliciosamente faz o autor das *Noites com os Romanistas*. As Igrejas dos primeiros christãos eram tão pouco Igrejas particulares como o são as Igrejas Catholicas do Rio, de S. Paulo, Bello Horizonte, Juiz de Fôra, etc.

Mas insta o dito autor: « a união não é precisamente um « signal de vida espirital, nem tão pouco a desunião signal « de morte ». E agora sêgue uma comparação que ninguém pôde lêr sem hilaridade.

E' o autor que falla: « Se entrarmos em uma Igreja ou em « uma Capella, e observarmos a congregação alli reunida, achare-
« mos que, por mais unidos que estejam os corações, os seus
« animos e os seus modos de pensar produzem sempre certas
« diferenças de opinião. Pôde haver união em tudo o que é
« mais importante, embora haja diferença em alguns pontos
« secundarios. As mesmas diferenças de idéas são um signal
« de movimento intellectual de verdadeira vida. Não estão mor-
« tos. Se em seguida entrarmos em um cemiterio e, nos assen-
« tarmos debaixo dos umbrosos cyprestes e dos teixos, ou se
« passarmos ligeiramente por cima das sepulturas, não achare-
« mos alli nenhuma desunião nem diferença: e esta mesma
« união é prova de que estão mortos. A unica vida que alli
« existe é a do asqueroso verme do sepulchro. O mesmo aconte-
« ce nas cousas espirituaes. Ha uma especie de união que é
« signal de morte espirital, porque manifesta a falta de acti-
« vidade intellectual ou de vida mental. Ha tambem certa des-
« união que é prova de vida espirital, pois que demonstra a
« existencia do pensamento e da intelligencia activa. Entre as
« mumias do Egypto não ha diferenças religiosas porque to-
« das estão mortas. Nas catacumbas de Roma existe a mais
« perfeita união, pois que tudo alli está sem vida. Mesmo en-
« tre os filhos deste mundo, descuidosos e inconsiderados como
« são não ha contendas religiosas porque todos estão espiritalmente
« mortos. Não ha variedades de opiniões entre as estatuas de
« marmore de uma galeria, porque uma unidade perfeita é evi-
« dencia de morte e não de vida. A unica unidade verdadeira,
« digna d'este nome e que é inteiramente consistente com al-
« gumas diferenças de opinião, é a união santa e fraterna —
« a união dos filhos de Deus — a união de um coração christão

« com outro e a união d'estes com Jesus Christo. Esta é ou
 « pelo menos deve ser a união das Igrejas protestantes ».

Que vos parece caro leitor ; isto não é andar aos grillos?
 Objecção tão pueril merece séria resposta ?

Comparar entes viventes com entes mortos ou inanimados, e depois concluir a união (entre fallecidos, entre mumias do Egypto, entre estatuas d'uma galeria) não é precisamente signal de vida, e a desunião (entre pessoas vivas) não é sempre signal de morte. Ai da causa que deve ser sustentada com taes argumentos, já perdeu a vitalidade, já tem em si o principio da morte ! Nem eu me teria dado á pena de transcrever estas palavras do autor, se não fosse por causa do pensamento intimo do autor, que quer propôr as *graves* divergencias que dividem as seitas como divergencias de *pouca ou nenhuma importancia*, que tambem se encontram na Igreja Catholica, Apostolica, Romana. D'ahi suas palavras :

« Na Igreja Romana, temos tambem um exemplo do que
 « fica dito, pois que apezar de ter em seu gremio jesuitas,
 « dominicanos, carmelitas, franciscanos, agostinhos e outras
 « innumeraveis ordens ou seitas, as quaes todas se differen-
 « çam em suas formulas exteriores e em suas regras de vida,
 « em suas opiniões sobre alguns pontos e especialmente em
 « terem praticas muito diversas ; mas todos teem o mesmo pa-
 « pa como vinculo da sua união. Sejam quaes forem as suas
 « differenças, e embora algumas vezes se aborreçam e se
 « vilipendiem e intriguem mutuamente, commettendo os crimes
 « mais odiosos e mostrando a mais maligna rivalidade, com-
 « tudo todos fallam da séde papal como do seu laço de união.
 « Assim tambem acontece, que as diversas Igrejas protestan-
 « tes, com suas differentes formas e opiniões a respeito de
 « pontos relativamente de pouca importancia, teem comtudo o
 « seu vinculo de união em Jesus Christo ».

Devéras ? Isto é serio ? ! Preconisar as seitas protestantes que apezar de pequenissima (!!!) divergencia de doutrina, têm o vinculo de união em Jesus Christo ! Levantar por espirito de caridade christã as maiores falsidades ás ordens ou seitas (sic) religiosas ! E a final fazer da variedade das mesmas uma arma contra a unidade da Igreja Catholica, ou pelo menos em favor das seitas protestantes !

Quanto á primeira phrase, já respondi e reservo-me para responder mais adiante largamente. (*) Quanto á segunda,

(*) Por enquanto eis ainda alguns testemunhos insuspeitos :

A *Gazeta Ecclesiastica* de Berlim (periodico protestante) diz : « E' facil de provar, como se tem já provado repetidas vezes, que não ha um só dos nos-
 sos pastores que tenha as mesmas crenças que o outro ».

De modo análogo se expressa uma outra celebridade protestante, o deutor Planck : « Pode-se assegurar, sem temor de equivoco, que não temos

passo-a em silencio por verdadeiro espirito de caridade, pedindo a Deus que livre sempre todas as seitas protestantes dos crimes que exprobam aos religiosos. Quanto á terceira vou responder.

Que têm que vêr as ordens religiosas com as seitas protestantes? As seitas protestantes *attestam contra a unidade* do protestantismo, porque são outras tantas provas da maior desordem e divisão religiosa que reina em seu seio. Contradizem-se em tudo; não estão de accôrdo a respeito das verdades mais fundamentaes da doutrina christã; não têm culto, ou se o têm nelle não têm unidade; não reconhecem o mesmo chefe visível; ha até seitas protestantes que negam a divindade de Jesus Christo! E apezar d'isto, o autor diz que ellas differem só a respeito de pontos de pouca importancia e têm por vínculo a união com Jesus Christo!

As ordens religiosas, pelo contrario, por mais que se differencem exteriormente, *são as provas mais fortes da unidade* da Igreja Catholica. Pois todas, embora estejam sujeitas a seus superiores immediatos, obedecem e reconhecem por chefe supremo o logar-tenente de Jesus Christo, o Papa Romano; todas, embora sustentem as opiniões religiosas proprias da sua ordem, *que não affectam a fé*, concordam entre si e com todos os mais catholicos, em todos os pontos propostos pela Igreja como dogmas de fé; todas, embora se differencem muito em suas formulas exteriores e em suas regras de vida, admittem a mesma moral, observam os mesmos votos, tributam a Deus e aos santos o mesmo culto, como provaremos mais tarde, e *é nisto, na triplice unidade de chefe, de doutrina, de*

um só theólogo que não tenha renunciado a algum ponto importante das nossas crenças, reputado tal pelos primeiros reformadores ».

De Wete, outro autor protestante, tomamos a seguinte confissão: « O Protestantismo, cuja união se tem debilitado muito, e até quebrantado, pela *multidão de seitas* que se tem formado durante e depois da Reforma, já não apresenta, como a Igreja Catholica, uma *unidade exterior*; mas uma *diversidade* composta de distinctos matizes. » E é uma summidade protestante que assim se enuncia!

« Confessemos-lo francamente — exclama desconsolado um periodico protestante: — a nossa igreja está tão desgarrada no seu interior, como no seu exterior: reina nella extremada *diversidade de principios* e pareceres: acha-se dividida em *innumeraveis seitas* e em pequenas iracções » (V. o Protestantismo por Felix Sardá, pg. 44).

— « Si o protestantismo ainda vive — escreve o *protestantissimo* Vinet — é pelo forte impulso que recebeu no seculo XVI, na propria época de seu nascimento. Mas este impulso vai se acabando por momentos: a viga mestra do madeiramento solta-se já e desfaz-se. O edificio *vai se desmoronando por todos os lados*; as forças accessorias e auxiliares o abandonam; o Protestantismo está desorganizado ».

Que poderíamos acrescentar a testemunhos tão eloquentes, e sobretudo tão imparciaes? Nada, sinão que, visto os proprios protestantes declararem corrompido e desorganizado o Protestantismo, deve estar mesmo corrompido, desorganizado e morto; ao passo que o Catholicismo, apezar de combatido por toda a sorte de inimigos, segue só, contra o mundo inteiro, sua marcha serena e majestosa através dos seculos, sendo sua imperturbavel constancia a desesperação de seus adversarios.

culto, não na união chimerica com Jesus Christo, *que, segundo a Biblia, consiste a unidade da* verdade Igreja de Jesus Christo.

Com effeito, Jesus prometteu (Math. XVI : 18), e deu (João, XXI : 16-17) á sua Igreja, para sempre, um chefe visivel na pessoa de S. Pedro e seus legitimos successores. Segue-se disto que, para ser uma, a verdadeira Igreja deve sempre poder apontar este chefe visivel e que toda a associação religiosa que se diz christã, mas não pôde apontar este chefe visivel, não é uma, e por isso mesmo já não pôde ser a verdadeira Igreja de Jesus Christo.

Jesus mandou (Math. XXVIII : 19 e Marc. XVI : 15) á sua Igreja que prégasse sempre sua doutrina (delle). Segue-se disto que a verdadeira Igreja deve sempre prégær a mesma doutrina, porque a doutrina de Jesus é uma, e que toda a associação religiosa que se diz christã, mas onde não ha unidade de doutrina, de fé, por isso mesmo já não pôde ser a verdadeira Igreja de Jesus Christo.

Com as mesmas palavras, Jesus mandou tambem que houvesse na sua Igreja unidade no culto, que houvesse nella o mesmo sacrificio, os mesmos Sacramentos. Segue-se d'isto, que esta unidade de culto sempre deve ser observada na verdadeira Igreja e que toda a associação religiosa que se diz christã, mas na qual não ha culto, ou que differe essencialmente no culto, por isso mesmo já não pôde ser a verdadeira Igreja de Jesus Christo.

Vejamos agora, acompanhando o autor, onde e em que Igreja se acha esta triplice unidade : *unidade de chefe visivel, unidade de doutrina, unidade de culto.*

ARTIGO III

As seitas protestantes não têm a triplice unidade. Só a Igreja Catholica a possúe.

Principio o exame a respeito da unidade com as seitas protestantes, isto é, com os methodistas, anabaptistas, luthera-nos, calvinistas, etc. etc.

Está claro que ellas não têm a unidade do chefe visivel.

Ellas, com o autor das *Noites com os Romanistas*, dão por *signal da sua unidade*, por nota característica, pela qual sua igreja pôde ser reconhçada e distinguida como a verdadeira Igreja de Jesus Christo, *sua união com Jesus Christo*. Ora, como já provámos, *esta união não existe*; muitos d'ellas, como provarei mais tarde, nem crêm em Jesus Christo como

Deus. Além d'isto, *embora essa união existisse, não poderia ser a nota distinctiva* pela qual sua Igreja pudesse ser reconhecida e distinguida das mais como a verdadeira Igreja de Jesus Christo. A razão é clara: esta união com Jesus Christo é uma cousa interna, uma cousa que escapa a toda a indagação porque não é visível, e por conseguinte não pôde ser uma das quatro notas da verdadeira Igreja de Jesus Christo a qual é *visível*, como provarei respondendo ás objecções do autor no capitulo sobre a Catholicidade da Igreja.

Emfim, e isto é quanto basta para de uma vez desenganar os protestantes e abrir os olhos a todos os que se deixaram enganar por elles, *o chefe com o qual todos os membros da verdadeira Igreja de Jesus Christo devem ser unidos*, que todos devem reconhecer e obedecer, deve ser *visível e não invisível*, é *S. Pedro redivico em seu legítimo successor* (Math. XVI: 18; João XXI: 16-17). D'ahi a palavra « Ubi Petrus, ibi Igreja ». Quereis saber onde está a verdadeira Igreja de Jesus Christo? Vêde onde está S. Pedro, vêde qual é a Igreja que reconhece por chefe visível o legítimo successor de S. Pedro. *Ora, qual entre todos os pastores dos methodistas, protestantes, etc., atrever-se-ha a sustentar que elle é o legítimo successor de S. Pedro?* (*)

Por conseguinte, as seitas protestantes não têm a unidade do chefe. Serão mais felizes os catholicos? Fazer esta pergunta já é responder-lhe. *Todos os membros da Igreja Catholica reconhecem um só chefe visível e lhe obedecem. Este chefe é o PAPA DE ROMA*, que todos reconhecem pelo legítimo successor de S. Pedro, e por conseguinte, pelo representante de Jesus Christo na terra, pelo chefe visível da Igreja da qual Jesus Christo é o chefe invisível. Emquanto ficam unidos com elle, ficam membros da Igreja Catholica; apenas se negam a reconhecer a supremacia d'elle, não são mais catholicos, mas schismaticos, e se além d'isto erram na fé, tornam-se herejes.

Este facto é tão notorio, que nenhuma das seitas protestantes se atreve a negal-o; e que o proprio autor concede que todos os catholicos fallam da séde papal como de seu laço, seu centro de união. Ha mais: esta união com o successor de São Pedro, em que vêm uma clara condemnação da sua seita, os

(*) Falta em absoluto, diz o Dr. Francisco de Macedo Costa, a todas as seitas protestantes a unidade de uma cabeça suprema commum a todas ellas. Em todos os paizes, onde a religião protestante é *official*, é o *governo* ou o *príncipe* quem representa para o protestante o poder ecclesiastico, independente de qualquer outro e este não vae além das fronteiras do proprio paiz. Do governo e do príncipe nos paizes protestantes é decidir pelos seus empregados (os pastores), toda e qualquer questão em materia de fé, admittir ou rejeitar as idéas dos incredulos na igreja protestante. Tudo está entregue ao capricho de homens, e d'isto só resulta desunião e discordia.

Nada no protestantismo da unidade que com tanto brilho e satisfação estamos vendo na Igreja Catholica. A Igreja Catholica não conhece nem raças nem nacionalidades. Ella venceu o espaço, atravessou todas as fronteiras, e é a Igreja Universal, um só rebanho e um só pastor (Cath. e Prot., pg. 56).

aborrece tanto, que exprobam aos catholicos sua obediencia ao Papa e os chamam de Papistas, de Romanistas, e que interrogados por catholicos a respeito da religião que professam, respondem: « nós somos catholicos mas não Romanos ».

Por consequente, só a Igreja Catholica tem e reconhece por chefe aquelle a quem Jesus Christo confiou o governo da sua Igreja; as seitas protestantes não o têm, nem o reconhecem, e por isso é evidente que a verdadeira Igreja de Jesus Christo não se acha no protestantismo, mas só no Catholicismo.

Mas, continuemos nosso exame sobre a unidade da Igreja e vejamos onde se acha a unidade de doutrina, com os protestantes ou com os catholicos?

O autor revolve céos e terra para provar que, neste particular, as seitas protestantes não são inferiores á Igreja Catholica; que se entre ellas ha differentes doutrinas, é sempre a respeito de pontos relativamente de pouca importancia; que essas mesmas differenças se reparam na Igreja Catholica; que esta, reflectindo no dogma da Immaculada Conceição e da Infallibilidade papal, não póde gabar-se da sua unidade doutrinal, etc., etc.

Vejamos, pois, em que vem a dar esta pretensa união das seitas protestantes:

Que o protestantismo não podia deixar de ser a mãe fecunda de divisão religiosa, já segue necessariamente de seu principio fundamental, de deixar a Biblia á interpretação particular de cada um. Este principio mina pela base toda a unidade de fé. D'ahi o facto de ter-se o protestantismo já desde a sua origem, dividido cada dia em novas seitas, de forma que é materialmente impossivel dar conta exacta do numero das que hoje existem.

A estatistica de hontem já não é mais verdadeira hoje.

Em abono do que escrevi, reproduzirei d'uma folha americana, a numerosa (ainda que incompleta) lista das seitas protestantes, que, alguns annos ha, dividiam só o Estado de Nova-York. (*)

São as seguintes: anabaptistas, baptistas, novos baptistas, baptistas livres, baptistas separados, baptistas rigorosos, baptis-

(*) Que em outros Estados não é melhor a situação religiosa, provam as seguintes palavras do Revmo. Jenkin Lloydstones, distincto pregador unitariano de Chicago, que diz:

A Igreja Romana tem unidade, defende a centralização e combinação... os homens do mundo tambem se combinam e se unem. Porém, os setecentos ministros protestantes de Chicago não estão tão unidos como os pedreiros. Cada um segue seu proprio caminho... Si estes homens cooperassem tão cordialmente por Deus como trabalham pelas riquezas, sua união tornar-se-ia maravilhosa para o bem. Mas, o que tem feito o protestantismo? O protestantismo analysou, reanalysou e definiu tanto, que hoje contamos nos Estados Unidos 17 diversas especies de methodistas, 13 especies de anabaptistas, 12 especies de calvinistas, e ao todo 350 differentes seitas protestantes. Isto não é simplesmente escandaloso, é imbecil. Cada nova denominação em materia de religiões, é um libello, — every label on religion is a libel. — É impossivel que haja schisma na tabella de multiplicação ou heresia na regra aerea.

tas liberaes, baptistas pacificos, baptistas crianças, baptistas glorias, halleluiahs, baptistas christãos, baptistas de braço de ferro, baptistas geraes, baptistas particulares, baptistas do sentimento dia, baptistas escossez, baptistas da nova communhão geral, baptistas negros, independentes ou puritanos, cameronianos, cripistas ou frizados, combellitas ou reformados, sun-kers, livres pensadores, haldanitas, huntingdonianos, irvingianos, inghanitas, saltadores, christãos biblicos, glassitas ou sandomonianos, antigos presbyterianos, novos presbyterianos, escossez congregacionalistas, quakers ou amigos, unitarianos, socinianos, moravios ou irmãos da unidade, methodistas ou wesleyanos, methodistas primitivos, methodistas ou wesleyanos reformados, calvinistas methodistas francezes, connexistas originaes, novos connexistas, swedenborghianos, irmãos da Plymouth christãos rebaptisados, mormons, kellytas, ruggletonianos, romanianos, perfeccionalistas, methodistas rogegianos, secklers, universalistas, caminhadores, rothfieldistas, discipulos amigos livres ou agapemonistas lutheranos, protestantes francezes, reformados allemães, protestantes allemães reformados, catholicos allemães ou discipulos de Romge, novos illuminados, anglicanos inglezes, anglicanos allemães, anglicanos francezes, etc... etc.

Que formigueiro ! Que agglomeração do povo protestante ! Que procissão até perder de vista ! Mas tambem que bonita união, que unidade de fé !

Mas, diz o autor das *Noites com os Romanistas* : « não é « um facto que embora haja varias igrejas protestantes, as differenças que ha entre ellas não versam sobre artigos de fé « e sim principalmente sobre pontos de disciplina ! Uma Igreja « governa-se por bispos, e chama-se episcopal; outra por um « presbytero chama-se presbyteriana; outra, funda-se sobre os « principios de liberdade de cada igreja particular ou local em « relação a outra e chama-se independente; uma usa de uma « liturgia auctorizada, outra prefere uma liturgia de sua escolha e ainda outra não tem formulas escriptas de oração e « prefere a oração espontanea; uma igreja prefere baptisar as « crianças, outra não baptisa senão os adultos; uma adopta a « sotaína preta para o prédador, outra prefere uma sobrepeliz « branca, e outra ainda não se serve nem de uma nem de outra. « Tudo isto são questões de disciplina que em nada affectam « os artigos de fé. Estas e outras coisas semelhantes, são os « unicos ou principaes pontos de divergencia que existem entre os protestantes ».

Deus do céu ! Será possível proceder com maior má fé ? Será possível mentir mais cynicamente ?

Pois bem para confundir a impudencia do autor e enganar os incautos que se deixaram engodar por elle vou al-

legar uns pontos de divergencia entre os protestantes que *não são questões de mera disciplina*, mas AFFECTAM OS ARTIGOS DA FÉ. Ou antes, para não tornar-me por demais prolixo, não allegarei senão um só ponto de divergencia, a saber, a *divindade de Nosso Senhor Jesus Christo*, e reservo-me de fallar de outras e grandes divergencias em artigos de fé, quando tratar da santidade da Igreja.

Se ha verdade, diz o autor das PERGUNTAS RESPEITOSAS, em que todas as seitas protestantes devem convir, é sem duvida esta.

Pois bem; que é do dogma da divindade de Nosso Senhor Jesus Christo entre as diversas seitas protestantes?

Muitas ainda crêm nelle com muita fé; mas quantas ha por quem Jesus Christo não é mais considerado como Deus? O pastor protestante Coquerel, de Paris, publicou ha poucos annos um livro só para demonstrar que se pôde ser muito bom protestante sem de todo ser obrigado a crêr na divindade de Jesus Christo.

Todo mundo tinha julgado durante 1900 annos que para ser christão era necessario crêr que Jesus Christo é Deus incarnado; pois é um erro crasso, segundo a opinião do pastor protestante Coquerel.

Que Jesus seja Deus ou que seja um qualquer ente sobrenatural, ou que seja simplesmente homem como os mais, que importa tudo isto? Somos christãos, diz elle, sem fazer todas essas distincções.

O douto redactor da *Revista Theologica Protestante*, publicada em Strasbourg, o sr. Colani, não reclama contra seu collega de Pariz e ensina a seus discipulos, futuros ministros do Evangelho, que se pôde muito bem prescindir de Jesus Christo sem deixar de ser christão. «Se nós tirassemos, accrescenta elle devotamente, Jesus Christo e a sua doutrina, um luto immenso atravessaria a terra; mas ficaria a fé, a fé em Deus, a vida em Deus».

Por isso, o sr. de Gasparins, esse ardente defensor do protestantismo francez, se felicitou como que d'um triumpho inesperado, de que sobre 700 ministros se encontrassem 200 que ainda acreditavam na divindade de Jesus Christo, e com razão, accrescenta G. Romain, pois hoje não se achariam dois.

Ha mais: Ouve-se proclamar nos pulpitos mais illustres da Reforma, que Jesus, o Salvador do genero humano, não era mais que um Socrates judeu, autor da melhor philosophia pratica.

Muitos, dos mais celebres ministros, representam-no como « simples rabbino, que muitos tomaram pelo Messias, de modo que elle mesmo se convenceu disso, posto que não ensinasse senão um mosaísmo mais apurado; que esse rabbino foi con-

« demnado á morte e pregado numa cruz, que *levado por morto*, voltára á vida ao terceiro dia e que finalmente depois « de se ter encontrado com seus discipulos diversas vezes, os « deixou sem que estes tornassem mais a vel-o ».

E não é em Voltaire nem em J. J. Rousseau que se encontra esta odiosa parodia do Symbolo dos Apostolos, não; é na *Theologia Christa* de Wegshneider, da qual já se fizeram sete ou oito edições e que é o manual dos estudantes que se destinam para pastores da Igreja protestante.

Será pois de admirar que aos 21 de Dezembro de 1854, um dos ministros protestantes de Strasbourg, formado segundo estes principios, o sr. Leolois proclamasse de cima do pulpito que o culto de Jesus Christo é uma superstição, censurando asperamente as seitas protestantes que ainda conservavam este resto de papismo e affirmando que era necessario pôr termo a essa idolatria tão contraria á razão como á Escriptura.

Ha ainda mais: Tendo o rei da Prussia, chefe e doutor da igreja prussiana, manifestado algumas duvidas sobre a orthodoxia dos pastores e professores da sua Faculdade de Theologia, em Berlin, o deão protestou com indignação em nome de todos seus collegas e declarou solemnemente... que?... *que Jesus tinha realmente existido!!!*

E' na verdade um esforço de fé pelo qual devemos cumprimentar os pastores de Berlin, pois ha na Allemanha collegas delles que não serão capazes de outro tanto, e que protestam não somente contra a divindade de Jesus Christo, mas até contra *a realidade da sua pessoa e da sua existencia*.

Esta, pelo menos, é a consequencia logica dos escriptos do celebre Strauss, professor de theologia protestante em Zurich, na Suissa, que levou atraz de si uma parte da Allemanha.

Ha ainda mais. Em Genebra, já ha muito tempo, a *Veneravel Companhia dos Pastores* (é assim que ella mesma se intitula) prohibiu expressamente aos prégadores (Regulamento de 3 de Maio de 1871) fallarem no pulpito da divindade de Jesus Christo. O pequeno numero dos menos adiantados que persistiam naquella crença incompativel com o livre exame, foram obrigados a fazer rancho á parte e são hoje ridicularisados pela igreja nacional com o appellido de Mômiers.

Se eu não fosse obrigado a ser breve, passaria aqui em revista *os diversos paizes protestantes* e mostraria com factos publicos e geraes como a Reforma de Luther, desenvolvendo o principio do livre exame da Biblia, abandona e renega por toda a parte o dogma sagrado e essencial da divindade de N. S. Jesus Christo, dogma sem o qual o Christianismo desapparece inteiramente (*).

(*) Quando ha poucos annos passados o Dr. A. Harnack, coripeu do protestantismo na Allemanha, escreveu seu livro, intitulado: « *Das Wesen des christen-*

Mas basta : o que acabo de referir é mais que sufficiente para exclamar com o infeliz sr. de Gasparins : *A maioria dos protestantes não é christã.*

O dogma da divindade de N. S. Jesus Christo, assim como toda a doutrina revelada, não vem senão da Igreja Catholica, depositaria da auctoridade de Deus.

Os protestantes rejeitaram essa authoridade ; não têm pois guia seguro em suas crenças, e por isso ha 400 annos os seus dogmas desaparecem uns depois de outros. Acabarão, se são logicos, por formular seu symbolo, assim como já o fez certo dia um protestante conhecido : « Já não acredito mais em nada ».

Depois de haver negado a Igreja Catholica, o protestantismo negará a Jesus Christo ; depois de ter negado Jesus Christo, negará o proprio Deus, e a sua obra estará completa.

Esta obra diabolica já está consummada em grande parte da Allemanha. Existe uma associação poderosa e muito conhecida sob o nome de *Amigos protestantes*, a qual tem (ao menos naquelle tempo tinha) por chefes os tres pastores : Ublich, Wiliceninse e Sachse. A estes tres homens juntou-se grande numero de pastores da Allemanha, e os pastores de Berlim com quem fraternisam os da França, por diversas vezes deram demonstrações de sympathia para com este *Amigos protestantes*.

Ora, quereis saber qual é a profissão de fé do pastor Ublich e de seu catecismo publico ?

« *A nossa crença é ter nenhuma* ».

« *O ente que se chama Deus, é um ente ficticio* ».

« *O verdadeiro objecto de nossa adoração somos nós mesmos* ».

E este atheismo desaforado é o protestantismo que domi-

thums, cujo pensamento fundamental é a negação da divindade de Jesus Christo, espalharam-se em tempo brevissimo 26.000 exemplares da referida obra e reproduziram-se diversas edições reclamadas pela incessante procura do povo protestante. Prova evidente de que o livro agrada e de que são communs ao povo as ideas incredulas de Harnack.

Por isto o Dr. Fischer, em plena reunião e com applauso do povo, pôde dizer : *Christo não é, e não deve ser alvo de adoração, elle não tem com relação a nós posição religiosa mas simplesmente historica, (e não vale mais do que qualquer pessoa aos tempos idos)*.

O mesmo é applicavel ao povo Suizo, cuja igreja já não é mais do que uma ruina, porque, segundo a declaração do Dr. Zahn « *nella dominam pregação de dores que já não admittem nem os dogmas nem a Biblia, que não creem nem em Deus nem na immortalidade da alma.* »

Alli tambem a maior parte do povo nega a Divindade de Christo.

Na Hollanda a situação não é muito melhor. Devido ao casino antireligioso das universidades os pregadores protestantes d'um dia para outro se tornam mais incredulos e arrastam atraz de si o povo.

E quanto ao povo inglez e americano sua descrença na Divindade de N. S. Jesus Christo é proverbial. Basta lembrar que na America do Norte tem mais do que 40.000.000 de pagãos.

Foi pois com razão que escreve o Dr. Krogh - Tønning. « *Na Allemaça, na Suissa e em todos os paizes protestantes verifica-se a triste palavra do Dr. Zahn : Tudo se dissolve : a igreja historica da reforma já não existe ; e camos dinto ao paganismo.* »

na na Allemanha do Norte, sobretudo na Prussia. E' a consequencia logica do protestantismo propriamente dito : não tem razão de ser senão com a condição de dar ao pensamento humano, completa liberdade, ou antes, completa licença. Ou é isso, ou é nada.

Depois do que ficou dito, pergunto eu que deve-se dizer das seguintes palavras do autor das *Noites com os Romanistas*:

« Pois bem : a igreja anglicana, a escosseza, a independente, a methodista, a baptista, e em geral todas as igrejas protestantes, professam todos os artigos do credo. Póde haver « differença a respeito da explicação de algumas palavras, mas « todas estão de accôrdo no principal, e estou plenamente convencido de que ha uma unidade de doutrina tão estreita na « igreja protestante como a que ha na Igreja Romana ; e quanto aos pontos de disciplina, é muito difficil determinar em « qual das duas igrejas ha maior divergencia. A verdade é « esta : os romanistas têm suas differenças, mas concordam em « submetter-as todas á decisão da séde papal que é para elles « o centro da unidade : os protestantes têm tambem as suas, « mas submettem-nas todas á auctoridade das Escripturas, as « quaes são o seu centro de unidade ».

Não parece caro leitor, que ao escrever estas palavras o espirito do impio Voltaire pairava acima do autor, sugerindo-lhe as palayras : « mentez, mentez toujours, il en restera toujours quelque chose », menti, menti impudentemente, que sempre ha de ficar alguma cousa?! Ou não contêm ellas uma mentira inqualificável? Indignado de tanta má fé n'um homem que se diz ministro de Deus, pastor evangelico, eu quizera, sem tardar, proceder a provar, que a unidade de doutrina só se acha na Igreja Catholica. Mas, as palayras que acabo de citar merecem ainda, da minha parte, alguma attenção.

Em primeiro lugar, chamo a attenção dos meus leitores para a facilidade prestigiosa com que o autor, conforme as circumstancias, *sabe deslocar o centro da unidade protestante*.

Nas primeiras paginas de seu artigo sobre a unidade da Igreja o centro desta unidade era para elle a *união com Jesus Christo*; esta união com Jesus Christo, segundo elle, podia existir entre os protestantes, embora *não fossem unidos em nenhuma outra cousa*. Aqui já temos outro centro da unidade, é *auctoridade das Escripturas* com a qual, portanto, os protestantes devem estar unidos. Ora, como combinar estas ultimas palayras do autor com as primeiras? Temos a resposta na Escripura Sagrada (Psal. XXVI: 12): « mentita est iniquitas sibi », a iniquidade mentiu em seu damno.

Em segundo lugar, nego que a Biblia possa ser guia inappellavel nas differenças de doutrina que nascem entre as seitas protestantes á sua leitura. Pois como diz o protestante Wie-

land: « um livro por divino e infallivel que possa ser, não
 « pôde ser juiz inappellavel em materia de fé; se não fórtal,
 « *que todos aquelles que o lerem e comprehenderem, pensem ne-*
 « *cessariamente da mesma maneira*, fiquem de igual modo con-
 « vencidos a não restar duvida, e não possam, mesmo queren-
 « do, achar nelle, cousa obscura, como acontece com todos a-
 « quelles que leem e comprehendem os elementos de geo-
 « metria ».

« Ora isto não se realisa nos que leem a Biblia, como já
 provamos de sobejo *pelos graves erros do proprio autor*, na ex-
 plicação dos logares da Biblia, que elle dizia serem muito cla-
 ros e faceis de entender. (*)

*Fica portanto assentado que nas seitas protestantes não ha
 unidade de doutrina, mas antes a mais deploravel divergencia
 e desunião, não em cousas secundarias, em pontos de relativa-
 mente pouca importancia, mas nos dogmas fundamentaes, co-
 mo por exemplo, na divindade de Jesus Christo.*

*Achar-se-ha esta unidade, tão necessaria, na Igreja Ca-
 tholica ?*

Nega-o o autor das *Noites com os Romanistas*. « E' ver-
 « dade, diz elle, que os romanistas estão sempre fallando da
 « sua unidade, e jactando-se de conservar entre si a mais per-
 « feita união; e, á força de repetir esta asserção, logram fa-
 « zer que alguns assim o creiam, porque uma repetição inces-
 « sante e obstinada de qualquer asserção, feita por muitas pes-
 « soas, nunca deixa de convencer alguns. Porem, apezar de
 « tudo o que dizem, não ha assumpto divergente entre os pro-
 « testantes, que não sejam tambem mais ou menos divergente
 « entre os romanistas: a questão sobre a predestinação, além
 « de outras, pôde servir como exemplo d'isto ».

Eis as palavras do autor.

(*) Eis aqui mais outros testemunhos protestantes:

Este campo (a livre interpretação da Biblia) me parece muito vasto, muito
 indefinido, para assegurar a paz das almas. vejo a grande liberdade deste culto,
 e me pergunto, o que viria a ser um Estado cujas instituições repousassem sobre
 a livre interpretação do Código Civil. Imagine-se que desordem e que anarquia
 havia forçosamente de proceder de semelhante liberdade de interpretação. O
 Protestantismo apresenta a mesma anarquia e desordem no ponto de vista mor-
 ral e dogmatica!! (Baroneza de Koerneritz: Ma conversion, pag. 27)

« Quem põe a Biblia como suprema e unica regra de fé (rejeitando a
 Tradição Apostolica, como outra fonte e regra de fé), nos diz o Dr. Delbrück,
 professor protestante de grande nomeada da Universidade de Berlim, afirma a
 respeito della uma coisa que ella não pode ser por sua natureza, não deve ser
 pela intenção de Nosso Senhor, não quer ser por seus proprios testemunhos e
 finalmente não foi admittida como tal nos primeiros seculos do christianismo!!
 (Ph. Melancthon pag. 27)

« Na verdade, diz ainda um jornal protestante de grande circulação na Al-
 lemanha, (Berl. prot. Kirchenzeitung de 29 de Março de 1856), na verdade si a
 Biblia é um código de leis e de doutrina, ella mesma precisa d'uma interpretação
 authentica, senão todo o seu fim ha de ser frustrado. Daqui segue-se com neces-
 sidade absoluta a precisão da Igreja com sua jurisdicção e com seu magisterio
 infallivel!!

Observo, primeiro ; que, *o que o que elle escreve* a respeito da força persuasiva de uma repetição incessante de qualquer asserção *é muito applicavel ás asserções falsas dos methodistas, protestantes, etc.*, os quaes, por mais que se lhes tenha provado a falsidade das accusações que fazem á Igreja Catholica, tornam sempre a repetil-as com impudencia espantosa, e por isso lo-gram enganar a muitos.

Segundo : *que é com pleno jus que a Igreja Catholica apon-ta sempre para sua união perfeita na doutrina*, como para uma das notas, pelas quaes ella póde ser reconhecida e distinguida de todas as mais igrejas como a unica e verdadeira Igreja de Jesus Christo : *pois todos os catholicos têm a mesma fé, estão absolutamente de accordo a respeito do dogma propriamente dito.* O fundamento desta união é a obediencia ao ensino da Igreja, ao qual todos os catholicos devem submeter-se sob pena de tornarem-se herejes e serem banidos do gremio da Igreja; e a existencia desta união se prova pelo facto de encontrar-se em todas as partes do mundo a mesma doutrina, ensinada pelos Bispos, prégada dos pulpitos, provada e explicada nos manuaes da Theologia Catholica e nos Catecismos.

Este facto é tão notorio que os mesmos protestantes que não se deixam arrastar pelo espirito de partido, altamente o apregoam, e que os que não podem livrar-se deste espirito, como por exemplo, o autor das *Noites com os Romanistas*, não negam a unidade da doutrina Catholica, mas se esforçam por provar que esta unidade existe tambem no protestantismo, « porque não ha assumpto divergente entre os protestantes, « que não seja tambem mais ou menos divergente entre os « romanistas ».

E por isso observo :

Terceiro : *que as divergencias dos Catholicos entre si, não são iguaes ás divergencias das seitas protestantes.* Pois 1.^o *não têm com ellas igualdade de assumptos divergentes.* Os protestan-tes, por exemplo, estão divididos a respeito de cada um dos livros da Sagrada Escriptura, a respeito da sua authenticidade, a res-peito do que se recebe na ceia, a respeito do numero, da ma-teria e forma do ministro e do sujeito dos Sacramentes, etc. (*).

(*) Não ha cousa mais vaga, mais contradictoria que a religião rotulada com o nome de protestantismo :

Ewald não crê no Espirito Santo; Koehler diz que o Espirito Santo é a terceira pessoa da SS. Trindade; Ammon escreveu que Jesus é Deus; Claudius, que é Homem, Melancton, que é Homem e Deus ao mesmo tempo. O dogma da Trindade é um artigo de fé, segundo Walch, uma superstição, segun-do Cannabich.

Assim por deante: entre os protestantes encontra-se de tudo; todos os erros acharam campeões entre elles, e mesmo todas as verdades.

Assim é que Leibnitz, Luthero, Molan, Leidler, Hospinian, Theodoro de Beza crêm na Transubstanciação. Melancton, Welker, Andrews, Bretschneider declaram que a Penitencia é um sacramento, e que o sacerdote é o intermedia-rio necessario para a administração do Sacramento.

Ora, em todos esses pontos os catholicos estão de accordo. 2.^o *Além disto, entre os catholicos nunca ha divergencia a respeito do dogma propriamente dito. Elles não entram e não podem entrar em discussão sinão sobre pontos de doutrina que a Igreja não propõe à sua crença, e que por essa razão se chamam opiniões.* Toda a opinião é livre, e nisso differe dos dogmas, dos artigos de fé propostos pela Igreja como revelados por Deus à fé dos catholicos.

Sendo livres em sustentar sua opiniao, os catholicos, os doutores e algumas vezes mesmos os bispos, sustentam e defendem opinioes oppostas. D'estas lutas doutrinaes, surgem de ordinario luzes preciosas e seu conjuncto enriquece a sciencia theologica, a qual não é simples catecismo da fé, mas o trabalho do espirito humano sobre as inabalaveis e magnificas premissas da fé.

Mas, se a Igreja julga em sua sabedoria que é conveniente definir algumas dessas doutrinas, os catholicos cessam de poder discutil-as, e crêm, porque a opiniao livre até então, pela definição da Igreja se converteu em dogma, e o que era subjectivamente duvidoso, é d'então em diante certo. E eis a razão porque tudo quanto escreve o autor (na pag. 88) a respeito da divisão que houve na Igreja Catholica, sobre a predestinação, a infallibilidade, e a Imaculada Conceição de Maria Santissima, entre diversos paizes e varias ordens religiosas, não tem nenhum valor para provar contra a unidade de doutrina na Igreja Catholica.

Sem duvida alguma estou de accordo com o autor: E' «innegavel que estas questões versam sobre coisas da mais alta importancia para a Igreja Romana», e accrescento: foi

Marheinecke sustenta com Grundwig que a Ordem é de instituição apostolica; com Leibnitz, que a Confirmação coroa a obra do Baptismo; Grotius e Augusti querem que seja conservada a Extrema-Unção; Horst e Ber de Sanden a reeditam nos Santos; Leibnitz prova a existencia do Purgatorio; Scheldon e Meyer proclamam que a oração e a intercessão dos bemaventurados especialmente de Maria, podem abreviar a duração das penas purificadoras; Krummacher quer que sejam honradas as reliquias e imagens dos Santos; Reinhard, Cowal, Tobbler, João de Muller dizem que o Papado é de instituição divina.

Poderíamos indefinidamente alongar a lista dos theologos protestantes mais famosos das tres escolas de Wittemberg, Genebra e Zurich, os quaes, sobre cada ponto de fé, estão em desacordo, ora ensinando, ora repellindo o que ensina a Igreja Catholica.

«Ainda não sei o que devo crer como protestante, diz o protestante Langsdorf; onde está a Igreja que devo professar?

Procuvo-a e não posso encontrá-la. A profissão de fé de Lutero não pode servir de regra para as gerações futuras.

Em vão se tem procurado harmonisar um pouco essa miscellanea, já appellando para a authoridade, já invocando a tradição. Nenhuma tentativa chegou a dar resultado, porque a authoridade e a tradição estão em opposição formal com o espirito e principio do protestantismo, que é o livre exame.

«Quero que me proveem, diz Zimmerman, que, em negocios de crença, sou obrigado a submeter-me ás decisões de quem quer que seja: porque então faço-me catholico amanhã, e não haverá homem sensato que não faça o mesmo».

devido a esta importancia que houve na luta tão forte entre diversos paizes e diversas ordens religiosas.

Porém, quando houve esta luta renhida? Só quando a infallibilidade do Papa e a Immaculada Conceição ainda *eram opiniões livres*, e enquanto ainda não tinham sido declaradas dogmas de fé, enquanto ainda não foram propostas como verdades reveladas por Deus à fé dos catholicos.

Mal porém a Igreja definiu em 1855 a Immaculada Conceição de Maria Santissima e em 1870 a infallibilidade do Papa *toda a luta cessou como por encanto*, os adversarios curvaram a cabeça, sujeitaram seu entendimento, e levantando as mãos para o céu, disseram, como outr'ora os Padres d'um Concilio Ecumenico: «Roma locuta, resfinita. Roma fallou, acabou-se a luta; crêmos com intima persuasão que o Papa quando falla ex-Cathedra, sobre assumpto de fé e de costumes, é infallivel; crêmos com intima persuasão que Maria Santissima foi concebida sem peccado original».

Portanto, tal proceder não é a prova mais clara, mais convincente da unidade que ha na Igreja Catholica? Antes da definição ecclesiastica, quando o ponto em litigio ainda é opinião livre, ha divergencia; apenas ouviu-se a definição, a opinião livre converteu-se em dogma de fé, cessou a luta, reinou a mais intima união.

Sim, a Igreja Catholica e só ella é uma: uma em seu chefe, uma em sua doutrina, *tambem uma, como vamos vêr agora, em seu culto*.

Que a verdadeira Igreja de Jesus Christo deva tambem ter um culto, é tão evidente que não precisa de prova. Não menos evidente é que este culto deve ser um.

Em que porém consiste esta unidade de culto? Por ventura, em que se observem, em todos os tempos e em todos os paizes, sempre os mesmos ritos?

Não; pois isto é impossivel, attentas as mudaveis circumstancias de tempos, povos e logares. Consiste, portanto, nisto: *que todos os catholicos de todos os tempos consideram e consercam certos e os mesmos ritos como instituidos por Jesus Christo*.

Segue-se d'isso que pôde haver na mesma Igreja uma grande variedade de ritos exteriores, isto é, ritos que se observam em uma parte da Igreja e em outra não, sem que esta variedade affecte a unidade do culto, que sempre fica o mesmo. A unidade do culto perder-se-ia, se apezar da solemne definição da Igreja, uma parte dos catholicos sustentasse que qualquer rito fosse instituido por Jesus Christo, outra parte o negasse. Desde já estabeleço este principio, porque valer-me-hei d'elle contra o autor, no que vae seguir.

Vejamos agora que é da unidade do culto entre as seitas protestantes?

Coitados! A maior parte d'elles não têm culto algum; outros reúnem-se de vez em quando num templo para ouvirem o sermão de seu pastor, com quem ás vezes não concordam na doutrina prégada, e para cantar alguns psalmos; mas outros, além d'isto, ainda imitam a ceia que Jesus fez com seus discipulos, na noite da sua Sagrada Paixão, e administram algum sacramento: um, dois ou tres, conforme a crença da seita. N'uma palavra: a Reforma, tirando aos protestantes o sacrificio da Missa, rejeitando a maior parte dos Sacramentos, privou-lhes da unidade de seu culto, e todos os esforços dos que a seguiram para restabelecerem a unidade d'este culto mallograram-se e não surtiram effeito algum.

O protestantismo, é facto notorio, não tem culto, e no culto que aqui e acolá ainda parece ter, não tem unidade alguma: tudo nesta apparencia de culto, é arbitrario, e tudo fica em pé, enquanto dura o capricho, e a convenção cujo filho é. (*)

Poder-se-ha dizer a mesma cousa do culto na Igreja Catholica?

Não: oppõe á frieza cadaaverica do protestantismo o calor vital do Catholicismo. Aqui tudo vive: aqui toda a creatura animada e inanimada, concorre para augmentar o brilho do

(*) Em abono d'esta verdade eis aqui a ultima novidade cultural dos protestantes, que tirámos do *Estandarte Catholico*:

Generalisa-se actualmente, nos Estados Unidos, nos serviços de Anabaptistas, Presbyterianos e Methodistas o emprego de grandes côros de assobiadores que acompanham psalmos e canticos com agudos silvos dando aos circumstantes não informados da nova usança, a idea de que o templo está habitado por grandes colonias de serpentes. Assim é queahi se assobia desde a *Traumerei* de Schumann, até a marcha nupcial do *Sonho de uma noite de estio*, de Mendelssohn e o *Andante* da *Sonata do Luar* de Beethoven!

O effeito é admiravel e o auditorio sente-se arrebatado com as modulações e inflexões dos assobios. Como acompanhamento, em algumas igrejas pensa-se no adaptação das *serenas* dos navios de guerra e apitos de lanchas e locomotivas, a que está de accordo com o espirito sempre grandioso dos americanos.

Na igreja da *Lexington Avenue*, em Nova-York, immensa concurrencia apinha-se aos domingos para ouvir Miss Louise Truax que, durante o serviço, ora executa, sempre a assoviar melodias célebres, ora imita a voz dos passaros, como si no côro houvesse immenso viveiro, tal a sua habilidade artistica.

Falla-se na organização de sociedades para a propagação do assobio.

Em breve os grandes oratorios de Händel, *Judas Macchabeu* e o *Messias*, serão executados em diversos templos reformados de Nova-York e de outras cidades americanas com o auxilio de poderosas massas choraes de assobiadores, reforçadas por grande orchestra organizada *ad instar*, em que artistas, empregando instrumentos especiaes, farão ouvir tanto os rugidos do leão e os bramados do elephante como os pios dos mais exóticos passaros: tudo no meio das magnificencias dos desenvolvimentos dos grandes poemas.

Assim é que os urros dos animaes ferozes e o sibilo das serpentes, que reforçam a orchestra no grande *ario* de *Judas Macchabeu*, « *Vede-o que rem coberto de glorias* » contrastarão com o pipilar dos passaros da passagem estupenda de doçura melodica da invocação: « *O Senhor! guarda o pastor de teu rebanho* ».

Tudo isso consegue-o o assobio. Incomparavel a musica dos methodistas! Parece incrível que os grandes orchestradores e manejadores de massas choraes que foram Wagner, Berlioz e Lizst tenham desprezado esse potente meio de expressão musical, hoje empregado pelos pastores protestantes.

O assobio é a onomatopéa dos animaes, eis em duas palavras a musica do futuro... para anabaptistas ou methodistas.

Pobre Wagner, posto no chinello por um *rec.* Smith ou Wilson qualquer!

culto; aqui todo o culto é rodeado de solemnidades imponentes e pomposas, que fallam tanto ao espirito como ao coração, e tem por fim facilitar ao homem o culto que lhe pede sua religião. E este culto é um em toda a Igreja Catholica, apesar da diversidade das formas exteriores de que se reveste.

Pois todos admittem certos e sempre os mesmos ritos, como instituidos por Jesus Christo: todos admittem o santissimo sacrificio da Missa: todos admittem os sete Sacramentos.

Mas eis uma cousa que as seitas protestantes não podem comprehender: não entendem nada da vida espiritual da Igreja Catholica; e não querem vêr em muitas destas cousas senão superstições ridiculas, ou, o que peor é, idolatria execranda.

Meu intento, porém, neste artigo, não é defender o culto dos catholicos contra os ataques do autor, e dos methodistas e protestantes.

Em seu livro *Noites com os Romanistas*, o autor trata do sacrificio da Missa, da invocação e do culto dos Santos, e da Virgem Maria; é alli que eu o espero, para defender o culto catholico da accusação de superstição, idolatria, etc.

Neste artigo pretendo apenas defender contra o autor e todos os protestantes, a unidade do culto catholico. Portanto, não á obra para remover as difficuldades movidas pelo autor.

A primeira difficuldade apresentam ao autor *os varios ritos que existem entre as ordens religiosas*.

Damos-lhe a palavra: «E' muito notavel a differença que « existe entre os ritos das varias ordens monasticas. Pode-se « dizer com verdade que cada ordem é reconhecida por suas « formulas particulares, por suas orações, por seus rosarios, « por suas festas, por seus dias santos e por seus deveres religiosos, de sorte que todas ellas se differencam entre si, por « suas formulas e ritos, do mesmo modo exactamente que se « differencam as nossas igrejas protestantes ».

Que direi a estas palavras do autor? Serei o primeiro em reconhecer esta variedade de ritos entre as ordens religiosas; o ultimo, porém, em subscrever a conclusão que della tira o autor. Ou póde esta variedade de ritos affectar a *unidade do estado religioso*, que é um culto de Deus, approvado, aconselhado por Jesus Christo no Evangelho (Math. XIX: 12-21), mas não imposto a ninguém por causa da sua elevação, como todos os catholicos de todos os tempos reconheceram? Em que consiste a essencia do estado religioso? Nos trajes que vestem os membros; nas cruzes, nos rosarios que trazem consigo; nas festas e dias santos que têm; no santo a quem honram como o seu fundador, cujo nome tomaram para si, cujas regras observam, cujas virtudes imitam? Não; nada de tudo isto. Estas cousas são de méra instituição ecclesiastica, e, por consequente,

podem ser mudadas, ou mesmo, abolidas pela Igreja, sem prejuizo da unidade de seu culto.

Consiste na applicação á perfeição pela observancia dos tres conselhos evangelicos: a obediencia, a castidade, a pobreza voluntarias. Quem faz estes tres votos, é religioso: qualquer que seja, aliás a ordem á qual pertença, qualquer o habito que vista, quaesquer os ritos que observe.

Por consequente, a variedade de ritos, tão inexplicavel para o autor das *Noites com os Romanistas*, em nada affecta a unidade do culto tributado a Deus, o qual consiste na observancia dos tres conselhos evangelicos. E muito errado anda o autor quando diz que a differença entre as ordens religiosas é semelhante á differença que se observa entre as seitas protestantes, pois ao passo que esta é interior e affecta tanto a doutrina como o culto; aquella é só exterior e não affecta nem a doutrina nem o culto.

Mas o autor tem outras difficuldades. Quero responder a todas para que não diga que me falta a resposta.

« Eu presenciei, assim escreve, na Igreja da Propaganda
« da Fé, em Roma, durante a festa da Epiphania, nada me-
« nos de cinco Igrejas representadas, a saber: a grega, a ar-
« menia, a syriaca, a coptica e a nestoriana, as quaes á uma
« com a Igreja Romana, celebravam de differentes modos e
« em altares diversos, a Ceia do Senhor. As cerimónias eram
« differentes, o culto differente, as formas do culto differentes,
« as linguas differentes; em summa, nunca presenciei uma
« differença tão grande no modo porque as igrejas luthera-
« na, episcopal, presbyteriana, independente, etc., da commu-
« nhão protestante, celebram a Ceia do Senhor, como a que
« observei entre aquellas secções das igrejas orientaes, que se
« tem reunido á communhão Romana. Tenho presenciado sete
« differentes formas, sete differentes liturgias, sete differentes
« linguas, sete differentes modos de celebrar a Ceia do Senhor,
« e tudo isto na Igreja de St. Andrea delle Valle, em Roma.
« Tenho presenciado todos os ritos gregos em uma igreja gre-
« ga, todos os ritos armenios em uma igreja armenia, dessa
« mesma cidade. Toda a diversidade de doutrina, liturgia, dis-
« ciplina e lingua, é formalmente permittida e sancceionada,
« com tanto que todos respeitem um só ponto, a saber: a sub-
« missão ao Pontifice Romano; e isto chega a tal ponto, que
« em algumas concordatas ha clausulas, reservando para dif-
« ferentes paizes o direito de usar de sua propria liturgia, ri-
« tos e lingua com preferencia aos das Igreja Romana » (*).

(*) Protesto contra a nota do autor dizendo, que, pouco tempo depois da reforma o Papa offereceu sancceionar o *liero de oração commum da igreja anglicana* apesar de todo o protestantismo que contem, contanto que essa igreja reconhecesse somente a authoridade da sede papal: Isto é falsificação da Historia.

« . . . E, portanto, conclue o autor, a Igreja Romana é a
« ultima Igreja da christandade, que deve apontar com desprezo
« as differenças ou divisões do christianismo protestante, ou
« que deve fazer da unidade uma marca ou signal indispen-
« savel da Igreja verdadeira ».

Como vêdes, caro leitor, a objecção parece séria, e (exceptuando-se aquella diversidade de *doutrina* que ella diz ser permittida e sancionada, respeitando-se a submissão ao Pontífice Romano), parece à primeira vista não ser destituida de algum fundamento. Contudo, repetimos a mesma pergunta: Em que consiste a falta de unidade do culto; quando é que esta unidade deixa de existir?

Acaso será quando este padre celebra a Missa em latim, aquelle em grego, esse na lingua syriaca? Será quando se vêm esses padres seguirem as varias liturgias, quando o Papa dá licença a qualquer povo de seguir a liturgia propria do paiz e servir-se nella da lingua patria.

Não; esta unidade só faltará quando uma parte da Igreja Catholica deixar de observar e considerar como instituido por Jesus Christo qualquer rito, que, segundo a doutrina da Igreja, é instituido por elle.

Esta falta dar-se-ia por exemplo, se alguma liturgia não considerasse mais a Missa como instituida por Nosso Senhor Jesus Christo, ou contra a doutrina da Igreja sustentasse que tal parte essencial da Missa não é parte essencial della e por isso não a observasse, ou se rejeitasse qualquer dos sete Sacramentos.

Neste caso, sim; o autor poderia dizer com razão que a Igreja Catholica devia ser a ultima em apontar com desprezo as divisões do christianismo protestante, ou em fazer da unidade um signal indispensavel da Igreja verdadeira. Porém, enquanto a differença só versar sobre a lingua de que usam as diversas liturgias, sobre o numero de genuflexões, de orações, sobre a diversa forma dos paramentos de que se revestem os padres; numa palavra: sobre contingencias que não affectam a doutrina e pratica da doutrina, o autor não tem nada que censurar, porque a Igreja póde nisto fazer o que quizer, ella é senhora de si, recebeu sua auctoridade em cousas disciplinares ou liturgicas do proprio Jesus Christo (Math. XXVIII: 18, 19) e não precisa da licença do autor das *Noites com os Romanistas*.

A mesma resposta pode-se dar a tudo o que o autor acha bom dizer a respeito do culto religioso dos differentes paizes catholicos da Europa, particularmente no culto publico, não tanto na Missa, que diz elle, ainda conserva uma especie de unidade, mas em quasi todos os mais actos do culto: as ora-

ções, as ladainhas, os rosarios e as festas, são todas diferentes.

Vou referir suas palavras, mas antes de o fazer, protesto indignado contra esta impudente mentira do autor, da qual, depois de sua morte, dará conta a Deus, seu Juiz, a saber: « que toda a gente que tem viajado, sabe a immensa differença « de opiniões que existe a respeito da infallibilidade, do culto « da Virgem Maria, do grau do culto devida ás imagens e « pinturas, das indulgencias, etc. »

Quem se vê obrigado a recorrer em defesa da sua causa a taes mentiras, já prova só por isso mesmo, que está patrocinando uma causa desesperada e perdida.

Agora vou occupar-me das palavras do autor: elle refere algumas scenas que diz ter presenciado, a alguns membros da Igreja Catholica na Inglaterra; pois, como já disse em meu prologo, o autor é inglez. Ora, esses, ou muitos inglezes segundo elle, sempre protestavam contra o que ouviam, dizendo que não se deve julgar os catholicos romanos da Inglaterra pelo character dos catholicos romanos de outros paizes.

Depois o autor continúa: « Se os catholicos romanos da « Italia adoram ossos e trapos sujos (dos Santos), crendo que « têm uma virtude milagrosa, e os catholicos romanos da Inglaterra recusam tudo isto com desprezo e indignação, segue-se que não ha unidade entre aquelles e estes ».

Respondo: Nenhum catholico, qualquer que seja o paiz onde more, *adora* ossos e trapos sujos (sic) dos Santos. Logo, os catholicos inglezes, reprovando essa *adoração*, mostravam sua unidade na fé com os da Italia. E se o autor disser, que pela palavra *adoração* entende *veneração*, respondo que nenhum catholico inglez a reprovará, porque reprovando-a como cousa má, deixaria de ser catholico no mesmo momento e não provaria nada contra a unidade catholica; e se continuar a sustentar que na presença d'elle os catholicos inglezes a reprovaram, respondo: que não foi a propria *veneração* que reprovaram, mas a *veneração da sujudade* d'aquelles trapos, cousa em que o autor, como controversista, cheio de astucia serpentina e má fé diabolica, não terá deixado de insistir muito, descrevendo scenas pouco delicadas.

O autor continúa: « Os catholicos romanos da Hespanha « crêm em imagens e pinturas milagrosas e com isto perdem « tempo e dinheiro. Se, pois, os catholicos romanos da Inglaterra vituperam e desprezam taes superstições, claro está que « sua fé e pratica não estão em conformidade com a fé e pratica dos catholicos romanos da Hespanha ».

Respondo: uma cousa é crêr que uma imagem determinada não é milagrosa; outra cousa é crêr que de todo não ha imagens milagrosas.

Talvez os catholicos inglezes, conversando com o autor, negassem que tal imagem determinada fosse milagrosa; e d'isto não se póde deduzir nada em prejuizo da unidade catholica. Mesmo se os catholicos inglezes, em geral, sustentassem que não ha imagens milagrosas, mostrariam, sem duvida, pouco conhecimento da historia, enunciariam uma proposição temeraria, falsa e dura aos ouvidos piedosos, mas não perderiam a fé, não romperiam a unidade catholica, porque, afinal das contas, a Igreja Catholica nunca definiu como artigo de fé, que ha imagens milagrosas. Mas, não é preciso que entremos em tantas particularidades, pois é um facto que na propria Inglaterra ha imagens milagrosas, como por exemplo, as imagens e pinturas de Nossa Senhora do Perpetuo Soccorro, e tambem fé nellas, pois grande parte dos catholicos inglezes visita todos os annos os santuarios, onde se veneram imagens milagrosas de Nossa Senhora: basta vêr quantos catholicos inglezes visitam todos os annos Nossa Senhora de Lourdes, na França.

Segue-se que nem d'esta vez o autor foi feliz.

Mas, continúa: « Se milhões de pessoas na França lêem e « crêm as doutrinas mais extravagantes a respeito da Virgem « Maria, e se os catholicos romanos da Inglaterra recusam e « condemnam os livros que ensinam estas cousas, é evidente « que não ha unidade entre uns e outros sobre taes pontos ».

Respondo: quaes são as doutrinas que catholicos inglezes recusam crêr?

São artigos de fé, como por exemplo que a Santissima Virgem Maria é a Mãe de Deus, que Ella é concebida sem peccado original, que Ella ficou sempre Virgem, antes, durante e depois do parto? Se não acreditam n'isto, elles não são mais catholicos, *mas herejes*, e o autor não tem direito de os chamar catholicos inglezes e de aproveitar-se do testemunho d'elles

Se não são artigos de fé, mas opiniões livres, como por exemplo, que Ella desce todos os sabbados ao Purgatorio, para libertar seus servidores, etc..., etc..., elles podem, embora sua asserção muitas vezes haja de ser temeraria e contraria aos sentimentos dos bons filhos de Maria Santissima, negal-as sem perder a fé e sem prejudicar a unidade catholica, como já provamos neste artigo.

(Convido meus leitores e o autor para que releiam o que alli ficou dito).

Mas, para honra dos catholicos inglezes, eu nego absolutamente que elles sejam mais difficeis em admittir opiniões livres, que sirvam para exaltar a Santissima Virgem Maria, do que catholicos de outros paizes.

Quem entende um pouco do movimento catholico da Inglaterra, sabe quantos livros em honra da Santissima Virgem Maria sahiram dos prélos, quantos ainda sahem d'elles todos os

dias, livros cheios de louvores e encomios Marianos, livros em que se vêm as mesmas doutrinas que o autor taxa de extravagantes. E se é verdade, repito-o, que na presença do autor alguns catholicos reprovaram essas opiniões, não foi tanto, porque reprovaram as próprias opiniões; mas as opiniões nos termos em que lhes foram propostas pelo autor, isto é, opiniões adulteradas pela astucia e pela má fé d'elle.

O autor tem mais outras cousas que dizer.

Estou as ordens: « Se toda a população de alguns paizes « crê que pôde comprar missas e alliviar deste modo as almas « de seus amigos no purgatorio, ensinando-lhes os padres a « crêr nisso e vendendo estes mesmos as missas, e se os catho-
« licos romanos da Inglaterra recusam e condemnam esta « pratica, é claro que não têm a mesma crença dos catholicos « romanos daquelles paizes ».

Respondo; todo este trecho é mentira desde o principio até o fim.

Em nenhum paiz, nem na Inglaterra, nem fóra della, os catholicos consideram a Missa como uma mercadoria que compram a preço de dinheiro; todos sabem que as cousas espirituaes não se podem comprar nem vender por cousas temporaes; mas sabem tambem que os padres que tratam dos interesses espirituaes dos fieis, têm direito de esperar dos fieis que tratem dos interesses delles (dos padres) segundo as palavras de S. Paulo (I Cor. IX: 13): « Não sabeis que os que traba-
« lham no santuario comem do que é do santuario, e que os « que servem ao altar participam juntamente do altar?» E por isso consideram-nos como uma obrigação de justiça, darem aos padres, em remuneração e como esportula da Missa que nestes celebram, algum dinheiro para auxiliar-os tanto nas despesas necessarias para a celebração da Missa, como no sustento da vida.

Tal é a crença e a pratica dos catholicos inglezes e dos de outros paizes.

O mesmo deve-se dizer da crença que a Missa é um dos meios mais efficazes para libertar as almas que estão penando no purgatorio; tanto os catholicos inglezes como os de outros paizes, concordam nesta crença.

Mas, o autor refere-se a um costume que existe na Italia, onde por causa da vivacidade da sua fé, o povo manda dizer grande numero de Missas para as almas do purgatorio.

Alli, em algumas occasiões, sobre tudo na occasião de romarias, um padre para satisfazer ao povo que vem em grande numero para mandar celebrar Missas, assenta-se a uma meza, nota num livro todas as Missas que se pedem, recebe o dinheiro, a esportula, e passa a quem as mandou um recibo.

Quem pôde vêr nisto alguma cousa extraordinaria? Como

deduzir disto uma objecção ridicula e pueril contra a unidade Catholica?

Ninguém a não ser o sério (?) autor das *Noites com os Romanistas* que se incumbiu de provar a torto e a direito que o culto catholico não é um. Se esta pratica não se vê na Inglaterra, bom; é só porque alli não ha esta affluencia de gente que no mesmo momento pede Missas; se houvesse, esta pratica alli tambem seria introduzida. Nem vale a pena explicar o recibo que os padres passam a quem mandou Missas; pois os que offerecem aos padres Missas precisam muitas vezes do recibo porque vieram com essas Missas mandadas por outras pessoas ou porque essas Missas são disposições testamentarias e é preciso dar conta aos herdeiros do dinheiro destinado para este fim.

Mas, agora eu pergunto por minha vez: de que vive o autor das *Noites com os Romanistas*? de que vivem os senhores pastores methodistas e protestantes? (*) Será só do ar? Se elles não recebessem um dinheirão dos fieis ou das Sociedades Biblicas, ou da America, ficariam pastores? Haveria sempre muitos padres catholicos que continuassem seu ministerio se não recebessem emolumento algum; como se vê actualmente na França depois da lei da separação do Estado e da Igreja, mas duvido muito que se achasse um só pastor methodista e pro-

(*) A excellente revista catholica *O Pharol*, do Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul, offerece á apreciação de seus leitores os seguintes pedaços com relação aos cultos protestantes: «Ha dias um órgão da imprensa local declarára não cobrarem os protestantes coisa alguma pelos serviços religiosos prestados por elles aos seus adeptos. No entretanto, a «nova diocese protestante» fundada ha pouco tempo no Lageado, decretou nós seus estados a seguinte tabella publicada na *Federação* de 3 de Novembro de 1905. Eil-a:

§ 18. Os emolumentos para os actos e funcções religiosas* serão das seguintes quantias:

a) pelo baptismo effectuado no edificio da igreja no dia de culto divino será de quatro mil reis (4\$000), em outros dias o dobro; exceptuados serão os baptizados de creanças de idade menos que seis mezes, pelos quaes se pagará como no primeiro caso.

b) pela confirmação inclusive o ensino na religião evangelica e a respectiva certidão, seis mil reis (6\$000).

c) pelo enterro, dez mil reis (10\$000).

d) pelo casamento religioso no edificio da igreja, cinco mil reis (5\$000), em casa dos nubentes, dez mil reis (10\$000).

Todos os emolumentos se pagarão ao thesoureiro da comunidade».

E são elles (os protestantes) que ousam gritar: os padres catholicos por tudo levam dinheiro. Melhor seria-lhes ficar calados que dizerem á bocca cheia: nós não cobramos nada pelos nossos serviços religiosos.

Na verdade, ha seitas protestantes que não cobram coisa alguma dos seus adeptos nas funcções religiosas, mas em compensação:

1.º Cada um de seus pastores e semi-pastores recebe uma contribuição mensal das sociedades biblicas da Inglaterra ou dos Estados Unidos da America do Norte.

2.º Toda e qualquer pessoa que se torna protestante paga uma contribuição mensal á comunidade Evangelica a que pertence.

3.º Todas as vezes em que ha serviço divino destaca-se um membro da comunidade para pedir esmolas aos fieis presentes.

4.º Todas as despesas de viagens e hospedagens, ou da mudança do pastor de um lugar para outro são pagas pelos adeptos.

testante que continuasse a pastorear seu rebanho sem ganhar um dinheirão.

Por conseguinte, também aqui o autor não foi feliz.

Vamos ouvir sua ultima objecção contra a unidade catholica do culto: « Se uma multidão de pessoas de algumas terras « crê que pôde expiar seus peccados por meio de praticas do-
« lorosas, absurdas e supersticiosas, como a de andar sobre os
« joelhos nús até que o sangue corra a jorros (ai! coitados), e
« se os catholicos romanos da Inglaterra recusam ter a mesma
« crença ou cumprir com a mesma penitencia, esta mesma re-
« pulsa é prova positiva de que na Igreja Romana existe uma
« grande differença de crenças e praticas e que lhe falta esta
« unidade que tanto se gaba ».

Pobre autor das *Noites com os Romanistas*, ainda d'esta vez sahiu-se muito mal. Não; os catholicos romanos da Inglaterra não *recusam* CRER que os peccados, quer dizer, as penas dos peccados já perdoados, podem ser expiados por penitencias dolorosas; sabem como Jesus Christo expiou nossos peccados, com sua dolorosa paixão, sabem a que penitencias tantos membros da Igreja Catholica de todos os tempos, todos os paizes, todos os sexos, todas as classes da sociedade se têm condemnado para a expiação dos peccados. Logo não ha divisão na crença, todos admittem as palavras de Jesus Christo:

« *Se não fizerdes penitencia* (de vossos peccados) *todos perecereis* ». Sim, pôde ser que muitos catholicos inglezes não achem forças nem gostos para os imitarem; mas isto em nada affecta a unidade da fé ou do culto, porque tem muitas especies de penitencias, e qualquer d'ellas é boa emquanto a Igreja não a reprova.

Quem não se admirará ouvindo depois de tudo isto dizer ao autor: « A experiencia propria me tem demonstrado que este « modo de argumentar é o melhor para fazer calar certa classe « de pessoas? » Pois todas as suas objecções são tão pueris, que a menor parcella de bom senso basta para refutal-as.

Se o autor, com ellas, fez calar certa classe de pessoas, era sem duvida a classe *dos bobos, dos patetas, dos simpliciorios*; todos os demais lhes teriam dado boa resposta.

Mas, o autor em seu capitulo sobre a unidade da Igreja fallou ainda em duas cousas.

O autor, num bello dia, perguntou a alguns catholicos, se os protestantes, apezar de estarem fóra da Igreja Romana, podiam salvar-se. Estes, responderam - que sim. Depois elle lhes lêu alguns artigos de fé, que os catholicos admittem e os protestantes rejeitam, e repetiu as palavras do symbolo de S. Athanasio (não do symbolo Niceno, como o autor astutamente parece indicar): « Esta é a verdadeira fé catholica fóra da qual « ninguém pôde salvar-se ». E tornou a perguntar: « Eis pois

« um artigo de fé: crêdes nelle? Esta simples pergunta (conclue em seguida), foi sufficiente para introduzir a divisão « entre elles ».

Tudo quanto narra aqui o autor, serve só para provar, mais uma vez, que as pessoas que elle costuma fazer calar só pertencem á classe dos bobos, dos patetas e dos simplórios, pois por mais fraco que alguém seja na instrução da Religião Catholica, á pergunta do autor não lhe faltaria a resposta.

A resposta é: Sim, fóra da Igreja Catholica não ha salvação: e, por isso, os methodistas, os protestantes, etc., *continuando a rir scientemente na sua heresia*, isto é, continuando a ser methodistas, protestantes, etc., como sabem que o methodismo e o protestantismo não são a verdadeira Igreja de Jesus Christo, mas seitas hereticas que se separaram da verdadeira Igreja, a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, não podem salvar-se, porque scientemente estão fóra da verdadeira Igreja de Jesus Christo, e, por isso, não fazem parte da unica Igreja salvadora.

Mas os methodistas e protestantes que *que erram de boa fé*, que por ignorancia invencivel (e por isso não culpavel), julgam que sua religião é a verdadeira religião de Jesus Christo e por isso ficam nella *estando sempre promptos para a deixarem logo que cheguem ao conhecimento de que erraram*, e que a Igreja Catholica Apostolica Romana é a verdadeira Igreja de Jesus Christo, elles sim, *sendo baptisados validamente e não tendo peccado mortal na consciencia, no momento da morte*, podem salvar-se porque *não* estão fóra da verdadeira Igreja de Jesus Christo, *pertencem á alma da Igreja Catholica* pela disposição interior de seu coração, pela qual estão promptos a admittir a fé Catholica; *mas não pertencem a seu corpo*, porque não professam a doutrina Catholica que inculpavelmente, julgam ser falsa. E com esta resposta fica salvo o principio: que « fóra da Igreja Catholica não ha salvação ».

Para concluir o capitulo sobre a unidade da Igreja, vou citar a ultima objecção, do autor. E' uma objecção com a qual espera fechar para sempre a bocca a todos os defensores da unidade catholica; pois pergunta a seu interlocutor se entende bem qual é a força desta objecção. Pois bem, eis-a: « Supponhamos o caso de um judeu, mahometano ou hindú, a quem se pede que se faça christão, e que elle recusa, dizendo que não ha verdade no Christianismo. Discutindo o ponto diz elle que as Igrejas Christãs estão divididas entre si, quando pelo contrario, devem estar unidas; que ha muitas Igrejas, a romana, a grega, a protestante, as asiaticas: que sendo *um* o Christianismo e *uma* a Igreja de Christo, e desejando Jesus que fosse *um* seu povo, nenhuma dellas pôde ser Igreja verdadeira de Jesus Christo, e que portanto, não

« pôde haver unidade no Christianismo. O argumento do Romanista contra as igrejas protestantes é inteiramente analogo ao do judeu, mahometano ou hindú, contra as igrejas christãs em geral, e, portanto, se este argumento tem alguma força contra o protestantismo em razão das suas divisões, tem-na igualmente contra o Christianismo em razão das suas. E' por outro lado, se o christão pôde encara com justo desprezo a objecção do judeu, mahometano ou hindú, contra o Christianismo, com igual razão pôde o protestante encara com justo desprezo a mesma objecção do Romanista contra o protestantismo ».

Respondo : « muita palha e pouco grão ». « muita parra e pouca uva » : pois o argumento do Romanista, isto é, do Catholico Apostolico Romano, absolutamente não é analogo ao do judeu, mahometano ou hindú que fallam em divisão entre as *Igrejas Christãs*. Para elle, isto é para o catholico, não ha Igrejas Christãs, para elle ha só *uma* Igreja Christã, é a Igreja Catholica Apostolica Romana : as *outras associações*, ou sociedades religiosas, para elle *não passam de seitas* que não têm direito algum ao nome de Christão. Catholicismo e Christianismo para elle são um. *Fôra da Igreja Catholica Apostolica Romana elle não reconhece Christianismo*. Christãos para elle são só os Catholicos Apostolicos Romanos : os outros que escolham para si o nome que quizerem : em todo o caso não são Christãos.

Christão é *só aquelle que crê e pratica tudo quanto Jesus ensinou e mandou, e que a Igreja lhe propõe para crêr e praticar*.

E com esta resposta despeço-me do autor para de novo encontrar-me com elle no capítulo seguinte, onde trata da Santidade da Igreja.





CAPITULO III

A SANTIDADE DA IGREJA

Depois de seus esforços mallogrados para apagar a primeira marca indelevel a da *unidade*, que Jesus Christo, para provar-lhe a origem divina e distinguil-a de todas as mais seitas religiosas, imprimiu na fronte da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, o autor das *Noites com os Romanistas*, vae tentar a mesma cousa a respeito da *Santidade*, outra marca indelevel que Jesus deu á sua Igreja.

Escusado, de certo, será dizer, que neste capitulo, assim como nos dois precedentes, a heresia do autor se mostra sob seu costumado caracter de duplicidade, que com sophismas especiosos e falsas interpretações da Escripura Sagrada ou de factos historicos engana os leitores para tirar-lhes o precioso thesouro da fé e arrastal-os ao erro.

Vejamos, pois, o que escreve a respeito da santidade da Igreja; e para procedermos com ordem, methodo e precisão, cousas, das quaes o autor diz gostar muito, mostremos em tres artigos: 1.º, que as seitas protestantes não têm a marca de santidade que deve ter a verdadeira Igreja de Jesus Christo; 2.º, que esta santidade é a nota caracteristica só da Igreja Catholica, Apostolica, Romana; 3.º, que é muito facil responder a todos os sophismas do autor.

ARTIGO I

As seitas protestantes não têm a marca de santidade que deve ter a verdadeira Igreja de Jesus Christo

Que a verdadeira Igreja de Jesus Christo deve ser santa, é tão evidente, que o autor das *Noites com os Romanistas* não se atreve a negal-o. Por isso diz: «A Igreja deve ser uma Igreja santa». Porém, que esta santidade seja a nota caracteristi-

ca só da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, nisso não pôde convir. Pelo contrario, diz com expressas palavras: «não vêr « motivo algum para que se possa dizer que a Igreja Romana « é mais santa do que a protestante». Farei portanto uma obra de misericordia espirital, esclarecendo-lhe o entendimento e dissipando-lhes as trévas.

Todos concordam em que a verdadeira Igreja de Jesus Christo é santa por muitas razões.

Ella é santa *por causa de seu Fundador*, que é a propria santidade;

Ella é santa *por causa de seu fim*, que é a santificação do mundo;

Ella é santa *por causa de sua doutrina*, que é santa a não mais poder ser.

Ella é santa *por causa de seus meios de santificação*, que são os sacramentos;

Ella é santa *por causa de seus fructos de santidade*, que são os santos;

Ella é santa *por causa de suas provas de santidade*, que são os dons do Espirito Santo e os milagres.

Segue-se d'isto, que se o protestantismo fosse, o que pretende ser, a verdadeira Igreja de Jesus Christo, deveria ser santa em seu fundador, em seu fim, em sua doutrina, em seus meios de santificação, em seus fructos de santidade, em suas provas de santidade. Pois bem, vejamos se sob todos esses respeitos é santa.

1.^o *Quem foi o fundador do Protestantismo?* NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, A PROPRIA SANTIDADE? Não: já havia 15 seculos que elle tinha morrido, quando o protestantismo appareceu. O fundador do protestantismo, Martinho Luthero, nasceu em 1483.

Mas, ao menos, foi um *grande santo*? Pelo contrario, *um monge muito mau*, que quebrou seus votos e levou uma vida pessima em todos os sentidos, e na qualidade de fundador da nova religião escreveu estas palavras arrogantes: «Desde que « existe o mundo, jámais homem algum fallou e ensinou como « eu, o dr. Martinho Luthero. Não me importa com os *textos da Biblia*; para a minha doutrina não preciso de argumentos; o que vale é minha vontade. Eu, o dr. Martinho Luthero, quero assim; eu sou mais sabio do que todo o mundo». (Luther's. Schriften, Wittenberger Ausgabe, p. 5-107).

E' verdade; o autor das *Noites com os Romanistas* procura desculpal-o; pórem, é impossivel, como veremos no terceiro paragrapho deste capitulo, onde tratarei por extenso da falta de santidade em Luthero.

Fica, pois, assentado, que o protestantismo (isto é, qualquer seita separadamente, como por exemplo, a methodista, a

anglicana, a presbyteriana, a lutherana etc., e todas ellas juntas) *não é santo por causa de seu fundador.*

2.^o *Sel-o-ha talvez por causa de seu fim?* Tão pouco.

O fim do protestantismo não é santificar o mundo. Sem duvida, ha nas seitas protestantes, alguns e provavelmente muitos, que julgam poder santificar-se, seguindo a seita á qual pertencem. Mas esses protestantes avulsos não constituem o *protestantismo*, isto é, o aggregado das seitas protestantes. O protestantismo, em quanto protestantismo, tendo por principio fundamental, que cada homem é livre de crêr o que quizer em materia de religião, e servir a Deus como lhe aprouver, *destroe toda a idéa da santificação* não é senão uma anarchia sem regra, sem freio. Nasceu da revolta e continua a viver na revolta, não faz senão negar, destruir, protestar contra toda a religião, (como já dizia J. J. Rousseau: «sua religião consiste em atacar a de outros») mas sobretudo contra a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, que tem a honra de ser o alvo continuo de todos os ataques do protestantismo.»

Ora, sendo este seu fim, segue-se que não serve para moralizar e santificar o mundo, mas antes para desmoralisal-o e expulsar d'elle toda a applicação á santidade. (*)

Fica pois assentado que o protestantismo não é santo nem em seu fundador, nem em seu fim.

3. *Mas não será santo em sua doutrina?* Seus dogmas, sua moral não se encontram por grande parte tambem na Igreja Catholica, Apostolica, Romana?

Respondo: embora assim fosse, não se poderia d'ahi concluir que o protestantismo é santo em sua doutrina, pois neste caso elle não teria senão *a doutrina truncada, a doutrina dimidiada, uma parte da doutrina de Jesus Christo*, e é só *por seu conjuncto, e tomada em sua totalidade, assim como está contida na Biblia e na Tradicção*, que a doutrina do Fundador do Christianismo conserva sua marca de santidade singular. Aqui, todos os dogmas, todos os artigos de fé estão na mais intima conexão, um com outro; aqui cada um d'elles, por sua parte, deve

(*) Dahi a queixa geral da corrupção de costumes causada pela chamada reforma do século XVI.

Henrique VIII depois de ter introduzido a ferro e fogo a famosa reforma «não hesitou em declarar perante o Parlamento que «a reforma foi a corrupção geral dos costumes».

Aurifaber dizia a Lutero: «Depois da pregação de vosso Evangelho a virtude desapareceu; a justiça é opprimida; a temperança desconhecida; a fé vacillante; e a devoção perdida».

Erasmus, contemporaneo de Lutero n'uma carta de 1526 diz o seguinte... «Vejo muitos lutheranos mas poucos evangelicos... Mostre-me um só que se tornasse melhor... de minha parte não conheço ninguém que não tenha «peiorado». Lutero mesmo, n'um sermão para o 1.º Domingo do Advento, confessou: «O mundo torna-se peor todos os dias; a licença e toda a classe de vicios nunca foram taes sob o papismo...». Não creem mais em nada. Vicem como porcos e morrem como porcos. — Estes telemunhos são eloquentissimos!

contribuir para a santidade da doutrina tanto dogmatica como moral.

Tirando eu um artigo *da doutrina dogmatica*, a necessaria conexão perde-se e a doutrina deixa de possuir a marca da santidade. Negando por exemplo a Divindade de Jesus Christo, por isso mesmo eu nego todo o Christianismo: pois nego o mysterio da SS. Trindade, visto como então não ha segunda Pessoa da SS. Trindade, e, por conseguinte, nem terceira: nego a Redempção, visto como a Victima que morreu na cruz, não tem infinito valor: nego a Igreja, a qual, longe de ser uma instituição divina, será semelhante a qualquer sociedade humana: nego os Sacramentos, que não mais serão os canaes da graça, etc., etc.

O mesmo é tambem applicavel á *sua doutrina moral*. Negando, por exemplo, o livre arbitrio, por isso mesmo eu subvirto toda a ordem moral e social: pois, quando digo que o homem não é livre, que elle não pôde escolher entre o bem e o mal, que forçadamente é determinado ou para o bem ou para o mal: nego, por isso mesmo, toda a seria applicação á santidade, nego a distincção entre a virtude e o vicio, nego a sociedade e ao individuo o direito de recompensa e castigo, etc.

Por conseguinte, ainda que fosse verdade, o que sustenta o autor das *Noites com os Romanistas*, que os protestantes admittem todas as verdades contidas no symbolo da fé, composto no Concilio Niceno, e que só rejeitam as que estão contidas no « Credo do Papa Pio », elle não poderia dizer que *a doutrina protestante é por este lado tão santa como a dos catholicos*, os quaes, como vimos no capitulo precedente, (*) possuem *toda a doutrina christã*, pois, sendo a santidade o caracteristico do *conjuncto* da doutrina de Jesus Christo, a nota distinctiva d'esta doutrina *tomada em sua totalidade*, negando-se uma parte da dita doutrina, a sua santidade logo se perde.

Mas, além disso, é simplesmente mentira sustentar com o autor que os protestantes admittem os dogmas de fé contidos no « Credo Niceno »: muitos d'elles, ou, para melhor dizer, a maior parte delles, como já vimos, tratando das divisões religiosas entre os protestantes, negam a Divindade de N. S. Jesus Christo, negam até sua existencia (**)

Dahi o facto succedido na Allemanha, em 1904 que, quando o ministro protestante Dr. Ficher de Berlim por ter negado em plena e publica reunião a Divindade de N. S. Jesus Christo, foi reprehendido por seus superiores, isto é pelo governo, declararam-se logo solidarios com elle mais 30 prégadores protestantes de Berlim e muitos de outras cidades, e dentro de dois dias ficava completa uma representação *com alguns milhares de*

(*) Sobre a unidade da Igreja.

(**) Ibidem.

assignaturas do povo de Berlim protestando em nome do *livre exame* contra a justa reprehensão do governo. Do mesmo modo explica-se a representação que acabam de fazer ao Ministro do Culto duas terças partes dos ministros protestantes do Grão-Ducado de Saxe-Weimar em prol do famoso Weingart, negador da Divindade de Jesus Christo.

Não: o dogma da Divindade de N. S. Jesus Christo não faz mais parte do Crêdo protestante. O seu corpo docente já o rejeitou, e o povo já o vai acompanhando.

E para fallar aqui, de passagem, de mais alguns artigos de fé do « Credo Niceno » quanta divisão não ha entre as seitas protestantes a respeito da *SS. Trindade, das penas eternas do inferno, da necessidade do Baptismo*, etc., etc., todos artigos de fé contidos no « Credo Niceno »? Ao passo que o professor Walch (dizem as *Perguntas respeitadas*, pg. 95) formula a seguinte regra: « Nós consideramos o dogma da Trindade artigo fundamental de fé, que todos devem crêr, querendo-se salvar », o superintendente Cannebich escreve com afouteza que se pôde rejeitar o dogma da Trindade como novo, sem fundamento e contrario á razão; seguindo nisto a doutrina da seita protestante dos unitarios, e de muitos membros distinctos de outras seitas, que dizem, com Langsdorff, que o numero d'aquelles que não crêm no dogma da Trindade, cresce sempre. Ao passo que o mesmo professor protestante escreve: « A eternidade das penas (dos reprobos) é fundada nas Sagradas Escripturas, nas quaes se encontram passagens que isto provam com evidencia », muitos outros professores conspícuos como sejam Morus, Storr, Keinhart e outros, querem uma eternidade hypothetica, diz o professor Eisenschmidt. Outros, como o prégador Hasenkamp, negam redondamente a existencia d'estas penas, e esta doutrina é professada publicamente por duas seitas de protestantes: pelos anabaptistas e pelos shakers. Ao passo que os antigos protestantes reconhecem a necessidade do baptismo para obter a salvação, conforme declaram no IX artigo da confissão de Augsburgo, no qual artigo ordenam baptisar até as crianças, o arceediago Balguy considera o baptismo uma simples cerimonia, pela qual se torna visivel a nossa entrada na Igreja de Jesus Christo. Isto mesmo acreditam os irmãos moravos.

Mais: os valcheristas na Inglaterra, os shakers nos Estados Unidos da America do Norte, rejeitam absolutamente o baptismo, e, contudo, *todos são protestantes...* e *todos os protestantes, segundo o autor, admittem, com os catholicos, os artigos de fé do « Credo Niceno »!*!

Que mentira impudente! Mas tambem que prova irrefragavel da falta de santidade na doutrina protestante! Não, a doutrina protestante não é santa, nem em seu dogma, nem

em sua moral. Ou pôde haver cousa mais immoral do que tirar ao homem o livre arbitrio, rejeitar a necessidade das boas obras, apagar o distincção entre peccados graves e leves, reduzir todos os peccados a um só: a falta de fé, a infidelidade? Não é abrir porta franca a todas as desordens das paixões, não é subverter toda a ordem moral e social? As seitas religiosas, portanto, que prégam doutrinas tão perversas, tão perniciosas, e para os individuos e para a sociedade, não podem gabar-se de possuir a doutrina santa, que é a nota distinctiva da verdadeira Igreja de Jesus Christo. E se perguntassem a Jesus Christo, o Fundador da Igreja, se a doutrina protestante é santa, indignado responder-lhes-ia como outr'ora aos phariseus: « Vós ex patre diabolo estis »: Retirai-vos, sois filhos do diabo, e o diabo é vosso pae; a vossa doutrina comprova-o de sobejo...

E' verdade, o autor das *Noites com os Romanistas*, com astucia e malignidade pouco communs, procura reivindicar para o protestantismo a nota da santidade da doutrina. « O nosso « argumento — diz elle — não versa sobre a santidade das doutrinas, que ambas as Igrejas mantêm igualmente » (que Igreja? A catholica e a protestante? E' mentira impudente, como acabamos de vêr: só a Igreja Catholica admite o « Credo Niceno », as seitas protestantes não o admittem) « mas sim sobre « aquellas, em que se differencam. A verdadeira questão é, se « as doutrinas da Igreja Romana, que nós recusamos, são ou « não santas. Ha um credo na Igreja Romana, por exemplo, « que é communmente chamado o « Credo do Papa Pio ». Neste « credo, que é reconhecido e aceito em toda a Igreja Romana, se acham os artigos do « Credo Niceno » e todos os artigos do Concilio de Trento. Pois bem, a questão, que nós « discutimos, não versa sobre a santidade dos primeiros, mas sim « dos ultimos. Esta são: a supremacia de S. Pedro, a authoridade da Igreja Romana, a doutrina do purgatorio e das indulgencias, a das imagens e reliquias, e todas as outras que « são peculiares da Igreja Romana. A questão que discutimos « é se estas doutrinas são santas — tão santas, que assegurem « á vossa Igreja o titulo de Igreja santa, e nos privem a nós « desse titulo, porque as recusamos. Nós os protestantes, cremos que essas doutrinas são contrarias á Escripura Sagrada, « e que, portanto, são impias ».

Respondo: Nós, os catholicos, cremos que estas doutrinas são santas, porque *todas ellas, umas mais, outras menos explicitamente estão contidas na Biblia*, como provaremos nesta obra, onde teremos toda a folga para tratar dellas por extenso.

Nós, os catholicos cremos que estas doutrinas são santas, porque, embora não estivessem na Biblia, *estão na Tradição a qual* (ja foi provado milhares de vezes por outros e tambem por

mim) é *juntamente com a Biblia a fonte da doutrina revelada por Nosso Senhor Jesus Christo.*

Nós, os catholicos, crêmos que estas verdades são santas, porque embora não se leiam com expressas palavras no Credo do Concilio de Nicêa mas só na profissão de fé de Pio: *não são novidades accrescentadas ao Symbolo Niceno, mas antigas verdades contidas nelle*, assim como o fructo está contido na flor.

Nós, os catholicos, crêmos que estas verdades são santas, porque além de serem santas por causa de sua origem, a revelação divina, são santas *por causa de seus effeitos salutaes*, contribuindo muito para o fim da doutrina Christã a santificação do mundo.

Nós, os catholicos, crêmos que estas verdades são santas *por causa da sua superioridade a outras doutrinas protestantes* que o autor deve admittir como santas, por serem prégadas pelos patriarchas do protestantismo. Por isso nós, os catholicos, crêmos que estas verdades são muito mais santas, por exemplo, do que a doutrina de Calvino ensinando que Deus, *antes da previsão dos demeritos*, creou alguns homens para serem queimados eternamente no inferno; muito mais santas, por exemplo, do que a doutrina de Lutero ensinando que o christão *«por maiores que sejam seus peccados, e ainda que queira condemnar-se não pôde condemnar-se senão pelo peccado de infidelidade»*, e em outro logar: *«que se deve peccar, peccar fortemente, mas crêr mais fortemente»*, etc....

Mas basta! Para quem me seguiu sem prevenção, é evidente que a verdade não está do lado do autor, e embora elle com teimosia heretica ainda se sirva de alguns sophismas, aos quaes responderei no terceiro artigo deste capitulo, *fica assentado que o protestantismo* (isto é, cada seita separadamente e todas elles juntas) *não é santo nem por causa de seu fundador, nem por causa de seu fim, nem por causa de sua doutrina.*

4.º *Mas, talvez seja santo por dispor de todos os meios de santificação com que Jesus Christo enriqueceu sua Igreja?* Tão pouco. O autor (o assiduo leitor decerto, já o terá comprehendido), é o primeiro em affirmal-o; sustenta em varios lugares, que os protestantes têm todos esses meios e até se atreve a desafiar os catholicos para que lhe citem algum verdadeiro meio de graça que elles tenham e os protestantes não.

Quer-me parecer que algum tanto de humildade, certa moderação em suas affirmações, e um pouco de desconfiança de si proprio iriam muito bem ao autor das *Noites com os Romanistas*, que a cada passo é convencido da sua grande má fé, ignorancia supina e requintada astucia em todos os assumptos de que trata.

Ou seria possível que elle não entenda que uma sociedade religiosa, que não é santa em seu fundador, nem em seu fim,

nem em sua doutrina, o possa ser em seus meios de santificação?

Com effeito, das duas fontes da Revelação Divina da Biblia e da Tradição, segue-se claramente que Jesus Christo *instituiu sete Sacramentos*, isto é, sete ritos externos que deviam ser outras tantas fontes da graça divina, outros tantos meios de santificação para os membros da sua Igreja. São: o baptismo, a confirmação, a Eucharistia, a confissão, a extrema unção, a ordem e o matrimonio. Todos elles estão mencionados na Biblia, embora não todos com a mesma clareza: e além disto, são claramente ensinados pela Tradição, que o autor sempre rejeita porque nella vê sua condemnação, mas que elle, como já provamos muitas vezes neste livro, não pôde rejeitar. Estes sete sacramentos portanto, devem necessariamente achar-se na verdadeira Igreja de Jesus Christo, porque constituem seu thesouro, seu cofre de graças e, por consequente, de santidade, e qualquer sociedade religiosa, que pretende ter direito a ser considerada como a santa Igreja de Jesus Christo, deve poder apontar não só *alguns* d'estes meios de santificação, não só *alguns* d'estes sacramentos, mas *todos elles*, sob pena de não ser a santa, nem por consequente, a verdadeira Igreja de Jesus Christo.

Pois bem, agora pergunto eu: os protestantes admittem esses sete sacramentos, admittem-nos todos sete juntos? Não, nenhuma seita tem esses sacramentos juntos: algumas admittem tres: outras, com o autor, dois: mais outras, só um, e grande parte, não admittem mais nenhum d'elles. Por consequente, não tendo o protestantismo todos os meios de santificação que Jesus deu à sua Igreja como o cofre das suas graças, de seus thesouros espirituaes, é evidente que não pôde ser a santa e nem por consequencia, a verdadeira Igreja de Jesus Christo. E tendo chegado a esta legitima conclusão, eu faço presente ao autor de tudo quanto escreveu para provar que Jesus Christo instituiu só dois sacramentos. Só quero observar que mesmo no caso que Jesus tivesse instituido só esses dois Sacramentos, *o protestantismo não poderia gabar-se de possuil-os*, 1.^o porque muitos protestantes não admittem mais o baptismo, ou admittendo-o não o administram validamente, e 2.^o porque a ceia protestante, a qual nem é acceita por todos, não é a ceia como Jesus a instituiu. (*)

(*) Sendo o baptismo rejeitado por algumas seitas protestantes, por outras considerado como mera cerimonia, não se pôde negar que grande numero de baptismos, administrados pelos predicantes é invalido, e que entre os protestantes muitos meuninos são pagãos, porque o baptismo não lhes foi administrado do modo devido.

Um facto que referiram no principio do anno 1905 os jornaes da Alemanha nos dá a entender a praxe de muitos ministros protestantes. O sr. Mauritz, ministro protestante em Bremen, que, como grande parte dos ministros protestantes da Alemanha, nega as verdades mais fundamentaes para a salvação, como o mysterio da SS. Trindade, a Divindade de Jesus Christo, etc. — *ficando toda-*

Sobre as duas contradicções notaveis, descobertas pelo autor, uma relativa ao matrimonio, a outra relativa á extrema unção, fallarei para não perturbar a ordem das materias, no terceiro artigo.

Fica pois assentado que o protestantismo não é santo nem em seu fundador, nem em seu fim, nem em sua doutrina, nem em seus meios de santificação.

Mas, talvez seja santo em seus fructos : talvez possa com-provar a sua santidade, apontando para membros que se santificaram pela crença na sua doutrina, pela observancia de seus mandamentos e pelo uso de seus meios de santificação?

Não, o protestantismo é muito modesto em suas aspirações, não tem pretenções tão elevadas. Podemos ficar soccagados, o autor nol-o garante : « Os protestantes não pretendem canonizar santos ». Mas, porque não? Não é honroso para qualquer Igreja poder apontar santos que se santificaram em seu gremio? Não é uma das provas mais convincentes da santidade de sua sociedade? Não serve admiravelmente para mostrar a quem disse duvidar, que o seu fim e sua doutrina são santas, que possui os verdadeiros meios de santificação? Para que então elles não nos apontam qualquer santo assim como faz a Igreja Catholica, Apostolica, Romana? Será por espirito de humildade? Duvido, porque em outras cousas não costumam ser tão humildes. Qual será então a verdadeira razão desse facto?

ria elle e os seus muitos companheiros bons ministros da igreja protestante, — alterou de tal forma o modo de baptisar as creanças, que o magistrado de Bremen não reconheceu como validos os baptismos administrados por elle. E porque? Convem notar. Porque o baptismo não foi administrado segundo o rito prescripto pelo Governo. E o tal sr. Mauritz, ministro protestante, ou, o que é o mesmo, empregado do Governo, foi obrigado pelo mesmo Governo a rebaptisar todas as creanças (cerca de 400). E assim se fez no mez de Junho de 1905.

Que será, porém, dos meninos baptisados pelos companheiros do sr. Mauritz na incredulidade. — Só entre os ministros protestantes de Berlim ha, como dizem os mesmos jornaes protestantes, cerca de 30 ministros incredulos. A verdade, porém, é, como affirmam outros jornaes, que a metade são incredulos. Que será dos meninos, baptisados por estes ministros, pela forma e rito que elles querem e entendem? Se se acrescentar ainda, como pela estatística exacta do governo allemão, se manifesta, que tão grande numero de paes protestantes não deixam baptisar os filhos, que só na cidade de Berlim chegam até 30.000 os que não são baptisados; já se vê que no seio do protestantismo crescem gerações completamente pagãs (Vêde Dr. Macedo Costa. — Cath. e Prot. pg. 4).

Isto com respeito ao baptismo.

Quanto á *ceia* dos protestantes, esta famosa comédia, não differe de um almoço qualquer. Qualquer individuo, seja homem ou mulher, pode celebrar esta chamada *ceia* dos protestantes.

Não estamos vendo, escreveu o Dr. Krogh-Tonniag, antes da sua conversão ao Catholicismo, não estamos vendo todos os dias que de um almoço privado fazem uma celebração da *ceia*? Um conviva qualquer pronuncia as palavras sagradas sobre qualquer dos pratos, seja holo ou coalhada, ou biscoitos, tudo é bom; e separam-se julgando terem reproduzido a Ceia Evangelica! E segundo os seus principios nenhum protestante pôde condemnar tão sacrilega parodia. E' o livre exame em acção! — E o Dr. Krogh-Tonning, exclama indignado: « Esses pretensos pastores sem vocação, sem ordenação, sem authorisação legitima, não passam de sinistros comediantes. Elles profanam o poder, profanam os Sacramentos, profanam o mais divino dos mysterios » (Dr. Macedo Costa, livro citado).

Responderei francamente: Os protestantes não têm santos, nem podem tel-os.

Sem duvida, assim como ha catholicos, e infelizmente não poucos, que vivem mal, ha tambem protestantes que levam uma vida christã e praticam d'um modo verdadeiramente edificante os preceitos do Evangelho. São bons christãos, mas não é *por serem* protestantes, mas *apesar de serem* protestantes. São mais catholicos do que protestantes, pois, como já deixei explicado, embora não pertençam ao corpo da Igreja Catholica, pertencem *à sua alma*. E eis a razão porque vivem como bons christãos.

Mas, o protestantismo *sendo uma negação, não pôde lhes dar cousa alguma*, sua acção limita-se a destruir, não edifica; a privar seus membros dos meios de santificação, não lh'os dispensa, e por isso não foi, não é e não será capaz de produzir um só santo. « Os catholicos, dizia o pastor protestante Lavater, têm santos, e nós não temos pelo menos quem se pareça com os d'elles ».

Tratando mais adiante dos santos da Igreja Catholica, Apostolica, Romana e respondendo alli aos sophismas e objecções pueris do autor, terei occasião de explicar isto mais largamente. Porém, com o que disse aqui, *ficou assentado, que o protestantismo não é santo nem em seu fundador, nem em seu fim, nem em sua doutrina, nem em seus meios de santificação, nem em seus fructos de santidade que são os santos*.

6.º *Será santo em suas provas de santidade*, isto é, nos dons do Espirito Santo e em milagres?

Que a verdadeira Igreja de Jesus, por ser uma Igreja santa, não sómente devia poder apontar em todos os tempos verdadeiros santos, que se santificaram em seu gremio, mas, além d'isto, mostrar a sua santidade por varios milagres, é uma verdade que a Biblia ensina em muitissimos logares. Basta lêr, por exemplo, João XIV, 12: « Em verdade em verdade, eu vos « digo, aquelle que crê em mim, esse tambem fará as obras que eu « faço e fará ainda maiores ». Marc. XVI, 17-18: « Estes signaes « seguirão aos que crerem: « Em meu nome expulsarão os de- « monios, fallarão novas linguas, manusearão as serpentes, e se « beberem alguma cousa mortifera, não lhes fará mal, porão « as mãos sobre os enfermos e serão curados ». Ora, esses milagres não foram promettidos só aos Apostolos ou aos primeiros christãos, senão a Escriptura Sagrada devia declaral-o com expressas palavras, mas em *geral aos membros da verdadeira Igreja de Jesus Christo, em testemunho da sua santidade*. Se, portanto, o protestantismo, devêras possuir a santidade, a nota característica da verdadeira Igreja de Jesus Christo devia pôder mostrar milagres feitos por Deus para testemunhar a sua santidade. Ora, onde estão os milagres do protestantismo? *De-*

correram 400 annos depois do seu apparecimento neste mundo e até agora não pôde mostrar nem sequer um só milagre em confirmação da sua santidade. Pelo contrario, a historia refere outra cousa.

Na sua *Vida de Calvino*, escreve Bolsec, que um homem chamado Brulé, fingiu-se morto para que Calvino (a quem já tinham pedido muitas vezes que fizesse um milagre para provar sua divina missão) pudesse, por um milagre *fingido*, resuscital-o à vida. Que succedeu porém? O desgraçado que se tinha prestado a essa indigna comedia, morreu mesmo, e isto repentinamente, no mesmo momento em que Calvino quiz revocal-o fingidamente à vida: e, o peor, é que o coitado ficou morto.

Seja pois esta a conclusão deste artigo: O protestantismo não é santo nem por causa de seu fundador, nem por causa de seu fim, nem por causa de sua doutrina, nem por causa de seus meios de santificação, nem por causa dos fructos da santidade, nem por causa das provas de santidade.

E por isto não tem a marca de santidade que Jesus deu à sua Igreja e não pôde ser a verdadeira Igreja de Jesus Christo na terra.

ARTIGO II

Só a Igreja Catholica, Apostolica, Romana tem a nota caracteristica da santidade que deve ter a verdadeira Igreja de Jesus Christo.

O protestantismo, considerado quer separadamente em cada uma dessas centenas de seitas em que está dividido, quer conjunctivamente no aggregado de todas ellas juntas, não sómente não é santo, senão está muito longe da santidade, — eis a unica conclusão legitima e necessaria das minhas indagações, a respeito da santidade de seu fundador, seu fim, sua doutrina, seus meios de santificação, seus fructos de santidade e suas provas de santidade.

Neste artigo, vou abrir o mesmo inquerito a respeito da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, à qual o autor das *Noites com os Romanistas* nega o direito de chamar-se santa. Vejamos, portanto, se elle tem razão.

1.^o *Quem é o fundador da Igreja Catholica, Apostolica, Romana?* Ella não tem por fundador um *simples homem*, como todas as seitas protestantes, que conforme a diversidade dos nomes de seus fundadores se chamam: Lutheranos, Calvinistas, Puseistas, Wesleyanos ou Methodistas, etc., etc., mas seu fundador é o *proprio Jesus Christo, o Deus da infinita santidade*. Este facto, cuja existencia provarei mais por extenso, quando

tratar da Apostolicidade da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, é tão notorio, que nenhum protestante pôde negal-o. Por mais que costumem gritar que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana só nos primeiros seculos da sua existencia era a verdadeira Igreja de Jesus Christo, *mas depois degenerou e deixou de sel-o*, de todo não estão de accordo, em indicar, não digo a data certa, mas a epocha, o seculo, em que realisou-se esta pretensa apostasia, esta deserção, e nenhum delles pôde indicar o nome de quem instituisse a Igreja Catholica, Apostolica, Romana sob as feições que lhe conhecemos agora. A razão é clara. « Mentita est iniquitas sibi »: a iniquidade diz a Escriptura Sagrada, mentiu em seu proprio damno. O unico fundador da Igreja Catholica, Apostolica, Romana é Nosso Senhor Jesus Christo.

Ora, sendo elle seu fundador, *a Igreja Catholica, Apostolica, Romana tem a santidade do fundamento, que deve ter a verdadeira Igreja de Jesus Christo.*

Este facto de ter a Igreja Catholica, Apostolica, Romana por fundador o proprio Jesus Christo, propriamente fallando, já torna superfluas as mais indagações a respeito da santidade de seu fim, sua doutrina, etc., etc., pois, *é impossivel que Jesus, que prometteu á sua Igreja sua presença nella até o fim dos seculos*, « *Ea serei convosco até o fim dos seculos* » (Math. XXVIII 20), *permittisse que ella, no correr dos annos, degenerasse e viesse a perder a marca de santidade que lhe devia ser propria.* Entretanto, fará sua utilidade especial, proseguir o exame a respeito da santidade da Igreja Catholica, Apostolica, Romana; ainda que seja tão sómente para mais realçal-a e impôr silencio ao autor das *Noites com os Romanistas*, que não se envergonha de escrever: « As Igrejas protestantes todas podem pretender este titulo (de santa) com tanta razão como ella (a Igreja Catholica, Apostolica, Romana), se a questão fôr decidida pela santidade de doutrina, santidade de sacramentos e santidade de seus membros ».

Pois bem; continuo e pergunto: A Igreja Catholica, Apostolica, Romana que é tão santa por causa de seu Fundador, não o será tambem por causa *de seu fim*? Este fim é a santificação do mundo. Ora torno a perguntar: Não reconhece ella este fim como o seu e não faz o impossivel para realizal-o? Não estende sua acção santificadora pelo mundo inteiro? Ha paiz por mais longinquo, povo por mais barbaro que seja que ella não tenha procurado e ainda sempre procura santificar? Não dirige-se a todos os sexos, todas as idades, todas as classes da sociedade com o fim de as christianisar e excitar a uma vida mais perfeita? Não estabelece por toda a parte institutos, quer para preservar seus filhos dos perigos de peccar, quer para levantál-os depois da queda e ajudál-os a viverem

christãmente, quer para facilitar-lhes a séria applicação á perfeição christã? Não prosegue seu fim, a santificação do mundo, a custo dos mais dolorosos sacrificios, soffrendo gostosamente para realisar-o a perda dos seus bens, as perseguições mais violentas de seus filhos, a morte violenta de seus missionarios?

Sim; e os mesmos protestantes, que não andam prevenidos pelo espirito de sectarios, comparando neste particular a acção da Igreja Catholica, Apostolica, Romana com a do protestantismo, se vêm constrangidos a reconhecer que, ao passo que aquella Igreja faz o impossivel para a salvação e a santificação do mundo, esta não faz nada ou quasi nada.

Em abono destas palayras, o seguinte artigo, que com devida venia, transcrevo do *Estandarte Catholico*, sob a epigraphe:

MISSÕES CATHOLICAS E MISSÕES PROTESTANTES

O Madras Times diz:

« Vemos que a Igreja Catholica faz immenso progresso entre os pagãos.

« Se buscamos a causa d'isto, notamos que os sacerdotes catholicos são geralmente homens dotados de grande energia e compenetrados de uma ardente convicção; por isso fazem conversões tão numerosas e duradouras. Estes sacerdotes abandonam poucas vezes as suas missões para irem ás cidades proximas e seus nomes não figuram ordinariamente na lista dos passageiros que voltam á patria ».

« O *Glasgow Daily Herald* publica uma carta escripta de Pekin por um protestante; eis o seu teor:

« Eu asseguro que querer propagar a religião protestante evangelica na China é tentar um impossivel. Cada uma das quatro igrejas dos Jesuitas em Pekin tem mais convertidos catholicos do que os convertidos protestantes que existem em toda a China.

« A primeira razão do nosso máo exito é a incapacidade da maior parte dos enviados como missionarios, e a segunda, o detestavel systema que seguem para trabalhar. Esperou-se muito das biblias traduzidas em máo chinez e dos pequenos tratados distribuidos com profusão entre o povo.

« A distribuição dos livrinhos é para o missionario um modo commodo de fazer o seu trabalho quotidiano e a propagação da Biblia não é nem mais nem menos (segundo a opinião de quantas pessoas instruidas tenho encontrado) do que uma farça ».

« O famoso Gutelaff, missionario na China, e agente britânico, deixou como fructo de seu ministerio, para a sua mulher

perto de dezoito mil libras esterlinas (*). C. Volge fez neste particular notaveis revelações relativas a si mesmo e a todas as missões protestantes da China. « O Missionario, diz a *Imprensa Livre* (Londres); tem se confundido de tal modo nestes ultimos tempos com o commerciante, que os habitantes dos paizes em que se estabelece devem duvidar si são as nossas Biblias ou os nossos tecidos, o nosso christianismo ou o nosso algodão, o que forma o objecto principal da nossa importação. »

Sobre o exito dos missionarios protestantes, nas ilhas Sandwich, d'onde foram expulsos os catholicos pela violencia, o diario protestante *O Westland* escreve o seguinte: « Os que se gloriam de levar-lhes a doutrina da caridade os roubaram sob pretexto de fazer-lhes praticar os preceitos do christianismo.

« D'aqui procede que as ilhas Sandwich não são na actualidade mais do que horriveis guaridas de ladrões, e que se podem comparar a uma casa de prostituição... A pregação do Evangelho não é em verdade a causa d'isto, porém basta observar a conducta dos missionarios para penetrar o segredo d'este triste estado de cousas. Varios missionarios tiveram de ser enviados ao seu paiz por sua conducta escandalosa ».

« A gente de côr — diz o medico Kretzschmar — (**), vem perto das estações para viver mais commodamente e se faz christão para se entregar á sua incorregivel inclinação, á preguiça. Depois de quinze annos de permanencia na colonia, não pude observar o menor adiantamento moral entre a gente de côr nem em seu estado social. Antes eram preguiçosos e ladrões, porém hoje são ainda insolentes e hypocritas.

Referia lord Ellemborough que um missionario americano das Indias lhe tinha confessado com franqueza que não faziam proselyto algum ao menos que com o christianismo lhe proporcionassem uma posição qualquer.

Perguntava, diz Rodt (***) a um homem porque se tinha feito christão, e me respondeu sem hesitar: — « por dinheiro ». Quantos se fizeram christãos? « Tanto nesta aldeia como nas immediatas umas cem familias ».

« Tornando a perguntar-lhe até duas ou tres vezes, porque vos fizestes christãos: tive sempre a mesma resposta... E tu, perguntei a um outro, porque te fizeste christão? Respondeu: « porque outros tambem se fizeram ».

Rodt conclue por fazer esta desesperada confissão: Jámais esperei que pudesse converter-se uma quarta parte dos meus ouvintes, nem pensei que pudesse ganhar um sequer, de cada dez. Esperava que um, dois ou tres ao menos dos que me ha-

(*) Prof. Neman; na *Gazeta Geral*

(**) O Sul da Africa, Resenha.

(***) Vida de R. Rodt, pelo dr. C. W. Buterwech, Elberfeld.

viam escutado, abraçariam o Christianismo, porém me enganai ».

« A primeira missão enviada á Nova Zelandia — diz Lang (*), decano da igreja escosseza, em Nova Galles do Sul — foi expulsa d'alli por adulterio, e a segunda por embriaguez e outros crimes mais graves.

Os melhores e mais vastos terrenos da Nova Zelandia, continua elle, pertencem aos missionarios e a seus filhos, e os infelizes indigenas são enganados e roubados por homens que deviam ser seus protectores naturaes ».

« Tudo quanto se vê em uma rica loja ou em uma boa perfumaria ingleza — diz A. Carlé, pastor protestante — apresentou-se de repente á nossa vista. Os meninos corados, sahiam de todos os cantos e a robustez de seus paes demonstrava até a evidencia que a vida do missionario evangelico nada tem de penoso. Visitei tambem muitas missões catholicas romanas e devo confessar que nellas se segue um regimen differente do que o das missões evangelicas. Os missionarios catholicos são cheios de caridade e bondade para com os selvagens e são caritativos para com os seus irmãos da Europa. Fizeram entrar no seio da sua Igreja quasi toda a povoação indiana, enquanto que os missionarios anglicanos, apezar de seus recursos immensos e da protecção da metropole não convertem a ninguém ».

O mesmo resultado obtiveram em Nova Hollanda.

« Os papistas alcançaram necessariamente a victoria », diz um missionario protestante, e se consola dizendo : « porem é preciso que as nações fenhão sido antes opprimidas pelo jugo de ferro do papismo, (expressão sectaria) para que cheguem a gozar a liberdade do Evangelho ».

« A historia das missões — diz Nippold — por motivo de revelações de Langham, nas quaes um partido infatuado pelo amor proprio gabava-se de achar um methodo de propagar-se e organizar-se, sem que haja conseguido outra cousa mais do que mostrar a sua impotencia, terminou moralmente. Os missionarios protestantes não podem fazer nada para a propagação do christianismo entre os pagãos ».

Eis o testemunho de todos os que julgam sem prevençào e espirito de partido.

E não é de admirar. O protestantismo, separando-se da verdadeira Igreja de Jesus Christo não está mais unido a Jesus Christo, á videira que dá vida aos ramos ; é semelhante a um ramo cortado, e por isso terá a mesma sorte que o ramo cortado ; privado da seiva necessaria seccará e não poderá mais produzir flôres e fructos. E, portanto, quando o autor es-

(*) Veja-se Du l'etit-Thona, ou Viagem ao redor do mundo.

creve: — « appello para a consciencia de todas as pessoas presen-
tes para que digam se o clero protestante de que têm co-
nhecimento não é, pelo menos tão santo, tão religioso, tão
cheio de boas obras e tão caritativo para com os pobres,
como os melhores padres catholicos romanos » : respondo que
tratarei mais profusamente d'esta questão, quando instituir o
exame dos fructos da santidade no catholicismo e no protes-
tantismo; e que agora limito-me a dizer, que embora haja mi-
nistros protestantes que zelam os interesses temporaes e espí-
rituaes de seu rebanho, este facto, de todo não é universal e
não prova nada contra minha asserção: que só a Igreja Ca-
tholica, Apostolica, Romana é santa por causa de seu fim, as-
sim como é por causa de seu Fundador.

Examinemos agora 3.^o a *santidade da sua doutrina*. Para
que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana tenha a santidade
da doutrina pela qual Jesus quiz distinguir a sua verdadeira
Igreja de todas as seitas religiosas, não basta, como provamos
contra o autor, que ella tenha a *doutrina truncada e dimidiada*
de Jesus Christo, não; deve ter *toda a doutrina d'Elle*, porque a
nota caracteristica da santidade compete só à *doutrina de Je-
sus Christo tomada em sua totalidade*. Basta rejeitar um só ar-
tigo da sua doutrina dogmatica ou moral para logo degenerar e
e tirar-lhe o sello peculiar de santidade.

Pois bem; pôde a Igreja Catholica, Apostolica, Romana
gabar-se de se ser a unica que possui toda a doutrina de Je-
sus Christo? Sem duvida alguma. E a razão é clara: é porque
só ella conservou intacta a fonte da doutrina revelada por Elle,
que é a Biblia e a Tradição. Os protestantes rejeitaram erra-
damente, como tem sido provado milhares de vezes, a Tradi-
ção; conservaram só a Biblia; têm, pois, quando muito, a dou-
trina *dimidiada* de Jesus Christo. Mais: têm a Biblia mas *sem*
autoridade vica que lh'a explique, e d'ahi os gravissimos erros,
em que cahem incessantemente, mesmo a respeito das verda-
des que ensina a Biblia.

Pelo contrario, a Igreja Catholica, Apostolica, Romana não
sómente possui *a unica fonte e toda a fonte da doutrina revela-
da* na Biblia e na Tradição que conservou incorruptas, mas
além d'isto tem *a chave que lhe abre esta fonte em seu magiste-
rio*, o qual pela assistencia continua de Jesus Christo lhe foi pro-
mettida até os fins dos seculos, a preserva de qualquer erro
em *definições* dogmaticas e moraes. Só a Igreja Catholica, Apos-
tolica, Romana portanto, possui a santidade da doutrina que
deve ter a verdadeira Igreja de Jesus Christo, e, por conse-
quencia, só ella é a Igreja santa, e por isso a verdadeira
Igreja de Jesus Christo nesta terra,

Santa, pois, é a Igreja Catholica, Apostolica, Romana por

causa de seu fundador, por causa de seu fim, por causa de sua doutrina.

Sel-o-há também 4º por causa de *seus meios de santificação*? A resposta a esta pergunta é quasi superflua, depois do que deixei explicado e provado no artigo precedente. Vimos alli que Jesus Christo deixou a sua Igreja como meio de santificação para seus membros, sete sacramentos e não mais nem menos. São o baptismo, a confirmação, etc., etc. Ora, nenhuma das seitas protestantes atrever-se-ha a sustentar que os possúe todos. Mesmo o autor das *Noites com os Romanistas*, que diz possuir na sua seita « o baptismo e a ceia do Senhor, como os « dois únicos sacramentos que foram instituídos pelo próprio « Jesus Christo »: e, além d'isto, quatro outro ritos que não reconhece como sacramentos, mas dos quaes diz « que, se têm « alguma virtude especial, para comunicar a santidade: essa « virtude acha-se tanto na sua seita como na Igreja Catholica, « Apostolica Romana »: elle mesmo rejeita com palavras expressas a *extrema unção*, porque, diz elle, não é de instituição divina.

Logo, só a Igreja Catholica, Apostolica, Romana possúe a santidade dos meios de santificação que deve ter a verdadeira Igreja de Jesus Christo, e, por conseguinte, só ella é a Igreja Santa, e por isso, a verdadeira Igreja de Jesus Christo nesta terra. E se só a Igreja Catholica, Apostolica, Romana é santa por causa do seu Fundador, dê seu fim, de sua doutrina, de seus meios de santificação, não o será também 5º em *seus fructos de santidade*, quero dizer na producção de catholicos, que se applicam seriamente á pratica de todas as virtudes christãs, na producção de toda a sorte de santas instituições, na producção de verdadeiros santos?

Ai de mim! parece que esta simples e despretenciosa pergunta surtiu o effeito de uma descarga electrica nas fileiras das seitas protestantes, pois todos, chefiados pelo autor das *Noites com os Romanistas*, vêm em cima de mim, para me provarem, que entre os catholicos, ha muitos que são peiores que protestantes: que se ha instituições pias entre os catholicos não as ha menos entre os protestantes: que bem longe de ter o direito de lhes lançar em rosto a vida escandalosa dos chefes da Reforma, eu devia envergonhar-me, olhando para o procedimento pessimo de alguns Papas: que não ha verdadeiros santos entre os catholicos, ou que se os ha, é só porque os catholicos canonisam catholicos e não protestantes, e os protestantes não canonisam ninguém, etc., etc.

Como sahir de tantas difficuldades? Remetterei a maior parte d'ellas para o artigo seguinte, e limitar-me-hei aqui a provar o que avancei. Digo pois: 1.º, *só a Igreja Catholica é santa, porque produz grande numero de membros que se appli-*

cam sériamente á pratica de todas as virtudes christãs. De certo, já disse-o e repito-o mais uma vez, ha protestantes que levam uma vida christã e praticam d'um modo verdadeiramente edificante os preceitos evangelicos : mas, como já provei, não é por *serem* elles protestantes, mas é *apezar* de serem protestantes. Do mesmo modo ha catholicos maus que levam uma vida pessima e não praticam nenhum dos preceitos evangelicos. D'elles tambem posso dizer que são maus não por *serem* catholicos, mas *apezar* de serem catholicos. Mas tudo isto não tem nada que vêr com o ponto sobre o qual versa a discussão, a saber: que só na Igreja Catholica ha séria applicação a todas as virtudes christãs, e não no protestantismo. Provemol-o. Os dois grandes obstaculos da virtude christã (digo com Vander Hagen, em sua obra « Waar is de ware Kerk van Christus », pg. 70), são : *a soberba do espirito e a sensualidade do corpo*; por isso, depois da fé, *a humildade e a mortificação são as duas columnas em que ha de apoiar-se o edificio da virtude christã.* Sem humildade não ha verdadeira obediencia e submissão filial á legitima authoridade, paciencia nas contrariedades, amor do proximo no tracto com outros : sem mortificação é impossivel conter a natureza sensual e commodista dentro dos limites do permittido e não chegar a todos os excessos, ainda os mais repugnantes. Ora, como estas duas virtudes são cultivadas no Catholicismo?

A humildade. — Ao passo que o protestantismo, estabelecendo o livre-exame em materias de fé, acaricia a vaidade do homem e o seu desejo de independencia, a Igreja Catholica, Apostolica, Romana exige de seus filhos inteira sujeição em materias de fé [á sua legitima authoridade doutrinal. Ella não deixa ao livre-exame e ao parecer de cada um o direito de determinar, o que revelou Deus; e como as verdades reveladas por Elle, devem ser entendidas e explicadas : o direito, portanto, de estatuir, o que se deve crêr ou não crêr por authoridade de Deus. Não; quer que seus filhos em materia de religião recebam e creiam com submissão, o que ella por virtude de sua authoridade divina lhes propõe para crerem.

E' verdade; esta sujeição do entendimento *é muito razoavel*, e cada catholico entende claramente que, sujeitando-se á authoridade divina da sua Igreja, *procede mui razoavelmente*; mas, por razoavel que seja esta sujeição, não se faz *sem verdadeira humildade.* A razão é porque o homem, em geral, costuma fazer-se uma idéa muito favoravel de seu entendimento, ligar muita importancia a seu modo de vêr, gostar de julgar da causa com plena independencia; por isso, estará sempre obrigado a fazer-se certa violencia para renunciar á sua opinião e submettel-a á opinião de outros. Mas, por isso mesmo tambem a sujeição filial, que o catholico deve á authoridade doutrinal

da sua Igreja, é muito mais capaz de desenvolver nelle o espirito da verdadeira humildade do que o livre-exame, introduzido pelo protestantismo, pelo qual o orgulho e o amor proprio são alimentados e acariciados e se attribue a todos em materia de fé um direito que não pôde ser attribuido a todos.

A mortificação. — Do mesmo modo também o protestantismo negando o livre-arbitrio e a necessidade de fazerem-se boas obras: prégando que só a fé justifica e que a justiça dos que crêem não pôde perder-se senão pelo peccado de infidelidade; ensinando que Jesus satisfaz abundantemente por todos os peccados e que a justiça de Jesus é imputada a todos os fieis, mina pela base toda a mortificação christã, que consiste em fazer-se violencia a si mesmo, em refrear as paixões indomitas e desordenadas, em sujeitar-se por mais que custe, á fiel observancia dos mandamentos da lei de Deus e da Igreja e ao cumprimento escrupuloso dos deveres do estado. Por isso, não é difficil ser bom protestante: *basta carregar a leve bagagem de algumas verdades religiosas admittidas só por vontade propria, acantelar-se de extravagancias publicas e escandalosas, e ter a honradez do homem do mundo.* A santidade interior, que é a principal, para não dizer a unica, a humildade de espirito, a mortificação da vontade, *não são exigidas.*

Não é assim que procede a Igreja Catholica. Ella entende por santidade, antes de tudo, a *santidade interior*, a mortificação das paixões indomitas, o refreamento dos desejos desordenados do coração, a observancia fiel de todos os mandamentos da lei de Deus e da Igreja, o cumprimento escrupuloso dos deveres do estado. Mais: para facilitar a seus filhos esta mortificação nas cousas illicitas, quer que de vez em quando se mortifiquem em *cousas licitas*, e d'ahi seus dias de abstinencia e de jejum, d'ahi a sua approvação de penitencias e afflicções corporaes voluntarias. Ainda mais: não satisfeita com manter fielmente os preceitos expressos no Evangelho, excita seus filhos a *applicar-se á observancia dos conselhos evangelicos de pobreza, castidade e obediencia voluntarias.* E por isso, pôde-se dizer que, se é facil ser bom protestante, é difficil ser bom catholico, porque *attenta a corrupção da natureza humana, a santidade interior, a pratica de humildade de espirito e da mortificação do coração não se alcançam sem combate continuo e encarniçado com o velho homem.*

Se, portanto, vemos que, apesar das difficuldades, a maior parte dos catholicos crêem com fé firme nos ensinamentos da Igreja e observam seus mandamentos, a conclusão necessaria deste facto deve ser: só a Igreja Catholica, Apostolica, Romana é santa por causa de seus fructos de santidade, ella só sabe produzir membros que se applicam seriamente á pratica de todas as virtudes christãs; o protestantismo não os produz, e se

entre elles ha muitos que vivem christãmente, será mais quanto *ao exterior* do que quanto *ao interior*, e, além d'isto, nunca será *porque elles são* protestantes, mas *apesar* de elles serem protestantes, será porque embora por sua fé não pertençam ao corpo da Igreja Catholica, Apostolica, Romana pertencerão pelo coração ao espirito d'ella.

Em confirmação do que deixei dito, eis as palavras de Harnack, lente de theologia protestante, na Universidade de Berlim, e hoje, sem duvida alguma, o *leader* do pensamento theologico da Allemanha e em grande parte tambem dos Estados Unidos.

Da santidade da Igreja Catholica diz litteralmente :

« Em todos os tempos ella produziu santos, quantos seres humanos pôdem ser chamados taes, e ainda hoje ella os produz. Confiança em Deus, humildade verdadeira, certeza da salvação, sacrificio da propria vida no serviço dos seus iguaes, eis as virtudes que se acham entre os seus membros : muitos tomam a cruz de Christo, praticando aquelle juizo de si mesmos e aquella alegria em Deus, que foram adquiridos por Paulo e Agostinho ».

Mas, a Igreja Catholica, Apostolica, Romana não somente mostra sua fertilidade em fructos de santidade pela formação de membros virtuosos, senão tambem 2.^o *pela instituição de toda a especie de estabelecimentos pios.*

Aqui o seu contraste com o protestantismo é esmagador.

Sim, não posso nem quero negar, que sobretudo em grandes cidades haja estabelecimentos protestantes de caridade publica : mas podem ser comparados com seus congenerees catholicos ? Pois : a) Quão *incomparavelmente maiores em numero* não são estes estabelecimentos na Igreja Catholica ? Os do protestantismo quasi não se vêm em pequenas cidades e aldeias, é quasi sempre em grandes povoações : os dos catholicos, porém, se encontram por toda a parte, tanto em pequenas, como em grandes povoações. Para não fallar em casas de misericordia, em asylos para pobres, etc... lembro só a Conferencia de S. Vicente de Paulo, estabelecida quasi em todos os logares e pela qual milhares e milhares de pobres são soccorridos corporal e espiritualmente. b), Além d'isto, o *protestantismo não tem soccorros para todas as misérias humanas* ; porém a Igreja Catholica já desde o principio de sua existencia tem provido e ainda continúa a provêr em todas as formas de soffrimento humano. Occupa-se da *meninice*, para a qual abre estabelecimentos de toda a especie : para os engeitados, para os orphãos, para os doentes, para os vagabundos, e, ao mesmo tempo que os alimenta e veste, lhes cultiva o espirito e o coração por suas escolas, e os forma na pratica da vida christã, pelo ensino e pela educação religiosa. Occupa-se da *mocidade*,

para a qual abre escolas, estabelecimentos de educação, institutos, collegios, seminarios : que reúne em ligas, congregações, confrarias, onde ella trata tanto de seus interesses temporaes como espirituaes, tanto de seu corpo como da sua alma. Occupa-se da *idade madura*, á qual, além de lhe offerecer as vantagens espirituaes das ditas ligas e confrarias, procura soccorrer em todas as circumstancias da vida, na perda do emprego, na doença, na desgraça até depois da morte, dando-lhes uma sepultura honorifica e suffragios. Occupa-se da *velhice*, á qual abre asylos onde pôde descansar sem preocupação dos trabalhos da vida e preparar-se para uma boa morte. Occupa-se dos *pobres, dos doentes, dos presos, dos condemnados á morte, dos artistas e officiaes, dos militares, dos navegantes, dos emigrantes*; numa palavra : não ha necessidade e soffrimento, para onde a Igreja Catholica, Apostolica, Romana não se dirija com presteza, para levar allivio e consolação.

c) E não julgueis, que todos esses milhares e milhares de estabelecimentos surgiram do chão como por encanto, *e que não custaram os maiores sacrificios da parte dos catholicos*. O dinheiro para a realisação da maior parte d'elles foi angariado vinthem por vinthem; e deste modo, representa um cabedal incalculavel de sacrificios generosissimos tanto da parte dos que contribuíram com suas esmolas, como da parte dos que tomaram a iniciativa ou foram incumbidos da execução das ditas obras.

Esta consideração serve admiravelmente para realçar a caridade catholica e a elevar muito acima da dos protestantes que, para os poucos estabelecimentos de caridade publica que têm, *não tiveram que soffrer sacrificios pessoaes, mas puderam contar com o bolso de qualquer rico affeiçãoado á seita d'elles*.

d) Porem, o que antes de tudo serve para convencer-nos da santidade da Igreja em seus estabelecimentos de caridade publica, é a *ponderação das pessoas a quem a direcção e o cuidado d'elles são confiados*. Nos estabelecimentos protestantes ellas são pessoas leigas, salariables, *que consideram seu emprego mais como meio de ganharem a vida* de que como meio de ganharem com elle o Céu, e, por isso, não pôdem ter a dedicação que inspira a pura caridade christã. Nos estabelecimentos catholicos, pelo contrario, essas pessoas são *religiosas*, isto é : *homens e mulheres* de todas as camadas da sociedade, desde o sangue principesco até o sangue plebeu, *que deixaram paes, patria, parentes, bens e possesões, honras e grandezas, prazeres e divertimentos, para sem reserra alguma dedicarem-se ao serviço de Deus e do proximo*. E isto não por um tempo indefinido, até que queiram voltar para o mundo, mas para todo o sempre, pois esses religiosos obrigaram-se por votos a viverem sempre na pobreza, na obediencia, na castidade, confiados não nas recompensas d'este mundo, mas nas do céu. Sem constran-

gimento algum, só por livre vontade, quizeram obrigar-se a socorrer durante toda a sua vida, o proximo necessitado. (*)

Onde acha-se amor tão generoso e desinteressado? Não é verdadeiro heroismo, um heroismo que fóra da Igreja Catholica não encontra um igual, e tantas vezes pelos incredulos e acatholicos é admirado, elogiado publicamente, *imitado de longe, mas nunca igualado?*

Para confirmação d'estas palavras, uma recente estatistica das *irmãs de caridade na Hespanha*. Essas irmãs, têm a seu cuidado 193 hospitaes com 16.249 enfermos; 16 manicomios com 5.071 alienados; 38 casas de crianças abandonadas com 8568 engeitados; 148 asylos com 11.046 velhos e 17.321 meninos, 56.148 crianças e uma infinidade de adolescentes de um a outro sexo; 15 cosinhas economicas em que se distribuem 21.998 rações diarias, e tres prisões com 700 reclusos. A eloquencia d'estes algarismos que só dizem respeito *às irmãs de caridade*, pois ha alli uma infinidade de irmãs pertencentes a outras congregações, dispensa qualquer palavra de encomio. E o que se vê na Hespanha, vê-se em todos os mais paizes.

Mas, nada prova mais claramente, que só a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, abunda em fructos de santidade, do que 3.^o *o grande numero dos santos que ella pôde apontar*. Eis uma prova de santidade que os proprios protestantes devem reconhecer, a saber: que na Igreja Catholica, Apostolica, Romana ha verdadeiros santos, e isto em todos os seculos da sua existencia; não sómente nos tempos dos Apostolos, mas ainda nos tempos actuaes. Só o espirito sectario de alguns, que a torto e a direito querem negar á Igreja Catholica, Apostolica, Romana a marca da santidade, e pelo qual, por exemplo, se

(*) Só a ordem de S. Bento conta entre seus monges mais de 75 reis e imperadores: e quando a Inglaterra ainda era paiz catholico viu descerem do throno para trocal-o com o habito de monge 25 reis e rainhas.

Tambem em nossos dias a batina do padre ou o habito do monge escondem muitas vezes pessoas de sangue real.

Assim p. e., da familia do principe Carlos Lôwenstein, entrado alguns mezes na ordem dos dominicanos, tres senhoras já tomaram habito monacal, a saber sua unica irmã e duas de suas filhas. A irmã do principe se chama Adelaide e é viuva do pretendente portuguez Miguel.

Nas dynastias governantes da Europa encontramos o principe Max, irmão do rei da Saxonia, e actualmente lente de direito ecclesiastico na universidade de Friburgo.

O conde Arnaldo zur Lippe, conego da igreja de S. Estevão em Vienna é tambem descendente d'uma dynastia governante. De familia principesca são P. Hedefonso, benedictino, e a princeza Henriqueta Lichtenstein, benedictina.

Entre as pessoas principescas, chamadas mediatizadas, os exemplos são ainda mais numerosos, p. e. Fernando Croy, padre secular, em Roma; dois principes Hohenne-Schillingsfurst, um delles benedictino em Seikan, o outro padre secular no bispado de Siegenbürgen; o principe Carlos Hohenne-Langenburg em Olmütz. Mais cumprida ainda é a lista de donzellas de familias principescas. Assim p. e. a filha do principe Hohenne-Schillingsfurst e as duas duquezas são benedictinas, ao passo que uma filha do principe Lobkowitz e tres irmãs do principe Isenburg-Birstein entraram em outras congregações religiosas, etc.

deixa levar o autor das *Noites com os Romanistas*, procura negal-o. E, céus! Com que argumentos mesquinhos, pueris e ridiculos, como veremos no artigo seguinte e no capítulo IX! Protestantes sinceros admittem este facto. Repito aqui as palavras já citadas, do pastor protestante Lavater, que em sua carta ao conde de Stolberg, escreve: « os catholicos têm santos, não posso negal-o, e nós não temos pelo menos quem se pareça com os d'elles ». Como tambem as de Harnack: « Em todos os tempos ella produziu santos, quanto seres humanos podem ser chamados taes e ainda hoje os produz ».

E já antes d'elles, a *Apologia*, feita pela confissão de Augsburgo, reconheçera que S. Bernardo, S. Francisco e S. Boaventura, canonisados pela Igreja Catholica, Apostolica, Romana, eram verdadeiros santos.

Além d'isto, o calendario da seita anglicana admite mais outros, e ainda em nossos dias os puseistas, seita protestante na Inglaterra, reconhecem todos os santos catholicos. Ora, a esses santos catholicos, as seitas protestantes, como diz o proprio Lavater, *não podem contrapôr nenhum santo protestante*.

Sim, sei que ha, quem allegue alguns anabaptistas, que foram decapitados por sua fé. Mas a *causa e o modo* por que iam ao encontro da morte, mostram claramente que não passavam de facinoras obstinados e fanaticos. Pois foram decapitados por seus *innumeros e enormes crimes*, e foram ao encontro da morte *cantando e bailando como possessos*, mostrando d'este modo, que não eram martyres mas sim manicos e fanaticos. E quanto aos protestantes huguenotes, que perderam a vida na noite de S. Bartholomeu, Guizot e Weiss, ambos historiadores protestantes, de grande nomeada, declaram com sinceridade que elles se tinham tornado *culpados de muitas e grandes desordens*, e que não morreram pela fé mas *por causa da politica*.

Agora, pergunto eu, se a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, durante os tres primeiros seculos da sua existencia já tinha mais de onze milhões de martyres, se o sangue dos martyres não tem deixado de correr até o dia de hoje, como vemos nas matanças recentes de missionarios e christandades na China, na Armenia, etc., etc., se além d'isto a Igreja Catholica, Apostolica, Romana conta por centenas e centenas os Santos Confessores, as Santas Virgens (só no seculo passado foram canonisados 81 fieis e beatificados 391), e o protestantismo não pôde contrapôr, a este sem numero de santos, nem um só santo, que se santificou em seu gremio: não será então preciso dizer que só a Igreja Catholica, Apostolica, Romana tem a santidade que Jesus Christó deu á sua Igreja: que só ella, portanto é, santa, e, por

consequente, que só ella é a verdadeira Igreja de Jesus Christo nesta terra?

Resta ainda provar 6.^o que só a Igreja Catholica, Apostolica, Romana é santa *pelas provas de santidade*; com outras palavras, que só ella possui os dons do Espírito Santo e o dom de milagres. Que no protestantismo nunca se ouviu d'esses dons do Espírito Santo, communicados a protestantes, e que nenhum d'elles teve o dom de fazer milagres é cousa sabida de todos. Calvino sim, quiz fazer um milagre fingido, mas pagou bem caro seu atrevimento sacrilego e blasphemo. O fingido morto, de facto morreu e ficou morto.

Tambem os milagres que se diziam realizados no tumulo de Páriz, diacono jansenista, provaram-se falsos.

Só na Igreja Catholica, Apostolica, Romana vemos um sem numero de milagres, de toda a especie, feitos por Deus em confirmação de qualquer doutrina catholica, ou por authoridade de Deus pelos santos, durante sua vida, ou depois de sua preciosa morte. E ainda que seja verdade que o povo de vez em quando, grite: « milagre, milagre », quando não ha sombra de milagre, isto não impede que haja um sem numero de milagres provados com provas tão certas e convincentes, que só espiritos prevenidos e voluntariamente cegos os possam negar. Basta lêr os depoimentos jurados de muitas testemunhas nos processos das beatificações e canonisações dos santos.

Além d'isto, escriptores calvinistas e lutheranos inglezes, allemães e holandezes, como sejam por exemplo: Baldec, Hakelwit, Tavernier, não pôdem deixar de convir nisso, e confessam que S. Francisco Xavier, entre outros, fez grandes milagres. Ora, se o milagre é *por excellencia o testemunho divino da santidade d'uma doutrina, d'uma pessoa e da Igreja em que se realisa*, não é força dizer que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, que com exclusão de todas as seitas protestantes pôde apresentar taes milagres, por isso mesmo deve ser a Igreja santa e, por consequente, a unica verdadeira Igreja de Jesus Christo?

Tiremos pois, a unica conclusão legitima e necessaria do que ficou escripto nos dois artigos precedentes e digamos: *As seitas protestantes não são santas; a unica Igreja santa é a Igreja Catholica, Apostolica, Romana*, e o autor das *Noites com os Romanistas*, escrevendo que « não via motivo algum para que se pudesse dizer que a Igreja Romana é mais santa do que a protestante », ou foi levado pelo espirito de partido que lhe obcecou os olhos, ou mentiu contra sua consciencia, e esta ultima supposição é a unica que eu, cá para mim, admitto.

ARTIGO III

Resposta ás difficuldades e objecções do autor

Agora vou responder a todas as difficuldades e objecções que fez o autor das *Noites com os Romanistas*, contra a santidade da Igreja e ás quaes ainda não respondi neste capitulo.

Porém, antes de começar, peço ao leitor que me perdoe o enfado que lhe vou causar, reproduzindo aqui tantas objecções ridiculas, tantas ninharias, tantas puerilidades do sério autor. Se elle não me assegurasse de modo tão solenne que elle fez calar muitos catholicos, passal-as-hia em silencio. Agora, porém, que assevera, *quer conforme, quer contra a verdade*, que com ellas impôz silencio a muitos de meus correligionarios, é dever meu servir-lhe de resposta.

Sobre a distincção feita pelo autor entre verdades que são communs aos catholicos e aos protestantes e que ambos reconhecem como santas, — e as em que differenciam e que os catholicos consideram como santas e os protestantes rejeitam como impias, — já fallei, mostrando que as verdades que são communs aos catholicos e protestantes são pouquissimas em numero, e que as que os protestantes rejeitam como impias, *pertencem á doutrina genuina de Jesus Christo e são santissimas*.

Por conseguinte, quando escreve o autor que ha duas considerações em favor do protestantismo, a saber: que todas as doutrinas que ensina o protestantismo são tiradas da Escriptura Sagrada e por isso devem ser santas, e que as mesmas doutrinas que elle ensina tambem são recebidas, cridas e consideradas como santas pela Igreja Catholica, Apostolica, Romana e que por isso não se pôde negar que a doutrina protestante seja santa, respondo: 1.^o *Que é grande mentira* dizer que *todas* as doutrinas ensinadas pelos protestantes são tiradas da Biblia e por conseguinte são santas, e que a *Igreja Catholica, Apostolica, Romana* recebe crê e considera *como santas essas mesmas doutrinas*; e 2.^o que se fosse assim, *d'isto de todo não seguiria* a santidade da doutrina protestante, visto como ella não admite *todas* as doutrinas de Jesus Christo, e para ser santa *qualquer doutrina* não basta que ensine *algumas verdades santas*; mas deve ensinar *todas as verdades santas contidas na doutrina de Jesus Christo*, porque é só á doutrina de Jesus Christo tomada em sua totalidade que compete a nota característica de santidade, que Elle lhe deu.

Refutadas, pois, estas duas considerações que, segundo o autor, deviam testemunhar em favor do protestantismo, mas infelizmente não o fizeram, vejamos outra. O autor chama a atenção sobre duas contradicções notaveis nos chamados sacramentos da Igreja Catholica, Apostolica, Romana: uma relativa

ao matrimonio e a outra á extrema uneção. Demos-lhe a nossa attenção :

« A Igreja Romana — escreve o autor — sustenta que o « celibato é um estado muito mais santo do que o matrimonio, « e, *portanto que os solteiros são muito mais santos do que os casados* (que conclusão logica!!!). Pois bem, continuei eu, « tudo isto me parece muito absurdo, muito contrario á Escri- « ptura e muito mau; e, comtudo, é muito intelligivel: com- « prehendendo a idéa perfeitamente. Mas, em opposição a esta, ha « outra doutrina que ensina que os sacramentos conferem um « augmento de graça, de modo que, depois de receber um sa- « cramento, temos mais santidade do que a tínhamos antes. « Entre estes sacramentos, que conferem assim um augmento « de graça, encontra-se o matrimonio. Aqui é que está a con- « tradição: sustenta-se por uma parte que o estado de celibato « é mais santo do que o matrimonio, e por outra parte que o « matrimonio, como sacramento, confere aos casados um aug- « mento de graça e de santidade, que não têm os solteiros: e « sem embargo d'isto, o estado do matrimonio é muito menos « santo do que o do celibato! Nunca, até agora, tenho encon- « trado explicação satisfactoria d'esta contradicção ».

Pois bem, sr. autor de sophismas capciosos! Permitta-me que com boa logica e sem usar de sophismas, lhe illumine o espirito. Mas antes vou pôr tudo em pratos limpos. O senhor nega que o celibato seja um *estado* muito mais santo do que o *estado* matrimonial. Pois fique sabendo que esta é a doutrina de S. Paulo, em muitos logares das suas epistolas: Assim, por exemplo, S. Paulo escreve (I. Cor. VII: 38): « O que *casa* a sua virgem faz *bem*, e o que a *não casa* obra *melhor* »; e explica sua doutrina dizendo, que uma pessoa solteira achará maior facilidade do que uma pessoa casada *para servir a Deus sem reserwa alguma* (I. Cor. VII: 34): « A mulher solteira e a « virgem cuidam nas cousas que são do Senhor para serem « santas no corpo e no espirito; mas a que é casada cuida nas « cousas que são do mundo, de que modo ha de agradar ao « marido », e por isso as pessoas casadas estão divididas entre Deus e o marido ou a mulher (I. Cor. VII: 33): « e está d'este « modo dividido ».

Por conseguinte, o senhor não deve impugnar esta doutrina, porque é doutrina revelada, doutrina da sua Biblia, que para o senhor é tudo, é a *única* fonte da doutrina revelada: mas, quem sabe? talvez á leitura d'estas palavras claras o Espirito Santo lh'as explicasse de outra maneira!!

Em segundo logar: o senhor não deve dizer que sendo o celibato estado muito mais santo do que o estado matrimonial, d'ahi se segue forçosamente que os *solteiros* são mais santos do que os *casados*. Não, meu caro senhor, isto não é boa logica:

concluir da santidade do *estado* á santidade *das pessoas*; pois uma cousa é estado santo; outra, pessoa santa. No estado mais santo pôde viver a pessoa mais corrupta. Para allegar um só exemplo: Quem se atreverá a sustentar que *seu glorioso patriarcha Luthero*, quando ainda solteiro e monje, isto é, antes de seu matrimonio nullo e invalido com a solteira Catharina Bora, commettia com ella as maiores deshonestidades, *como prova o nascimento de seu filho primogenito uns dias depois de seu chamado casamento*; era mais santo do que um casal honesto? Olhe, senhor, em que vae dar a falta de logica! E' tambem d'esta falta de logica, d'esta confusão do estado com as pessoas que vivem naquelle estado, que provém toda a difficuldade que tem o senhor de combinar a doutrina catholica a respeito do estado virginal e do estado matrimonial. Sim, os noivos, no momento de seu casamento recebem pelo sacramento do matrimonio um augmento da graça santificante que os solteiros não recebem *naquella occasião e por este meio*; mas d'isto não se segue que o estado matrimonial é mais santo do que o estado virginal, pois o estado virginal, *por ser um estado de inteira dedicação a Deus* é muito mais elevado e alcança para os que nelle vivem, muito maior augmento da graça santificante pelas graças actuaes, de que é a fonte, e que bem aproveitadas augmentam maravilhosamente o grau da graça santificante. Por conseguinte, *as pessoas solteiras não estão em peiores condições* que as que recebem o sacramento do matrimonio; porque *naquella occasião e por aquelle meio*, isto é, na occasião e por meio do sacramento do matrimonio, não recebem o augmento da graça santificante; recebem-n'a *em muitas outras occasiões e por muitos outros meios e mais abundantemente*. E, d'este modo, desvanecese toda a contradicção do senhor, baseada como foi, num fundamento falso.

Mas, o autor chama nossa attenção para outra contradicção contida, como diz, no *supposto sacramento da extrema unção*. Eis as suas palavras:

« Quando perguntamos de que serve isto, e qual é sua
« operação especial no crente, respondem-nos que tira o resto
« dos peccados, que os outros sacramentos não tiraram. Pois
« bem; este modo de fallar impugna virtualmente a efficacia
« da absolvição antecedente, tanto na administração da Eucha-
« ristia como na do sacramento da Penitencia, porque sendo
« essa absolvição completa, valida e efficaz, deveria ter absol-
« vido o penitente de todos os seus peccados. Ou a absolvição
« é efficaz e a extrema unção é inutil, ou a extrema unção
« é efficaz e a absolvição nada vale. Parece haver contradicção
« entre a doutrina da extrema unção e a do purgatorio; por-
« que, se a extrema unção tira o « resto » dos peccados, não
« deixa nada para ser purgado no purgatorio; e se deixa al-

« guma cousa para alli ser purgada, vê-se claramente que nem « a absolvição tem tirado todos os peccados, nem a extrema « unção tem tirado o « resto ».

Eis, pois, a segunda objecção do autor das *Noites com os Romanistas*, contra a santidade da doutrina catholica.

O protestantismo d'esta vez levará vantagem sobre o Catholicismo? Não; é como sempre: « muita palha e pouco grão »; « muita parra e pouca uva ». Vejamos:

Digo 1.^o que « tirar o resto do peccado » *nem é unico nem o primeiro effeito* da Extrema Unção. A extrema unção é um Sacramento instituido por Nosso Senhor Jesus Christo como se vê menos claramente na Biblia (Th. V: 14) e mui claramente na Tradição, que o autor, sem ter direito para isto, rejeita, para dar aos doentes allivio espirital e corporal. Dá aos doentes augmento da graça santificante; além d'isto, dá a graça sacramental, vem tambem a de tirar « o resto » do peccado. Ora, eis em que, segundo o autor, existe a contradicção: *neste resto do peccado*. Pois si este resto do peccado ainda existe depois da confissão e depois da communhão, está claro, diz elle, que estes sacramentos não tiveram a força de tirar todos os peccados. E isto, segundo o autor, deve ser contra a doutrina da Igreja Catholica, que ensina que a Confissão tira todos os peccados, como tambem o faz a Communhão recebida com boa disposição,

Expliquemos, pois, a doutrina da Igreja Catholica, Apostolica. Romania a respeito d'estes sacramentos. E' certo que por uma boa confissão são perdoados todos os peccados *mortaes*, mesmo os que foram esquecidos. A razão é porque um peccado mortal não se pôde perdoar sem que se perdoe outro, pois ninguém pôde ser amigo e inimigo de Deus *ao mesmo tempo*. Isto, porém, não vale dos peccados *veniaes*, pois um d'elles pôde muito bem ser perdoado sem que se perdoe outro. Por isso, quando alguém não confessa *todos* os seus peccados *veniaes* (e com quanta facilidade isto não pôde acontecer, attentas a facilidade com que se commettem, á difficuldade de lembrar-se d'elles e até o descuido de os contar todos?), não alcança o perdão de *todos* os seus peccados *veniaes*; por consequente, ha um « resto » de peccados que pôde ser perdoado pela Extrema Unção, sem que nisto haja contradicção alguma com o sacramento da Confissão. E embora uma pessoa depois de tal confissão, na qual não contou todos os seus peccados *veniaes* receba a Sagrada Communhão com as devidas disposições, ainda não tem a certeza que estes peccados *veniaes*, não confessados, lhe sejam perdoados pela Sagrada Communhão, porque não pôde determinar o grão de fervor requerido para alcançar este perdão.

Por isso mesmo, depois da confissão e communhão pôde haver « restos de peccado » que a Extrema Unção é chamada

para apagar, sem que nisto haja contradicção alguma nem com a confissão nem com a communhão que recebeu. E com esta resposta demos ao autor uma explicação satisfactoria da sua chamada contradicção.

Mas o autor vê também *uma contradicção entre a doutrina da Extrema Uncção e a do Purgatorio*. A esta difficuldade posso responder 1.º: que, embora todos os peccados sejam perdoados, *quanto á sua culpabilidade* pelos sacramentos da confissão, communhão e extrema uncção, nem sempre serão perdoados quanto a sua penalidade, isto é quanto á obrigação de expial-os por penas temporaes a soffrer nesta vida ou depois da morte no purgatorio. (*) Ora, admittindo-o, a contradicção entre a Extrema Uncção e o Purgatorio desaparece logo. Pois esta penalidade é um « resto do peccado ». 2.º: Além d'isto, embora os Sacramentos da Penitencia, da Eucharistia e da Extrema Uncção *possam por sua virtude uns directa outros indirectamente perdoar todos os peccados, praticamente muitas vezes não o farão*, porque o catholico muitas vezes não os receberá com disposições *tão perfectas*, que cheguem a alcançar-lhe o *perdão completo de todos os seus peccados*. Ora, se elle, depois de os ter recebido *sem* estas disposições perfectas, *morrer*, ha bastante motivo para que Deus o mande expial-es no Purgatorio.

E com esta resposta se desvanece também a contradicção entre os ultimos sacramentos e o purgatorio.

Depois das objecções oppostas pelo autor, á santidade da doutrina da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, objecções ás quaes qualquer menino bem instruido na religião podia responder, o autor vae objectar contra os santos que se veneram na Igreja Catholica, Apostolica, Romana.

O modo porque o faz, sobre ser indigno, é ridiculo em todos os sentidos. A um seu interlocutor, que lhe fallou a respeito dos santos, o autor pediu que tivesse a bondade de repetir-lhe o « Confíteor ». Assim este o fez, dizendo: « Eu, « peccador me confesso a Deus, á bemaventurada sempre Virgem Maria », etc... em seguida o autor respondeu.... Mas, ouçamos a resposta da bocca d'elle, pois tem sua graça especial.

« Agora, pois, disse eu, que o senhor com tanta bondade « me deu os nomes da Virgem Maria, a quem os catholicos « romanos chamam Rainha dos Santos e dos principaes Apos- « tolos e dos mais notaveis de todos os Santos, quizera me

(*) Assim p. e. recebeu David pela bocca do propheta Nathan, a segurança que Deus lhe tinha *perdoado a culpa, de seu peccado de adulterio*. Porém não ficou livre do « resto do peccado » da penalidade, isto é da morte de seu filho, fructo do commercio criminoso com Bethesabé. E todas as lagrimas, todas as penitencias com que procurou aplacar a justiça divina foram baldadas. Seu filho morreu.

« dissesse, se elles pertenceeram á Igreja Romana. Esta pergun-
 « ta excitou o sorriso da parte das pessoas presentes.

« Nunca temos lido, continuei eu, que a Virgem Maria
 « fosse membro da Igreja Romana. As Escripturas só nos fal-
 « lam d'ella como estando sempre em Jerusalém. Nunca lêmos
 « tambem que S. João Baptista estivesse jámais em Roma.
 « Quanto a S. Pedro, S. Paulo, S. Thiago, S. João e os mais
 « Apostolos, nunca temos lido que jámais pertencessem á Igreja
 « Romana. Póde ser que alguns d'elles visitassem a cidade de
 « Roma, mas as Escripturas nos dizem que eram membros da
 « primeira de todas as Igrejas — a Igreja de Jerusalém.

« Confessou que era esta a verdade quanto á Virgem
 « Maria e a S. João Baptista, e accrescentou que o que tinha
 « dito se não referia a elles, mas só aos santos de tempos pos-
 « teriores: — a Sto. Agostinho, S. Cypriano, S. João Chrysos-
 « tomo, Sto. Ignacio, Sto. Ambrosio e a outros bemaventurados.
 « como S. Domingos, S. Francisco e S. Bernardo — tendo
 « sido todos elles da Igreja Romana e tendo vivido e morrido
 « antes da Reforma protestante.

« Estou certo, repliquei eu com a maior cortesia, que o
 « senhor reconhecerá o seu engano a este respeito, quando lhe
 « perguntar de que logar Sto. Agostinho foi bispo!

« Respondeu que fôra bispo de Hippo, na Africa.

« E de que logar S. João Chrisostomo foi bispo? conti-
 « nuei eu.

« Respondeu immediatamente que de Constantinopla.

« Assim, pois, ajuntei, o senhor deve reconhecer, que
 « nem um nem outro pertenceram á Igreja Romana. Sto. Agos-
 « tinho foi bispo da antiga Igreja Africana, e não da Romana.
 « Quanto a Constantinopla, sendo então como ainda é, a cidade
 « principal da Igreja grega ou oriental, é claro que S. João
 « Chrysostomo pertenceu á Igreja grega ou oriental, e não á
 « Igreja Romana ou occidental. O mesmo se pode dizer a res-
 « peito de muitos outros, que nunca foram membros da Igreja
 « Romana. Quanto, porém, aos chamados santos dos tempos
 « posteriores, não vejo a força do argumento, porque todos elles
 « foram eleitos, nomeados, canonisados pela Igreja Romana; e
 « como os protestantss não pretendem canonisar santos, a Igre-
 « ja Romana não têm quem compita com ella nesta materia:
 « e, demais, ella não canonisa senão os seus proprios: não é
 « provavel que o papa canonise um protestante, e, portanto,
 « facilmente póde dizer-se que todos os santos são membros da
 « sua Igreja.

« Isto excitou um sorriso entre os nossos ouvintes, que
 « pareciam ser de opinião que o argumento não necessita de
 « outra resposta ».

Sim, respondendo eu, : « muito riso, pouco siso »; d'um au-

ditorio composto de bobos, patetas, simplórios, outra cousa não era de esperar; mas de pessoas illustradas o autor das *Noites com os Romanistas*, não teria merecido senão risotas e signaes do maior desprezo. Ou não é vergonhoso lançar mão de sophismas tão ridiculos e tão indignos para provar que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana não tem santos?

« Nunca temos lido que a Virgem Maria fosse membro « da Igreja Romana!! Nunca lêmos que S. João Baptista estivesse em Roma!; Quanto a S. Pedro, S. Paulo, S. Thiago, « S. João e os mais Apostolos, nunca temos lido que jámais « pertencessem á Igreja Romana »!!

Grande Deus do céu! Pois então? é preciso lerem-se estas palavras para ter a certeza que elles pertencem á Igreja Catholica, Apostolica, Romana?!

A estada em Roma é condição indispensavel para uma pessoa ser membro da Igreja Catholica, Apostolica, Romana? Ah! quanto pois eu vos lamento, a vós catholicos das Americas, da Asia, da Africa, da Australia, da Europa, que habitaes fóra de Roma! Coitados! julgaes pertencer á Igreja Catholica, Apostolica, Romana e não vêdes que o principal vos falta, que para serdes membros d'esta Igreja deveis morar em Roma?!

Mas fiquemos sérios. Pergunto: a que Igreja pertenceu a SS. Virgem Maria? Não foi a Igreja que *seu filho Jesus Christo instituiu*? A que Igreja pertenceram S. Pedro, S. Paulo, e os mais Apostolos? Não foi á Igreja *que Jesus fundou e da qual S. Pedro foi o fundamento*? E qual é esta Igreja fundada por Jesus, Christo? Não é a *Igreja Catholica, Apostolica, Romana*, que se chama « Romana » porque seu primeiro Chefe Supremo, S. Pedro, em Roma morreu martyrizado, e morrendo alli, transmitiu a todos os seus successores no Episcopado de Roma a supremacia, o supremo poder de chefes da Igreja de Jesus Christo, do qual era revestido? Por consequente, a estada ou a morada em Roma ou no Bispado de Roma, não é requerida para uma pessoa ser membro da Igreja Catholica, Apostolica, Romana. Onde quer que ella morar, se estiver unida com a Igreja Catholica de Roma pela sua fé e pela sua obediencia ao Papa, o Chefe visivel da Igreja Catholica Apostolica, será *membro da Igreja Romana*, e, por isso, embora a SS. Virgem Maria morasse em Jerusalém, embora muitos Apostolos nunca estivessem em Roma, pertencem todos á Igreja Romana, a qual é a Igreja Catholica Apostolica, a unica verdadeira igreja de Jesus Christo.

E com estas palavras respondi ao mesmo tempo ao sophisma do autor a respeito de Sto. Agostinho que foi bispo na Africa, e de S. João Chrysostomo, que foi bispo em Constantinopla. Pergunto: as igrejas da Africa e de Constantinopla não eram *secções daquella Igreja, cujo chefe morava em Roma*? Estes dois

Santos Bispos de Hippo e de Constantinopla não reconheceram o Papa de Roma como Chefe Supremo das suas Igrejas e como o Chefe Supremo de todas as Igrejas Catholicas do Universo? Logo, pertenciam á Igreja Catholica, Apostolica, Romana; logo santificaram-se na Igreja Catholica, Apostolica, Romana; logo, são santos da Igreja Catholica, Apostolica, Romana.

Mas, seu sophisma, senhor autor das *Noites com os Romanistas*, não pôde prevalecer em relação a muitos outros santos dos tempos posteriores, que pertenciam á Igreja a qual s. s. teima em chamar a Romana, em lugar de chamal-a por seu nome: Catholica Apostolica Romana. Diz s. s. que não são santos, «porque todos elles foram eleitos, nomeados e canonisados pela Igreja Romana.» Mas por amor de Deus, onde quer o sr. que o fossem senão na Igreja Catholica, Apostolica, Romana, na mesma Igreja em que elles se santificaram?

Suas seitas, como confessa francamente, não pretendem canonisar santos. A razão é clara; é porque, como já provamos no artigo precedente, não os têm; durante 400 annos não chegaram a produzir *nem sequer um só santo*, e por isso o Papa, ainda que o quizesse, *nem com a melhor vontade do mundo, poderia canonisar um protestante*. Occupar-se da canonisação de nossos santos s. s. tambem não quer, porque a vista de tamanha e tão abundante santidade não teria outro effeito senão encher-o e a todos os seus da maior vergonha. Onde então canonisal-os senão na Igreja Catholica, Apostolica, Romana? Ou não terá ella direito de julgar da santidade de seus proprios filhos, e, caso o mereçam, por sua resplandescente santidade de vida, confirmada sempre por quatro milagres, declaral-os publicamente santos?

E não diga, s. s. assim como parece indicar pelas palavras «todos elles (os santos) foram eleitos, nomeados e canonisados pela Igreja Romana», que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana é «muito facil em canonisar novos santos», não; *ella é d'um rigor que parece até excessivo*. Não tenho folga para lhe explicar os processos que se vêm na Igreja Catholica, Apostolica, Romana, na occasião de beatificações e canonisações dos santos (explical-o-ei no capitulo IX, tratando da invocação dos santos), só quero referir-lhe um facto historico, que fallará mais altamente do que todas as minhas palavras o poderão fazer. O doutissimo Cardeal Lambertini, que mais tarde foi Papa, com o nome de Benedicto XIV, entregou um dia em Roma um processo de Canonisação a um douto protestante, o qual taxava a Igreja Catholica, Apostolica, Romana de leviandade n'este assumpto, affirm de que o examinasse e desse seu parecer. Este cavalheiro, depois de haver examinado bem todos os documentos do processo, disse: «Se todos os

« milagres dos Santos que a Igreja Catholica canonisa são tão
« authenticos e claros como estes, cumpre verdadeiramente dizer
« que Deus está com a Igreja Catholica, Apostolica, Ro-
« mana ».

« Pois bem, saiba V. S. — retorquiu-lhe o Cardeal — nós
« em Roma somos muito mais severos ; não achamos sufficien-
« tes estes documentos, e se não tivermos mais provas que
« estas, o processo será repellido ».

Ficou summamente admirado o cavalheiro de semelhan-
te procedimento, e, segundo refere um escriptor, mais tarde
abjurou o protestantismo e fez-se catholico.

Segue-se d'isto, que todos os esforços do autor, para tirar
à Igreja Catholica, Apostolica, Romana seus Santos, mallogra-
ram e só serviram para mais uma vez nos convencer de que
a Igreja Romana tem verdadeiros Santos.

Mas, no calor da discussão um dos interlocutores lhe
objectára que *uma Igreja fundada por Luthero e Henrique VIII não podia ser a Igreja santa.*

D'ahi o autor toma occasião de defender a vida de Lu-
thero, negar que Henrique VIII pertencesse à seita protestan-
te, e invectivar muito contra os Papas Romanos.

Tratarei, pois, delles. *A respeito de Luthero*, escreve o
autor :

« Respondi a este homem que Luthero foi um monge ou
« sacerdote catholico romano ; que tinha professado os cos-
« tumados votos contra o matrimonio ; que tinha vivido em
« um tempo que os monges e sacerdotes, embora não tives-
« sem mulheres proprias, viviam em descarada intimidade com
« as mulheres de seus parochianos ; que Luthero, vendo isto
« com seus proprios olhos e sabendo que esta era a pratica
« geral dos sacerdotes e monges, pensou que seria melhor que
« cada um, segundo diz S. Paulo (I. Timoth. III, 2), vivesse
« honradamente com sua propria esposa e não deshonestamente
« com as esposas dos outros ; e, que por isso, tomou
« a resolução de casar-se ; e, de facto, casou-se com uma mulher,
« que tinha sido freira, a qual quiz antes viver com elle hon-
« rada e modestamente, como sua esposa legitima, do que vi-
« ver deshonorada e indecorosamente, como acontecia frequen-
« temente entre irmãs ».

Até aqui as palavras do autor que com ellas procura
provar: 1.º, que naquelles tempos a corrupção dos costumes
entre o clero se tinha tornado geral ; 2.º, que Luthero, por
sentimento de pudor christão não o quiz acompanhar nesta vi-
da de mancebia e por isso preferiu um casamento honesto
com Catharina Bora, ex-freira ; 3.º, que elle nelle vivia ho-
nestamente.

Não quero aqui imitar o autor que, fallando da vida de

alguns dos Papas Romanos lhes chama : « monstros de crapula, de barbaridade e atrocidade » e assevera que « não ha peccado nem crime que não tivessem perpetrado ». Pois com a maior facilidade podia applicar estes appellidos a Luthero, servindo-me nisto não de testemunhos de catholicos, que podiam ser suspeitos, mas dos *proprios protestantes*, tanto entre os contemporaneos de Luthero como entre os dos tempos posteriores e dos tempos actuaes, como por exemplo, do actual professor da Universidade de Rostock, Walter, que confessa publicamente que diversos theologos protestantes desprezam de coração Luthero, mas não o podem dizer publicamente. Mas, quero responder ás palavras do autor, e então digo *que é mentira, falsificação proposital da historia* sustentar : que no tempo de Luthero, antes d'elle revoltar-se contra a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, a corrupção era geral, entre os membros do clero.

Esta corrupção, sim, foi *consequencia* da Reforma ; não a *precedia*. Sem duvida, houve escandalos, como sempre os haverá ; mas a corrupção não era tão geral como pretende o autor. Eis o testemunho de Balme, confirmado pelo sabio historiador Janssen em sua historia do « povo Allemão », e pelo sabio Denifle, em sua obra « Luthero e o Lutheranismo no primeiro estado de seu desenvolvimento » : « Na época em que o protestantismo appareceu, nós vemos os abusos incomparavelmente menos numerosos, os costumes notavelmente melhorados, a diciplina mais rigorosa e observada com regularidade. O tempo em que declamou Luthero, não era mais o mesmo em que S. Pedro Damião e S. Bernardo deploravam os males da Igreja e em que nos seculos XIV e XV os Concilios de Florença e de Constança a reformaram ». E com effeito : « como ignorar ou desconhecer », posso perguntar com o abba-de Cognat, « esta constellação de santos illustres com que brilhou o seculo XVI ? ».

« Enquanto Luthero e Calvino enganavam o mundo e o « manchavam com sua conducta e seus erros, enquanto esses « falsos reformadores destruiam na alma a noção do respeito, « da virtude e da fé, de todos os lados se levantavam, do « seio da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, os verdadeiros « e pacificos reformadores ».

« S. Felippe de Nery, fundava o Oratorio : Sto. Ignacio a « militante companhia de Jesus, pedindo a Deus lhe enviasse « obstaculos e perseguições, para preservá-la da molleza ; S. « João de Deus instituiu a ordem tão devota ás misérias huma- « nas, que tem seu nome ; S. Francisco Xavier renovava nas « Indias os prodigios do Apostolado de S. Paulo (Theodoro de « Beza, chefe protestante dizia d'elle : E' uma pena que sen- « do elle o que é, não faça parte dos nossos !) ; S. Carlos

« *Borromeu* reformava diversas ordens religiosas, fundava seminários e mostrava ao mundo um dos typos mais acabados do Bispo ; *Sto. Estanislau Koska* e *S. Luiz de Gonzaga* levavam uma vida tão pura, que são apresentados como patronos da juventude exposta ás seducções do mundo ; *S. Francisco de Salles* fundava com *Sta. Chantal* o instituto da Visitação, trazia á Igreja milhares de protestantes, escrevia livros onde respira o mais suave perfume da piedade christã ».

Por conseguinte, é uma *falsificação proposital da historia*, só inventada para apagar a marca ignominiosa de luxúria sacrilega, que peza na vida de *Luthero*, dizer com o autor que : a corrupção geral de costumes entre os membros do clero, repugnava a *Luthero*, o qual por sentimento de pudor christão, antes quiz casar-se honestamente do que viver deshonestamente na mancebia. Não ; e agora vou mostrar a falsidade da segunda asserção das *Noites com os Romanistas*.

Luthero casou não por sentimento, mas por falta de pudor christão ; casou porque era impudico e deshonesto, porque não sabia conter-se.

Elle sabia muito bem que *devia viver conforme os votos* que emittira no dia da sua profissão religiosa : que o seu chamado casamento era nullo e invalido, e não era senão concubinato publico e escandaloso, duas vezes sacrilego, visto como elle e sua amasia tinham feito voto de castidade perpetua ; sabia que a mancebia em que viviam era para ambos o caminho do inferno. A prova mais cabal temol-a nesta conversa com sua amasia, que elle mesmo conta.

Uma tarde as estrellas scintillavam no céu com um brilho extraordinario.

« Eis como ellas brilham », lhe diz sua amasia, Catharina de Bora.

Luthero levantou os olhos : « Oh ! a divina luz », disse elle. « Mas, não brilha para nós ». « Mas, porque ? », perguntou Catharina. « Estamos então despojados do reino dos céos ? » « Talvez », respondeu *Luthero* suspirando, « como castigo de termos abandonado nosso estado ».

« Será, pois conveniente voltarmos para traz », disse Catharina.

« E' muito tarde », replicou o infeliz doutor. « O carro está muito atolado ».

Ora, pergunto ao autor, não é esta a voz do remorso ? Não é este o testemunho d'uma consciencia que se reconhece culpada de crime ? E' assim que falla uma alma casta e pudica, que por amor do pudor christão e para não dar na vida aviltante de peccados vergonhosos, preferiu casar-se ? Ah ! quanto pesarão na consciencia do autor, quando estiver depois da morte perante o tribunal de *Jesus Christo*, esses montões de

sophismas, mentiras, falsificações propositas da historia, feitas só com o fim de enganar, de tirar a fé e espalhar o erro !

E que este casamento não foi, como diz o autor, inspirado a Luthero por espirito de pudor christão; *que elle, com este casamento, não pretendia tecer uma vida honesta*, comprovam-n'o o seu espirito licencioso; suas conversas escandalosas, e seu comportamento devasso, depois do tal casamento. Não; não é preciso citar para proval-o testemunhos de seus contemporaneos, o proprio Luthero, por sua propria bocca se condemna. Basta lêr o que elle mesmo escreve em seus «Tisch-Reden»: « Aquelle que não ama o vinho, as mulheres e as cantigas per-
« manece um louco toda a sua vida, e nós não somos loucos». Em outro lugar diz *saber por propria experiencia* que o melhor meio para apagar os remorsos da consciencia é pensar *numa moça linda e bonita*. Mas nada mostra mais claramente o desprezo que elle tem pela virtude, que nós costumamos chamar a virtude dos anjos, e o *pouco caso que elle fez da santidade, indissolubilidade e unidade do matrimonio que um sermão que prégou e editou em Wittenberg*. Não quero nem posso reproduzir aqui o seu conteudo e nem acho que meus leitores o queiram. Póde-se achar em Janssen: — «Geschichte des Deutschen Volkes: An meine Kritiker», pag. 199. E, com isto, julgo ter respondido cabalmente, ao que diz o autor a respeito de Luthero.

Mas ouçamos o que elle escreve a respeito de Henrique VIII:

« Quanto a Henrique VIII, disse, que a sua defeza não
« me tocava, nem a protestante algum. Nasceu de paes catho-
« licos; foi baptizado na Igreja Catholica, Romana, foi educa-
« do catholico romano; subiu ao throno sendo ainda membro
« da Igreja Romana; escreveu um livro em defeza dos sete
« sacramentos, no qual vituperou Luthero até não mais poder:
« perseguiu durante toda a vida os protestantes, porque não criam
« no dogma da presença corporal, e, morreu deixando dinheiro
« em seu testamento para que fossem ditas missas para tirar
« a sua alma do Purgatorio. Este homem impio nasceu e foi
« educado catholico-romano e rompeu com Roma sómente so-
« bre o ponto da auctoridade do Papa, mas sempre manteve
« as doutrinas da Igreja Romana. Quaesquer que hajam sido
« as suas faltas, foram faltas de sua educação catholica-roma-
« na ».

Respondo: não, senhor autor das *Noites com os Romanistas*: foram faltas, assim como o foram tambem em Luthero, *das doenças de seu espirito e de seu coração*; por outras palavras, *faltas de seu orgulho descommunal e de sua luxuria descommunal*. Estas duas paixões indomitais, perderam a Luthero e a Henrique VIII. Não foram faltas da sua educação catholica-romana, mas *de energia a rizerem conforme as doutrinas catholicas romanas*,

que ensinavam e mandavam, tanto a Luthero como a Henrique VIII, mortificarem-se, cousa que estava acima de seu alcance, porque lhes faltava a necessaria força de vontade para a praticarem (*). E quanto às palavras, que a defeza de Henrique VIII não toca a protestante algum, observo: 1.º, que *a rebellão de Henrique VIII abriu em seu reino porta-franca a quantos protestantes, calvinistas, etc., quizessem entrar, e que por isso, foi elle, Henrique VIII, que introduziu a reforma na Inglaterra*;

2.º, que, se perseguia os *lutheranos*, perseguia ainda mais os *catholicos* e não perseguia as *mais seitas protestantes*, em que já, naquelle tempo, e protestantismo estava dividido.

Eis o que diz a historia: Este tristemente celebre monarcha mandou executar duas rainhas, 2 cardeaes, 2 arcebispos, 18 bispos, 13 abbades, 50 priores, 12 duques e condes todos elles *catholicos*. Durante seu reino houve 72.000 condemnações de morte, pela maior parte de *catholicos*. E este perseguidor de catholicos não tocara aos protestantes mas aos catholicos?

3.º, que elle *rompendo com o Papa e excommungado* pelo mesmo, *não pertencia mais à Igreja Catholica, Apostolica, Romana*;

4.º, que se morreu contricto, sua contricção talvez se parecesse com a do rei Anthioco (I. Maccab. VI).

Por conseguinte Henrique VIII fica por conta do protestantismo, por mais que o autor se esforce por desfazer-se d'elle.

Mas, tenho ainda outra conta a ajustar com o autor, a respeito dos *Papas Romanos*. « O senhor », pergunta o autor a seu interlocutor, « nunca tem ouvido fallar de alguns dos Papas da Igreja Romana? Mesmo nos tempos do paganismo, o mundo jámais conheceu monstros de vicio, de crapula, de barbaridade e atrocidade que se pudesse egualar a alguns d'elles? Não ha peccado nem crime que não tivessem perpetrado! »

Como vêdes, caro leitor, são apenas umas linhas, mas quão ricas são em seu conteúdo! O autor falla em *alguns dos papas*. Pena é, que não nos tenha dado o numero e os nomes d'elles! Diz que, mesmo no paganismo não houve monstros iguaes a elles!; que não ha crimes que não tivessem praticado.

Mas para que não dizer franca e claramente *que crimes são*? Ou será por calculo estudado que o autor formou d'este

(*) Por isso diz um espirituoso escriptor inglez, encarando a origem da apostasia da Inglaterra da união catholica d'um modo bastante curioso na seguinte phrase: « Se o nariz de Anna Boleyn tivesse sido uma polegada mais comprido do que era, a reforma ingleza mui provavelmente não existiria ».

E que muitos protestantes sinceros reconhecem esta triste verdade, evidencia-se de seus escriptos. Diz, entre outros, o insigne dr. James Gairdner: « Será um tanto desagradavel o traçar a reforma uma tão ignobil origem; porém, como diz o poeta escossez: *factos são e mpanheiros que não se deixam reprimir nem permitem ser disputados* ».

modo sua accusação? Será para fazer acreditar, pela astúcia e má fé que lhe conhecemos, ao leitor, que o numero desses papas é assaz grande?

Pois bem: vamos encarar a verdade, nua e crua. Desde S. Pedro até Pio X. hoje em dia gloriosamente reinando, succederam-se na Cadeira Pontifical 260 Papas. Nesta série de 260 Papas contam-se mais de 78, cujos nomes estão escriptos no catalogo dos santos, e dos quaes 33 foram martyrisados; ao mesmo tempo que todos os mais, diz a Historia, foram, uns mais, outros menos, bemfeitores da humanidade e modelos de vida sem mancha e de sabio governo.

Entre esses 260 Papas Romanos, ha, quando muito, 6 ou 7 (eu, cá para mim, não posso achar mais do que 2; mas, concedamos, que hajam 6 ou 7), que não guardavam nem respeitavam a dignidade de que estavam investidos.

Ora, considerando isto, pergunto, haverá motivo para declamar tanto contra a vida dos Papas? Sobre 260 Papas, apenas encontram-se 6 ou 7 que não viviam como deviam! Quando entre os anjos do céu houve anjos apostatas e prevaricadores; quando entre os Apostolos houve um Judas; *não parecerá quasi milagre*, não ter havido em uma série de 260 Papas, desde que a Igreja existe, isto é, durante um espaço de quasi 2.000 annos, mais de 6 ou 7, que não respeitavam nem o caracter nem a dignidade? Além d'isto, por mais que o autor das *Noites com os Romanistas*, diga, que o mundo jámais conheceu monstros iguaes a elles, que não ha peccado nem crime que não tenham perpetrado, o certo é que nenhum d'estes poucos Papas, como diz certo autor, pôde ser por fórma alguma comparado com um Henrique o Grande, com um Luiz o Grande, com um Pedro o Grande, com um Napoleão o Grande, aos quaes, *apezar de seus crimes e libertinagens*, se tem outorgado o epitheto de Grande. Muito a proposito vem aqui o que escreve o *Estandarte Catholico*: « Uma das consequencias mais fun-
« da verdade historica, especialmente a respeito dos paizes
« agora protestantes. Para obter-se uma base e *legitimara* gran-
« de revolução religiosa no norte da Europa, era preciso de-
« gradar a Igreja da Idade Média. *Sobretudo o Papado devia*
« *ser representado como um objecto de abominação*. Porém, com
« o decorrer do tempo, e desaparecendo cada vez mais o fa-
« natismo religioso, perante o espirito critico-moderno, o papa-
« do volta lentamente a ser considerado *como uma das insti-*
« *tuições mais grandiosas, que o mundo jámais viu*. As obras de
« sabios protestantes, como *Haller-Macbrug* em sua obra: « O
« Papado e a Reforma da Igreja », *Ranke* e *Hurter*, que estu-
« dando e escrevendo a vida do Papa Innocencio III, se con-

« verteu do protestantismo ao catholicismo, são verdadeiras
« apologias dos Papas ».

E, com isto, julgo ter respondido a todas as difficul-
des e objecções do autor e posso concluir :

*As seitas protestantes tomadas separada ou conjunctamente
não têm a santidade, que deve ter a Igreja de Jesus Christo, nes-
ta terra ; só a Igreja, Catholica, Apostolica, Romana a tem, e,
por isso, só ella é a verdadeira Igreja de Jesus Christo, a unica
salvadora.*





CAPITULO IV

CATHOLICIDADE DA IGREJA

De seu tratado sobre a santidade da Igreja, o autor das *Noites com os Romanistas* passa a considerar outro signal indelevel, que Jesus Christo deu á sua Igreja para distinguil-a de todas as seitas religiosas, que se inculcam como a verdadeira Igreja de Jesus Christo neste mundo, a saber: a *Catholicidade*, ou o que vem a ser o mesmo — a Universalidade.

Não preciso dizer, que o' autor nega que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana (a qual chama sempre Igreja «*Romana*», para poder consideral-a como uma Igreja particular, uma seita religiosa), seja a *Catholica*, e que para sustentar sua asserção lança mão de todas as industrias hereticas que já lhe conhecemos, como sejam: sophismas especiosos, interpretações falsas e arbitrarías dos textos da Biblia, falsificações proposições da historia, de estatísticas, etc., etc...

Proverei, portanto, contra elle que só a Igreja, que se chama a Igreja Apostolica, Catholica, Romana, e nenhuma outra seita religiosa tem direito de reivindicar para si o característico da catholicidade, para, em seguida, responder a suas objecções.

ARTIGO I

Só a Igreja que se chama a Igreja Catholica, Apostolica, Romana e nenhuma outra seita religiosa tem direito de reivindicar para si o característico da catholicidade

A palavra — *catholico* — derivada da lingua grega, significa universal ou espalhado pelo universo, pelo mundo inteiro. Dizendo, portanto, que a verdadeira Igreja de Jesus Christo deve ser *catholica*, digo que ella deve achar-se em toda a par-

te, que deve ser espalhada pelo mundo inteiro, e isto de tal modo, que ao perguntar-se: qual é a Igreja mais espalhada pelo mundo? todos respondam sem hesitar: é tal Igreja.

E com effeito, é claro que, instituindo sua Igreja, Jesus não quiz instituir uma *igreja nacional* para esta ou aquella nação, este ou aquelle povo; nem uma Igreja cujo campo de operação *só fosse contido nos limites de qualquer reino* ou parte do mundo: mas uma igreja que *ja desde sua infancia* devia espalhar-se e continuar a espalhar-se pelo mundo inteiro, de modo que, *chegada á idade adulta*, abrangesse todos os paizes e todos os povos; por outras palavras uma *Igreja Catholica*, quanto aos tempos, logares e povos.

Isto segue-se claramente das *prophecias do Antigo Testamento* que predisseram: que a nova economia da salvação principiada pelo Messias devia trazer *para sempre e a todos os povos* a benção, isto é, os bens celestes (Gen. XII: 3; XXII: 18; XXVI: 14); que o reino de Jesus Christo se estenderia a *todos os povos até aos confins do terra* (Ps: II: 8): que este reino abrangeria todos os reinos do mundo *até a consummação dos seculos* (Dan: II. 35. 36): prophecias que não se realisariam se a Igreja de Jesus Christo, *pela qual elle communicá sua benção e reinará sobre o mundo*, não fosse catholica quanto aos tempos, logares e povos.

Mas mesmo se o Antigo Testamento nada dissesse a este respeito, a natureza da nova religião que Jesus veio prégar, as palavras que elle fallou a cerca de sua Igreja, os preceitos que deu e as promessas que fez já bastariam para provar, que a catholicidade deve ser uma das propriedades e tambem uma das notas distinctivas da sua Igreja.

Na verdade, Jesus veio para abolir a religião dos judeus e substituil-a por uma nova, pela sua.

E esta nova religião era obrigatoria para todos os homens até o fim dos seculos, de sorte que não entrava no céo quem, depois de a ter reconhecido como a religião de Jesus Christo, não a praticasse. Ora, como Jesus poderia tornar obrigatoria para todos os homens de todos os tempos esta nova religião, se sua Igreja, *a unica na qual se exerce esta religião*, até o fim dos seculos não fosse espalhada em todos os paizes e todos os povos?

Por isso a primeira cousa que fez Jesus, foi declarar bem altamente, que sua Igreja não seria, assim como a tinha sido outr'ora a Synagoga, uma Igreja só para os judeus, mas que suas portas estariam abertas tanto para *os gentios* como para elles (João X: 16): que partindo de Jerusalem, o reino de seu Evangelho seria prégado a todos os povos sem exclusão dos gentios até á consummação dos seculos (Math. XXIV: 14; 46, Luc. XXIV: 47; Act: I: 8); e que em consequencia desta mis-

são sua Igreja seria semelhante ao grão de mostarda «o qual certamente é a mais pequena de todas as sementes mas tendo crescido é a maior de todas as hortalças e se faz arvore de tal modo que as aves do céu vêm, e repousam nos seus ramos (Math. XIII: 32).

Por isso também fallou a seus Apostolos no momento em que lhes incumbiu da missão de prégear o seu Evangelho: Ide por todo o mundo, e prégaes o Evangelho a toda a creatura (Marc. XVI:15); «Ide pois ensinae a todas as gentes baptizando-as em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo; ensinando-as a observar todas as cousas que vos tenho ensinado» (Math. XXVIII: 19,20).

Emfim pela mesma rasão lhes prometteu a sua assistencia nesta tarefa até o fim dos seculos: «Eis que eu serei convosco até a consummação dos seculos» (Math: XXVIII: 20).

Fica, pois, provado (embora summariamente, pois não estou escrevendo um tratado sobre a Catholicidade da Igreja) que a Igreja instituida por Jesus Christo deve ter o caracteristico da catholicidade; donde se segue ao mesmo tempo *que toda a associação religiosa, que não tiver o dito caracteristico, não poderá ser a verdadeira Igreja de Jesus Christo, neste mundo.*

Pois bem vejamos agora a qual das duas Igrejas, que se dizem christãs, compete a distinctiva da catholicidade, á Igreja Catholica, Apostolica, Romana, ou ás seitas protestantes!

E' evidente, que não póde ser attribuida ás seitas protestantes mas *só á Igreja Catholica, Apostolica, Romana.*

Com effeito, as seitas protestantes não têm a catholicidade *quanto aos tempos.* Segundo o preceito terminante de Jesus Christo a divulgação do Evangelho devia *principiar logo depois da descida do Espirito Santo sobre os Apostolos e só acabar na consummação dos seculos.* (Luc. XXIV: 27; Act. I: 8).

Ora, nenhuma destas cousas se verifica no protestantismo. A pregação do puro (?) Evangelho não principiou logo depois da descida do Espirito Santo sobre os Apostolos. Muito pelo contrario! *Já decorreram-se 15 seculos, e já havia 1500 annos que a voz dos Apostolos emmudecera,* quando Luthero, o pai de todos os protestantes, methodistas, etc., principiou a sua heresia. O catholicismo leva pois sobre todas as seitas protestantes uma vantagem de 15 seculos; comparado com elle o protestantismo é de hontem. Esta falta de idade é para as seitas protestantes uma falta irremediavel. Discorram quanto quizerem nunca se tornam mais velhas.

E assim como chegaram tarde com a pregação do puro (?) Evangelho, acabaram com ella *cedo de mais.* A pregação do Evangelho, segundo o preceito de Jesus Christo, devia con-

tinuar até a consummação dos seculos. Porem, onde encontra-se hoje em dia o puro (?) Evangelho assim como foi prégado por Luthero, Calvino, n'uma palavra pelos primeiros reformadores? Onde a pura doutrina de Wesley, o pai dos methodistas? Fabrica-se todos os dias religiões e religiõesinhas, surgem como por encanto todos as semanas dezenas de seitas novas, e cada uma dessas religiões, cada uma dessas seitas só serve para mais claramente patentear a dissolução da prégção do puro (?) Evangelho.

Assim não acontece com a prégção da Igreja Catholica, Apostolica, Romana: ella principiou a sua divina missão no dia marcado por Jesus Christo, no dia de Pentecoste; e desde então não desfalleceu um só dia nesta ardua tarefa, mas continuará a sua prégção até a consummação dos seculos. SÓ ELA PORTANTO É CATHOLICA QUANTO AOS TEMPOS.

Mas se as seitas protestantes não tem a catholicidade quanto aos tempos, terão por ventura a catholicidade *quanto aos logares?*

Tão pouco. Pois, segundo o preceito claro de Jesus Christo, a prégção do Evangelho devia principiar com a *cidade de Jerusalem*, e partindo de Jerusalem *espalhar-se pelo mundo inteiro* (Luc: XXIV: 27; Act: I: 8).

Ora, não foi a cidade de Jerusalem a primeira cidade do mundo que ouviu a prégção das seitas protestantes. *As primeiras cidades, testemunhas da prégção do puro (?) Evangelho estavam todas situadas nos paizes que viram nascer cada seita*; foram cidades da Allemanha, da Inglaterra, da America do Norte, — cousa em que de novo sobre ellas leva vantagem a Igreja Catholica, Apostolica, Romana; pois a primeira prégção de seu chefe, o apóstolo S. Pedro foi em Jerusalem, conforme mandára N. S. Jesus Christo.

A esta primeira falta junta-se outra não menos irremediavel para as seitas protestantes; *que não foi a todos os logares do mundo*, que levaram a prégção do puro (?) Evangelho. Pois quasi todas as seitas se tornaram mais ou menos *igrejas nacionaes ou ficaram contidas dentro dos limites dos paizes* que as viram nascer ou para os quaes emigraram, como por exemplo o Lutheranismo na Allemanha, o Calvinismo na Suissa e na Hollanda, o anglicanismo na Inglaterra e nas colonias inglezas, o methodismo na America do Norte.

Só a Igreja Catholica, Apostolica, Romana póde gabar-se da catholicidade quanto aos logares. Ella occupa a maior parte da Europa, reina pacifica e exclusivamente nos Estados da America do Sul, é muito espalhada nos reinos da Asia e nas ilhas adjacentes, progride maravilhosamente na Africa e na Australia. Ha mais: mesmo nos chamados paizes protestantes da Europa ella não deixa de ter uma minoria muito respeita-

vel, como por exemplo na Allemanha da qual a terça parte, isto é, 20.000.000 é catholica: cousa que tambem se verifica nos Estados Unidos da America do Norte, onde a parte catholica 16.000.000, se talvez não chegue a vencer a protestante, ao menos lhe é egual (*). Só ella portanto é catholica quanto aos LOGARES.

Mas talvez as seitas protestantes tenham a catholicidade quantos *aos povos*?

Nem isto. Pois a Igreja Catholica, Apostolica, Romana por si só tem maior numero de fieis, não sómente do que cada uma das seitas protestantes mas tambem do que todas ellas juntas. Segundo as ultimas estatisticas de 1906 o total do Catholicismo é de 265.503.922, ao passo que todas as seitas protestantes, segundo a estatistica de 1890, apenas subiram a 124.000.000 de adeptos, numero que para ser imparcial concedo que talvez nos ultimos 17 annos crescesse até 200.000.000.

E o que não devemos perder de vista nesta inquirição da catholicidade é, que esses 265 milhões de catholicos *formam uma só communhão*, como escreveu o autor n'um momento de distracção do qual seterá muito arrependido, *uma só união de fieis*, que todos professam a mesma fé, admittem e recebem os mesmos sacramentos, observam os mesmos mandamentos, reconhecem e obedecem ao mesmo chefe supremo, o Papa de Roma.

Pois, *esta unidade entre tantos milhões de catholicos* serve maravilhosamente para fazer sobressahir a catholicidade da Igreja Catholica, Apostolica, Romana sobre as seitas protestantes. Com effeito, como entre os protestantes um não crê em nada, outro crê muito pouco: este é adepto de Lutherô, aquelle de Calvino, este de Wesley; fulano baptista, sicrano anabaptista, beltrão mormon — elles não podem, por mais que contradigam o autor com os protestantes, *constituir uma só igreja catholica ou universal*; não podem formar um só e o mesmo corpo moral, uma e a mesma sociedade religiosa. Não passam de uma multidão de seitas differentes e inimigas umas das outras, umas das quaes são mais espalhadas nesta, outras naquella parte do mundo e que quasi não concordam senão na negação da authoridade da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, qualidade que lhes é commun com os judeus, mahometanos e gentios.

E por isso, ainda que reunindo sob o nome universal de

(*) Com effeito, o dr. H. K. Carolh, methodista da religião, empregado do *Census Bureau*, num interessante relatorio que publicou sobre as *doze denominações christãs* dos Estados Unidos confessou — e não temos motivos de duvidar das suas palavras — que entre todos os habitantes da immensa Republica ha só 28.090.613, que professam alguma forma do Christianismo. Ora bem: o numero de todos os habitantes da immensa Republica ascende a 72 milhões; por conseguinte, 44 milhões de americanos são neo-pagãos.

protestantes todas as pessoas que depois de baptisadas (e ainda como baptisadas? validamente?) crêm cada um por si o que querem, *pu-dessemos chegar a um numero de protestantes muito mais elevado do que o total dos catholicos por exemplo a 300.000.000*, NUNCA ELLES PODERIAM DEPOR CONTRA A CATHOLICIDADE DA IGREJA CATHOLICA, APOSTOLICA, ROMANA CUJOS FIEIS FORMAM UMA SÓ COMMUNHÃO

Por conseguinte tambem QUANTO AOS POVOS só a Igreja Catholica, Apostolica Romana tem o direito de reivindicar para si o caracteristico da catholicidade. E isto se tornará ainda mais evidente se considerarmos a *qualidade* dos povos em que ella encerra sua operação evangelisadora. São exactamente esses povos que Jesus Christo mais recommendou a sua Igreja.

São os gentios, os pagãos por cuja conversão a Igreja de Jesus Christo devia espalhar-se pelo mundo (Luc. XXIV: 46, 47). Ora nisto a Igreja Catholica, Apostolica, Romana desde o seu principio até o dia de hoje sempre tem cumprido á risca o preceito de seu Divino Fundador. Nenhuma difficuldade, nenhum sacrificio, nem as perseguições, nem as espoliações de seus bens, nem a matança de seus missionarios pôde detel-a do desempenho desta santa tarefa.

E embora eu não possa, nem queira negar que haja ainda milhões e milhões de homens, até povos inteiros que não professam a fé catholica, contudo sustento, que quasi não ha plaga no mundo por longinqua que seja onde a Igreja Catholica não ache seus filhos; povo por bruto que seja onde não se tenha ouvido a voz do missionario; e que ella sempre continúa e continuará a prégar o Evangelho por todo o mundo, e a cada instante penetra em terras dantes nunca por ella visitadas, e ensina a doutrina catholica a povos que até então tinham vivido nas trevas e nas sombras da morte; — cousas essas em que as seitas protestantes não a imitam, como vemos por exemplo em nosso caro Brazil, para o qual *com desprezo dos paizes barbaros e dos povos incultos e pagãos*, os emissarios americanos e inglezes, os methodistas e mais seitas protestantes vem prég- ar o puro (?) Evangelho só para *fins politicos ou pecuniarios*.

Ora, este continuo cuidado da Igreja Catholica, Apostolica, Romana de propagar-se, e propagar-se *sobretudo entre os povos pagãos* é uma das provas mais fortes da sua catholicidade, como tambem é uma das provas mais terminantes da falta de catholicidade nas seitas protestantes, que não se applicam á conversão dos gentios, ou quando o fazem, só a fazem por vil interesse, por fins politicos ou pecuniarios, sem applicação, sem espirito de sacrificio, e por isso sem fructo assim como attestam os proprios protestantes. (Vejam-se os testemunhos no capitulo precedente onde tratei das missões protestantes e catholicas).

Considerando, pois, esta catholicidade da Igreja Catholica, Apostolica, Romana quanto aos tempos, logares e povos, comprehendendo que o nome de «Catholica», que desde o principio foi dada a esta Igreja quer por seus filhos quer por seus inimigos para distinguil-a de qualquer outra seita religiosa, é por si só um argumento fortissimo com que quero concluir este artigo. Este nome de «Catholica» não póde deixar de exprimir a sua natureza, pois é impossivel achar-se outra razão para explicar uma denominação tão constante e universal não somente na bocca de seus filhos mas tambem na de seus inimigos senão a *evidencia do facto*. Sim; todos chamavam e chamam-na catholica, porque ninguem podia e pôde fechar os olhos à luz da verdade; todos chamavam e chamam-na catholica, porque realmente sempre o era, e ainda agora o é. Dahi a grande importancia que desde o principio os SS. Padres da Igreja ligaram a esta denominação; dahi os argumentos irrespondiveis, que della tiravam para confundir os herejes que debalde procuravam reivindicar para si um titulo tão glorioso.

Mas dahi tambem a condemnação peremptoria de todas as seitas protestantes, que embora, como outrora os novicianos e mais outros herejes, reivindiquem para si o nome de catholicos e digam; sim somos catholicos mas não romanos, são contradictos por todos os mais, que os chamam conforme seu fundador, o paiz da sua origem, etc., etc., lutheranos, calvinistas, anglicanos, methodistas,... exemplo que elles mesmos imitam, quando esquecidos de seu fingimento, fallam da sua seita como da igreja methodista, protestante;... honrando deste modo a verdade e condemnando a si proprios.

Respondamos agora ás objecções do autor.

ARTIGO II

Respostas ás objecções do autor

Para poder negar á Igreja Catholica, Apostolica, Romana a nota característica da catholicidade, o autor das *Noites com os Romanistas* estabelece um principio absurdissimo, que vem a ser: «que a unica Igreja Catholica ou universal é o composto de todas as Igrejas de Christo».

Vou reproduzir suas palavras:

«E' de muita importancia em nossa controversia com a Igreja Romana, que cuidemos no modo porque formulamos as nossas proposições. A proposição de que a igreja anglicana é uma parte ou ramo da Igreja de Christo é uma verdade certissima, mas a de que ella é a *unica* ou completa igreja de Jesus é sem duvida uma falsidade. Os romanistas sabem bem

« da importancia d'esta distincção e, por isso, nos excitam a de-
« mostrar que a nossa igreja é a « Igreja de Christo ». Em
« taes occasiões devemos responder, que a nossa igreja particu-
« lar, não é, a Igreja de Christo, mas sim *uma* Igreja de Chris-
« to — uma Igreja particular entre as muitas cujo conjuncto
« constitue a unica Igreja Catholica ou universal ».

« E para provar sua these o autor vac dar uma explica-
« ção, que elle diz ser *boa*, dos termos *Igreja* e *Catholica*. Repro-
« duzirei tambem estas duas *boas* explicações para depois provar
« a astucia e a má fé, que elle mostra nestas explicações :

« *Primeiro*. A palavra « Igreja » na lingua original das
« Sagradas Escripturas, significa simplesmente uma assembléa,
« embora não seja mais do que civil ou politica, como em Actos,
« XIX : 39-41, onde apenas significa uma reunião politica ou ci-
« vil ; algumas vezes este nome é applicado a uma pequena
« reunião de christãos em alguma Igreja particular, como em
« Coloss, IV : 15 ; outras a congregações maiores de christãos
« reunidos em alguma cidade, como em Rom, XVI : 1, e algu-
« mas vezes ao aggregado de varias congregações que se acham
« em alguma provincia ou paiz, com I Cor, XVI : 1 ; outras ve-
« zes applica-se tambem ao aggregado de todas as Igrejas par-
« ticulares, que constituem a Igreja sobre a terra ; emquanto
« que ainda tem accepção mais lata e abrange tanto a Igreja
« sobre a terra, como a Igreja do céu — a Igreja dos primoge-
« nitos que estão escriptos no céu » (Heb. XII : 23).

« Eis, pois, a explicação que dá o autor á palavra « Igre-
« ja ». Vejamos a das palavras « Igreja Catholica »:

« A palavra « Catholica » quer dizer universal. Assim,
« pois, é claro que a « Igreja Catholica » não é nenhuma igreja
« particular, mas sim o conjuncto ou aggregação de todas as
« Igrejas de Christo. Por consequencia, nenhuma igreja protes-
« tante pôde chamar-se a « Igreja Catholica »: e o mesmo suc-
« cede a respeito da « Igreja Romana ». Quando esta se inculca
« como a « Igreja Catholica », manifesta uma pretensão tão
« pouco autorisada como inconsequente, porque, como seu proprio
« nome indica, não passa de uma igreja particular, e, por isso,
« não pôde ser universal ».

Que direi destas explicações do autor ? São boas ? Não,
são erradissimas desde o principio até o fim ; e é ao protes-
tantismo com suas centenas de seitas, que posso applicar as
mesmas palavras que elle applica á Igreja Catholica, Apostoli-
ca, Romana, e dizer : « quando o protestantismo se inculca co-
mo a « Igreja Catholica » manifesta uma pretensão tão pouco
authorisada como inconsequente ».

Com effeito, toda a força do seu sophisma está na falsa
interpretação que dá ás palavras « Igreja particular ». O au-
tor, contra sua propria persuasão, e só para atacar a Igreja

Catholica, Apostolica, Romana e defender sua heresia, diz que a Biblia, fallando da Igreja de Roma, da de Corintho, da de Epheso, etc., não falla de varias *secções d'uma e mesma Igreja*, a qual conforme os lugares onde moram seus fieis se chama a Igreja de Roma, a de Corintho, a de Epheso, etc. etc., mas de *Igreja particulares*, isto é, de Igrejas que não são unidas entre si, de igrejas separadas, independentes, governadas, cada uma d'ellas, por seu proprio chefe, e não sujeitas todas á superintendencia d'um mesmo chefe e governadas em nome d'este, por chefes subalternos. Ora, proceder assim é signal de grande má fé, pois o autor sabe muito bem que todas essas igrejas eram igrejas irmãs, secções d'uma e mesma Igreja, *que todos tinham a mesma fé, os mesmos sacramentos e estavam debaixo d'um só chefe*; o Apostolo S. Pedro, que era o chefe de todos os Apostolos e todos os fieis (João XXI: 16-17).

E por isso, quando a Escriptura Sagrada chama Igreja á aggregação de todas essas igrejas, não quer fallar no conjuncto de varias igrejas *particulares*, differentes entre si, mas do conjuncto de *varias secções d'uma e mesma igreja*; então falla do mesmo modo porque *nós fallamos ainda hoje*, dizendo, por exemplo, a Igreja Catholica do Brasil, a Igreja Catholica de França, a Igreja Catholica da Inglaterra ou da Allemanha, pois todas estas Ecclesias são secções d'uma e mesma Igreja Catholica, Apostolica, Romana, e não são igrejas particulares no sentido do autor.

Segue-se disso tambem, que a phrase a «Igreja Catholica» não quer dizer o conjuncto ou aggregação de *todas as Igrejas de Christo*, mas o conjuncto ou aggregação de *todas as secções da unica e mesma Igreja* de Jesus Christo, que se chama a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, e mostra a sua Catholicidade ou universalidade pela sua espalhção pelo mundo inteiro.

Esta resposta parece-me ser boa tapa-bocca para o autor das *Noites com os Romanistas*, e todos os methodistas, protestantes, etc., etc.

Mas não posso deixar de chamar a attenção dos meus leitores sobre esta enormidade do autor, quando falla no conjuncto de *todas as Igrejas de Christo*. N'estas palavras e nessas outras que já citei, «a igreja anglicana não é a Igreja de Christo mas sim uma igreja de Christo», o autor suppõe, que se exprime mais Igrejas de Christo, ou ao menos, como elle se exprime algures, mais partes, mais ramos da Igreja de Christo. Isto póde ser sim no sentido *catholico*, no sentido em que falla a Biblia da Igreja de Roma, da de Thessalonica, de de Jerusalem, isto é, fallando de *secções d'uma e mesma Igreja*, inteiramente iguaes uma á outra, unidas entre si, e todas dependentes d'uma e da mesma auctoridade suprema, isto é, do

Apostolo S. Pedro e seus legitimos successores, *mas não pôde ser no sentido do autor, dos methodistas e protestantes*, fallando de igrejas *particulares*, não unidas entre si pela doutrina, pelos sacramentos, independentes uma da outra; sem chefe supremo visível, que as una. Pois, se duas religiões absolutamente opostas, como a religião Catholica dum lado, e as seitas protestantes de outro, pudessem ser egualmente verdadeiras, teriamos de convir em que o *Sim* e o *Não* possam ser verdadeiros ao mesmo tempo; em que dois homens que se contradizem sobre o mesmo ponto, possam ter razão; que Jesus contra a doutrina de S. Paulo possa ser dividido (I Cor. I: 13); que o proprio Deus se possa contradizer sobre o mesmo ponto. Vêde a que enormidades, a que absurdos leva o methodismo e protestantismo!

Porém ainda não acabei. Na passagem do autor que copiei, lêem-se as palavras seguintes: «Quando esta se inculca como a «Igreja Catholica» manifesta uma pretensão tão pouco auctorisada como inconsequente, porque, *como o seu proprio nome indica*, não passa de uma igreja particular e por isso não pôde ser igreja universal». Que falsidade! O autor allude aqui ao appellido por elle empregado quando falla da Igreja *Romana*. Este appellido *Romana*, o autor, com todos os methodistas e mais seitas protestantes dão-n'o á Igreja Catholica, porque, para defenderem seu erro e heresia, precisam de fazer passar aos olhos dos protestantes ou dos catholicos pouco illustrados, que querem seduzir e afastar da Igreja, a Igreja Catholica como uma *igreja particular*; mas não: *a Igreja Catholica não é uma igreja particular, é a unica verdadeira Igreja de Jesus Christo nesta terra*, fóra da qual não pôde haver outra igreja; igrejas, ou para dizer melhor: seitas, assembléas particulares, são as dos methodistas e dos mais protestantes, ellas se chamam conforme o nome de seu fundador ou do paiz, onde nasceram ou estão mais espalhadas.

O VERDADEIRO E UNICO NOME DA IGREJA ROMANA É A IGREJA CATHOLICA, APOSTOLICA, ROMANA, que se chama *Catholica* porque deve se estender a todos os povos do mundo e diffundir-se pelo universo; *Apostolica*, porque ella só se remonta aos Apostolos; *Romana*, porque seu chefe visível reside em Roma.

Passemos agora á outra objecção do autor:

«Os defensores da Igreja Romana — escreve elle — allegam que a phrase do Credo — «Creio na santa Igreja Catholica» — deve ter alguma applicação definitiva, deve referir-se «a alguma Igreja visível, que seja universal, e que nenhuma, senão a Igreja Romana, é digna deste titulo. Em resposta a esta objecção tenho dito que devemos estar lembrados de que estas palavras estão no credo, e que «credo» quer dizer uma

« série de verdades, ou factos que devemos crêr. Não são coisas que possamos vêr, mas sim coisas invisíveis. E' só a respeito das coisas invisíveis que dizemos que crêmos, porque a respeito das coisas visíveis costumamos antes dizer que vemos e sabemos. Examinando os artigos do credo, conhece-se logo que todos se referem a coisas invisíveis: « Creio em Deus Padre Todo Poderoso, Creador do céu e da terra »; o qual é invisível. « E em Jesus Christo, um só seu Filho »; nunca O temos visto, embora creiamos nelle. E assim se pôde continuar, examinando artigo por artigo: todos elles são declarações d'aquillo em que crêmos, embora o não vejamos, nem possamos vêr. Assim, pois, todos os artigos tratam de coisas invisíveis, ou que não podem ser vistas; e, como o artigo que trata da « Igreja Catholica » está no meio dos outros, é evidente que significa o corpo não visto e invisível das almas remidas e salvas, tanto no céu como na Igreja sobre a terra, o qual constitue a verdadeira Igreja de Jesus Christo, a que usualmente chamamos a Igreja espiritual e invisível. A phrase — « Igreja Catholica » — não pôde designar a « Igreja visível » ou o aggregado de pessoas baptizadas que se professam christãs, as quaes vemos ou podemos facilmente vêr, porque são visíveis. Não pôde significar isto, porque, como todo o credo abrange só coisas não vistas ou invisíveis, agora para nós não pôde, segundo o melhor modo de interpretar, ser applicado a alguma ou a todas as igrejas da terra. Portanto, o artigo do credo refere-se á crença naquello corpo dos fieis, invisível e desconhecido a olhos humanos, porém que é visto e conhecido pelo Salvador. « O Senhor conhece aos que são d'elle », e « elles constituem a Igreja dos primogenitos que estão escriptos nos céos ». Assim, « a Igreja triumphante no céu e a que ainda milita na terra, cujos verdadeiros membros ninguem pôde discernir, são o que constitue a verdadeira Igreja Catholica ».

Graças a Deus que chegamos ao fim d'esta cumprida citação, que se reduz a estas poucas palavras: — « a phrase « Igreja Catholica » não significa « Igreja visível »; — segue-se do credo que falla de cousas não vistas mas cridas, que a Igreja não é visível, mas invisível; — só Deus conhece os membros da Igreja.

Que dizeis, caro leitor, deste *tour de force* do autor? Estamos discutindo sobre a *catholicidade* da Igreja e de repente o autor dá um pulo para a *invisibilidade* da Igreja. Tem sua graça, mas também sua resposta, como vamos vêr.

Nenhum catholico diz que a phrase « Catholica Igreja » significa « Igreja Visível »; pois uma coisa é a *Catholicidade* da Igreja, outra a sua *Visibilidade*; sem duvida, cada catholico crê e na *Catholicidade* e na *Visibilidade* da *Igreja de Jesus Christo*;

cada catholico admitte que, por ser a Igreja de Jesus Christo visivel, pode-se provar o *facto* da sua catholicidade, mas nenhum catholico terá a loucura de dizer que a phrase — « Catholica Igreja » — significa « Igreja Visivel ». « Catholica Igreja » quer dizer Igreja universalmente espalhada pelo mundo; « Igreja Visivel » quer dizer igreja que pôde ser vista, isto é, reconhecida por todos ». Antes de dar alguma doutrina como doutrina « catholica », o autor, portanto, faria bem de primeiro estudar a doutrina catholica para não passar por ignorante.

Dito isto, vou tratar da visibilidade da Igreja de Jesus Christo.

Podia, propriamente fallando, dispensar-me de fazel-o, limitando-me a refutar essa formidavel (?) objecção tirada do credo; mas pôde ser util provar ao menos summariamente, que a verdadeira Igreja de Jesus Christo nesta terra, deve ser visivel, isto é, deve poder ser reconhecida por todos, como a Igreja que Jesus instituiu, a unica Igreja Salvadora, a Igreja, portanto, em que todos, que a reconhecem como tal, devem entrar para se salvarem. O mesmo argumento, com que provei a necessidade da Catholicidade da Igreja de Jesus Christo, serve tambem para provar a da sua visibilidade. Com effeito, se Jesus Christo instituiu sua Igreja para salvar todos os homens, e fel-a tão necessaria para a salvação dos mesmos, que sem entrar nella ninguém se salva, é evidente que devia institui-la de tal forma que todos os homens pudessem facilmente reconhecê-la e distinguir de todas as mais seitas religiosas. Ora, se a Igreja tivesse sido invisivel, não poderiam nem reconhecer nem distinguí-la. Logo, deve ser visivel.

Além d'isto, se a Igreja de Jesus Christo fosse invisivel, como poderíamos observar a ordem que Jesus nos deu de escutarmol-a e de lhe obedecer?

Quem seriam os superiores a quem Jesus confiou o governo da Igreja? quem os subditos que deviam ser governados por elles? E que seria dos Sacramentos? Onde estariam? Quem devia recebê-los; a quem competiria o direito de administrá-los? Enfim, se a Igreja de Jesus Christo fosse invisivel, como podia o propheta Isaías (II: 14) dizer « que a montanha da casa do Senhor será preparada *sobre o cume das montanhas* », e o proprio Jesus Christo comparal-a com uma *cidade* collocada sobre o *cume* d'uma montanha, que *não pode* ficar escondida (Math. V: 14).

Sim, a propria Bíblia, nestes e *em muitos outros logares*, falla tão claramente da visibilidade da Igreja, que é preciso fechar propositalmente os olhos para não reconhecer esta verdade.

Por isso, escreve o protestante Lagarde: « *A' doutrina d'u-*

« *ma igreja invisível* », segue naturalmente a d'uma *religião invisível*, e uma religião invisível *impossibilita toda a religião* ».

Nem obsta dizer com o autor, que « o Senhor conhece aos que são d'elle... e os primogenitos que estão escriptos nos céos », pois estas palavras não dizem respeito á Igreja *militante d'este mundo*, sobre a qual versa a discussão, mas á Igreja *triumphante dos céos*.

Por conseguinte, a Igreja de Jesus Christo é visível. Mas, responde o autor, a Igreja de Jesus Christo não pôde ser visível, pois está contida no credo, e o credo só falla de artigos que devemos crêr; por conseguinte, de coisas que não são visíveis, mas sim invisíveis, pois é só a respeito das cousas invisíveis que dizemos que crêmos; a respeito das cousas visíveis costumamos dizer que vemos e sabemos.

Respondo: nego que todas as cousas que crêmos sejam sempre invisíveis. Assim, por exemplo, lêmos no CREDO que Jesus nasceu, padeceu, morreu, foi sepultado e resurgiu ao terceiro dia: estes factos, que no mesmo tempo são artigos de fé, e por isso devem ser cridos, *por sua natureza são visíveis e foram vistos e presenciados pelos primeiros christãos*. Se, portanto, o autor das *Noites com os Romanistas* quer sustentar que o objecto da nossa fé sempre deve ser invisível, elle deve admittir que os factos historicos, e por sua natureza visíveis, do nascimento, da paixão, da morte, do enterro e da resurreição de Nosso Senhor Jesus Christo, não são artigos de fé, e então estará em contradicção consigo mesmo. Embora, portanto, a fé, segundo a magnífica definição de S. Paulo, seja « o fundamento das cousas que se devem esperar e a demonstração do que não se vê » (Hebr. XI: 1), ha artigos de fé (mesmo entre os que estão expressos no credo), que podemos tambem comprehender pela luz da nossa razão, como, por exemplo, a existencia de Deus, a criação do mundo: ou perceber com nossos sentidos, como, por exemplo, os mysterios da vida e morte de Jesus. E com esta resposta, a arma terrível (?) com que o autor das *Noites com os Romanistas* esperava abrir uma brecha nas trincheiras do campo catholico, lhe cahe das mãos e fica provada a visibilidade da Igreja de Jesus Christo, isto é, da Igreja CATHOLICA, Apostolica, Romana.

Mas, o autor não desanima. Uma vez que não pôde derubar a Catholicidade da Igreja, convencendo o entendimento dos catholicos á força de razões, procura alcançal-o amollecendo-lhes o coração á força de generosidade. Vae propor-lhe um argumento, do qual escreve:

« Muitas vezes tenho notado que esta resposta é bastante para pessoas dotadas de alguma generosidade de coração, e que não argumentam com um cego espirito de partido ».

Eil-o: « Ha pessoas que... porfiam em dizer que os mem-

« bros da Igreja Romana são *sempre chamados catholicos* e a sua Igreja *sempre chamada* a Igreja Catholica até mesmo pelos protestantes. A resposta que usualmente tenho dado a esta allegação, é que ha nisto alguma verdade, mas que tudo o que tem de verdadeiro provém exclusivamente do facto de não querermos disputar a respeito das palavras ou nomes. Sabemos que não são catholicos, nem devem ser chamados por tal nome; mas se lhes chamamos *romanistas*, por pertencerem á Igreja de Roma, irritam-se contra nós; se lhes chamamos *papistas*, por estarem sujeitos ao papa, ainda mais se irritam. Assim pois, movidos pelo sentimento bom e christão de não os offender, preferimos dar-lhes um nome, que embora seja improprio e inexacto, é o unico com que se não zangam. Nós lhes chamamos catholicos para não lhes fazermos offensa, e elles aproveitam-se da nossa generosidade para allegar que são catholicos ».

A melhor resposta á pretensa generosidade do autor, é apontar para o titulo de seu livro. Qual é a epigraphe de seu livro? « Noites com os CATHOLICOS »? Não: é: « Noites com os ROMANISTAS ». Logo, na epigraphe de seu livro, o autor *não* « foi movido pelo sentimento bom e christão de não os offender, dando-lhes um nome que, embora seja improprio e inexacto, é o unico com que se não zangam ». E com que desprezo em seu livro falla da Igreja Catholica, de seu chefe, seus membros, seus sacramentos, seu culto exterior, já vimos e veremos ainda muito mais. Por conseguinte, quando os protestantes, que não argumentam com um cego espirito de partido, deixam de nos xingar de Romanistas e Papistas, mas nos chamam catholicos, não é por generosidade que o fazem, mas *por necessidade e constrangidos pela evidencia de nosso direito*. E desta evidencia a prova é, diz Milner em sua obra « O fim da contraversia », que indo pela rua, se perguntarmos onde está a Igreja Catholica, todos nos dirigirão para a *Igreja Romana*.

Nega-o o autor dizendo:

« Tem-me surprehendido a confiança com que ás vezes se me apresenta este argumento e tenho respondido com outro igual, dizendo: Se alguém, passando por alguma de nossas ruas ou por alguma de nossas estradas, perguntasse onde era a igreja, não lhe indicariam porventura a igreja protestante da parochia? Assim, pois, se o primeiro d'estes factos é prova de que a Igreja Romana é a Catholica, o segundo facto deve reputar-se com igual razão, como prova de que a igreja protestante é a igreja de Christo. O certo é que, em ambos os casos, este modo de raciocinar é inteiramente frivolo ».

Respondo: O que é inteiramente frivolo é o modo de raciocinar empregado pelo autor. Pois refutando seus erros já

chegamos á pagina 120 de sua obra e até agora nenhum argumento encontramos logico, tudo é sophisma e mais sophisma. Tambem este não passa de sophisma malicioso. Pois a pergunta do autor « onde é a Igreja ? » não é igual á pergunta de Milner, « onde está a Igreja Catholica ? » Quando n'um lugar onde ha uma só igreja, e esta protestante, eu pergunto onde está a igreja, todos me indicarão a igreja protestante, está claro como a luz do dia. Perguntando porém, onde está a igreja catholica, todos responder-me-hão : aqui, neste lugar, não temos igreja catholica. Fazendo a mesma pergunta num lugar onde ha mais igrejas, e entre ellas uma catholica, todos me dirigirão para aquella igreja, que o autor gosta de chamar Romana e que nós chamamos *Catholica*, e ninguem até pensará em nos apontar uma igreja protestante. Pois bem, este facto, o de toda a gente, mesmo os protestantes, á nossa pergunta, onde está aqui a igreja catholica, nos indicarem aquella igreja que se chama catholica, e não *qualquer outra*, por exemplo, a methodista, prova que toda a gente e mesmo os protestantes consideram catholica aquella igreja que se chama catholica, e que negam este nome a qualquer igreja d'uma das seitas protestantes. E, por isso, este modo de raciocinar não é frívolo ; frívolo é o sophisma do autor.

Mas, insta elle, seja como quizer, em todo o caso, « a Igreja Romana nunca foi universal, e é certo que não o é agora, pois que em cada seculo presenciamos a perda de alguma parte de seu imperio. Em nenhum periodo da historia tem sido universal ; e é um facto indubitavel, que agora tem menos razão do que nunca para usar d'esse titulo. Em primeiro lugar, não anda passo a passo com o augmento da população, sendo assim que a população dos antigos paizes, onde ella tem prevalecido, como a Italia, a Hespanha, a França e a Austria, não tem augmentado na mesma proporção que a dos paizes onde predomina o protestantismo, como a Prussia, a Inglaterra e os Estados Unidos. Em segundo lugar, a corrente da emigração, que neste momento se vae estendendo por todo o mundo, leva consigo as instituições, a religião e os principios anglo-saxonios, que por este modo se espalham pelo globo. Os Estados Unidos, a India e a Australia, são exemplos d'isto ».

Faço ponto aqui, para não cançar o leitor com citações mui compridas; depois continuarei a citação.

Diz o autor que a Igreja Romana nunca foi universal e, de certo, não o é agora. Quanto á primeira asserção, digo que a Igreja « Catholica, Apostolica, Romana » (e não a Igreja « Romana », como teima em chamal-a autor, para fallar d'ella como d'uma igreja particular), já principiou a ser catholica desde o seu principio. S. Pedro, chefe da Igreja, com seus dois primeiros sermões, já converteu 8.000 pessoas, e elle, assim

como os mais Apostolos, espalharam-se pelo mundo inteiro, para prégarem o Evangelho a toda creatura. Já no primeiro seculo estava espalhada em grande parte do mundo conhecido (Rom. I: 8). No seculo segundo S. Irineu falla da Igreja « derramada sobre todo mundo, até aos confins da terra: entre os povos na Libia, no Egypto, entres os celtos, iberos e germanos, os quaes tinham só uma fé, uma doutrina e tradição, uma só alma, um coração e uma só bocca, com a mesma pregação e forma de governo ecclesiastico ».

O mesmo é confirmado por Tertulliano no seculo III: « Os parthos, diz elle, os medos, os elemites, os habitantes da Mesopotamia, Armenia, Phrygia, Cappadocio, da Asia Menor, do Egypto, de Chypre, as differentes raças dos getulos e mouros, os povos das Hespanhas, da Gallia, Bretanha e Germania, os dacios, os sarmatas até aos ultimos scythas, tem filhos no meio d'elles. »

Por isso, disse S. Agostinho no seculo IV, « basta o nome de *Catholico* para me reter no gremio da Igreja, porque ella é a unica que entre tantas e tão differentes seitas o guarda não sem razão de muito peso. E embora todos os hereticos estimariam denominar-se catholicos, contudo, quando entrardes em uma cidade, e perguntardes pela igreja catholica, nenhum d'elles vos indicará a sala onde elles se congregam para orar ou o seu conventiculo ». (O argumento de Milner, é pois, muito velho, já data do seculo IV, e não é nada frivolo: é de Santo Agostinho). « Sim, continua o santo, os hereticos e schismaticos mesmos, quando não fallam uns com outros, mas com os outros fieis, nunca chamam á Igreja Catholica senão por este nome; porque elles não logram fazer-se comprehender, quando dão á Igrej nome diverso d'aquelle que lhe dá *tudo o mundo* ».

Mas, para que allegar testemunhos de seculo a seculo, afim de provar contra o autor das *Noites com os Romanistas*, que é falsificação proposital ou ignorancia crassa e supina da Historia negar que a Igreja Catholica nunca fosse Catholica? Não cahe elle em aberta contradicção consigo mesmo quando diz: « esta pretensão (de chamar-se a Catholica) podia ter sido bem possível na idade média, quando a Igreja Romana se achava no maior auge da sua gloria e poder. *Então não havia na Europa outra Igreja que lhe pudesse resistir com bom exito* ».

Da mesma falsidade proposital, como provarei mais adiante, pelas ultimas estatisticas, elle se torna culpavel quando assevera que « agora a (Igreja Catholica), tem menos razão do que nunca para usar d'estes titulos ». Quanto ás duas razões allegadas por elle, a saber: o augmento da população em paizes protestantes e o decrescimento da mesma em pai-

zes catholicos, e a emigração que povoou os Estados Unidos, a India e a Australia de protestantes, respondo: 1.º, que se a população decresceu em uns logares, augmentou em outros: e que o augmento da *população* nos paizes protestantes não envolve necessariamente o augmento de *protestantes* naquelles paizes, visto o *grande numero de conversões* que nelles se operam. Assim por exemplo ha actualmente na Allemanha *protestante* com seus 55,000,000 de habitantes mais de 20,000,000 catholicos. Mas esta questão só decide-se com documentos authenticos, isto é, estatisticas: não com palavras e asserções; queira o autor dar tal estatistica que logo responderei: e 2.º, que si a emigração povoou os Estados Unidos, a India e a Australia de protestantes, a mesma emigração povoou *estes paizes e mais outros* de catholicos: basta lembrar-se dos milhares e milhares de catholicos italianos, hespanhoes, irlandezes, etc., que emigram todos os annos não sómente para os Estados Unidos, a India e a Australia, senão tambem e em maior numero para os Estados Unidos do Brazil e as mais Republicas Sul-Americanas (*).

Mas, o autor não nos dá tão facilmente ganho de causa. Como todos que se deixam levar pelo espirito de partido, teima. Dar-lhe-hei outra vez a palavra:

« Podemos, escreve, podemos dizer ainda mais. Tomando
« mesmo por base da argumentação a mesma pretensão de que
« a Igreja Romana *tenha sido* universal em certo tempo, deve
« ella reconhecer, e reconhece, que soffreu duas separações tão
« grandes, que o total dos dissidentes é maior do que o d'aquel-
« les que se conservaram. As duas grandes secções, a que allu-
« do, são as igrejas do Oriente e os protestantes do Occidente...
« A mesma Igreja Romana reconhece estes factos que, sendo
« como são, lhe não deixam o direito de continuar por mais tem-
« po o titulo de universal ».

E agora o autor vae fazer um calculo. O numero actual dos christãos no mundo, segundo o calculo mais approximado,

(*) Assim por exemplo a cidade de Buenos Aires, capital da Argentina, segundo o ultimo recenseamento, conta actualmente 1,190,916 habitantes, dos quaes 497,626 são immigrants, e pela maior parte catholicos. Eil-os:

Italianos.	265,829
Hespanhoes.	126,369
Francezes	30,071
Inglezes.	6,292
Allemaes.	5,999
Austriacos	3,937
Russos	3,738
Suissos	2,998
Turcos	1,913
Belgas	1,692
Portuguezes	1,493
Norte-Americanos	918
Gregos	182
Syrios.	22

diz elle, é de 305 milhões : tirando d'estes os 172 milhões de christãos, que a Igreja Catholica perdeu pela separação das igrejas do Oriente e Occidente (como sabe o autor que são 172 milhões nem mais nem menos?) não restam mais senão 133 milhões para a Igreja Catholica : e depois conclue : « assim, pois embora ella tenha maior numero de membros do que qualquer outra igreja, pois é uma só communhão, contudo, tomando a christandade por inteiro, acha-se presentemente em minoria muito pronunciada, ao passo que a marcha dos acontecimentos augura com probabilidade, que dentro de bem pouco tempo serão ainda peiores os seus títulos a esta ficção de nome, pois que todos annos se está fazendo menos Catholica ou Universal. As ondas já começaram a transpôr seus antigos diques, os quaes, uns após outros são abalados, derribados, submergidos, e para sempre destruidos ».

E como fim desta peroração, que elle ainda continua, o autor conclue com a palavra *prophetica*! : « A Catholicidade da Igreja Romana, está pois diminuindo de dia para dia, e, em breve tempo não existirá senão nas memorias do passado ».

Respondo : Com quanto gosto o autor das *Noites com os Romanistas* se offereceria para ser o coveiro do Catholicismo ! Mas, não ha perigo. O autor já terá morrido e estará sepultado desde seculos, seu nome inteiramente esquecido, seu livro não sómente carcomido pelos vermes, mas deixado de existir na memoria dos homens, e a Igreja Catholica viverá sempre diffundida pelo mundo, ainda mais do que agora.

Mas, estou esquecendo-me, pela indignação de tanto atrevimento, n'um obscuro assecla d'uma seita protestante, de responder ao que elle escreveu. Pois bem, mãos á obra. Sem duvida, a Igreja Catholica, Apostolica, Romana sentiu muito a perda que soffreu pelo schisma do Oriente, bem como pela heresia do protestantismo, no Occidente, *mas não reconheceu, como falsamente sustenta o autor, que por estas duas separações o total dos dissidentes se tornou maior do que o d'aquelles que se conservaram fieis*. Pelo contrario ; no mesmo tempo, ou para melhor dizer antes da Reforma acabar sua separação da Igreja-Mãe, esta, pelo *descobrimento da America do Norte e do Sul, pelo descobrimento da Australia*, se viu mais que sufficientemente indemnizada da perda que fizera na Europa ; em troca de alguns milhões de almas que se lhes tornaram infieis, achou numero incomparavelmente maior de outras almas que se lhes declararam filhos devotos, de sorte que estas duas separações não lhe tiraram, sob respeito algum, a sua catholicidade. Além d'isto, o calculo que faz o autor, para provar que o total dos catholicos está em minoria muito mais consideravel aos dos christãos, é totalmente errado. Pois, 1.º, nego que seja de 133.000.000

o numero de catholicos e de 172.000.000 o de christãos não catholicos. O autor dil-o, sim, mas como já vimos, centenas de vezes, suas palavras não merecem muita fé, visto como até agora não tem feito senão *errar e também enganar em tudo*. Segundo a estatística de Werner (anno 1890) a totalidade das seitas não catholicas que se dizem christãs, é de 215.000.000. Entre ellas ha 85.000.000 schismaticos, 5.500.000 monophysitas do Oriente, 5.000.000 nestorianos, **124.000.000 protestantes**, e entre esses protestantes ha tanta divisão que, segundo o Almanak de Whitaker, só na Inglaterra ha 260 diversas seitas e segundo o «Illustrated Church Annual», 310 (*).

Porém, 2.º, dado mas não concedido que este numero seja verdadeiro: repito o que já disse no primeiro artigo: estes suppostos 172 milhões de christãos não catholicos, não constituem *uma* igreja: divergem entre si a respeito dos pontos da maior importancia: muitos d'elles se dão por christãos, mesmo sem terem recebido o baptismo. Quem teria a coragem de juntal-os todos sob o nome de christãos?

Emfim, 3.º, dado por barato, que o numero seja verdadeiro e que todos sejam christãos, nem assim o total dos dissidentes vence o dos catholicos; pois segundo a estatística feita em Roma, no anno de 1890, havia pelo mundo inteiro **230.498.310 catholicos** e não 133.000.000 como erradamente e talvez propositalmente sustenta o autor.

E o que mais é: modernas e fidedignas estatísticas citadas por um correspondente da «Thabiet», de Londres, de um resumo da obra de R. G. Krose, S. J., sobre a «Statistique religieuse du Monde», publicada na «Die Katolische Missionen», de Friburgo, mostram que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, tem, actualmente, **265.503.922 crentes**. A Igreja Catholica, Apostolica, Romana ganhou, pois, desde o anno de 1890, em que o total dos catholicos, segundo a estatística feita em Roma, dava como resultado o numero de 230.498.310 catholicos, **mais de 35 milhões de fieis.** (**)

(*) E quantos haverá em outros paizes protestantes? Na America do Norte o pregador unitario Jenkins Lloydstones contou 350.

(**) Não é sem interesse um confronto da estatística sobre as religiões feita em 1903 pelo conhecido jesuita P. K. A. Krose com a do «Livro azul» da missão americana de 1907:

	PADRE KROSE	LIVRO AZUL
Catholicos.	265.503.922	272.638.500
Protestantes	166.627.000	166.066.000
Gregos-orthodoxos	117.875.000	120.157.000
Judeos.	11.027.000	11.220.000
Mahometanos.	202.048.000	216.630.000
Buddistas.	120.250.000	137.935.000
Hindús.	210.100.000	209.659.000
Confusianos e Tavistas.	267.000.000	231.816.000
Schintoistas.	17.000.000	24.900.000
Indios do culto antigo	12.144.000
Fetichistas.	144.700.000	157.069.000
Outros.	2.844.000	15.352.000

E por isso, quando o autor escreve que «a Catholicidade da Igreja Romana está diminuindo de dia para dia, e em breve tempo não existirá mais senão na memoria do passado», podemos dizer sem medo de errar, que tal doutrina não é artigo de fé catholica, como parece ser de fé protestante. Não: as portas do inferno não prevalecerão contra Ella. O protestantismo desaparecerá, pois já está agonizando: (*) a Igreja Catholica, Apostolica, Romana continuará a viver com o vigor da mocidade. Em abono appello para o *extraordinario movimento catholico, sob os Papas Leão XIII e Pio X* e para as *conversões que se têm operado e ainda se operam todos os dias na Inglaterra, na Allemanha, na Suissa, na Hollanda, na America e na igreja Oriental*. E' aos milhões que ellas se contam.

A mais bella colheita, diz Romain, é fornecida pela Inglaterra. A de seu maior doutor, o illustre Newmann, acompanhada de duzentos ministros das Universidades de Oxford e de Cambridge, echoaram mais que todas as outras. E' o maior acontecimento succedido na Inglaterra depois da Reforma, disse o celebre dr. Godey.

Gladstone disse da do Kiberfoce: Deixando a igreja anglicana, vós lhes infligis a injuria mais sangrenta que se lhe possa fazer. Poderá dizer-se a mesma cousa da conversão de Wiseman e de Manning,

A duquesa de Kent, neta da rainha Victoria, morreu catholica.

Entre as conversões notaveis na Allemanha, citam-se as de Stolberg, Philipps, Schlegel, Overbeck, von Eckstein, da condessa Ida de Hahn-Hahn, e do illustre Goethe, referida por

(*) O protestantismo já não existe, dizem hoje todos os protestantes.

O sabio theologo protestante, dr. Krogh-Tønning, antes da sua conversão assim se exprimiu: «Ha um facto, cuja realidade muito evidente só pôde escapar a espiritos obcecados. Este facto é, que actualmente a igreja protestante encaminha-se fatal e progressivamente para sua completa destruição. Sim, certamente. Basta estudar o que se passa no seio desta igreja para reconhecer a assignatura do tempo, nesta palavra sinistra, sem equívoco: DESTRUIÇÃO (Prot. contemp. 10).

E não são vozes isoladas de pessimistas; é o que se ouve por toda a parte. Um membro do Reichstag allemão em um dos ultimos debates politicos-religiosos, fazia a mesma triste confissão: «Não se pôde mais achar a igreja lutherana em toda a Allemanha, ainda que para achal-a em pleno dia se tivesse na mão a lanterna de Diogenes». O sr. Dammann pastor de Essen, na Allemanha, lança o seu grito angustiado: «Se este progresso dissolvente das crencas continua, daqui ha pouco soará a derradeira hora da nossa igreja».

O dr. Lemme, afamado professor, protestante, de seu lado: «O protestantismo moderno destruindo todos os dogmas, já não tem nenhum traço de união com o christianismo evangelico».

«Na Allemanha, na Suissa, em todos os paizes protestantes, escreve ainda o convertido noruegues dr. Krogh Tønning, verifica-se a triste palavra do dr. Zahn: tudo se dissolve. A igreja historica da reforma já não existe mais, vamos a direito ao paganismo (rev. dr. Fr. de Macedo Costa: Cath. e prol. pag. 56).

E este protestantismo agonizando quer ser o coveiro do catholicismo cheio de vida! Engraçado!

José de Maistre. Na America as de Browns, de madame Seton, do casal Stroop, do R. P. Hecker, etc. Na Russia, as de Galitzin, Schonvaloff, Gagarin, Schwetsine, etc.

Mas, o que sobretudo presagia uma aurora de tempos novos, são as conversões de *povos inteiros*, que se estão fazendo ou preparando, não sómente em paizes e entre povos barbaros e pagãos, mas entre os *antigos schismaticos da igreja Oriental*, que aos milhares se convertem sujeitando-se á auctoridade da Igreja Catholica e reconhecendo o Papa por seu chefe; entre *os protestantes da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Hollanda, da Suissa, da Allemanha*: como tambem as *negociações* em pròl da Igreja Catholica, abertas entre a còrte do Papa Pio X e as da *China, do Japão e da Russia. Todas estas cousas são signaes precursôres d'uma nova era de gloria para a Igreja, a qual, por maior que sejam os esforços dos protestantes para negal-o, é e ficará sempre a Igreja Catholica neste mundo.*

Porém, pagará a pena considerarmos esta verdade mais de perto, e acompanhar o movimento catholico nos 50 ultimos annos, nos paizes protestantes, quer fora quer dentro da Europa, nas igrejas russa e oriental e nos paizes dos pagãos.

As estatisticas e mais pormenores do movimento catholico pelo mundo, que vão seguir, são todos tirados de revistas muito sérias, como: *The Thablet*, inglez; *Les études*, revista franceza; os *Annuaes das missões estrangeiras*, ou de jornaes fidedignos, como o *Estandarte Catholico, La Croix*, etc.

Acompanhemol-o primeiro na Dinamarca, Suecia e Noruega.

Ha quarenta annos, havia na *Dinamarca*, 3 sacerdotes catholicos; hoje o seu numero sobe a 70 e a 400 o dos religiosos alli estabelecidos, havendo 30 Igrejas, 12 hospitaes e 3 lycens catholicos. Uma nora do rei Christiano, que é catholica, conseguiu a conversão de muitas familias nobres, ao Catholicismo.

Na *Suecia e Noruega*, antigamente unidas, agora, porém, separadas, ha 70 annos atraz, ainda estavam em vigor as leis que ameaçavam todo o sacerdote catholico, encontrado em sólo noruego, com a morte, e os leigos que andassem a confessar publicamente sua fé, com dura prisão. Foi, finalmente, no anno de 1843, que se abrogou a lei, *que cedava por mais de tres seculos á Igreja Catholica, a entrada no paiz*. Concedera-se a um missionario catholico a licença de fundar uma *casa de missões* em Christiania. Treze annos mais tarde inaugurou o mesmo padre, no centro da capital, *uma igreja*, e, em 1869, separado o paiz do Vicariato Apostolico da Suecia, foi erigida uma *propria Prefeitura*, sendo esta em 1893 elevada a *Vicariato*. Em consequencia d'isto, ha hoje, por todo o paiz, desde Christiania até Hamerfest, na Lapponia, um avultado numero de estações catholicas, com igreja, escola e hospital, e ainda que actualmente os catholicos sejam poucos, (a estatistica de 1900 dava para a

Dinamarca 4.000; a Suecia 1.145 e a Noruega 875), contudo, augmentam de anno em anno, em consequencia do fecundo trabalho das missões, ás quaes se deve o facto consolador de que o povo protestante mostra cada dia mais comprehensão e melhor juizo da Igreja Catholica, Apostolica, Romana. Prova convincente d'esta sympathia geral é o facto que, em 1896, a pedido do Bispo Catholico, mudou-se a Constituição do Estado para não impedir a fundação de casas religiosas.

Da Scandinavia, passemos á Suissa e á Hollanda.

O conselho federal da Suissa publicou os resultados do recenseamento feito em 1 de Dezembro de 1900. O primeiro volume diz qual a cifra dos habitantes de cada communa, a sua situação civil, nacionalidade, religião, etc. A religião é tratada em quatro columnas: os catholicos, os protestantes, os israelitas, os de outra confissão ou que não pertencem a nenhuma. Os catholicos eram 971.809 em 1859 e agora são 1.379.664; enquanto que os não catholicos subiram de 1.426.797 a 1.935.779; o augmento é, pois, de 31 por cento entre estes, e de 41 por cento entre aquelles.

O mesmo facto consolador se dá na Hollanda. Faz pouco mais de 50 annos, que lhe foi dada a seiva, que devia produzir o renascimento catholico; em 4 de Março de 1853, S. S. o Papa Pio IX, pelo breve «*Ex qua die*», restabeleceu na Hollanda a hierarchia episcopal, interrompida desde tres seculos pela chamada Reforma. Actualmente ha na Hollanda 5 bispados, e mais 3 nas colonias, e o total dos catholicos, sem contar os das colonias, chegou até duas quintas partes da povoação; em 5.500.000 de habitantes, em 1900 havia 1.800.000 catholicos, havendo ainda 100.000 judeos. — Ha 1.066 parochias a cargo de 2.348 sacerdotes; além d'isto, grande numero de religiosos de ambos os sexos. O calvinismo recua de dia a dia diante do Catholicismo triumphante.

Vejamos agora o movimento catholico na Allemanha e na Inglaterra.

Diz um diario importante, não catholico, allemão, o *Magdeburger Zeitung*, n.º 297: «A Igreja Catholica domina na Allemanha, pelo menos sobre 20.000.000 de crentes; a protestante, porém, deve sua pouca importancia exclusivamente ao apoio do Estado. Interiormente, o povo inteiro está afastado d'ella, já desde muito». E, com effeito, em 1903 foi pela primeira vez que se publicou uma exacta estatistica official do numero e das distribuições diocesanas e dos catholicos do imperio allemão. D'ella sabemos que o numero total dos catholicos montou a 20.321.441, que vão repartidos em 28 dioceses. Algumas d'ellas têm uma grandeza espantosa. Assim, a parte prussiana do Principe-Bispo de Breslau (incluindo a sua parte austriaca), á qual

ajunta-se a delegação de Brandenburgo e Pomerania, conta não menos de 2.640.500 catholicos.

Depois seguem : a archidiocese de Colonia, com 2.522.648 ; a archidiocese de Gnesen-Posen, com 1.272.499 ; as dioceses de Paderborn, com 1.250.612 ; Friburgo (Baden) com 1.186.787 ; Treveris, com 1.099.665 ; e Munster, com 1.076.300. As outras têm cada uma menos do que um milhão de catholicos, mas Munich, chega perto com 991.690.

Devêras, tal estatística prova ao claro, que a Allemanha não deve ser tratada *por paiz protestante*.

E que diz a estatística a respeito da *Inglaterra* ?

Quem medita um pouco a historia da Inglaterra, desde 1837 para cá, conclúe, que a epocha em que a sobrinha do rei Guilherme, subiu ao throno, abriu um novo periodo de prosperidade e continua conquista ao Catholicismo na Inglaterra. Em 1829 era approved o « *bil* » da *emancipação catholica*, fructo d'uma lucta gigantesca, de que foi coripheu o irlandez O' Connell. A lucta continuou porfiada, constante e bem organizada, e em 1838 obtinham os catholicos *novas concessões*. Neste mesmo anno o partido catholico organisou-se a valer, apparecendo em publico com um programma definido, em que se exigiam quatro cousas: reforma communal, concessão de direito eleitoral aos catholicos, justa e proporcionada representação do elemento popular, liberdade da contribuição forçada dos catholicos, para a manutenção da igreja anglicana.

Para chegar, porém, a estes resultados, quantas luctas não foi necessario combater ? Os dois popularissimos tribunos e organisadores: O' Connell, e o capuchinho Matheu, venceram todos os obstaculos e a causa catholica triumphou. Em 1847 morreu O' Connell, mas a sua obra tinha já tomado grandes proporções para morrer ; cresceu, desenvolveu-se e prosperou. Em 1869 o parlamento inglez, sendo presidente dos ministros Gladstone, deliberou a suppressão da igreja anglo-irlandeza, e não obstante a porfiada resistencia dos protestantes, *Pio IX teve a consolação de restabelecer a gerarchia catholica na Inglaterra*. Foi Wiseman, protestante convertido, o primeiro Cardeal-Arcebispo, a quem succederam Manning, igualmente protestante convertido e Vaughan, cuja sciencia, piedade e zelo levantaram extraordinariamente em todo o imperio britannico o prestigio da Igreja Catholica, Apostolica, Romana. Durante todo este tempo multiplicaram-se extraordinariamente as conversões. Em 1878 é Leão XIII, que estabelece *na Escossia a gerarchia catholica*. E se quereis saber, caro leitor, qual é agora o estado da Igreja Catholica na Inglaterra, aponto-vos para o « *Catholic Directory* », cuja edição para o anno 1908 se fez na livraria bem conhecida de « Burns e Oates ».

Alli a população catholica do Imperio Britannico é avaliada em 12.053.000; dos quaes 5.500.000 moram no Reino Unido (isto é, 2.180.000 na Inglaterra, Gales e Escossia, e 3.320.000 na Irlanda); 215.000 em Gibraltar e Malta; 2.086.000 nas colonias inglezas da Asia; 350.000 nas da Africa; 2.810.000 nas da America e 1.092.500 na Australia.

E se entramos agora em alguns pormenores no que concerne á Grã-Bretanha só, constatamos que aos fins de 1907 alli havia 1 cardeal, 3 arcebispos, 22 bispos dos quaes 2 auxiliares, 4.075 padres, e 2.121 igrejas e capellas. O anno de 1907 deu um augmento de 40 padres na Inglaterra e de 11 na Escossia, construíram-se 45 igrejas novas, das quaes 33 na Inglaterra e Gales e 12 na Escossia. E segundo o « Bulletin trimestriel » da arce-confraria de N.^a S.^a de Misericordia, o numero dos que na Inglaterra e na Escossia se convertem á Igreja Catholica, Apostolica, Romana, sobe annualmente pelo menos a 8.000 entre os quaes ha bastantes padres anglicanos.

Agora, pergunto eu: quem ha que, vendo *um movimento CATHOLICO tão extraordinario nos paizes PROTESTANTES da Europa*, terá a impudencia de dizer com o autor das *Noites com os Romanistas* que: « a Catholicidade da Igreja Romana está diminuindo de dia para dia, e em breve tempo não existirá mais senão nas memorias do passado? » Não: o contrario é que é verdade. A *apparente* universalidade das seitas protestantes está diminuindo de dia para dia, e d'ellas, em breve tempo, não existirá mais senão a memoria do passado. Vimol-o tratando do protestantismo europeu. Vejamol-o agora do protestantismo *norte-americano*. Em um de seus numeros do anno 1903, o « Daily News » exprime o seu espanto ácerca do prodigioso desenvolvimento do Catholicismo nos Estados Unidos da America do Norte. Começa por estabelecer o facto, de haver nesse paiz, *um praticante de qualquer religião em cada tres adultos*.

Em seguida, affirma haver em suas 125 cidades mais importantes, quantidade de catholicos maior do que a somma dos protestantes das diversas seitas.

Nessas 125 cidades, com uma população de 14.000.000 de habitantes, contam-se 3.644.000 catholicos. Além d'isso, continúa o « Daily News », mais de metade da população de 13 Estados é catholica, sendo de notar que entre esses Estados se acham os de leste, primitivamente considerados como o fundamento do protestantismo yankee.

E para demonstrar a veracidade d'esta ultima parte, seguem os seguintes Algarismos, sendo os da segunda columna, da população catholica, e os da terceira, o numero de catholicos em 100 habitantes:

ESTADOS	CATHOLICOS	Em 100 Habitantes
Novo Mexico	120.000	96
Montana	51.280	85
Arizona	42.710	74
Nevada	9.900	72
Massachusetts	862.500	71
Rho. de Island	291.330	69
Louisiana	335.120	65
New York	2.174.300	58
California	312.370	55
Colorado	61.200	54
Connecticut	271.880	53
Minesota	333.310	53
Michigan	567.400	51

Eis o que escreve o « Daily News ». E que este progresso da Igreja Catholica sempre continua, comprova-se pelas estatisticas fornecidas pelas secretarias das diversas Dioceses. Em 1901, o « Catholic Directory », deu como resultado das estatisticas diocesanas 10.774.983 de catholicos nos Estados Unidos; em Dezembro de 1906, este numero já excedeu muito o numero de 13.000.000; e hoje já passa de 16.000.000.

Segundo as estatisticas de 1901, a grande republica contava 13 arcebispos, entre elles um cardeal, e 80 bispos. O numero dos sacerdotes era de 11.987, dos quaes 3.010 pertenciam a ordens religiosas e 8.977 eram padres seculares. Existiam 6.127 igrejas com sacerdotes residentes; 3.518 igrejas filiaes e 1.774 capellas. Tinha 8 Universidades catholicas e 76 Seminarios, nos quaes 3.395 alumnos — philosophos e theologos — estavam-se preparando para o sacerdocio. Os collegios catholicos de ensino secundario, para meninos, eram 183, e para meninas, 677. Escolas primarias-parochiaes havia-as em numero 3.812, onde se dava a 903.980 crianças de ambos os sexos, uma instrucção e educação solida, baseada sobre os principios christãos. O numero dos alumnos, em todos os institutos catholicos, nos Estados Unidos, ascendia á enorme cifra de 1.055.631.

Mas, segundo as estatisticas de Dezembro 1907 ha nos Estados Unidos 15 arcebispos, 90 bispos, 18 abbades e 15.665 sacerdotes, 11.496 dos quaes pertencem ao clero secular, 3.069 ao clero regular, com 12.513 igrejas e capellas. O augmento de catholicos de 1906 para 1907 é de 788.073, sendo o total 13.827.426; tambem subiu muito o numero de meninos que fre-

quantam as escolas e institutos catholicos de instrucção e que nos fins de 1906 já chegára a 1.266.175.

Ajuntando-se agora ao numero dos catholicos que vivem nos Estados Unidos o das Philippinas com 7.106.452, o das ilhas de Sandwich com 35.000 e o do Porto Rico com 100.000 vê-se que nos dominios dos Estados Unidos vivem mais de 23.000.000 de catholicos.

Ora, lembrando-vos, caro leitor, do que disse o já citado methodista dr. H. K. Carroll, que sobre uma povoação de 72.000.000 de habitantes que tinham os Estados Unidos naquelle tempo, 44.000.000 eram neo-pagãos e só 20.090.613 professavam alguma forma do Christianismo, não é força dizer que o Catholicismo com seus 10.774.983 de fieis de então e seus 16.000.000 que tem agora, só na America do Norte, sem contar os das Philippinas, progride a olhos vistos?

Mas, ainda não ajustei as minhas contas com o autor das *Noites com os Romanistas*. Pois não é sómente o protestantismo que recua ante a marcha triumphal da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, em todos os paizes; quer dentro, quer fóra da Europa, onde foi introduzido pela reforma do seculo XVI, tambem o schisma, cencido e humilhado, se curva ante o vencedor.

O movimento catholico que se repara nos ultimos tempos, tanto na igreja russa como na igreja oriental, comprova-o de sobejo.

Com effeito, com a abdicção do Pobjedonoszewss, inimigo acerrimo de toda a religião não russo-ortodoxa, da presidencia do « Santo Synodo », authoridade suprema da igreja russa, *poz-se um principio d'uma epocha mais livre e pacifica para a Igreja Catholica na Russia*. Uma prova d'isto é a promulgação do recente *ukase de tolerancia* feito pelo czar no dia de Paschoa, que logo foi seguido da conversão de mais de 35.000 russos à Religião Catholica e deu o primeiro impulso ao conde Witte, então presidente do Ministerio, *para entrar em negociações com a Santa Sé*, ácerca da creação d'uma nunciatura Apostolica em Petersburgo.

E se podemos ter confiança na seriedade das reformas que a igreja russo-schismatica, segundo uma memoria que o padre Palmieri leu na Academia Pontificia, prepara, e que consistem no seguinte: Concilio nacional, restabelecimento do patriarchado, accesso do clero secular ao episcopado, e abolição do Santo Synodo, *surge na Russia que em tempos idos, avantajou o Culturkampf, a aurora de dias melhores*.

A prova mais recente da seriedade destas reformas, vemos na noticia do *Santuario de Aparecida*, de 2 de Março 1907, segundo a qual, o ministro actual do interior concordou com os bispos catholicos em conceder-lhes amplas liberdades na administração dos bens da Igreja e na fundação de seminarios e escolas.

Fôra d'isto o governo restitue à Igreja Catholica grande numero de igrejas e terrenos que antigamente já lhe pertenceram e onde nos ultimos annos o povo, em sua maior parte, voltou ao seio da Igreja Catholica.

O mesmo movimento nota-se tambem nas igrejas *orientaes*, mormente na igreja *grego-schismatica da Africa do Norte*, onde 15.000 gregos schismaticos, pertencentes aos tres districtos de Ackor, Hosz e Sofita acabam de abjurar o schisma, entrando no seio da Igreja Catholica; e na *antiga seita dos nestorianos*, onde o povo aos milhares deixa o schisma para se unir a Roma, o centro da Unidade Catholica. O reconhecimento official do governo ottomano de Mgr. Manus, vigario do patriarcha Chalden, como bispo de Vau, deu grande impulso a este movimento. Numerosas aldeias já se declararam catholicas e vão ser dotadas com uma escola e uma capella.

Mas, o que ainda mais claramente prova que a velha Igreja de Roma, vinte vezes secular, não está morrendo, como diz o autor, mas ainda possúe em toda a sua plenitude a força vital, que lhe foi communicada no dia de Pentecostes, é o seu movimento *extraordinario entre os pocos pagãos*. — Acompanhamol-o em todos os paizes onde ha gentios, levar-nos-ia muito longe. Acompanhemol-o só nos tres paizes, que nos ultimos tempos despertavam mais a nossa attenção, a saber: *na China, no Japão e na Coreia*. Em todos estes paizes a Religião Catholica, Apostolica, Romana progride e prospera.

De facto: as noticias que se recebem das missões da *China* são cada vez mais satisfactorias e fazem esperar que n'aquelle immenso paiz ha de brilhar, com todo o esplendor, talvez n'um futuro proximo, o sol da verdade Catholica. Recentemente alcançaram-se conquistas de grande monta no Chantong Meridional, que, por ser patria de Confucio e de seu predilecto discipulo Mungsten, é como a *Terra Santa* dos chins, o lugar onde, com mais pertinacia, se conservam os velhos fanatismos da idolatria nacional.

Esta provincia, que conta 12 milhões de habitantes, foi primeiramente evangelizada pelos religiosos franciscanos, alguns dos quaes deram com seu sangue e em crueis martyrios, testemunho da fé que pré-gavam.

Tinha decalido notavelmente a christandade nesta região tão perseguida, quando em 1882, dois zelosos missionarios *Anzer e Freinadementz*, procedentes da casa-mãe de *Steyl*, situada na *Hollanda*, entraram no paiz, arrostando toda a sorte de perigos e pondo a cada passo, em imminente risco as suas fundações e vidas. Em 1884 já se contaram uns 10.000 christãos com varias igrejas e escolas, regidas por 30 missionarios. Em 1885 a fundação foi elevada a *Vicariato Apostolico* por Leão XIII e dez annos mais tarde, figuravam na estatistica de Chan-

tong Meridional 9.800 baptizados, 3.600 cathecumenos, 34 sacerdotes europeus, 3 padres indigenas, 6 irmãos leigos e 54 escolas elementares ou superiores. Ao mesmo tempo progredia a cultura á europea e fomentava-se a vida fabril e commercial em relação com outras regiões do imperio. Mas *uma terrivel revolução*, acompanhada de sangrentas perseguições, destruiu em pouco tempo o fructo de tantos annos de intelligente e bem intencionado labor. *Restabelecida a paz em 1900*, puderam os missionarios restaurar as christandades arruinadas, e com a benção de Deus conseguiram n'estes ultimos annos reunir o rebanho disperso, reedificar igrejas e escolas e levar de novo a luz da civilisação áquellas regiões. Na actualidade, segundo noticias recebidas directamente do paiz, conta o Chantong Meridional 55 sacerdotes, 11 d'elles chins, 13 irmãos leigos, 11 franciscanas missionarias de Maria e 6 servas do Espírito Santo. O seu Prelado é Mons. Heumighans, bispo titular de Hypaepa e missionario de Steyl, que tem a sua residencia em Yentchan-fon. Calculae dahi, caros leitores, o movimento Catholico *nas outras provincias do imperio celeste*. (*)

Mas, se o progresso do Catholicismo na China nos dá motivo de jubilo, não menos o do *Japão*.

Já no tempo de S. Francisco Xavier, que foi seu primeiro missionario, chegando alli em 1549, houve uma Christandade muito florescente, que subiu ao numero elevado de 300.000 catholicos!

Em 1596 uma imprudencia e arrogancia dos hespanhoes desencadeou uma terrivel perseguição contra os catholicos: apesar, ou para fallar com maior exactidão, por causa do sangue dos martyres, então derramado, o Catholicismo continuou a prosperar maravilhosamente chegando a contar perto de dois milhões de fieis. Foi então que esta marcha triumphal foi devida pelo odio mercantil dos protestantes da Hollanda. Recomeçou novamente a éra dos martyres, a perseguição era geral em 1624 e durou até 1640. Passaram-se dois seculos, e em 1840 os padres da Sociedade das Missões estrangeiras, que evangelisavam na Coreia, entenderam estabelecer-se no Japão, mas foram presos; em 1854 o tratado de commercio entre o Japão e a Inglaterra e os Estados Unidos, abriu no imperio do « Sol levante » a brecha por onde outra vez entraram os missionarios. Mas foi mormente em 1858 que, um tratado concluido com a França, permittiu aos estrangeiros exercer o seu culto. Desde então começou a evangelisação. Em 1873 o Mikado promulgou uma nova constituição, concedendo nella, a todos os japonezes, a *liberdade de crença religiosa*. Sob o pontificado de Leão XIII estabeleceu-se a *gerarchia catholica*, e agora con-

(*) Em 1900 o *Imperio Chinês* tinha mais de 1.000.000 de Catholicos.

tam-se no Japão segundo a estatística mais authentica de 1903: 58.086 catholicos, 120 sacerdotes europeos, 31 padres nascidos no Japão, 289 catechistas, 325 irmãos religiosos, 165 igrejas e capellas, 35 escolas, com 4.915 creanças, 20 orphanatos, com 4.519 creanças, 21 hospitaes e asylos, e a amizade entre o Mikado e o Papa Pio X nos dá a maior esperança a respeito do futuro glorioso reservado ao Catholicismo no Japão, que fará dos japonezes, assim como o escreve o Bispo de Nagaski, o grande povo do Oriente.

Occupemo-nos agora, com considerar o desenvolvimento catholico na Coreia.

O primeiro missionario, que entrou na Coreia foi um padre chinês, que no anno de 1795 logrou, disfarçado em aldeão coreano, passar a fronteira. Viveu alli 6 annos, trabalhando na conversão dos pagãos. Soffreu o martyrio em 1801 com 300 neophitos. Sua morte violenta não impediu que outros o seguissem. Porém, quasi todos morreram martyrisados. Em 1839, o primeiro Vigario Apostolico deixou a vida por seu rebanho; no mesmo dia obtiveram a palma do martyrio dois sacerdotes e 127 catholicos coreanos. Em 1866 o numero dos neo-convertidos era de 25.000. Foi então que o rapido progresso do Catholicismo exacerbou os sacerdotes pagãos de tal maneira, que obtiveram do imperador um edicto que não visava senão o extermínio completo do nome christão. A 8 de Março do mesmo anno, o Vigario Apostolico e tres missionarios foram decapitados; no mesmo mez soffreram ainda cinco outros padres e mais de 10.000 christãos, uma morte violenta por sua fé. Durante os dez annos seguintes, o paiz ficou inacessivel para os missionarios.

Foi no mez de Maio de 1876 que, melhoradas as circumstancias, um grupo de padres francezes e chinezes transpoz as fronteiras coreanas; e agora, Mgr. Muter, o actual Vigario Apostolico d'aquelle paiz, no seu relatorio interessantissimo do Catholicismo na Coreia, dá as noticias mais lisonjeiras a respeito do progresso catholico em seu Vicariato. « Dos 15.000 christãos sobreviventes, escreve, duas terças partes permaneceram fieis e esperam anciosamente a volta dos missionarios para receber os santos sacramentos. Os outros tinham cahido num estado de indifferentismo e tepidez, e só agora voltaram á pratica religiosa. O numero dos apostatas era muito pequeno, constando de neophitos ainda imperfeitamente fundados na religião, e de gente rica, que procurara salvar seus bens temporaes. O incremento recente do Catholicismo é devido principalmente á conversão dos adultos, pois nestes ultimos annos tem havido extraordinaria mortandade de crianças. O seminario de Pinang, (continúa o relatorio), acaba de nos dar 3 neo-presbyteros coreanos, contamos actualmente, além dos missionarios francezes, 12 sacerdotes nacionaes e 36 estudantes de theologia ».

Será, depois de factos tão eloquentes, para admirar que um ministro *protestante* inglez, que visitou *aquelles paizes*, escreva o seguinte :

« Não pôde causar surpresa, que os *heroicos missionarios da Igreja Romana* excitem a admiração de qualquer observador, que aliás não pôde ser impressionado de maneira alguma, *com a vida commoda do missionario protestante*, que com sua bonita casa, sua mulher e seus filhos, vive *em abundancia de confortos*. Embora não se tenha sympathia para com os dogmas da Igreja Romana, a pobreza, a paciencia, os sacrificios e os soffrimentos de seus missionarios não podem excitar senão a admiração de todos. Qualquer missionario sério (*protestante*) é forçado a perguntar a si mesmo: si a Reforma talvez não passasse seu limite; e si estes typos monastico-sacerdotaes não estejam, depois de tudo, mais de accordo com o verdadeiro espirito apostolico ».

E agora, depois de ter demonstrado com evidencia que só a Igreja Catholica, Apostolica, Romana tem direito ao nome de *Catholica*, com exclusão de todas as mais igrejas que se inculcam como catholicas, não posso deixar de referir um *testemunho importante d'um theologo protestante, a respeito da Catholicidade da Igreja Catholica*.

O « *Jornal Americano de Theologia* », que se edita em Chicago, traz um artigo notavel a respeito da Igreja Catholica, escripto pelo professor Carlos Augusto Briggs, do seminario da União Theologica, de New-York. Tem por titulo: *Catholico — o nome e cousa*. Neste artigo, o sr. Briggs, serve-se de argumentos historicos, para provar que a Igreja Catholica é a unica que tem direito ao nome de Catholica. Fallando da Sé Romana, elle diz :

« Roma foi a Igreja dos martyres por excellencia. Nella soffreram os dois chefes dos Apostolos Pedro e Paulo (o autor das *Noites com os Romanistas* sustenta o contrario, mas falsamente, como provei), assim como uma enorme multidão de todos os paizes, no horrivel banho de sangue de Nero, que é a allusão do livro da revelação. Nella, Ignacio de Antiochia, Clemente, Hyppolito, Justino e um exercito de heroes christãos soffreram e morreram pela fé. Nella Sta. Cecilia, Sta. Ignez e legiões de matronas, offereceram-se em sacrificio de amor a Christo. (Tudo isto o autor o nega). A Igreja Romana tem por fundamento o sangue dos martyres e este é o motivo principal que a torna pre-eminente e perpetua sua pre-eminencia. Em Roma parece estar-se junto aos martyres, *em contacto com o Christianismo original* ».

(Duas nozes para o autor das *Noites com os Romanistas*).

O dr. Briggs em seguida desdenha os direitos das *igrejas protestantes* ao nome de catholicas. (Assim como o faz tam-

bem o chefe do protestantismo allemão, o dr. Harnak, que admite francamente a Catholicidade da Igreja Romana, á qual chama «... um dos elementos que constituem a *peculiaridade* desta Igreja ». Observa que estes direitos não repousam sobre base alguma. Eis o que diz sobre este assumpto :

« As igrejas protestantes perderam a união geographica — a igreja da Inglaterra mais do que qualquer outra ; pois a igreja da Inglaterra é tão estriktamente uma igreja nacional, que se limita á raça anglo-saxonia. Não sómente não tem communhão alguma com a Igreja Catholica Romana, como também com as igrejas irmãs nacionaes. A igreja reformada, a presbyteriana se tem sempre aproveitado mais da Catholicidade em suas formas geographicas, que a igreja da Inglaterra. Procura-se debalde nos « Artigos da Religião » alguma concepção d'uma Igreja Catholica. Mas na Confissão do Westminster está muito visivel. Os theologos de Westminster emprehenderam um concilio das Igrejas Reformadas. Seu fim principal era reformar a igreja da Inglaterra, segundo os ensinós da Escriptura Sagrada e o exemplo das melhores Igrejas Reformadas do Continente e unir-se e associar-se mais estriktamente a ellas. A igreja da Inglaterra, porém, esquivou-se, contentando-se em ser simplesmente uma igreja nacional ».

Esta linguagem parece extraordinaria, vindo da parte de alguém que se acha fóra da Igreja Catholica. O dr. Briggs declara que *nenhuma* das igrejas protestantes póde legitimamente assumir o nome de Catholica. Assim como innumeros outros, elle deseja ardentemente a reunião da Christandade, e, éntretanto, continúa a ser membro d'uma das innumeras seitas, que nasceram da revolta Lutherana contra a Santa Sé. Reprehende, do modo seguinte, alguns de seus correligionarios que *querem ser tidos como catholicos, continuando a ser protestantes*. (Exactamente como os methodistas que dizem : sim, somos catholicos, mas não Romanos) :

« A menos que o nome corresponda á cousa, é um engano, é uma vergonha. Muitos christãos convictos, não sómente anglicanos, mas de todo o nome e denominação de christãos, acham-se sob a influencia d'uma reacção catholica e desejam com sinceridade ser verdadeiramente catholicos, sobretudo recuperar a unidade da igreja. Quando recuperamos a cousa (o que é impossivel) então poderemos com justeza chamarmo-nos catholicos. O maior movimento actual do mundo é a reacção catholica ; é um movimento demasiado grande para poder ser guiado ou fiscalisado por qualquer chefe que seja. O Espírito Santo de Deus está abrindo caminho ao restabelecimento, á re-catholisação e reunião da Christandade em sauto amor ».

Temos citado bastante o dr. Briggs para testemunhar a

catholicidade da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, e tam-
bem para provar que elle não se sente mais em casa, na igreja
episcopal, do que outr'ora na igreja presbyteriana. Elle parece
ser um d'aquelles que o cardeal Newman descreve assim em
seus sermões, sobre a ignorancia invencivel e o anglicanismo:

« Ha certas pessoas pelas quaes todo catholico deve inte-
ressar-se intensamente, pelas quaes deve sériamente temer:
« isto é, por aquelles que, recebendo alguns raios de luz,
« quanto à sua heresia ou schisma, parecem fechar os olhos
« ante a luz, ou por aquelles que, comprehendendo o nada da
« sua communhão propria e a realdade e divindade da Igreja
« Catholica, todavia differem em servir-se deste conhecimento ».

E com estas palavras concluo meu capitulo, em que pro-
vei claramente que só a Igreja Catholica, Apostolica, Romana,
com exclusão de todas as mais confissões, tem direito ao nome
de Catholica. (*)

(*) Para provar o continuo progresso da Igreja Catholica, basta comparar
a estatística de 1800 com a de 1900: com outras palavras, seus progressos du-
rante o seculo XIX.

O Reino Ottomano, perdeu a Grecia, a Creta, o Egypto, a Rumania, a
Servia, a Bulgaria, o Tunis e a Algarvia, que agora são catholicas. O Mediter-
raneo outra vez é christão.

O Imperio Chinez, no anno 1800 teve 187,000 catholicos; em 1900 tem mais
de 1,000,000.

A Indo China, no anno de 1800 teve 320,000 catholicos em 1900 tem 1,500,000.

O Hindostan desde Afghanistan até a China, no anno de 1800 teve 475,000
catholicos com 22 missionarios, em 1900 tem 2,000,000 com 2,000 missionarios.

A Australia e a Nova Zelandia, que em 1800 não tiveram nem um só pa-
dre, nem um só catholico, em 1900 tem 1,000,000 de catholicos.

Em muitos grupos de ilhas na Australia o apostolado catholico principiou
a sua missão em 1860. Em 1900 essas ilhas tiveram 100,000 catholicos e por
toda a Australia tem mais de 1,150,000 de catholicos.

O Japão, que o tratado com a França em 1858 abriu à evangelisação ca-
tholica, em 1900 tem 50,000 catholicos governados por 5 Bispos.

A Algarvia e o Tunis em 1830 não tiveram senão 7,000 catholicos; o mes-
mo é applicavel tambem ao Egypto. Em 1900 estes paizes têm 500,000, 400,000
dos quaes moram na Algarvia.

A Africa do Sul é dividida em 8 Dioceses, com 40,000 catholicos.

A Madagascar em 1860 não teve um só catholico; em 1900, porém, esta
ilha africana tem 400,000.

A America do Sul, em 1900 tem mais de 50,000,000 de catholicos.

Os Estados Unidos da America do Norte em 1800 tiveram 1 Bispo, 30 pa-
dres e 30,000 catholicos; em 1900 tem 80 Bispos, 9,000 padres e mais de 10,000,000
de catholicos.

O Canada, em 1800 teve 63,000 catholicos; em 1900 tem 2,000,000.

Em Newfoundland, em 1800 a Igreja Catholica não existia; em 1900 tem
72,796 catholicos.

A Inglaterra e a Escocia em 1800 tiveram 6 Vigariados Apostolicos e
120,000 catholicos, em 1900 tem 2,000,000 e mais de 3,000 padres.

A Alemanha em 1800 teve 6 milhões de catholicos e alguns milhares dis-
persos aqui e acolá; em 1900 tem 20,000,000.

A Hollanda em 1800 teve 300,006 catholicos sem Bispo; em 1900 tem
1,800,000 catholicos, 5 Bispos e 2,794 padres.

A Suissa em 1800 teve 422,000 catholicos; em 1900, 1,123,000 com 6,000
padres e 6 Bispos.

A Dinamarca, a Suecia e a Noruega, em 1800 tiveram só 200 catholicos,
em 1900 a Dinamarca tem 4,000, a Suecia 1145, a Noruega com 875.

A Rumania, a Bosnia, a Herzegovina e a Suecia não tiveram senão 60,000
catholicos; em 1900 subiram a 530,000. Sob o governo despótico dos Turcos, as

comunidades catholicas são quadruplicadas. Os catholicos dos varios ritos, de 164.000 subiram a 421.000.

Accrescento mais a esta estatística, de por si já tão eloquente, que Pio IX, durante seu governo, erigiu 130 bispados, 2 vicariatos e 13 prefeituras apostolicas; e Leão XIII, desde 1878 até 1900, 101 bispados, 60 vicariatos e 24 prefeituras apostolicas, e depois pergunto: Se assim, como claramente se prova pela Biblia, a Catholicidade é um dos caracteres da verdadeira Igreja de Jesus Christo, não é ella só a prerogativa d'aquella Igreja que se chama com exclusão de todas as mais, a *Igreja Catholica*?

Só quero ainda accrescentar que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, a qual segundo a estatística de Krose em 1903 contava 264.506.000 Catholicos, segundo o livro azul «da missão americana em 1907 contava» 272.638.500. — e que o numero dos protestantes de 166.627.000 em 1903 diminuiu em 1907 até 166.066.000.



CAPITULO V

APOSTOLICIDADE DA IGREJA

Depois de ter negado a Unidade, Santidade e Catholicidade da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, o autor das *Noites com os Romanistas*, no capitulo quinto, esforça-se por negar-lhe tambem a Apostolicidade.

Que fazer? — O protestantismo é essencialmente negação, e mormente negação da verdadeira religião de Jesus Christo — e, por isso, paciencia. Temos só um remedio: confundir o erro pela verdade, e oppôr aos argumentos futeis dos sophismas, os argumentos solidos da boa logica. E' isto que vou fazer neste capitulo. Vou explicar em que consiste a nota da Apostolicidade, provar que ella convém só à Igreja Catholica, Apostolica, Romana, e refutar as objecções do autor.

ARTIGO I

Que entende-se pela palavra Igreja Apostolica?

Diz o autor: « que as palavras « Igreja Apostolica », do « credo, não podem significar uma Igreja fundada pelos Apostolos, ou nos tempos dos Apostolos, porque a Igreja de Jerusaleém, que foi fundada pelo proprio Jesus, e abençoada com a sua presença, milagres e ensino de S. Pedro e dos outros Apostolos, caiu na apostasia e no mahometanismo; que não podem significar a successão não interrompida do ministerio, desde os tempos dos Apostolos, porque, pertencendo esta a todas as igrejas, não póde ser caracter distinctivo de nenhuma; e, finalmente, que só podem significar uma Igreja que sustenta, crê, quer e pratica as doutrinas e a disciplina dos Apostolos, como se acham indicadas nas Escripturas ».

Reservando-me a responder e refutar, no terceiro artigo

d'este capítulo, as razões allegadas pelo autor, para provar sua asserção, sustento contra elle : *que só é Apostolica a Igreja que é :*

1.^o Apostolica *em sua origem*, isto é, que em virtude do poder que Jesus Christo deu aos seus Apostolos, foi fundada por elles :

2.^o Apostolica *em sua doutrina*, isto é, que conservou a doutrina dos Apostolos tal como lhe foi entregue por elles ;

3.^o Apostolica *em sua successão*, isto é, que descende directamente dos Apostolos por uma série não interrupta de legítimos successores.

Assim, pois, como vê o leitor judicioso, eu de todo não concordo com o autor, na definição da Apostolicidade. Elle nega a necessidade da Apostolicidade de origem e de successão, eu a sustento : elle faz consistir a Apostolicidade da doutrina na conformidade com o ensinamento da Biblia, eu na conformidade com o ensinamento dos Apostolos. Dito isto, vou provar minha doutrina, que é a da Igreja Catholica, Apostolica, Romana.

Quanto ao primeiro requisito, a Apostolicidade de origem, não pode haver duvida alguma. Pois foi *só aos Apostolos* e a nenhuma outra pessoa que Jesus deu o poder de fundar sua Igreja. Isto segue claramente de muitissimos logares da Escrip-tura Sagrada, como por exemplo de Math., XXVIII : 18-20, etc. Resulta d'ahi que a verdadeira Igreja de Jesus Christo deve ser fundada pelos Apostolos, e que uma Igreja não fundada pelos Apostolos não pode ser Apostolica de origem, nem, por consequente, a verdadeira Igreja de Jesus Christo. E por isso, quando o autor assevera que a phrase « Igreja Apostolica » não pôde significar uma igreja fundada pelos Apostolos, elle não sómente contradiz abertamente *a Escrip-tura Sagrada* que ensina que Jesus incumbiu seus Apostolos de fundarem sua Igreja, senão também *a sã razão* que ensina claramente que a Igreja « Apostolica » deve trazer sua origem dos Apostolos, tel-os por fundadores. Além d'isto, contradiz também *a maioria dos protestantes* que não fazem duvida em admittil-o.

2.^o Nem pôde haver a menor duvida a respeito do segundo requisito, a « Apostolicidade de doutrina ». Pois ninguém se atreverá a negar que os Apostolos tenham prégado toda a doutrina e a genuína doutrina de Jesus Christo, e, por consequente, que a Igreja, para poder chamar-se de véras Apostolica na doutrina, deve prégar a doutrina tal como esta lhe foi entregue pelos Apostolos, que a fundaram. Isto também é tão claro, que a maioria dos protestantes o admittem. E quando o autor accrescenta que « a Igreja deve prégar as doutrinas dos Apostolos, como se acham indicadas nas Escrip-turas Sagradas », usa d'um artifício para poder negar a *Tradição*, que elle erradamente julga não ser ensinada pela Biblia, como mostrarei mais adiante.

3.^o E' só a respeito da Apostolicidade de successão, que

elles divergem connosco; d'ella nada querem saber. Todavia, é um requisito essencial da Apostolicidade; não podendo a Igreja por uma successão ininterrupta de pastores legitimos subir até os Apostolos, seus primeiros pastores, já por isso mesmo deixa de ser Apostolica. Vou proval-o claramente.

Os Apostolos receberam de Jesus Christo a missão de estender a Igreja de Christo pelo mundo inteiro (Marc. XVI: 15-16; Math. XXVIII: 18-20) e esta Igreja devia durar sempre, até o fim dos seculos (Math. XXVIII: 20). Porém, os Apostolos eram homens mortaes, não podiam sempre viver, haviam de morrer um dia; além d'isto, mesmo durante a sua vida, enquanto ainda estavam vivos, não podiam estar corporalmente, ao mesmo tempo, em todos os logares do mundo. D'ahi a necessidade que tinham de coadjuutores que os auxiliassem durante sua vida e depois de sua morte continuassem seu trabalho apostolico. Ora, quem devia nomear esses coadjuutores dos Apostolos? O proprio Jesus Christo? De certo que não, visto como Elle, depois de sua gloriosa ascensão, não communicava mais visivelmente com os seus, neste mundo.

Mas, então, cada um que sentia em si o desejo para isto, podia arrogar-se por propria e privada authoridade o direito de constituir-se authoridade na Igreja e de governal-a, administrar os sacramentos e prégar a doutrina?

Tão pouco; d'isto nasceria a maior desordem, e esta desordem ameaçaria sériamente a subsistencia da Igreja. Não: estes coadjuutores deviam ser *mandados*, assim como *Jesus* foi mandado por *seu Pae*, e os *Apostolos* por *Jesus*. D'ahi as palavras de S. Paulo (Rom. X: 15): «Como prégarão se não forem enviados?». Mas quem devia mandal-os, de quem deviam receber sua missão? Só dos proprios Apostolos, sob a superintendencia de Pedro, seu chefe visivel. Pois foi aos Apostolos que disse Jesus (João XX: 21): «Assim como o Pae me enviou a mim, eu vos envio a vós», isto é: assim como eu na execução da tarefa, da qual, meu Pae me incumbiu, me associei como coadjuutores a vós, meus Apostolos, assim vós tambem na execução da tarefa de que vos incumbi, deveis associar outros homens, que vos auxiliem durante a vossa vida e depois da vossa morte continuem vosso trabalho por uma série não interrupta de legitimos successores, e isto até o fim dos seculos, porque quero que minha Igreja perdure sempre.

E que os Apostolos o entendiam assim e consideravam como direito proprio e exclusivo a faculdade de nomear seus coadjuutores, prova-se tanto pela Biblia como pela Historia Ecclesiastica, pois ambas attestam claramente que S. Timotheo e S. Tito foram sagrados Bispos pelo Apostolo S. Paulo e que foi authorisado pelo mesmo Apostolo; que elles ao depois, por sua vez, nomearam coadjuutores subalternos, como evidente-

mente se vê em Tit. I: 5: « Se te deixei em Creta, foi para que regules o que falta e estabeleças presbyteros na cidade, do mesmo modo que eu te ordenei ».

Segue-se d'isto, que a successão não interrupta de legítimos successores dos Apostolos é *um requisito absolutamente necessario para a Apostolicidade d'uma Igreja*. Sem ella não ha Igreja Apostolica; e embora uma Igreja fosse fundada pelos Apostolos e tivesse a doutrina dos Apostolos, deixaria de ser Apostolica, desde o momento em que faltava a Apostolicidade de successão, desde o momento em que seus pastores deixavam de ser os *legítimos* successores dos Apostolos, isto é, desde o momento em que seus pastores não seriam mais Bispos sagrados validamente, ou se tornariam herejes ou schismaticos.

Dahi o extremo cuidado com que as Igrejas, na phrase de S. Ireneo, conservavam os catalogos da successão de seus Bispos, desde o tempo dos Apostolos, para com elles provarem sua legitima missão; como tambem o costume geral dos Bispos recém-eleitos, de mandarem aos mais Bispos da sua provincia ecclesiastica, cartas entronisticas, pelas quaes os informaram da sua legitima eleição e sua inteireza na fé; cartas essas que, quando o Bispo tinha sido eleito canonicamente e accordava com elles na fé, sempre eram respondidas por cartas communicatorias pelas quaes os Bispos da mesma provincia ecclesiastica reconheceram o novo eleito como legitimo successor dos Apostolos e entraram com elle em communhão. D'ahi tambem o costume dos SS. Padres dos primeiros seculos, recorrer sempre ao argumento da missão Apostolica e d'ella fazer armas para combater os herejes ou schismaticos, e convence-los de que não pertenciam mais á verdadeira Igreja de Jesus Christo, por causa de seu erro ou schisma.

Assim fizeram S. Ireneo, Tertulliano, Origenes, S. Clemente de Alexandria, Eusebio, S. Gregorio Nazianzeno, S. Cipriano etc., etc.

Tertulliano, por exemplo, dizia no seculo III, aos que se vangloriavam de professar uma doutrina Apostolica mais pura do que a Igreja (exactamente como fazem os hodiernos methodistas e protestantes): « Muito bem; mas mostrai-nos a origem da vossa igreja, fazei-nos ver a série de vossos bispos, de tal modo, que o primeiro fosse instituido pelos Apostolos ou pelos homens Apostolicos, e que com elle se mantenha em unidade de fé ».

De tudo isto segue-se, pois, evidentemente, que para ser Apostolica qualquer Igreja, requerem-se tres cousas: 1º., que seja *Apostolica em sua origem*, isto é, que em virtude do poder que Jesus Christo deu aos seus Apostolos, seja fundada por um d'elles; 2º., que seja *Apostolica em sua doutrina*, isto é, que conserve a doutrina dos Apostolos tal como lhe foi entregue

por elles ; e 3o., que seja *Apostolica em sua successão*, isto é, que descenda directamente dos Apostolos, por uma série nunca interrupta de legitimos successores. E, se um d'estes tres requisitos lhe faltar, isto é, se não fôr instituida pelos Apostolos, ou não conservar a doutrina dos Apostolos, ou não descender d'elles por uma série nunca interrupta de legitimos successores, não poderá ser Igreja Apostolica nem, por consequente, a verdadeira Igreja de Jesus Christo.

Segue-se tambem que, embora qualquer seita acatholica pudesse, como talvez possa ser o caso com alguma seita da Igreja schismatica do Oriente, mostrar uma série ininterrupta de successores dos Apostolos, por isso não teria direito de chamar-se no rigor do termo Apostolica. A razão é porque essa série de successores dos Apostolos, embora ininterrupta, não seria *legitima*, visto como se rebellaram contra a doutrina ou, ao menos, contra a authoridade dos legitimos successores dos Apostolos, e se póde indicar a epocha com todas as circumstancias, em que se afastaram dos pastores legitimos da Igreja. Muito de proposito diz a respeito d'isto S. Gregorio Nazianzeno : « Não o que entrou com violencia, deve ser considerado como successor, mas a quem se fez violencia ; não aquelle que infringiu as leis, mas aquelle que foi eleito conforme as leis ; não quem é affeiçãoado a doutrinas contradictorias, mas quem tem a mesma fé ; — Senão, seria preciso fallar d'um successor no mesmo sentido, em que costumamos dizer que á saude segue a doença, á luz as trevas, á bonança a tempestade, á loucura o juizo. »

Estabelecido este principio, vou indagar com quem está a Apostolicidade : com os protestantes ou com os catholicos ?

ARTIGO II

**Só a Igreja Catholica, Apostolica, Romana tem
o caracteristico da apostolicidade ;
o protestantismo, considerado collectiva ou
separadamente em qualquer das suas
seitas, não a tem**

Com effeito, nenhuma das seitas protestantes tem a *Apostolicidade de origem*, nenhuma d'ellas tem sua origem nos Apostolos, está assente sobre o fundamento estabelecido por Jesus Christo. Quando nasceu Lutherô, o fundador do protestantismo, já havia quinze seculos que os Apostolos tinham morrido, e como elle dizia-se *directamente enviado por Deus* para préggar uma nova doutrina, *rejeitou abertamente a origem Apostolica de sua doutrina*.

E, por isso, são applicaveis aos protestantes as palavras que S. Jeronymo dirigiu aos hereges de seu tempo :

« Porque razão vens tu ensinar-nos depois de quatrocentos annos (mil e quinhentos), como se nada soubessemos antes de ti? O mundo existiu christão sem a tua doutrina, até o dia de hoje. Em breves mas francas palavras quero dizer-te a minha opinião : nós queremos permanecer na Igreja *que foi fundada pelos Apostolos*, e dura até nossos dias. Se me fallas de christãos que se inculcam por nomes diversos, como marcionistas, valentinianos, montanistas, (methodistas, protestantes, baptistas, anglicanos, presbyterianos, etc.), deveis saber que *não são elles* a Igreja de Christo; *basta o facto d'elles se haverem constituido a si mesmos, posteriormente*, para provarem que pertencem ao numero d'aquelles que o Apostolo predisse «isto é ao dos falsos christos, dos pseudo-prophetas». E não tem que lisonjear-se por provarem a sua doutrina pela Sagrada Escrip-tura, porque o diabo tambem tem tirado argumentos da Escrip-tura».

Sei, que para salvarem a apparencia da Apostolicidade de origem, alguns protestantes têm querido filiar-se nas milhares de heresias, que partindo de Cerintho, o primeiro hereje, se têm levantado no mundo, ora combatendo-se, ora contradizendo-se umas ás outras; e que outros para o mesmo fim têm sustentado, que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, conservando-se fiel nos primeiros seculos da sua existencia, depois apostatou, ficando os membros da verdadeira Igreja de Jesus Christo, da Igreja fundada pelos Apostolos, escondidos até que apparecesse o protestantismo, o qual deste modo, é a verdadeira Igreja fundada pelos Apostolos; mas estas asserções não merecem a honra d'uma séria resposta.

Pois : 1º., todo o mundo considera esses antigos hereges, que precederam a Reforma, como sejam : os marcionistas, valentinianos, arianos, nestorianos, hussistas, wiclefistas etc., *como verdadeiros hereges* e não como membros da Igreja fundada pelos Apostolos; e 2º.,ninguem póde dizer com alguma precisão, sob que Papa, em que anno, ou mesmo em que seculo se deu essa pretensa apostasia da Igreja Catholica, Apostolica, Romana. Tem até graça especial comparar a enorme differença entre as datas citadas por escriptores protestantes.

Braunbon sustenta que isso já se deu 86 annos depois do nascimento de N. S. Jesus Christo. Frank, no anno 101; Capito, no principio do seculo II; a igreja de Transsylvania, no anno 200; Waterland e Beveridg, no anno 300 ou ao menos no anno 400; Melancton, no anno 420 sob o Papa Sozimo; Beza, no anno 450 sob o Papa Leão I; Bramhal, no anno 500; Flammeng, no anno 606; Hammond e Stillingfleet depois do VI Concilio Ecumenico, isto é, para o anno de 700; New-

ton, no anno 727; Henrique Retty, no anno 757; Fox, cerca o anno 1300; e outros, como João Gerard, confessam que a epocha não se pôde determinar com precisão.

Mas, não sómente falta ás seitas protestantes a Apostolicidade de origem, falta-lhes igualmente a Apostolicidade de doutrina. Pois, supposto e não concedido, que a Apostolicidade de doutrina consistisse, como assevera o autor, « em sustentar, crêr, querer e praticar as doutrinas e a disciplina dos Apostolos, como se acham nas *Escripturas Sagradas* », poderia sempre discorrer da forma seguinte: E' certo que a doutrina dos Apostolos não está com os protestantes, pois cada um entende de per si, que os Apostolos nunca se contradisseram; ora, *será necessario admittil-o*, para poder sustentar que a genuina doutrina dos Apostolos, está com os protestantes; pois ha entre elles tanta *desunião*, tanta *contradição nos principios religiosos e nas crenças fundamentaes*, claramente ensinadas pela *Escriptura Sagrada*, que as doutrinas que estão geralmente professadas pelos protestantes, podem-se, diz o superintendente protestante Martens, escrever *sobre a unha d'um dedo*. Se, portanto, todas essas doutrinas contradictorias pudessem ser a genuina doutrina dos Apostolos, seriamos obrigados a *admittir que os Apostolos se contradisseram*.

Mas, além disto, de todo não é verdade o que sustenta o autor, que a *Biblia contém toda a doutrina dos Apostolos*. Sim; concordo em que os Apostolos nunca tenham prégado doutrina *contraria á Biblia*; mais isso não impede que, *além das verdades contidas na Biblia*, tenham prégado *mais outras verdades que não estão na Biblia*. Pois, como já provamos, os Apostolos, como se vê na propria Biblia, prégaram muitas verdades de viva voz sem que as escrevessem; estas verdades se chamam: *Tradição*.

Por conseguinte, para que as seitas protestantes pudessem dizer com verdade, que têm a Apostolicidade de doutrina, deviam admittir tanto a *Tradição* como a Biblia, tanto a *palavra não escripta* como a *palavra escripta* dos Apostolos. Mas elles não querem admittir a Tradição, logo não têm a genuina doutrina dos Apostolos, nem a marca distinctiva da Apostolicidade de doutrina.

Mas, talvez tenham a *Apostolicidade de successão*? Tão pouco; embora o autor assevere que ella não é o privilegio exclusivo da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, mas pertence a todas as Igrejas. Senão, vejamos: De quem receberam os chamados ministros das seitas protestantes sua *legitima missão*, a qual, segundo Rom. X: 15, é *absolutamente necessaria*? Limitemo-nos a *Luthero*, o pae de todas as seitas protestantes; pois na sua pessoa, esta Apostolicidade de successão, fica em pé ou cae.

De quem recebeu Luthero a missão de prégear uma nova doutrina? Por certo não immediatamente dos Apostolos; para isso veio muito tarde, pois nasceu 1500 annos depois da morte d'elles. Nem a recebeu dos legítimos successores dos Apostolos, pois no momento em que elle appareceu para prégear sua doutrina, os legítimos successores dos Apostolos ou eram os superiores da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, ou de todo não existiram. Ora, sustentar que de todo não existiram, é absurdo. E pelo que diz respeito aos superiores que no tempo de Luthero governavam a Igreja, Catholica, Apostolica, Romana, é certo que elles não incumbiram Luthero da prégação de uma nova doutrina que era contraria à doutrina Catholica, e foi condemnada solemnemente por esses mesmos superiores, no Concilio Tridentino. Além d'isto, o proprio Luthero, absolutamente não se dizia enviado pelo Papa ou por seu Bispo legítimo; muito pelo contrario: d'elles nada quiz saber, sobrearregava-os de suas zombarias e calumnias. E, pois, evidente que Luthero não recebeu legitima missão nem dos proprios Apostolos, nem dos seus legítimos successores.

Entretanto, embora em 1522 tivesse negado a necessidade de semelhante missão para o estabelecimento da sua nova doutrina, *admittia-a em seu coração*, como provam suas palavras a Carlostadt: «Já que tanto te jactas de inspiração, apresenta-me as provas, porque és tu só, que de ti dás testemunho, e a Escriptura me veda, que eu te preste credito, dando só testemunho de ti», e por isso, não cessava de chamar para ella, derivando-a umas vezes de seu magistrado de Wittenberg, outras vezes de seu grão de doutor em theologia, mais outras vezes de outros titulos, de sorte que dentro de 24 annos mudou 14 vezes o seu modo de vêr a este respeito. até que afinal sustentasse que foi *chamado directamente por Deus*, para prégear sua doutrina. Ora, era muito facil sustentalo; porém, isto não bastava, era *preciso procal-o*. E para prová-lo, o unico meio segundo a confissão do proprio Luthero, era *fazer milagres*: «Deus sempre comprova a missão extraordinaria por milagres». Mas Luthero nunca fez nem tentou fazer um milagre para provar sua missão. Por consequente, *não teve missão alguma, mas arrogava-se uma missão que não tinha.*

Ora, se Luthero, o pae do protestantismo (e o mesmo é applicavel a Calvino, Zwinglio, Crammer, Ridley, Hooper, Wesley e outras cabeças das seitas protestantes), não recebeu missão alguma nem do proprio Deus, nem dos Apostolos, nem dos legítimos successores dos Apostolos, mas se levantou por propria authoridade para prégear uma nova doutrina sem fazer milagre algum que comprovasse sua missão extraordinaria, segue-se que *nem elle mesmo nem os ministros posteriores do Evangelho, nem os ministros actuaes estão unidos com os Aposto-*

los por uma successão continua e legitima; e embora admittissemos que os ministros actuaes, por uma successão não interrupta descendessem dos primeiros reformadores (facto esse que é desmentido pela Historia), elles não adiantariam nada, porque na pessoa de Luthero, toda a successão acaba, visto como Luthero era o successor de..... *ninguem*. Ora, sendo isto assim, o protestantismo mesmo, abstracção feita da sua doutrina, não é a Igreja Apostolica, isto é, não é aquella Igreja que Jesus instituiu, e cujos pastores sempre devem ser os successores legitimos dos Apostolos.

Fica, pois, provado que o protestantismo não é Apostolico nem em sua origem, nem em sua doutrina nem em sua successão.

Poderá dizer-se o contrario da Igreja Catholica, Apostolica, Romana? Sim; ella é Apostolica em todos os sentidos: Apostolica em sua origem, Apostolica em sua doutrina, Apostolica em sua successão.

Digo *Apostolica em sua origem*; pois é factó provado, para todos os homens sinceros, que os Apostolos, cumprindo a missão da qual foram encarregados por Jesus, fundaram a Igreja de Roma, que se chama Catholica, Apostolica, Romana.

Por isso, já disse no principio do seculo II S. Ireneo: « que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana foi fundada e constituída pelos gloriosissimos Apostolos S. Pedro e S. Paulo ». E quando o autor das *Noites com os Romanistas* diz: « Não crêmos que fosse fundada (a Igreja Romana) por S. Pedro, nem que este Apostolo tivesse sido seu primeiro Bispo ou Papa, porém de boa vontade admittimos que foi fundada nos dias dos Apostolos, pois que o factó é bem attestado nas Sagradas Escripturas », elle rejeita sem dar prova alguma de sua asserção toda a Tradição e toda a Historia Ecclesiastica, como provarei mais adiante respondendo ás suas objecções.

Porém, sobre ser Apostolica de origem, a Igreja Catholica, Apostolica, Romana o é tambem *em sua doutrina*. Pois embora os protestantes não cessem de gritar contra ella, exprobrando-lhe que apostatou da verdadeira fé e que adulterou a doutrina dos Apostolos, *nenhum d'elles*, como já vimos, *pôde com alguma precisão marcar quando e por quem e em que artigo de fé se deu essa deserção*; ora, esta impossibilidade já prova de per si só admiravelmente a *sua estabilidade na doutrina*. Mas, se a Igreja Catholica, Apostolica, Romana é estável em sua doutrina, ella deve *por isso mesmo ser Apostolica em sua doutrina*, porque é fóra de duvida que no principio da sua existencia prégasse a genuina doutrina dos Apostolos.

Mas posso ainda prova-lo de outro modo. Pois é absolutamente certo, como veremos neste artigo, que os pastores

actuaes da Igreja Catholica, Apostolica, Romana *são os legitimamente successores dos Apostolos.*

Ora, se isto é verdade, não é menos verdade que nesses legitimamente successores dos Apostolos *continua a subsistir a autoridade doutrinal dos Apostolos* e que a elles são applicaveis as palavras de Jesus Christo: « quem vos ouve me ouve, quem vos despreza me despreza » (Luc. X : 16). Pois bem, se Jesus Christo quer que respeitemos como *sua*, não sómente a doutrina dos pastores da sua Igreja mas também a dos legitimamente successores d'elles, e se os actuaes superiores da Igreja Catholica, Apostolica, Romana são os legitimamente successores dos Apostolos, segue-se d'isto que a doutrina unisona d'esses pastores actuaes, *de todo não pôde ser contraria á dos Apostolos*; com outras palavras, que a doutrina prégada actualmente pela Igreja Catholica, Apostolica, Romana é a genuina doutrina dos Apostolos.

Mas, objectará o autor das *Noites com os Romanistas*, não é certo que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana não tem mais a doutrina dos Apostolos; ou não ensina ella sempre novos dogmas, como claramente se vê pelo dogma da Immaculada Conceição, definido no anno 1855 e o da Infallibilidade do Papa, definido no anno 1870? Os Apostolos porventura ensinaram estes dois dogmas?

Respondo sem a minima hesitação: sim; ensinaram-nos porém não tão claramente que já desde o principio todos o comprehendessem. Por isso, houve no correr dos tempos opiniões contra estas duas verdades, até que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, guiada pelo Espirito Santo, cuja assistência lhe é garantida até o fim dos seculos (João XIV : 16), e baseada na Escriptura e na Tradição definisse, que estas duas verdades estão realmente contidas na doutrina Apostolica, na doutrina revelada por Jesus Christo a seus Apostolos e por elles prégada á Igreja. A definição solemne d'estes dois dogmas não foi, portanto, *uma mudança de doutrina dos Apostolos*, mas *uma authentica explicação da mesma*, dada pela autoridade competente, pelo magisterio infallivel da Igreja.

E assim, como a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, é Apostolica em sua origem e sua doutrina, o é também *em sua successão*, isto é, descendeu directamente dos Apostolos por uma série nunca interrupta de legitimamente successores d'elles.

E' facto historico, que não se pôde negar. Com effeito, perguntae a qualquer sacerdote catholico: quem vos deu a authorisação para prégar e administrar os Sacramentos? Responder-vos-ha logo nomeando o Bispo que o ordenou e lhe deu jurisdição. Tornae a perguntar: mas de quem recebeu este Bispo o poder de vos ordenar e a jurisdição de vos encarregar da pastoreação de vosso rebanho? Responder-vos-ha: do Papa.

por exemplo de Pio X, por quem foi eleito, a quem deve suaagração e sua legitima missão. Mas, quem é Pio X? E' o successor legitimamente eleito de Leão XIII. E Leão XIII? O successor legitimamente eleito de Pio IX. E Pio IX? O successor legitimamente eleito de Gregorio XVI. E continuando d'este modo, a série nunca interrupta dos Papas, chega-se, afinal, a S. Pedro, que recebeu sua dignidade de chefe visível da Igreja do proprio Jesus Christo.

Fica, portanto, assentado, que só a Igreja Catholica, Apostolica, Romana tem o caracteristico da Apostolicidade, e não o protestantismo, quer o consideremos conjunctiva, quer separadamente em qualquer das suas seitas.

Ora, sendo a Apostolicidade uma das notas caracteristicas da verdadeira Igreja de Jesus Christo, segue-se claramente que só a Igreja Catholica, Apostolica, Romana é a verdadeira Igreja de Jesus Christo, e que o protestantismo não passa de seita.

Esta sentença é muito dura para o autor das *Noites com os Romanistas*, e d'ahi uma infinidade de sophismas, inverdades, falsificações da historia com que procura negar á Igreja Catholica, Apostolica, Romana a nota da Apostolicidade.

Acompanhemol-o para responder a tudo.

ARTIGO III

Resposta ás objecções e difficuldades do autor.

A primeira objecção é esta asserção: « Não cremos que a Igreja Romana fosse fundada por S. Pedro, nem que este Apostolo tivesse sido seu primeiro Bispo ou Papa ».

Assim pois: uma simples negação sem prova alguma. Eu podia responder: pois bem, o senhor fica com sua crença, eu creio o contrario. Mas esta resposta, por merecida que fosse, não satisfaria ao leitor. Por isto, digo que o facto de ter S. Pedro fundado a Igreja de Roma e alli ter sido o primeiro Bispo ou Papa, é um facto claramente provado pela Historia (vide « Jungmann, Dissertationes », pgs. 27-101), visto como *já desde os primeiros seculos do christianismo até o dia de hoje*, todos os SS. Padres, todos os Escriptores Ecclesiasticos, todos os Concilios e Igrejas Catholicas do universo e todos os historiadores da Igreja o têm referido como certo. Só no seculo XIV, Marsilio Patavino, para promover o schisma de Luiz da Baviera, principiou, baseado em conjecturas pueris, a duvidar d'elle; porém, não foi bem succedido. Depois d'elle, uns reformadores no seculo XVI, lançando mão de todas as armas para combater a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, renovaram esta mentira anti-historica; porém, a maior parte dos protestantes d'aquelles dias

não os acompanhou, e em nossos dias, quasi todos os seus descendentes, vencidos pela evidencia do facto, reconhecem que S. Pedro fundou a Igreja de Roma, e alli foi o primeiro Bispo ou Papa.

Ouçamos alguns testemunhos de protestantes, a respeito destes factos:

« Todas as historias unanimemente affirmam (diz Luther), que Pedro foi o primeiro Papa de Roma ».

« Não contesto (diz Calvino), que Pedro tivesse estado e morresse em Roma ».

« Se quizer-se negar a estada de Pedro e a sua morte em Roma, convém lançar ao fogo toda a historia e combater qualquer verdade, porquanto nem uma e nem outra valerão mais » — assim falla Basnage.

« Seria signal evidente (diz Cave), de summa loucura e de ser idiota, querer negar que Pedro firmasse sua séde em Roma, edificasse alli a Igreja, e a glorificasse pelo derramamento de seu proprio sangue ».

« Por duas razões peculiares (diz Dreiero), segundo ensinam as historias, tem a Igreja Romana gosado sempre fama e gloria singulares: 1.^o porque tem sua séde em Roma, séde outrora do Imperio, e 2.^o porque foi fundada por Pedro e Paulo, principes dos Apostolos ».

E o celebre Hugo Grotius, respondeu a uma consulta de Cassandro: « A Igreja é um corpo; logo ella resulta de muitas partes que a compõem, e o *Bispo de Roma é o seu presidente e chefe*. Isto fundamenta-se sobre o modelo *d'aquelle principado que Pedro possuiu de preferencia aos outros Apostolos* POR INSTITUIÇÃO DIVINA. Que outro melhor remedio contra os schismas, do que a Unidade em um só que preside? A mesma experiencia nol-o tem mostrado, ainda quando o proprio Christo o não tivesse dito. *E haverá pois christão que negue ter estado Pedro entre os Romanos?* »

E para não sómente allegar os testemunhos de antigos protestantes, citarei o do mais celebre theologo protestante da actualidade e ao mesmo tempo um dos mais hostis à Igreja Catholica, do professor da Universidade de Berlim, o dr. Har-nack, que num discurso proferido em Hamburgo em 1889, disse:

« O martyrio de S. Pedro, em Roma, *foi contestado antigamente, graças a preconceitos e tendencias protestantes*. Mas hoje, todos que não são cegos, se vêm obrigados a considerar isto como um erro. Todo o apparatus critico, com que Bauer contestou a antiga tradição, não tem valor algum ».

Tambem Kneller affirma e prova na sua brochura — « O Sr. Solt-nau e S. Pedro » — a these que nenhum facto da antiguidade é mais bem fundado, que a estada de S. Pedro em Roma.

E depois d'estes testemunhos, tão humilhantes para o autor das *Noites com os Romanistas*, porque mostram claramente sua ignorancia supina ou sua grande má fé, passo a outra objecção.

O autor não admite que para a Apostolicidade da Igreja é preciso que *seja fundada pelos Apostolos*. Segundo elle, esta Apostolicidade consiste só na conformidade da doutrina pregada pela Igreja com a do Evangelho. E procura proval-o dizendo que muitas igrejas fundadas pelos Apostolos ou nos tempos dos Apostolos, apostataram da verdadeira fé; que outras, como por exemplo a da America, embora não fundadas pelos Apostolos ou no tempo dos Apostolos, não deixam de ser Apostolicas; e que a Igreja Romana chamando-se Apostolica, não ganha nada com ufanar-se da sua origem Apostolica, visto como esta não preservou outras igrejas do erro, nem preservou de erro a ella mesma. Mas é melhor referir as proprias palavras do autor:

« Ha, porém, outras igrejas igualmente apostolicas, e embora a Igreja Romana possa usar do titulo de Apostolica, no sentido explicado, não tem direito exclusivo a ella. As Escripturas Sagradas fallam das Igrejas de Jerusalém, de Antiochia, de Corintho, da Galacia, da Laodicea, de Epheso, da Judéa, da Samaria, da Macedonia, da Achaia, as quaes são todas Apostolicas no mesmo sentido, porque foram fundadas pelos Apostolos, e, como affirmam alguns historiadores, pelo mesmo Apostolo S. Paulo, de onde se vê que a Igreja Romana não pôde assumir exclusivamente este titulo. Nem tão pouco pôde a Igreja Romana tirar d'este titulo vantagem alguma particular; porque, do mesmo modo que muitas das igrejas fundadas pelos Apostolos têm errado, tambem tem errado a Igreja Romana, não só em seus ritos e praticas, mas tambem em materia de fé. A Igreja de Jerusalém, que foi fundada por todos os Apostolos, é agora apostata e mahometana; a de Antiochia, que foi fundada por S. Pedro, é agora apostata e mahometana, e a de Alexandria, que foi fundada por S. Marcos, é agora apostata e mahometana. Todas as sete igrejas da Asia, apostolicas como eram, se têm separado como nós, da Igreja Romana, de sorte que não vejo o que a Igreja Romana pôde ganhar chamando-se Apostolica, no sentido de ter sido fundada por um Apostolo. Esta distincção não tem preservado as igrejas gregas do erro, nem as asiaticas da apostasia, e assim tambem não pôde valer de muito á Igreja Romana. Pelo menos não sei, o que a Igreja Romana ganha com este argumento. Compreendeu (o interlocutor a quem falla o autor das *Noites com os Romanistas*), tudo isto muito bem, e disse que desde muito tempo tinha opinado, que era muito bom que uma igreja fosse antiga e Apostolica, mas que isto não era sufficiente para livral-a do

« erro. A Igreja de Jerusalém, onde o proprio Salvador ensi-
 « nava e prégava, onde o mesmo S. Pedro prégou pela pri-
 « meira vez no dia de Pentecostes, não era ella a primeira e
 « a mais antiga de todas as igrejas? E, contudo, exclamou
 « elle, perdeu-se — perdeu-se completamente. Disse isto em
 « tom de solemnidade e tristeza, e continuou: E' claro que a
 « mais antiga e apostolica de todas as igrejas pôde cahir. A
 « igreja de Jerusalém cahiu, a de Roma tambem pôde cahir;
 « mas, perguntou elle como que agitado por algum pensamento,
 « porque é a igreja, no credo, chamada Apostolica? »

« Repliquei (continua o autor) que qualquer que seja a
 « significação d'este epitheto, é evidente que não se limita a
 « dizer simplesmente que uma igreja foi fundada por um Apos-
 « tolo ou no tempo dos Apostolos; porque se esta fosse a si-
 « gnificação do termo, não seriam Apostolicas senão as igrejas
 « que foram fundadas nos primeiros seculos. A America era
 « desconhecida e não tinha sido descoberta nos tempos dos
 « Apostolos, e, contudo, tem milhões de almas, que vivem e
 « morrem na verdadeira fé de Jesus Christo, e existe nella
 « uma igreja verdadeira e Apostolica, embora não fosse fun-
 « dada pelos Apostolos nem tão pouco em tempos Apostolicos.
 « Assim, pois, as palavras do credo referem-se, sem duvida, a
 « alguma outra coisa... Disse-lhe então que as palavras têm
 « outra significação: que dizer que a Igreja é evangelica, si-
 « gnifica que as suas doutrinas estão em conformidade com o
 « Evangelho; que chamar Catholica Romana a uma igreja, é
 « dizer que suas doutrinas concordam com as da Igreja Catho-
 « lica Romana, e do mesmo modo tambem quando dizemos que
 « a Igreja é Apostolica, queremos dizer que suas doutrinas
 « concordam com as que foram ensinadas pelos Apostolos ».

Até aqui o autor. Considerando suas palavras, não sei
 que mais admirar, ou sua habilidade prodigiosa em reunir tan-
 tos erros em tão poucas linhas, ou sua astucia requintada em
 enganar ao leitor com tantos sophismas. Vou proval-o.

Está claro que elle não quer admittir a *necessidade da*
origem Apostolica, e que só admitte a da *Apostolicidade de dou-*
trina. Esta Apostolicidade de origem, diz elle não valeu ás an-
 tigas igrejas, que, apezar de serem fundadas pelos Apostolos,
 apostataram; nem impede as igrejas novas, como por exemplo a
 da America, de serem verdadeiramente Apostolicas, e por isso,
 não vê o que a Igreja Romana ganha com este argumento.

Respondo que, como já provei no primeiro artigo, a Apos-
 tolicidade de *origem* é tão necessaria para a Igreja como a
 de doutrina e a de successão. A razão é muito simples; é por
 que foi *só aos Apostolos e a nenhum outro homem que Jesus deu*
a missão de fundar sua Igreja. Segue-se d'isto que quando uma
 igreja que se inculca como a Igreja de Jesus Christo, não é

fundada, *quer directa quer indirectamente pelos Apostolos*, por isso mesmo já não pôde ser a verdadeira Igreja de Jesus Christo. O autor comprehende-o muito bem, pois vê nisto a condemnação mais formal de todo o protestantismo com suas centenas de seitas, que em lugar dos Apostolos *tem por primeiro fundador um monge derasso, perjuró e sacrilego*. Por isso, tenta o impossível para negar a necessidade da origem Apostolica, allegando d'um lado o facto historico de terem muitas igrejas antigas fundadas pelos Apostolos apostatado da fé Catholica ou se separado da sua união; e fingindo d'outro, que é uma cousa indifferente o de ter ou não ter uma igreja sua origem nos Apostolos. Mas, este modo de argumentar não passa de um sophisma astucioso e, além d'isto, é um fingimento detestavel. Pois quanto ao sophisma: O facto historico de terem muitas secções da Igreja fundadas pelos Apostolos apostatado da fé Catholica ou se separado da sua união, *não prova o que o autor, para ser logico, devia procar*, a saber: que a Apostolicidade de origem não é um dos tres requisitos para a Apostolicidade da Igreja, e que a Igreja Apostolica não precisa de ser fundada pelos Apostolos. O que o autor devia provar é que, tendo Jesus dado só aos seus Apostolos e a nenhum outro homem o poder de fundar a sua Igreja, outros que não eram Apostolos, ou na qualidade de seus legitimos successores constituíam com elles a mesma pessoa moral, como por exemplo, Luthero, Calvino, Wesley, *podiam fundal-a*. Mas isto não se prova pelo facto de terem algumas secções da Igreja fundadas pelos Apostolos apostatado da fé Catholica ou se separado da sua união. E, por isso, esta objecção não prova nada, está inteiramente fóra da questão, não lhe pertence e não pôde servir de arma contra a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, a qual, como acabamos de vêr, foi fundada pelos Apostolos, e por isso, tem a Apostolicidade de origem.

Mas, o que não está fóra da questão, é este fingimento detestavel do autor, quando quer propôr a Apostolicidade de origem, como uma cousa indifferente de que a verdadeira Igreja de Deus pôde passar-se, e diz: « não sei o que a Igreja Romana ganha com este argumento ». Deus do céu, que hypocrisia! que duplicidade detestavel num homem que se diz ministro do Evangelho!! Pretender não saber o que ganha a Igreja Romana com este argumento! Não: o autor o sabe muito bem, sabe que assim para o Catholicismo como para o protestantismo, esta origem é *uma questão de vida ou de morte*; sabe que faltando a qualquer Igreja a Apostolicidade de origem, lhe falta *um dos tres requisitos necesarios para a Apostolicidade* e que ella, por isso mesmo, já não pôde mais ser a verdadeira Igreja de Jesus Christo; sabe que tendo uma igreja esta Apostolicidade de origem, ella só por isso já não é a

verdadeira Igreja de Jesus, como vemos nas Igrejas fundadas pelos Apostolos, que apostataram da sua união, mas *pelo menos pôde ser* a verdadeira Igreja de Jesus Christo, a saber: no caso que ella possua tambem os dois outros requisitos: a Apostolicidade de doutrina e a de successão.

D'ahi se vê tambem a futilidade da objecção tirada da Igreja da America, isto é, *da Igreja Catholica, Apostolica, Romana da America*, não da Igreja Americana protestante, pois esta não tem por fundador senão o devasso Lutherô. Ella é Apostolica de origem, embora nos tempos dos Apostolos a America fosse desconhecida. Ella foi fundada pelos Apostolos, isto é, *pelos legitimos successores dos Apostolos*, pelo Papa, o chefe da Igreja, a quem na pessoa dos Apostolos foi dito: «Ide e prégae o Evangelho ao mundo inteiro». E por isso, haverá sempre enorme differença entre a Igreja Catholica da America e o protestantismo americano. Aquella, foi fundada pelos Apostolos; este, não tem relação alguma com os Apostolos: tem por unico fundador o infeliz Lutherô.

E com esta resposta, desvanecese toda a objecção do autor. Só quero chamar a attenção do leitor para esta mentira inqualificavel que elle já tem prégado tantas vezes nos capitulos precedentes, e de novo prégua aqui, e prégara ainda muitas vezes em outros capitulos de suas *Noites com os Romanistas*, quando sustenta que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana tem errado não só em seus ritos e praticas, mas tambem em materia de fé. Para refutar esta vil calumnia basta que o leitor se lembre do que deixamos escripto nos capitulos II, III e IV, fallando da Unidade, Santidade e Catholicidade da doutrina catholica e no artigo precedente. E' o caso de lembrar aqui as proprias palavras do autor: «que a força de repetir certa asserção (no caso a de a Igreja Catholica, Apostolica, Romana ter errado na fé), logra se fazer, que alguns assim o creiam, porque uma repetição incessante e obstinada de qualquer asserção feita por muitas pessoas, não deixa de convencer alguns».

Fica pois, *provado, que a Apostolicidade de origem é absolutamente necessaria para que uma igreja seja a verdadeira Igreja de Jesus Christo, e que esta Apostolicidade de origem é o privilegio exclusivo da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, e não de alguma seita protestante.*

Mas, passemos a outra objecção, a saber: a *Apostolicidade de doutrina*. Já expliquei e provei no artigo precedente, que o principio do autor dizendo que «toda a doutrina dos Apostolos está contida na Escripura Sagrada, e por isso que para vér se uma igreja tem a Apostolicidade de doutrina, basta comparar sua doutrina só com a da Biblia», é *inteiramente falso*. A razão é, porque é absolutamente certo, que a

Bíblia não contém *toda a doutrina* dos Apostolos, mas que *elles têm prégado*, assim como se lê na própria Bíblia, *muitas outras verdades, que não estão escriptas* e que nós os catholicos chamamos Tradição: e, por consequente, que para uma igreja ter a Apostolicidade de doutrina deve em sua doutrina concordar e com a Bíblia e com a Tradição. Nega-o o autor com o seguinte argumento ao qual vou responder:

Afin de que esta investigação (a respeito da Apostolicidade de doutrina) seja justa e imparcial, temos de determinar em primeiro lugar, o methodo, segundo o qual deve ser feita, e como devemos provar se as doutrinas estão em conformidade com o ensino dos Apostolos. O methodo mais logico para esta investigação consiste, sem duvida, em comparar as doutrinas das Igrejas Romana e protestante com os escriptos dos Apostolos. Argumentei do modo seguinte: Quando desejamos saber as opiniões de Luthero, Melancthon, Zwinglio, Calvino e outros reformadores do seculo decimo sexto, o unico meio justo e razoavel que podemos adoptar é o de abrir seus escriptos e perguntar a elles mesmos, quaes são as suas opiniões. Isto é muito melhor do que acceital-as de segunda mão. Quando desejamos saber a opinião de qualquer homem, a cujos escriptos temos accesso, é injusto e irracional acceitar as opiniões de seus amigos ou de seus inimigos sobre o assumpto; e devemos antes recorrer aos proprios livros, onde se acham consignadas as opiniões que buscamos. Segundo este mesmo principio, quando temos por objecto averiguar a opinião, a doutrina, a disciplina dos Apostolos, com o fim de descobrir se a doutrina, a disciplina de alguma igreja estão em conformidade com ella — quando desejamos fazer um justo e razoavel exame, temos forçosamente de recorrer aos escriptos dos Apostolos e sujeitar toda a doutrina e disciplina á pedra do toque das Escripturas do Novo Testamento ».

Respondo, que se o autor das *Noites com os Romanistas* fosse homem leal, sincero, desprevenido e sem espirito de partido (o que infelizmente não é) eu poderia talvez concordar com elle em admittir este principio, pois neste caso, provar-lhe-ia com a Bíblia nas mãos, que *a mesma Bíblia diz que os Apostolos prégarão muitas outras verdades que não estão contidas nella, mas que elles entregaram de viva voz á Igreja, para que ella, por sua vez, as prégarasse aos fieis por seu magisterio*. E deste modo, chegaríamos á conclusão que a doutrina dos Apostolos está contida e na Bíblia e na Tradição e, por consequente, que uma Igreja para ser Apostolica de doutrina deve concordar e com a Bíblia e com a Tradição. Agora, porém, que o autor a olhos vistos se deixa sempre levar pelo espirito de partido, e sempre procura ganhar sua causa com sophismas, más interpretações da Escriptura Sagrada, falsificações proposi-

taes da Historia e de estatísticas, e se obstina em negar e a autoridade da Igreja e a existencia da Tradição, claramente ensinadas pela Biblia; agora nego sua asserção, que o unico meio justo e razoavel que podemos adoptar para conhecer as opiniões de qualquer homem, seja o de abrir seus escriptos e perguntar a elles mesmos quaes são as suas opiniões e digo, que se este homem confiou os seus escriptos a um amigo intimo, a quem explicou toda a doutrina nelles contida, e accrescentou ainda outras doutrinas, que não estão contidas nelles, authorisando-o a explicar o que deixou escripto, *pelo que lhe communicou de viva voz*, então o unico meio justo e razoavel que podemos adoptar para conhecer as opiniões d'aquelle homem, é lermos seus escriptos e *ouvirmos a explicação que nos der seu amigo intimo*. Ora, eis aqui o caso dos Apostolos.

Elles, como já provei muitissimas vezes neste livro, deixaram parte da sua doutrina por escripto, communicaram outra parte de viva voz á Igreja que fundaram e da qual disse Jesus: « Quem vos ouve me ouve, quem vos despreza me despreza ». E, portanto, se queremos saber o que elles ensinaram, não basta consultarmos a Escriptura Sagrada, mas é preciso consultar ao mesmo tempo a Tradição. E d'este modo cãe por terra o methodo mais logico que o autor imaginou para a investigação justa e imparcial da doutrina dos Apostolos e provou-se que uma Igreja para ser Apostolica de doutrina, deve concordar e com a Biblia e com a Tradição, e não, como sustenta o autor, só com a Biblia; e, por conseguinte, que o protestantismo que rejeita a Tradição e concorda em doutrina com a Biblia, só em quanto quer, (as centenas de seitas protestantes, são a prova d'isso), não é Apostolica em doutrina.

Mas, o autor, tem mais outra objecção: *não admite a necessidade da Apostolicidade de successão*, ou antes, sustenta que todas as igrejas orientaes, gregas e protestantes, têm esta mesma successão dos Apostolos, e, além d'isto, que a successão Apostolica não significa a successão não interrompida dos Bispos em particular, mas a successão não interrompida do clero em geral.

Mas, demos a palavra ao autor: « Tornou a perguntar-me qual era minha opinião a respeito da successão Apostolica. Respondi que todas as Igrejas têm esta mesma successão dos Apostolos. As igrejas gregas, orientaes e protestantes, têm a mesma successão, pois que seus respectivos ministros foram ordenados por ministros que foram antes d'elles e aquelles ordenados por outros que os precederam, e assim, até o tempo dos Apóstolos. Elle disse então que tinha ouvido isto antes, especialmente a respeito das igrejas protestantes da Inglaterra e da Irlanda. Na reforma, os arcebispos, bispos e padres mudaram suas doutrinas mas não muda-

ram seus logares. Tinha ouvido dizer que rasgaram por essa occasião o missal e em seu lugar puzeram na igreja anglicana o livro de oração commun. mas que o clero se conservou como estava. Largaram o romanismo e tomaram o protestantismo. Mudaram sua religião mas não se mudaram a si. Elles não resignaram suas parochias. Disse ser exacto tudo isto, porque Crammer, Latmer, Ridley, Hosper e outros, haviam todos sido arcebispos, bispos e padres da Igreja Romana, ou ao menos, tinham communhão com ella. E se elles tinham a successão de ordem dos Apostolos, antes de sua conversão, devem tê-la tambem depois da sua conversão. Perguntou-me, então, se isto era tambem verdade a respeito dos ministros presbyterianos da igreja da Escocia e dos dissidentes das igrejas da Inglaterra e da Irlanda — se elles tinham tambem successão Apostolica? — Certamente, respondi eu. Na Escocia os padres romanos tornaram-se ministros protestantes, de sorte que estes ministros protestantes têm a successão Apostolica, tanto depois como antes á sua conversão e até ao dia de hoje não reconhecem homem algum como ministro ordenado, a menos que antes tenha sido ordenado por outros que fossem tambem ordenados ministros antes d'elle. O mesmo se pôde dizer ácerca dos dissidentes, ou não conformistas. Quando qualquer d'estes tem de ser ordenado, é celebrada uma reunião da Congregação, á qual concorrem os ministros mais antigos e, orando estes ministros mais antigos, que tambem foram ordenados por igual modo, impõem as mãos, a exemplo dos Apostolos, sobre a cabeça do candidato e, d'esta forma, o põem de parte, para o sagrado officio do ministerio. D'este modo, recebem elles a ordenação exterior, para o ministerio, das mãos d'aquelles que foram ministros antes d'elles, e assim por diante até ao tempo da Reforma, e d'ahi até ao tempo dos Apostolos. Assim pois, esta successão Apostolica de que tanto se ufana a Igreja Romana, pertence do mesmo modo a todas as outras igrejas — é privilegio tanto das nossas igrejas episcopaes presbyterianas, conformistas e não conformistas, como da Igreja Romana ».

Que vos parece, caro leitor? não é pena que o autor das *Noites com os Romanistas*, com tanto esforço lograsse tão pequeno resultado? Coitado! Foi por lá e veio tosquiado! Ou será verdade o que elle sustenta: que todas as igrejas têm esta mesma successão dos Apostolos?

Falta muito; nenhuma igreja, a não ser a Catholica, Apostolica, Romana a tem. Pois, em que consiste a Apostolicidade de successão? Porventura, como quer o autor: só « em que os ministros d'uma igreja foram ordenados por ministros que foram antes d'elles, e aquelles ordenados por outros que os precederam e assim até aos tempos dos Apostolos? »

Porém, antes de responder a esta pergunta, eu quereria muito que o autor me explicasse o que elle entende pelas palavras «ministros d'uma Igreja». Pois simples padres ou leigos ordenados por outros leigos (pois os ministros evangelicos não passam d'isto), com qualquer rito exterior como ministros da Igreja não podem ser successores dos Apostolos. Os Apostolos eram Bispos e *por isso os successores d'elles, antes de tudo, devem ser Bispos*, como provarei longamente mais adiante. A Apostolicidade de successão consiste não numa série ininterrupta de padres ou leigos, mas de Bispos. Se, portanto, o autor entende por ministros da Igreja verdadeiros Bispos, padres que por uma valida sagração foram creados Bispos, eu respondo que, mesmo neste caso, a Apostolicidade de successão, quando muito, poderá ser o privilegio de qualquer *seita oriental*, cujos Bispos sempre têm sido sagrados *validamente*, por outros Bispos, mas de certo *não de qualquer seita protestante*, cujos ministros, embora assim se chamem, não são Bispos, porque lhes falta a valida sagração, e por isso, não podem *validamente* ordenar padres ou sagrar Bispos; razão porque a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, cada vez que um d'esses chamados padres ou bispos protestantes se converte, de novo os ordena ou sagra, quando querem seguir a carreira sacerdotal, e isto apezar de todos os ritos exteriores com que na sua igreja foram ordenados ministros, padres, bispos.

Mas, suppondo apenas por hypothese, que as seitas protestantes tivessem verdadeiros Bispos, isto é, padres *verdadeiramente sagrados Bispos*, digo, que não teriam, tão pouco, como as seitas orientaes, o direito de ufanar-se da Apostolicidade de successão, a qual consiste na série nunca interrompida de *legitimos* successores dos Apostolos.

Pois, quando um Bispo, que era legitimo successor dos Apostolos, apostata da verdadeira fé e se torna hereje ou se separa da verdadeira Igreja e se torna schismatico, elle embora fique successor dos Apostolos por sua valida sagração, não é mais successor *legitimo* dos Apostolos, *pois perde sua missão Apostolica*; e não tem mais jurisdicção nem authoridade para governar uma parte da Igreja, prégar-lhe a doutrina e administrar-lhe os sacramentos. E eis o caso de todos os arcebispos, bispos, que na occasião da Reforma, mudaram, como diz o autor, suas doutrinas mas não seus logares; embora conservassem a marca indelevel de sua sagração, embora não deixassem de ser bispos, perderam sua missão, e com ella, sua jurisdicção, seu direito de occupar seus logares, deixaram de ser *legitimos* successores dos Apostolos. E, por isso, o autor das *Noites com os Romanistas* anda muito enganado, quando diz: «se elles tinham a successão dos Apostolos antes da sua conversão (isto é, antes de se tornarem protestantes), devem tel-a tambem de-

pois da sua conversão » (depois de se tornarem protestantes). Não, senhor autor, isto não é boa logica: uma cousa que se tem agora pode-se perder ao depois. Esta chamada conversão operou nelles uma mudança inteira, por ella tornaram-se herejes, por ella perderam a sua missão, por ella deixaram de ser mandados pela Igreja a unica que tem a authoridade para mandar, e por consequente, deixaram de ser *legítimos* successores dos Apostolos; e embora concedessemos (o que não podemos porque contradiz abertamente á Historia Ecclesiastica), que fossem sempre sagrados validamente e por isso fossem verdadeiros Bispos, não seriam mais Bispos legítimos, mas intrusos, e por consequente, nem legítimos successores dos Apostolos.

E por isso, *esta successão Apostolica* de que tanto se ufana a Igreja Romana, não pertence, assim como para salvar sua seita, pretende o autor, a todas as outras igrejas, mas é o *privilegio exclusivo da Igreja Catholica, Apostolica, Romana*.

Mas, o autor comprehendendo a grande importancia desta successão e vendo a impossibilidade de reivindicar-a para o protestantismo, caso que esta successão deva ser uma successão de *Bispos*, sustenta que consiste na «successão não interrompida do clero em geral e não sómente dos Bispos em particular».

Vou allegar suas palavras:

«Aproveitei então a occasião para dizer-lhe (ao interlutor) que os advogados da Igreja Romana conhecem perfeitamente que as outras igrejas têm todas esta especie de successão apostolica do mesmo modo que ella (que mentira!!); e tanto assim, que inventaram outra especie de successão, dizendo que a successão Apostolica não significa a successão não interrompida do clero em geral, mas sómente a dos Bispos em particular. E quaes são os argumentos, perguntou elle, que apresentam para manter esta opinião? Os Bispos não são as pessoas com que nós, os do povo, temos de tratar, mas sim os padres. Podem por ventura achar nas Escripturas Sagradas alguma cousa que diga mais respeito aos Bispos do que aos padres? — O tom da sua voz manifestava calor e indignação. Respondi que nunca tinha visto nem ouvido razão alguma em favor d'esta distincção: S. Paulo falla a Timotheo, dizendo que elle tinha sido ordenado «pela posição das mãos do presbyterio», bem como das suas. Eu creio que a verdadeira successão pertence ao presbyterio em geral e não ao episcopado em particular. Disse-lhe mais, que na igreja anglicana a ordenação não é conferida sómente pelo Bispo mas tambem pelo presbyterio, isto é, pelo clero presente, que junto com o Bispo, impõe as mãos sobre a cabeça do candidato. A igreja anglicana não reconhece a distincção e assim mostra sustentar que a verdadeira successão

* apostolica não diz respeito somente aos Bispos, mas sim aos
 * Bispos e presbyteros juntamente ».

Respondo a esta ultima objecção do autor: 1.^o que tudo o que elle diz a respeito da sagração de S. Timotheo e da ordenação na igreja anglicana, nada tem que vêr com a questão e está inteiramente fóra della, pois não se trata do modo porque o Bispo é sagrado ou o padre é ordenado, mas de saber se a Apostolicidade de successão diz respeito só aos Bispos ou ao clero em geral. Agora, porém, que o autor falla da sagração de S. Timotheo e da ordenação na igreja anglicana, não posso deixar de observar: 1.^o, que S. Paulo (II Timoth. I: 6) diz, que S. Timotheo foi sagrado pela imposição das mãos de S. Paulo só, «por cuja causa te admoesto que avives a graça de Deus que ha em ti pela imposição das minhas mãos». Por conseguinte, a imposição das mãos do *presbyterio* não é necessaria: e 2.^o, que, se na igreja anglicana o bispo e o clero presente, impõem as mãos sobre a cabeça do candidato, a mesma cousa se faz tambem na Igreja Catholica, Apostolica, Romana, sem que se julgue ser isto necessario para a valida ordenação.

Voltemos agora á objecção. *E' certo, absolutamente certo que a Apostolicidade de successão diz só respeito aos Bispos* e não aos simples padres e ao clero em geral. Pois é evidente que os successores dos Apostolos deviam ser iguaes a estes em dignidade e jurisdicção. Ora, os Apostolos não eram simples padres, mas receberam o sacramento da ordem, ou, para fallar mais exactamente, o poder sacerdotal em toda a sua plenitude; com outras palavras: eram Bispos. E, por conseguinte, os seus successores não podiam ser simples padres, mas deviam ser Bispos.

Por isto, toda a Tradição, já desde os primeiros seculos, attesta unanimemente, que só os Bispos são os successores dos Apostolos e nunca attribuem esta honra aos simples padres: pelo contrario, mostram claramente a inferioridade dos padres aos Bispos. Ora, se esta doutrina já se ensinava quasi na vida dos Apostolos, está claro que deve vir dos proprios Apostolos.

Além d'isso, em todas as antigas seitas hereticas ou schismaticas das igrejas gregas ou orientaes, que já nos primeiros seculos se separaram da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, vemos admittida a mesma doutrina: todas procuram reivindicar só *para seus Bispos* e nunca para os simples padres a Apostolicidade da successão. Tambem a Biblia, embora não o diga com palavras redondas, nos ensina que os Apostolos consideravam os Bispos que sagravam, como seus coadjuctores na vida e seus successores depois da morte. Pois foi a elles que impuzeram as mãos, a elles que confiaram o governo da Igreja (I Pedr. V. 2), a elles que communicaram o poder de regular tudo, estabelecer sacerdotes nas cidades (Timoth. I. 5), a elles,

que despedindo-se, recommendavam o cuidado da unidade da fé (Act. XX : 27, 28 e 29).

Emfim, tenho direito de exigir do autor das *Noites com os Romanistas*, que elle me prove o contrario, isto é, que elle me prove que a Apostolicidade de successão diz respeito ao clero em geral e não sómente aos Bispos, e isto não *com palavras*, dizendo, por exemplo : « nunca tenho visto ou ouvido razão alguma em favor d'esta distincção » ; ou : « eu creio que a verdadeira successão pertence ao presbyterio em geral e não ao episcopado em particular » ; nem *com procas negativas*, dizendo, por exemplo : « eu não leio esta doutrina na Escriptura Sagrada », mas *com procas positivas*, mostrando quando e por quem esta doutrina é introduzida na Igreja. E a razão d'este direito é clara. Pois desde o principio vemos esta doutrina ensinada e praticada tanto na Igreja Catholica, Apostolica, Romana, como em todas as seitas gregas ou orientaes, que no principio se separaram d'esta Igreja. Só nos seculos depois da Reforma, os inimigos da Igreja, as seitas protestantes, principiaram a duvidar d'isto e a ensinar o contrario. Por conseguinte, ellas têm a obrigação de provar que a doutrina Catholica não é verdadeira, e mostrar, com argumentos *positivos*, em que seculo, sob que Papa e por quem esta doutrina foi introduzida na Igreja Catholica, Apostolica, Romana.

E com estas palavras, ponho fim a meus artigos sobre as notas caracteristicas da verdadeira Igreja de Jesus Christo.

Provei : 1.^o Que a verdadeira Igreja de Jesus Christo deve ter 4 notas caracteristicas, que são : a unidade, santidade, catholicidade e apostolicidade. 2.^o Que o protestantismo, considerado quer no seu conjuncto, quer separadamente, em suas centenas de seitas, não tem nem sequer uma só d'estas notas. 3.^o Que só a Igreja Catholica, Apostolica, Romana as tem todas. 4.^o E que por isso, só a Igreja Catholica, Apostolica, Romana é a verdadeira Igreja de Jesus Christo.





CAPITULO VI

A CONFISSÃO E A ABSOLVIÇÃO

No sexto capitulo das *Noites com os Romanistas* o autor trata da confissão e da absolvição. Excusado é, dizer que a confissão catholica é seu pesadelo e que revolve céos e terra para provar, que Jesus Christo não instituiu a confissão e que não temos obrigação de nos confessar aos padres, mas que basta confessar-nos somente a Deus.

Explicarei portanto, 1.^o a doutrina Catholica a respeito do perdão dos peccados para depois responder ás objecções do autor.

ARTIGO I

Doutrina Catholica a respeito do perdão dos peccados

Toda a doutrina Catholica a respeito do perdão dos peccados póde ser reduzida ás seguintes proposições :

1.^a Em todo o tempo, tanto no Antigo como no Novo Testamento, a penitencia foi absolutamente necessaria para o perdão dos peccados. Deus nunca perdoou no passado, nem perdoará no futuro peccado algum, quer mortal, quer venial, ao peccador não arrependido.

2.^a No Antigo Testamento não houve Sacramento instituído especialmente para o perdão dos peccados. Os Judeos, os circuncisios, justificavam-se pela penitencia unida á fé no futuro Redemptor.

3.^a No Novo Testamento Jesus Christo instituiu um Sacramento com o fim especial de por elle perdoar os peccados. Este Sacramento chama-se o Sacramento da Penitencia ou a

Confissão, e é absolutamente necessario para o perdão dos peccados *mortaes commettidos depois do Baptismo*.

4.^a No Novo Testamento tambem a *contrição PERFEITA UNIDA COM O VOTO DA CONFISSÃO* perdoa os peccados *mortaes commettidos depois do Baptismo*.

5.^a Os peccados *veniaes* pôdem ser perdoados fóra da confissão.

Quanto á 1.^a, 2.^a e 5.^a proposição não ha divergencia entre os catholicos e os protestantes, pois embora muitos protestantes não admittam a distincção entre os peccados *mortaes* e *veniaes*, não impugnam que os peccados, que nós chamamos *veniaes*, possam ser perdoados fóra da confissão: porque sustentam que Jesus Christo não instituiu a confissão sacramental e que para alcançar o perdão dos peccados em geral basta confessal-os sómente a Deus. — Tambem não preciso insistir muito na 4.^a proposição: pois, como todos os protestantes concedem, que os peccados *mortaes* são perdoados pela *contrição perfeita*, segue-se, que, uma vez provada a absoluta necessidade do Sacramento da Penitencia para o perdão dos peccados *mortaes*, o *voto da confissão*, isto é, a séria vontade de confessar-se quando se pôde, constitue-se uma condição necessaria da *contrição perfeita*, a qual, sendo *excluida* da *contrição*, por isso mesmo lhe tira sua perfeição, e por conseguinte *não chega* para a remissão do peccado mortal *fóra da confissão*.

E' só a terceira proposição que os protestantes de todo não querem admittir: vem a ser que Jesus Christo instituiu para os membros da sua Igreja um Sacramento com o fim especial de por elle perdoar os peccados, e que este Sacramento, que se chama o da Penitencia ou da Confissão, é *absolutamente necessario para o perdão dos peccados mortaes commettidos depois do Baptismo*, de sorte que aquelle, que depois do Baptismo commetteu qualquer peccado mortal, embora fosse um só, tenha que escolher entre a confissão ao padre ou o inferno; confessando-se com as devidas disposições, salva-se; regeitando a confissão, condemna-se.

Pois bem, é isto o que vou provar; e porque quasi todas as objecções do autor versam sobre textos da Escripura Sagrada, não quero valer-me do *argumento da prescripção*, pelo qual se prova claramente, que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana já desde o principio da sua existencia até o dia em que nasceu o protestantismo, estava de posse desta doutrina da necessidade da confissão feita ao padre, sem que alguém possa indicar quando e por quem foi introduzida na Igreja: facto este que prova que ella vem dos Apostolos — *nem do argumento da Tradição*, pelo qual se prova claramente, que todos os SS. Padres e Escriptores Ecclesiasticos, já desde os

primeiros seculos, reconhecem a confissão feita ao padre como um Sacramento instituido por Jesus Christo e necessario para o perdão dos peccados mortaes commettidos depois do Baptismo, facto este que tambem prova que esta doutrina vem dos Apostolos — *nem do argumento da historia*, pela qual se prova, que a pratica da Confissão feita ao padre já desde os primeiros seculos estava em uso na Igreja Catholica, Apostolica, Romana e ainda se conserva em todas as seitas hereticas ou schismaticas dos gregos e orientaes, que nos primeiros seculos della se separaram, facto este que por sua vez prova a origem Apostolica desta doutrina — não : quero limitar-me ao *argumento escripturistico*, provando, que Jesus Christo instituiu a confissão, e que desta instituição segue-se clara e forçosamente a obrigação, a necessidade de confessar-se ao padre, com outras palavras a necessidade absoluta da confissão auricular para o perdão dos peccados mortaes commettidos depois do Baptismo.

Os textos, que o provam, são os tres seguintes Matth, XVI : 18.19, Matth, XVIII : 18, João, XX : 20.23.

1.º Refere S. Matheus XVI : 18-19, que Jesus « veio para « às partes de Cesarea de Filippo, e perguntava a seus discipulos dizendo : Quem dizem os homens que é o Filho do homem ? E elles responderam : uns dizem que é João Baptista « e outros que é Elias, e outros que é Jeremias ou um dos « prophetas. Disse-lhe (então) Jesus : Vós porem, quem dizeis que « eu sou ? E tomando Pedro a palavra, respondeu : Tu és o Christo « Filho de Deus vivo !

A esta interrogação solemne S. Pedro respondeu por esta magnifica profissão de fé, a primeira que até então sahia da bocca de qualquer homem (pois as profissões de Nathanael e outros não tiveram este sentido) : Tu és o Christo, o Filho de Deus vivo.

« E tomando Pedro a palavra respondeu : Tu és o Christo, o Filho de Deus vivo », reconhecendo-o solememente pelo Filho de Deus humanado por nós. Não foi em nome de todos os Apostolos (como alguns interpretes querem) mas em seu proprio nome (como querem outros e é confirmado pela resposta de Jesus Christo), e por revelação divina, que S. Pedro fez esta solemne profissão de fé. E por isso Jesus incontinentemente lhe fez esta magnifica promessa do primado, ao qual ligou os maiores poderes espirituaes. « Respondendo então Jesus, lhe disse : Bem-aventurado és Simão Bar-Jona, porque não foi a carne e o sangue, « que a ti o revelou, mas sim meu Pai que está no céu », v. 18. « E « eu digo a ti, que tu és Kepha (isto é pedra) e sobre esta pedra « (Kepha) eu edificarei a minha Igreja e as portas do inferno « não prevalecerão contra ella » v. 19. « E a ti darei as chaves « do reino dos céos. E tudo o que ligares sobre a terra, será li-

« *gado tambem nos Céos; e tudo o que desatares na terra será desatado tambem nos céos* ».

Pois bem, estas palavras contêm uma promessa formal e de Jesus Christo feita a S. Pedro, de comunicar-lhe o poder de perdoar e reter os peccados dos homens. Prometteu-lhe as chaves do céu, isto é o poder de abrir e fechar o céu para os membros da Igreja da qual elle servirá de fundamento, de ligar e desligar os homens espiritualmente e por consequente de perdoar ou reter-lhes os peccados, que são os maiores vinculos com respeito ao céu. — Ora; é impossivel, que Jesus Christo a Verdade Eterna, o Deus de toda a santidade, não tenha cumprido esta promessa solemne feita em tão solemne momento. — Por consequente, embora não vissemos a realisação desta promessa em João XX: 23, não poderíamos negar que em virtude desta promessa *pelo menos o Apostolo S. Pedro tivesse recebido ao depois de Jesus Christo o poder de perdoar e reter os peccados*.

2.^o Mas esta promessa solemne feita primeiramente a S. Pedro, como chefe da Igreja de Jesus Christo, foi pouco depois feita tambem aos outros Apostolos unidos a S. Pedro, para formarem uma só Igreja. Pois lêmos em Matheus XVIII: 18. « *Em verdade, vos digo, que tudo o que ligardes sobre a terra, será tambem ligado no céu, e que tudo o que desligardes sobre a terra, será tambem desligado no céu* ». Eu bem o sei, que o autor nega, que estas palavras foram dirigidas *somente* aos Apostolos; e que pela comparação com o conteado do capitulo XVIII esforça-se por *dar-lhes outro sentido*, mas disto não quero occupar-me agora, refutarei tudo no segundo artigo. Aqui tambem a promessa (pois as palavras de Jesus aqui contêm somente uma promessa) é clara e evidente, formal e infallivel, o encargo positivo e terminante. S. Pedro e os Apostolos deverão por ordem divina abrir ou fechar as portas do céu aos peccadores, ligar ou desligar as consciencias, perdoar ou reter os peccados. — Ora, torno a dizer, que é impossivel que Jesus Christo, a Verdade Eterna, o Deus de toda a santidade, não tenha cumprido esta promessa feita em tão solemne momento. Por consequente, embora não vissemos a realisação d'esta promessa em João XX: 23, não poderíamos negar, que em virtude d'esta promessa *não somente S. Pedro mas tambem todos os mais Apostolos tivessem recebido ao depois de Jesus Christo o poder de perdoar e reter os peccados*.

3.^o Porém, toda a duvida desaparece, quando olhamos para as palavras de João XX: 21, 22, 23, dirigidas por Jesus Christo no mesmo dia da sua gloriosa Resurreição, *somente aos Apostolos*, como provarei contra o autor no segundo artigo, e pelas quaes, cumprindo suas promessas, lhes deu com termos expressos o poder de perdoar ou reter os peccados. « *Assim como meu*

Pae me enviou a mim, eu tambem vos envio a vós». Ditas estas palavras, soprou sobre elles e lhes disse: «*Recebei o Espirito Santo, aos que vós perdoardes os peccados ser-lhes-hão perdoados; aos que vós os retiverdes ser-lhes-hão retidos*». Estas palavras conferem claramente aos Apostolos e por isto tambem a seus successores o poder de perdoar ou reter os peccados, e ao mesmo tempo impõem aos peccadores a stricta obrigação de recorrerem ao ministerio dos Apostolos e successores d'elles para alcançarem o perdão dos seus peccados, ou com outras palavras a stricta obrigação da confissão auricular.

Com effeito, dizendo a seus Apostolos: «*Assim como meu Pae me enviou a mim, eu tambem vos envio a vós*», Jesus Christo lhes conferiu o poder que elle tinha, a missão da qual foi encarregado por seu Pae; ora, sua missão era uma missão de misericordia para com os peccadores, seu poder o de perdoar os peccados (Math. IX. 2). Por conseguinte, elle encarregou com estas palavras seus Apostolos da mesma missão, revestiu-os do mesmo poder.

Isto se torna mais claro ainda pelo que fez e disse: «*Asoprou sobre elles*». Que significa este sopro de Jesus Christo. Não, que lhes infundiu uma nova alma, mas sim um novo poder espiritual para a vivificação das almas mortas perante Deus pelo peccado. E este poder era eminentemente divino, era o poder do Espirito Santo em peso, e este poder deviam-no empregar para perdoar ou reter os peccados. «*Aos que vós perdoardes os peccados ser-lhes-hão perdoados, aos que vós os retiverdes ser-lhes-hão retidos*». Por conseguinte as palavras de Jesus Christo não podiam ser mais explicitas. Elle lhes conferiu o poder de perdoar os peccados ou reter os peccados, de absolver os peccadores ou negar-lhes a absolvição. E, sendo o perdão dos peccados um acto total e essencialmente divino foi necessario que os Apostolos recebessem o Espirito Santo, ou o mesmo poder do Espirito Santo. Foi o mesmo que dizer-lhes: Eu que todo o poder tenho no céo e na terra, dou-vos o Espirito Santo e vos envio para que tenhais este mesmo poder meu de remittir os peccados aos verdadeiros penitentes assim como de retel-os aos endurecidos, aos obstinados, aos impenitentes.

Ora, sendo este o poder dos Apostolos e seus successores, só lhes faltava uma coisa para exercel-o, mas uma coisa tão necessaria, tão indispensavel, tão absoluta e essencial, que sem ella de maneira nenhuma podia ser exercido, uma coisa sem a qual este incomparavel poder dado por Jesus Christo aos Apostolos seria completamente illusorio, sem a qual Jesus Christo a mesma fontanal santidade teria zombado delles e zombado na mais solemne circumstancia da sua vida, zombado precisamente quando os Apostolos lhe mostravam maior fé.

amor e devoção e quando Elle pouco antes de subir ao céo quiz dar-lhes a maior recompensa.

E qual era? *Era a declaração sincera humilde, inteira dos peccados, feita aos Apostolos e seus successores* para que pudessem julgar acertadamente se deviam ou não deviam perdoar os peccados, se deviam fechar ou abrir a morada celeste aos peccadores, sendo-lhes sem esta declaração do proprio peccador impossivel, julgarem a causa, e pronunciar uma sentença, visto como não podiam, assim como Jesus Christo, lêr dentro do coração dos peccadores.

Ora, semelhante manifestação da propria consciencia feita ao padre, e esta com verdadeiro arrependimento dos peccados e com firme proposito de abster-se delles no futuro, é o que nós, os catholicos, chamamos confissão sacramental e os protestantes confissão auricular (vede: De Pedavoli: Mais um triumpho).

Fica pois provado, por mais que os protestantes reclamem, que a confissão sacramental, confissão auricular, é ensinada claramente pela Biblia como consequencia necessaria do poder que Jesus Christo prometteu (Matth. XVI: 18-19 e XVIII 18) e deu (João XX: 23) aos seus Apostolos e aos successores delles no sacerdocio.

E com isto provou-se tambem, que a confissão feita sómente a Deus não tem o poder de perdoar os peccados, mas que todo aquelle, que depois do Baptismo peccou mortalmente, embora fosse uma só vez, para alcançar o perdão de seus peccados deve confessar-se ao padre, e que rejeitando elle esta confissão, não ha perdão para elle nem salvação eterna, mas só desgraça sem fim depois da morte.

Vamos agora responder ás difficuldades e objecções do autor.

ARTIGO II

Refutação das objecções do autor

Para negar a necessidade da confissão feita ao padre e provar que basta confessar-se sómente a Deus, o autor sustenta, 1.º « que a Escriptura Sagrada nos obriga a confessarmo-nos a Deus e que em nenhuma parte nos falla da confissão feita ao sacerdote ».

Eis as suas palavras: « Um dos circumstantes, porém, disse que apezar de que nos devemos confessar a Deus, tambem nos devemos confessar ao padre, a quem o Todo poderoso tem auctorisado para ouvir de confissão e dar absolvição ». « Porque pois, não se confessam os protestantes ao sacerdote? »

« Respon-di, que a linguagem clara e terminante da Sagrada Escrip-tura nos obriga a confessar-nos a Deus, mas que em nenhuma parte nos falla da confissão ao sacerdote; em prova do que lhe citei as seguintes passagens :

« Eu te manifestei o meu peccado, e não occultei a minha injustiça. Eu disse : Confessarei ao Senhor contra mim a minha injustiça : e tu me perdoaste a impiedade do meu peccado ». (Psal. 31. 5).

« E orei ao Senhor meu Deus, e confessei as minhas faltas, lhe disse : ouve a minha oração, ó Senhor Deus, grande e terrível, que guardas o teu pacto e a tua misericordia para com os que te amam e observam os teus mandamentos. Nós peccamos, nós commettemos a iniquidade, nós obramos impiamente e nós nos retiramos de ti : e nós nos apartamos de teus preceitos e das tuas ordenanças ». (Dan. IX : 4.5).

« Se dissermos que estamos sem peccado, nós mesmos nos enganamos e não ha verdade em nós. Porém se nós confessarmos os nossos peccados, elle é fiel e justo para nos perdoar esses nossos peccados e para nos purificar de toda a iniquidade » (I João I : 8.9).

« Em cada uma dessas citações, lhe disse, temos um exemplo de confissão a Deus, dado para nossa imitação; um estímulo ou um mandamento para que façamos assim. São passagens claras e simples, que qualquer pessoa pôde entender : são exemplos tambem da pratica protestante da confissão a Deus, ao passo que não ha nas Sagradas Escrip-turas um só mandamento nem um só exemplo para justificar a pratica da confissão ao sacerdote. *A confissão auricular*, isto é, a confissão feita em particular a um sacerdote, *é absolutamente desconhecida nas Escrip-turas* ?

Vejamos se o autor tem razão. Diz elle 1º, que a Escrip-tura Sagrada nos obriga a confessar-nos a Deus. Muito bem ; mas onde está a prova ? Por ventura nos textos citados por elle ? Só um louco, um nescio pôde sustentá-lo. Pois 1º, quanto aos dois textos do Antigo Testamento (Psal. XXXI.5 : Dan : IX. 4-5) elles não contem *ordem alguma* de confessar-se a Deus; apenas exprimem a *confiança* de David e de Daniel, que Deus á humilde confissão de seus peccados *lhes perdoara* os peccados. As ordens, os mandamentos costumam ser dados sob outras formas. Alem disto, mesmo concedendo que contenham uma ordem expressa de confessar-se a Deus, não provam contra a confissão feita ao padre; pois nenhum catholico assevera, *que os do Antigo Testamento* a quem se referem estes textos *deviam confessar-se ao padre*. A razão é clara; a confissão, assim como ella se faz na Igreja Catholica, Apostolica, Romana, foi instituida por Jesus Christo, é um Sacramentô da Nova Lei, que não exis-

tia na Lei Antiga, e por isso os Judeos como por exemplo David e Daniel, nem que quizessem podiam confessar-se sacramentalmente ao padre. Allegando pois os dois primeiros textos, o autor não adeantou nada, não provou a obrigação de confessar-se a Deus para o perdão dos peccados.

Mas o texto de S. João? Elle tão pouco prova a obrigação de confessar-se somente a Deus e não ao padre. Pois, embora nelle se diga, que Deus é fiel e justo para nos perdoar os nossos peccados se nós os confessarmos, o texto não explica a *natureza* desta confissão, não diz a quem deve ser feita esta confissão, se a Deus só ou tambem ao padre: o termo é geral: « se nós confessarmos, » e justamente por não especificar o modo desta confissão, é certo que falla da confissão como costumava praticar-se nas igrejas christãs daquelle tempo. Ora, como veremos logo depois, é absolutamente certo, que já antes do tempo em que esta epistola foi escripta, a confissão foi uma confissão especificada feita aos padres da igreja. E esta resposta é um golpe mortal para o autor; pois não só tira o unico fundamento de sua asserção, mas prova ainda o contrario.

Alem disto, ninguem pôde negar, que nas Igrejas Apostolicas e no tempo em que os Apostolos ainda viviam, houve a *confissão de culpas* á qual estava ligado *perdão de culpas*. Basta lêr os textos de Act: XIX, 18: « Muitos dos que haviam erido vinham confessando e declarando o que tinham praticado. E muitos daquelles que tinham seguido as artes vãs trouxeram juntos seus livros e os queimaram diante de todos ». — I João 1: 8-9. « Se dissermos que estamos sem peccado, nós mesmos nos enganamos e não ha verdade em nós; porém se confessarmos os nossos peccados, Elle é fiel e justo para perdoar esses nossos peccados e para nos purificar de toda a iniquidade ».

Thiago, V: 14-16: « Está entre vós algum enfermo? chamem os sacerdotes da Igreja, e orem sobre elle, ungindo-o com o oleo do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o alliviará, e se estiver em peccados ser-lhe-hão perdoados ». « Confessai portanto os vossos peccados uns aos outros e orae uns pelos outros para serdes salvos, porque muito vale a oração perseverante do justo. » E estas palavras são confirmadas pelo celebre *Didaché* (livro authentic do I seculo), onde nos capitulos IV e XV se lê: Reunindo-vos aos domingos, parti o pão, depois de antes terdes confessado vossos peccados para que vosso sacrificio seja puro: e pela Epistola de Barnabé cap. XIX: v-12 (escripto authentic do I seculo) onde se lê: « Confessareis os vossos peccados: não chegareis com consciencia manchada á oração commun ». Admittido pois o principio, que já no tempo, em que os proprios Apostolos ainda viviam, havia nas Igrejas Apostolicas uma confissão de culpas á qual estava ligado per-

dão dos peccados, surgem necessariamente as duas perguntas seguintes: 1.^a *De que natureza era esta confissão de culpas?* Era uma accusação geral na qual o peccador, sem especificar seus peccados, com termos geraes se reconhecia peccador; ou era uma confissão *especificada*, uma accusação na qual o peccador se accusava de sues peccados mais ou menos segundo a especie o numero e as circumstancias? 2.^a *A quem era feita esta confissão: sómente a Deus,* ou era feita aos padres presbyteros das Igrejas?

A primeira pergunta responde: que a confissão, que se costumava fazer, *não era uma confissão geral*, pela qual o homem se reconhecia peccador, *mas uma confissão mais especificada*; e a prova está no texto grego, idioma em que os Actos dos Apostolos, as Cartas de S. João e de S. Thiago e também o *Didaché* e a *Epistola de S. Barnabé* originalmente foram escriptos. Alli as palavras *peccados, culpas* (praxeis — paraptomata) são precedidas do artigo demonstrativo *os, as*, (tai, ta;) «tas praxeis autou», «ta paraptometa umôn» e por conseguinte, provam não uma confissão geral, mas uma *confissão detalhada e especificada*, uma confissão na qual se fez menção, accusação dos peccados commettidos.

E a quem era feita esta confissão? A esta pergunta respondem S. Thiago e também S. João, comparado com o que elle diz no seu Evangelho.

No capitulo V. 14, 15, S. Thiago diz: «Está entre vós alguem doente? *Chame os presbyteros, os sacerdotes da Igreja*, e orem sobre elle, ungindo-o com o oleo em nome do Senhor. «E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o alliviará, e se estiver em peccados, ser-lhe-hão perdoados».

Deste acto, pois, dos presbyteros, dos sacerdotes ao qual o perdão dos peccados, caso fosse necessario, estava ligado, deste ministerio sacerdotal durante cujo exercicio o poder de perdoar os peccados é claramente attribuido aos padres, pelas expressas palavras do texto, S. Thiago tira uma conclusão para TODOS os fieis, quando continua (v. 16): «Confessai, PORTANTO, os vossos peccados uns aos outros».

Ora, era absolutamente impossivel que S. Thiago pudesse concluir d'este ministerio sacerdotal, exercido para com os enfermos, ao qual estava ligado o perdão dos peccados a confissão das culpas *para todos os fieis*, se esta confissão não effectuasse *para todos os fieis* o perdão dos peccados *do mesmo modo*, isto é, por meio do *ministerio sacerdotal*, assim como este ministerio sacerdotal o effectuava a respeito de qualquer doente. Por conseguinte, quando S. Thiago, depois de ter affirmado que o ministerio sacerdotal perdoa ao doente os peccados, conclue: «confessai, PORTANTO, os vossos peccados uns aos outros», é claro que elle com estas palavras não sómente prova o uso, a

prática da confissão ao padre entre os primeiros christãos, sem também a sua obrigação para o perdão dos peccados.

O mesmo se prova ainda da primeira carta de S. João, l. 8-9: «Se confessarmos os nossos peccados, Elle é fiel e justo para perdoar nossos peccados e para purificar-nos de toda a iniquidade». Pois se elle em seu Evangelho XX. 23, relata, que Jesus deu a seus Apostolos o poder de perdoar os peccados, é claro, que dizendo na sua carta que Deus é fiel e justo para perdoar os peccados a quem confessa, elle necessariamente deve subentender a confissão de que falla em seu Evangelho, isto é, não a confissão feita a Deus, mas a confissão feita aos Apostolos ou aos successores d'elles.

Por isso, posso concluir: que, *segundo a Biblia*, a confissão já estava em uso nos tempos dos Apostolos, que esta confissão era uma confissão especificada e minuciosa, uma accusação *dos peccados que se commetteram*, e não uma confissão geral, pela qual o homem se reconhecia peccador; e que esta confissão, segundo diz a Escripura Sagrada, de certo se fez aos Apostolos, porque elles receberam de Jesus o poder de perdoar; e nas igrejas, onde os Apostolos não estavam ou moravam, aos sacerdotes da Igreja, conforme ensina a carta de S. Thiago.

E ainda que o autor, seguindo o exemplo de Luthero, não quizesse admittir a carta de S. Thiago como fazendo parte da Escripura Sagrada, nada adiantaria com isso, visto como é absolutamente certo que a carta de S. Thiago foi escripta antes do anno 60 de nossa era; e por isso relata a pratica dos fieis da Igreja de Jerusalém (cujo Bispo era S. Thiago), durante a vida dos Apostolos; com outras palavras, ensina claramente de que modo os primeiros fieis entenderam, segundo a explicação dos Apostolos, os ensinamentos de Jesus (João XX. 23) a respeito da confissão e do perdão dos peccados.

Por conseguinte, *não é verdade o que diz o autor, que a confissão ao padre é desconhecida na Escripura Sagrada. O contrario é que é verdade.*

Passemos agora a outra objecção, a saber: que a confissão ao sacerdote leva ao temor dos sacerdotes, mas a confissão a Deus leva ao amor de Deus.

Dar-lhe-hei a palavra: «Um dos circumstantes apresentou o seguinte argumento: «Tenho achado por experiencia, disse elle, que a pratica de confissão ao sacerdote é muito boa em si (embora não possa ser provada pelas Sagradas Escripuras [que mentira!]) nem pelas palavras de S. Thiago [outra mentira]), e impede a muitas pessoas de cair em peccado. Quando um homem ou uma mulher sabe que tem de confessar-se — que ainda que possa encobrir o seu peccado ás de mais pessoas, tem de confessal-o ao sacerdote — o temor

« d'este o assusta muitas vezes e o impede de peccar. Isto
 « acontece com os catholicos romanos; mas os protestantes não
 « têm tal temor porque não se confessam ». Como este argu-
 « mento já me tinha sido apresentado por muitas vezes, eu ti-
 « nha prompta a minha resposta. Disse, pois, que o argumento
 « era muito caracteristico da differença que existe entre as duas
 « Igrejas. Funda-se no temor do sacerdote — de um homem —
 « que como todos os mais, é mortal e peccador. Diz-se que este
 « medo impede aos homens de cair em peccado, porém nada
 « se diz do temor de Deus: e nosso Senhor disse: « não tendes
 « medo d'aquelles que matam o corpo e depois d'isto não têm
 « mais que fazer. Mas eu vos mostrarei a quem haveis de te-
 « mer; temeí aquelle que depois de matar, tem poder de lan-
 « çar no inferno » (Luc. XII: 4-5). Pois bem, accrescentei,
 « quanto a isto de abster-se uma pessoa do peccado, meramente
 « pelo temor do homem, é muito proprio da Igreja Romana e
 « muito contrario á igreja protestante. Nós sabemos, que por
 « mais secreto que seja nosso peccado, por mais desconhecido
 « para o mundo, embora seja commettido em nosso aposento
 « mais retirado, embora fique sepultado em nosso proprio seio,
 « é bem conhecido de Deus, que tudo vê, o qual algum dia o
 « manifestará diante do universo congregado. O temor do ho-
 « mem nada póde em comparação d'este outro sentimento. A
 « differença entre nós consiste em os Romanistas se absterem
 « do peccado pelo temor do sacerdote e o protestante deixar
 « de peccar pelo temor de Deus. A confissão ao sacerdote leva
 « ao temor dos sacerdotes — a confissão a Deus leva ao temor
 « e ao amor de Deus ».

« Vendo que se produzira um silencio momentaneo accres-
 « centei, que se o argumento a favor da confissão ao sacerdote
 « se funda no facto de que o temor de se estar obrigado a des-
 « cobrir tudo ao sacerdote, realmente impede de commetter
 « peccado, então a confissão feita a um alguazil, a um magis-
 « trado, ou ao carrasco, no caso de ser obrigatoria, serviria tão
 « perfeitamente ao intento de atemorisar para que se não pec-
 « casse, como a confissão ao sacerdote. Disse, que isto era por
 « um freio miseravel ao peccado — uma superstição para as-
 « sustar meninos ou homens tão fracos e credulos como elles.
 « Não ha restricção para o peccado que seja digna d'este no-
 « me, senão o amor de Deus, que nos impelle a fazer as coi-
 « sas que lhe agradam e a reverencia para com Deus, que nos
 « faz evitar tudo o que é do seu desagrado. Estes são os mo-
 « tivos que Deus mesmo offerece a suas creaturas intelligentes;
 « e o temor do homem é um motivo indigno de nós, já como
 « homens já como christãos ».

Graças a Deus chegamos ao fim d'esta philippica do au-
 tor! Pobres catholicos, que ides responder? Muita coisa. Em

primeiro logar, que o autor talvez já pela centesima vez nesta obra tem mostrado não entender nada do sentido das palavras claras da Escripura Sagrada. Pois o sentido do texto allegado por elle, de Luc. XII : 4-5 : « Não tenhaes medo d'aquelles que matam o corpo... temeí Aquelle, etc... », de todo não é que o homem nunca se pôde determinar a fazer ou deixar alguma cousa por medo dos homens, como subentende o autor allegando este texto, pois então seria prohibido fugir d'um inimigo que nos persegue para nos matar; seria prohibido abrandar com palavras humildes uma pessoa muito irada, que nos quer fazer mal, etc. etc...; mas que não nos podemos deixar afastar do cumprimento do nosso dever pelo medo dos homens, porque é melhor cahirmos nas mãos de homens que só nos podem causar prejuizo temporal, do que cahir nas mãos de Deus que nos ameaça com uma desgraça eterna.

Em segundo logar: que é inteiramente falso o que sustenta o autor, que uma pessoa se abstem do peccado *meramente pelo temor do homem* (no caso do padre com quem se deve confessar), pois o grande e necessario motivo porque os catholicos se abstêm do peccado é *o temor de Deus*, elles fogem do peccado, ou quando peccam, arrependem-se de seus peccados, e se resolvem a fugir do peccado ou por temor, ou, o que é mais perfeito, por amor de Deus, isto é, pela consideração dos castigos com que Deus ameaça: das magnificas recompensas que promette, ou do summo amor que merece: e por isto é simplesmente falso dizer: « a differença entre nós consiste em os romanistas se absterem do peccado pelo temor do sacerdote e o protestante deixar o peccado pelo temor de Deus ».

Em terceiro logar: que o que asseverou o interlocutor a quem fallou o autor das *Noites com os Romanistas* é só: que assim como a lembrança d'uma confissão ha pouco tempo feita tambem a d'uma confissão proxima futura de per si já será muitas vezes um freio efficaç para preservar uma pessoa da queda no momento da tentação. E isto não é, como o quer o autor, um freio miseravel ao peccado, uma superstição para assustar meninos ou homens fracos e credulos, mas a consequencia natural d'um sentimento muito bom, muito honesto, visto como procede da vergonha, que Deus ligou a cada acção me-nos honesta para preservar o homem de pratical-a. Esta vergonha é muito honesta e boa em si e preserva de muitos peccados as pessoas que tem sentimentos nobres. A falta d'ella caracteriza as pessoas ignobeis e se torna para elles causa de muitos peccados. Chamar alguém de « sem vergonha » foi portanto sempre considerado como uma locução muito injuriosa; e considerado debaixo deste ponto de vista cahe por terra o que disse o autor da confissão feita a um alguazil, a um magistrado, a um carrasco.

Mas, o autor tem uma quarta objecção; sua perspicacia descobriu uma contradicção formal entre o arrependimento e a confissão feita ao padre.

Façamol-a: « O meu opponente respondeu immediatamente « que, além de se ter de confessar o peccado ao sacerdote com « todas as circumstancias aggravantes, ha ainda outro sentimento, a saber: o desejo de alcançar o perdão. O sacerdote « tem authoridade da parte de Deus para absolver do peccado; e, enquanto tiver este poder, o peccador terá de vir a « elle para pedir-lhe a absolvição. Portanto, não póde alcançar-a sem que primeiramente tenha feito uma plena confissão « de todos os seus peccados. Tem de confessar os seus peccados, tem de arrepender-se d'elles e então o sacerdote póde « absolvel-o ».

« Firmei-me nas palavras « tem de arrepender-se d'elles » « e tornei a repetil-as lentamente para chamar a attenção de « todos; e então perguntei, se este arrependimento é necessario para alcançar a absolvição e se é necessario para que a « absolvição do sacerdote seja efficaz ».

« Por certo que sim, me responderam, porque não póde « haver absolvição sem arrependimento ».

« Perguntei então se este arrependimento é tão necessario « que sem elle a absolvição fica nulla e sem effeito ».

« Sem duvida alguma, me responderam: Se o homem não « se arrepende, o sacerdote não póde perdoar e se acaso perdoar, sua absolvição nada vale ».

« Logo, disse eu, a nenhuma utilidade do systema Romano « é manifesta, pois que todos reconhecem do mesmo modo que, « se o homem que se confessa ao sacerdote não se tem arrependido de seus peccados, não é nem pode ser perdoado, embora o sacerdote lhe dê a absolvição. Se o homem não se « tem arrependido o sacerdote não tem authoridade para perdoar-lhe; a sua absolvição fica pois nulla e sem effeito. Pois « bem, consideremos agora a questão debaixo de outro ponto « de vista: se o homem, que já se tem arrependido verdadeiramente de seus peccados, não necessita da absolvição do « sacerdote, pois que já recebeu o perdão de Jesus Christo. « Estabeleci em seguida, o que sabia que todos acceitariam plenamente e de boa vontade, a saber: que Jesus Christo promettera o perdão dos peccados a todos que se arrependessem « e que o Apostolo S. Pedro dissera: Arrependei-vos e convertei-vos, para que os vossos peccados vos sejam perdoados « (Act. III. 19). Quando um homem, pois, se tem arrependido « de seus peccados, tem a absolvição por Jesus Christo, e tendo « esta não necessita da absolvição pelo sacerdote ».

Em seguida, conclúe o autor: « Não podia restar duvida « alguma do bom effeito, que este modo de tratar a questão

« produziu no animo das pessoas presentes; e na verdade, nunca
« tenho apresentado este argumento a catholicos romanos, sem
« que tenha produzido uma bôa impressão. Sempre sentem a
« sua força e embora desgraçadamente o olhem algumas vezes
« apenas como uma difficuldade intrincada que não podem re-
« solver, nunca deixam de conhecer o seu effeito, e não poucas
« vezes lhes tem tirado inteiramente a crença no perdão dos
« peccados pelo sacerdote ».

Pois bem, vou restituir aos catholicos que se deixaram enganar pelo sophisma do autor a crença, que elle lhes diz ter tirado e sem difficuldade alguma; pois o argumento ou melhor sophisma não tem força alguma; de todo não é uma difficuldade intrincada. O autor formula sua objecção deste modo :
« Não é doutrina da Igreja Romana que se o homem se tem
« arrependido verdadeiramente de seus peccados Jesus Christo
« lh'os perdoa? Tendo, pois, a absolvição de Jesus Christo, a
« do sacerdote de nada vale, é inteiramente inutil ».

Respondo : o autor não deve apresentar como doutrina da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, o que ella não ensina. Pois bem, a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, *não* ensina, que se o homem se tem arrependido verdadeiramente de seus peccados, Jesus Christo lh'os perdoa. Ella ensina : 1.º que quando o homem tem um arrependimento *verdadeiro*, mas IMPERFEITO, isto é, não proveniente d'um amor *perfeito* para com Deus; Deus *não* lhe perdoa o peccado mortal SEM A CONFISSÃO; d'onde resulta, que elle não se confessando, fica com seu peccado e não alcança o perdão. Ella ensina : 2.º que quando o homem tem um arrependimento *verdadeiro* e PERFEITO, isto é, proveniente d'um amor *perfeito* para com Deus, Deus lhe perdoa o peccado mortal SE ELLE TEM A SERIA VONTADE DE CONFESSAR-SE QUANDO PUDER, mas NÃO, SE NÃO TEM ESTA SERIA VONTADE DE CONFESSAR-SE QUANDO PUDER; d'onde resulta, que *excluindo* elle esta vontade de confessar, *não* pôde ter um arrependimento verdadeiro e *perfeito* e por conseguinte não alcança o perdão de seu peccado. Ella ensina : 3.º que caso, que o homem *tenha alcançado a absolvição do proprio Jesus Christo* por causa de seu arrependimento perfeito com o voto da confissão, *a absolvição do padre não é inutil*, e *muito vale*, porque então *a confissão* LHE FICA IMPOSTA PELO PRECEITO DE JESUS CHRISTO DE CONFESSAR OS PECCADOS AO PADRE. E d'ahi se vê, embora o homem tenha alcançado do proprio Jesus Christo o perdão de seu peccado por causa d'um arrependimento verdadeiro e perfeito, unido com a séria vontade de confessar-se quando puder, *a confissão*, e por conseguinte, *a absolvição do padre não é inutil para elle, mas absolutamente obrigatoria*. E d'este modo cae por chão este argumento, do qual tanto se ufanava o autor como irrespondível. E quanto ao texto de S. Pedro (Act. III-19)

nada prova absolutamente. Pois que 1.^o neste logar S. Pedro falla do arrependimento d'aquelles adultos que do judaismo queriam converter-se á religião de Jesus: e 2.^o n'esta contrição bastava por si só, porque conforme á doutrina do proprio Jesus (João, III. 5: Marc. XVI. 16), S. Pedro no capitulo precedente dos Actos ainda exige o sacramento do baptismo como condição necessaria do perdão: « Fazei penitencia e cada um de vós seja baptisado em nome de Jesus Christo para remissão dos vossos peccados » (Act. II. 39). Do mesmo modo a penitencia verdadeira alcança o perdão dos peccados commettidos depois do baptismo, mas não sem a confissão quer real quer em voto.

Mas o que fizemos até agora, na phrase do autor, não era senão contender com armas pequenas, as peças de artilheiria em que os catholicos depositam mais confiança, e que guardam para entrar em acção mais decisiva são o argumento a favor da confissão auricular tirado do poder da absolvição: são os dois textos Math. XVIII. 18: « Tudo o que vós ligardes sobre a terra será ligado tambem no céu, e tudo o que vós desligardes sobre a terra será desligado tambem no céu: » e João XX. 23: « Aquelles a quem vós perdoardes os peccados, ser-lhes-ão hão perdoados e áquelles a quem vós os retiverdes, ser-lhes-ão hão retidos. »

E' evidente, que, segundo o autor, estes dois textos não podem provar a confissão auricular dos catholicos feita aos padres, e por isso vae indagar a quem foram dirigidos e qual é sua significação, para em seguida concluir que não foram dirigidos exclusivamente aos Apostolos mas a toda a Igreja de Jesus Christo composta como é tanto de leigos como de ministros, e que nosso Senhor por elles não quiz outorgar a seu povo auctoridade para conceder ou recusar o perdão de por si — faculdade esta que só a Elle pertence — mas apenas a de declarar e pronunciar o perdão em seu nome.

Acompanhemos o autor primeiro na investigação das pessoas a quem estes textos da Biblia foram dirigidos e principiemos com o de S. Matheus XVIII: 18: « Tudo o que vós ligardes sobre a terra será ligado tambem no céu, e tudo o que vós desligardes sobre a terra será desligado tambem no céu ».

E' o autor que falla: « O capitulo principia com a declaração de que, em quanto Nosso Senhor fallava a S. Pedro e alguns outros sobre os milagres e o pagamento do tributo, os outros discipulos vieram ter com elle. — « Naquelle hora chegaram-se a Jesus os seus discipulos dizendo: Quem julgas tu que é o maior no reino dos céos? E chamando Jesus a um menino, o poz no meio delles e disse, etc. » — Estas palavras indicam claramente, que havia outras pessoas presentes

« além, dos Apostolos. No verso 10 diz também: Vêde não desprezeis algum destes pequeninos. E outra vez no verso 14: Não é a vontade de vosso Pai, que está nos céos, que pereça um destes pequeninos. « Esta linguagem mostra, que além dos Apostolos havia outras pessoas presentes as quaes eram como *meninos no conhecimento de Christo* ». [Nada de palavras sr. autor das « *Noites com os Romanistas* », já conhecemos a sua má fé: faz favor de provar esta asserção.] Note-se também que a palavra usada não é « apostolo » mas sim « discípulo » [como se o sr. não soubesse que sobretudo S. Matheus, mais do que os tres outros Evangelistas, costuma substituir a palavra apostolo pela de discípulo! que má fé n'um chamado ministro do Evangelho!] « Assim pois as palavras de Nosso Senhor neste capitulo foram dirigidas aos discipulos no sentido litteral da palavra ». [Nego-o e proval-o-hei mais adiante.] « Isto parecerá ainda mais evidente se considerarmos que o conteúdo do capitulo não se pôde applicar aos Apostolos somente mas também a todos os discipulos de Jesus. » [Nego-o.] « O que elle diz sobre as offensas, sobre a ovelha desgarrada e sobre a conducta, que todo o christão deve observar a respeito de um irmão que o offende, não pôde referir-se exclusivamente aos Apostolos, mas também a todos os discipulos de Jesus. » [Veremos]. Outra vez quando no verso 19 promete que estará no meio de dois ou tres que se reunirem em seu Nome, esta promessa, por certo, não foi feita simplesmente aos doze Apostolos, mas também para estímulo e consolo de todo o seu povo crente. A mesma observação se applica ás palavras do Senhor, desde o verso 21 até o fim do capitulo, em que ensina a indulgencia de que o christão deve usar para com aquelles, que o offendem; e confirma o preceito, referindo-se a seu proprio amor em perdoar-nos. Sendo este o espirito de todo o capitulo, em todo os seus detalhes, é inteiramente opposto a todas as regras da interpretação, escolher um versiculo dos 35, o verso 18, e dizer que este foi dirigido, não aos discipulos em geral mas somente aos doze apostolos. Desde o verso 15 até o fim do capitulo, o Senhor está fallando das offensas de um christão contra o outro, e do dever de se perdoarem mutuamente. No meio dessa passagem é, que se acham as seguintes palavras notaveis: « Tudo o que vós ligardes etc. » — palavras dirigidas a seus discipulos em geral. Assim pois a boa razão e a justa exposição exigem que estas palavras se não interpretem como concedendo um poder exclusivo ao Clero, pois que é um poder concedido a todo o povo de Christo ».

* [Veremos].

* Esta consideração dá a conhecer, que estas palavras de Math. XVIII. 18, não conferem *exclusivamente* ao ministerio o

« poder de absolvição — conferem-no igualmente aos leigos;
 « não é absolvição sacerdotal mas christã; e, dirigidas como são
 « a todo o povo de Christo, nos promettem, que, se obrando
 « segundo o espirito affectuoso e indulgente de Christo, perdoar-
 « mos a alguém que tenha peccado contra nós, esse perdão se-
 « rá ratificado e confirmado do céu. Se os perdoarmos, Deus
 « perdoará. E' este o grande estímulo que temos para perdoar ».

Eis pois a objecção do autor, que para provar que estas palavras não foram dirigidas exclusivamente aos Apostolos, se baseia: 1.^o, naquelle menino que Jesus chamou; 2.^o, nas palavras « um d'estes pequenos » pelos quaes elle entende pessoas que eram como meninos no conhecimento de Christo; 3.^o, nas palavras « discipulos » que segundo elle devem ser tomadas no sentido litteral; 4.^o, no conteudo de todo o capitulo, que não diz respeito só aos Apostolos mas a todos os discipulos.

Respondo: 1.^o, que durante os 16 primeiros seculos da sua existencia, a Igreja Catholica e todas as seitas hereticas e schismaticas sempre têm considerado estas palavras (Math. XVIII. 18) como dirigidas só, exclusivamente aos Apostolos e que ainda agora todos os catholicos e todas as seitas gregas e orientaes e mesmo a maioria dos protestantes hodiernos as consideram como ditas só aos Apostolos, e que esta interpretação se apoia nas proprias palavras do contexto, onde Jesus depois de ter fallado em geral: *teu irmão; te dirá*; se dirige aos Apostolos com as palavras *Amen, dico vobis: Em verdade eu vós digo, que tudo o que vós ligardes*, etc.

2.^o, que pelas palavras « discipulos » se deve entender *só os Apostolos* e não, como diz o autor, os discipulos no sentido litteral, como claramente se prova no Evangelho de S. Marcos IX. 34, que referindo os mesmos factos diz: « *E sentando-se chamou os doze* e lhes disse: « Se alguém quer ser o primeiro será o ultimo de todos e servo de todos, etc. »: o que, além d'isto, é inteiramente conforme ao costume de S. Matheus, de substituir a palavra « Apostolos » pela de « discipulos ».

3.^o, que o menino, a quem chamou Jesus, de todo não prova a presença de mais pessoas fóra dos Apostolos. Pois, que Jesus chamou a elle, já prova que, embora estivesse na visinhança, não estava presente; e nada no Evangelho faz presumir que este menino, depois de ter servido de exemplo aos Apostolos, ficasse presente.

4.^o, que as palavras de Jesus: « vêde, não desprezeis algum d'estes pequeninos », e « Não é a vontade de vosso Pae, que está nos céos, que pereça um d'estes pequeninos », de todo não provam, que além dos Apostolos haviam outras pessoas presentes, pois estas palavras têm um sentido geral, dizem respeito a todos os meninos, exhortam aos Apostolos a não escandalizarem criança alguma; e provam ainda menos esta expli-

cação forçada e maliciosa do autor, que além dos Apostolos, havia outras pessoas presentes *as quaes eram como meninos no conhecimento de Christo!!* Vêde a que absurdidade pôde levar o espirito de partido, a vontade assentada de defender a torto e a direito a heresia e combater a verdade!

5.ª Que é inteiramente falso dizer com o autor, que as palavras que precedem o famoso verso 18: «Tudo o que vós ligardes» etc. (pois das que seguem em este texto não preciso occupar-me, visto como é de nenhum effeito para a questão sobre a qual versa a controversia, se dizem ou não dizem respeito somente aos Apostolos), não se podem applicar aos Apostolos somente mas também a todos os discipulos de Jesus. Pois do primeiro até o verso decimo quinto Jesus falla a seus Apostolos, da humildade, pela qual se obtém um subito grau de gloria no céu; ao mesmo tempo lhes manda, por muitas razões, interessarem-se pelos meninos, que lhes poz como exemplo da humildade. Feito isto Jesus principia a ensinar a seus Apostolos as virtudes, de que precisam particularmente no exercicio de seu ministerio Apostolico, desde o decimo quinto até vigesimo verso; mostrando-lhes, com quanta sollicitude e de que modo devem admoestar os peccadores para excitá-los a uma vida mais perfeita; dizendo-lhes que, se, esgotados todos os meios, os peccadores se negam a obedecer á authoridade Ecclesiastica, sejam tratados por elles como gentios e publicanos. E para que os Apostolos possam bem cumprir esta parte de seu ministerio Apostolico, Jesus lhes promette ampla faculdade de os julgar, perdoar ou punir; affirmando, que ratificará no céu tudo o que elles tiverem feito na terra: «Em verdade vós digo, que tudo o que vós ligardes sobre a terra será egualmente ligado no céu, e tudo o que vós desligardes sobre a terra será egualmente desligado no céu.» E com esta explicação cae por terra a exprobração, que nos fez o autor, de escolhermos dos 35 versos deste capitulo, que, segundo elle, dizem respeito a todos os discipulos de Christo, *um verso, o decimo oitavo*, e dizer que este foi dirigido não aos discipulos em geral mas somente aos doze Apostolos. E, portanto, a boa razão e justa exposição exigem o contrario do que quer o autor, a saber: que estas palavras se interpretem como promettendo um *poder exclusivo aos Apostolos; o poder de perdoar e reter os peccados*.

Vamos agora abrir inquerito a respeito do outro texto pelo qual a Igreja Catholica, Apostolica, Romana prova, que o clero tem o poder de perdoar e reter os peccados, a saber: João XX: 19, 20, 21, 22, 23: «Chegada porem a tarde daquelle dia, o primeiro da semana, e estando fechadas as portas, onde se achavam juntos os discipulos por medo dos judeus: veio Jesus e poz-se no meio e lhes disse: Paz a vós! e tendo dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. E alegraram-se os disci-

«pulos vendo o Senhor. Então lhes disse outra vez: Paz a vós!
 «Assim como o Pae me enviou assim eu vos envio. Ditas estas
 «palavras, soprou sobre elles e lhes disse: Recebei o Espi-
 «rito Santo. A'quelles, a quem perdoardes os peccados, ser-lhes-
 «hão peccados: e áquelles, a quem os retiverdes, ser-lhes-hão
 «retidos».

Estas palavras tão claras, que não sómente a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, senão tambem todas as seitas hereticas e schismaticas gregas e orientaes, sempre as entenderam e ainda entendem como dirigidas sómente aos Apostolos, cousa em que concordam a maior parte dos protestantes hodiernos, não convencem o autor das *Noites com os Romanistas*. Ouçamos suas palavras: «A mesma questão se suscita aqui, isto é, se estas palavras foram dirigidas só aos Apostolos ou tambem *aos mais discipulos*. Achamos a solução d'esta questão, na passagem paralela no Evangelho de S. Lucas, capitulo XXIV, onde se referem os mesmos successos. Neste capitulo diz-se-nos, que Nosso Senhor resuscitou no primeiro dia da semana. No verso 9 diz-se-nos, que as mulheres que chegaram primeiro ao sepulchro, voltando, contaram todas estas coisas aos onze e *a todos os mais*. [Note-se que estas palavras provam que alguns outros discipulos se achavam reunidos com os Apostolos]. [Sim; mas a questão é saber se estes mesmos que lá estiveram *de manhã*, ainda estavam com os Apostolos, quando Jesus lhes appareceu *à tarde* d'aquelle mesmo dia?]

«O verso 13 ensina-nos, que no mesmo dia Nosso Senhor appareceu a dois de seus discipulos, que iam para uma aldeia chamada Emmaús. Um d'elles, pelo menos, chamado Cléofas, não era Apostolo. No mesmo dia voltaram a Jerusaleém. E levantando-se na mesma hora, voltaram para Jerusaleém e acharam juntos os onze *e os que com elles estavam*, que diziam: Na verdade que o Senhor resuscitou e appareceu a Simão... E, estando ainda fallando nisto, apresentou-se Jesus no meio d'elles, e disse-lhes: Paz seja convosco; eu sou, não temaes. Mas elles, achando-se perturbados e espantados, cuidavam que viam algum espirito. E Jesus disse-lhes: Porque estaes vós turbados e que pensamentos são esses que sobem a vossos corações? Olhae para minhas mãos e pés, porque sou eu mesmo, apalpaes e vêde que os espiritos não têm carne nem ossos, como vós vêdes que eu tenho» (versos 33-39).

D'isto resulta evidentemente, que na solemne occasião em que Nosso Senhor se poz no meio de seus discipulos, na tarde do mesmo dia da sua Ressurreição, quando lhes disse: «Paz seja convosco», e lhes mostrou suas mãos e pés, como prova de que era o proprio e não um espirito — digo, que nessa occasião solemne estavam presentes não sómente

« os doze Apostolos, mas tambem os discipulos que tinham vindo de Emmaus e varios outros com elles. Esta expressão é decisiva «acharam juntos os onze e *os que com elles estavam*» — expressão muito semelhante á do verso 9 — «aos onze e *todos os mais*». Não resta pois duvida alguma de que nessa occasião estavam presentes muitos discipulos, que não eram Apostolos; e que talvez fossem os 120 mencionados em Actos I. 15. Pois bem, não ha cousa alguma mais certa na Historia Sagrada do que o facto, de que foi nesta mesma occasião e *a esta mesma assembléa mixta* a quem o Senhor disse estas palavras notaveis: «Aos que vós perdoardes os peccados ser-lhes-hão perdoados e aos que vós os retiverdes ser-lhes-hão elles retidos (João XX. 23). [Será tão certo sr. autor? Vamos vêr mais adiante]. Seja qual fôr este poder, foi conferido não sómente aos onze Apostolos, como representantes do ministerio da Igreja, mas tambem a todos os mais discipulos então presentes, não sómente aos «onze» mas tambem «aos que estavam com elles» e a «todos os mais». Isto ficará provado e fora de duvida se compararmos a narrativa de S. Lucas com a de S. João» [E' nisto mesmo que está a duvida sr. autor; S. João vae destruir todos vossos calculos]. «Este nos diz que a Resurreição teve lugar no primeiro dia da semana e que na tarde do mesmo dia (verso 19) o Senhor appareceu a seus discipulos, usando das mesmas palavras referidas por S. Lucas: «Paz seja convosco», e mostrando-lhes do mesmo modo as mãos e os pés. Chegado, porém, que foi a tarde d'aquelle mesmo dia, que era o primeiro da semana, e estando fechadas as portas da casa onde os discipulos se achavam juntos por medo que tinham dos Judeos, vem Jesus e poz-se em pé no meio d'elles e disse-lhes: «Paz seja convosco». E dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Alegaram-se pois os discipulos de terem visto o Senhor. E elle lhes disse segunda vez: «Paz seja convosco. Assim como meu Pai me enviou a mim, tambem eu vos envio a vós». Tendo dito estas palavras, assoprou sobre elles e disse-lhes: «Recebei o Espirito Santo: aos que vós perdoardes os peccados ser-lhes-hão perdoados e aos que vós os retiverdes ser-lhes-hão retidos» (João XX: 19-23).

«D'isto segue-se necessariamente a conclusão de que estas palavras não foram dirigidas exclusivamente aos Apostolos como representantes do ministerio da Igreja, mas tambem a todos os outros discipulos ou crentes que se achavam presentes, conferindo assim a todos, aos Apostolos e aos discipulos — tanto aos leigos como ao clero — o mesmo poder ou privilegio qualquer elle seja».

Eis pois a objecção do autor. Respondo, que embora eu não possa nem queira negar, que os successos referidos em Lu-

cas XXIV dizem respeito ao discipulos no sentido litteral, isto é, aos onze Apostolos e aos que estavam com elles, de todo não posso e nem quero conceder, que os successos referidos em João XX: 19-23 também lhes digam respeito. A razão é clara: pois 1.º S. Lucas no logar citado de todo não falla no poder de reter ou perdoar os peccados, de que falla S. João. E' certo que Jesus o deu naquella tarde; mas *como S. Lucas não falla delle, não podemos saber se no momento em que Jesus o deu, os discipulos ainda estavam presentes ou já se tinham retirado*; assim como muitos interpretes asseveram do apostolo Thomé, que primeiro tinha estado com os Apostolos mais depois se retirou, e por isto o Evangelho de Lucas nada prova nem pró nem contra: com outras palavras, *é impossivel saber pelo Evangelho de S. Lucas se o poder, de que falla S. João, foi dado só aos Apostolos, ou, juntamente com os Apostolos, também a outros*.

2.º S. João diz assaz claramente, que este poder foi dado só aos Apostolos, pois embora empregue o termo «discipulo», esta palavra deve ser tomada no *sentido limitado* de Apostolo, e porque elle substitue muitas vezes a palavra Apostolo pela de discipulo, e porque fallando do poder, que Jesus então communicou a seus discipulos, diz no verso 24: «*Porem Thomé um dos doze que se chama Didymo, não estava com elles isto é com os Apostolos quando veio Jesus, sem accrescentar «e com os mais»*», e porque tem sido sempre explicado neste sentido não somente pela Igreja Catholica, Apostolica, Romana, mas também por todas as igrejas hereticas ou schismaticas dos gregos e dos orientaes, donde se prova a origem Apostolica desta crença, e pela maioria dos protestantes modernos.

Fica pois provado, que o autor de novo errou na explicação dos textos de S. Matheus e S. João, e que o poder de perdoar ou reter os peccados foi dado por Jesus Christo *somente aos Apostolos* e não a outros.

Mas o autor confiado na força de seu argumento e julgando ter provado d'um modo irrespondivel (vimos como?) que o poder dado por Jesus (João XX. 23) pertence tanto aos ministros da Igreja como aos leigos, se faz uma objecção a qual vae responder: «Para isto não ha nem póde haver resposta, a não ser a objecção de que é impossivel, ou ao menos improvavel, que o poder de absolvição fosse concedido aos leigos, pois que é uma funcção especialmente ecclesiastica ou clerical, e portanto não póde pertencer a toda a corporação dos fieis».

A resposta, continua em seguida, que deve dar-se a isto, «é obvia ou pelo menos assim me tem parecido sempre; e, por tal motivo sempre tenho respondido a esta objecção dizendo, que a opinião de que a absolvição é um acto sacerdotal e de nenhum modo pertencente ao povo, não passa d'uma me-

«ra affirmativa, que não acha apoio algum nas Santas Escri-
 «pturas — affirmativa que teve a sua origem na Igreja Romana
 «e por ella tem sido sustentada — affirmativa que no meio
 «das trevas da superstição e da artimanha clerical da idade
 «média, tinha penetrado em todas as nações religiosas e nos
 «livros theologicos, de modo que nem ainda na epocha da Re-
 «forma se descobriu claramente o seu character, nem inteira-
 «mente foi extirpada da Igreja. O machado deve applicar-se
 «à raiz do mal; a verdade deve declarar-se abertamente: O
 «poder de ligar e desligar, de absolver e reter pertence tanto
 «aos leigos como aos ministros, foi concedido por Jesus Christo
 «a todos os seus discipulos ou por outras palavras, a toda a
 «sua Igreja composta como é, tanto de leigos como de mi-
 «nistros».

Que vos parece, caro leitor? Não é um caso divertido, o
 d'esta raiva louca do sério ministro evangelico? Uma só pala-
 vra basta para derrubar todo este castello, uma só pergunta:
 A quem deu Jesus o poder de absolver? Aos leigos ou aos
 Apostolos? Provamol-o no primeiro artigo e tornámos a proval-o
 com cada refutação das objecções do autor, que Jesus deu es-
 te poder *só aos Apostolos*. Mas se este poder foi dado, só aos
 Apostolos, segue-se claramente que é um poder sacerdotal e
 não laical, que os unicos que podem absolver validamente são
 os padres e não os leigos. E por isso S. Paulo I Cor. IV, diz:
 «Deste modo nos considerem os *homens* como ministros de
 «Christo e dispensadores dos mysterios de Deus. O que con-
 «firma II. Cor: V. 20». E agora fazendo minhas as palavras
 do autor das «*Noites com os Catholicos*» digo por minha vez
 para isto não ha, nem póde haver resposta.

O judicioso leitor comprehende dahi, em que novo erro
 vae cahir o autor, quando baseado em sua falsa interpreta-
 ção dos textos de S. Matheus e S. João, pergunta: «qual
 «será o verdadeiro sentido destas palavras de Nosso Senhor
 «e qual a natureza do poder, que ellas conferem? Vou citar
 suas palavras refutando-as no proprio texto: «A resposta tem
 «necessariamente de consistir n'uma interpretação tal que
 «possa applicar-se tanto aos leigos como aos ministros [E' cla-
 «ro, quando o autor basea-se na falsa interpretação, que Je-
 «sus conferiu o poder de perdoar e reter e aos ministros e aos
 «leigos, não póde dar outra interpretação]. «Parece que ha tres
 «classes de perdão ou absolvição. Primeira: a de um homem
 «que perdoa, como sem duvida tem o poder de fazel-o, as
 «offensas ou injurias de outrem contra sua pessoa. Todo o
 «homem, seja leigo seja ministro tem este poder». [Sim, mas
 «*não pelos textos* de S. Matheus e S. João, mas porque tem o
 «livre arbitrio; e não somente póde, mas deve por *preceito di-
 «vino* perdoar]. «Segunda: no caso de uma offensa ou aggrave-

« feita a uma corporação, como por exemplo a uma sociedade ou
 « a uma Igreja: claro é, que a tal corporação pôde perdoar
 « a offensa ou aggravo que soffreu ». [Sim, mas repito-o *não*
pelos textos de S. Matheus e S. João, mas porque tem o *liere*
arbitrio e está obrigada a perdoar]. « Neste caso a corporação
 « ou igreja pôde commissionar um ou mais de seus membros
 « para communicar o perdão ao offensor. O ministro ou minis-
 « tros são pessoas muito proprias para desempenhar tal com-
 « missão e desta maneira podem absolver ao offensor em no-
 « me de todo o corpo da Igreja [perdoar o peccado? tirar a
 mancha da culpa? não, isto não podem, este é o privilegio
 exclusivo dos padres catholicos e não de ministros de qual-
 quer outra igreja ou seita: perdoar, isto é, esquecer-se da of-
 fensa, não tirar vingança della, entrar de novo em relações de
 amizade: sim] « é claro porem que o fazem como represen-
 « tantes dos leigos e não como *delegados de Deus*, a sua aucto-
 « ridade ou poder dimana *da Igreja e não de Deus* » [da igreja
 como instituição humana, sim: da igreja como instituição
 divina investida por Jesus do poder de delegar os ministros
 para este fim, não, isto é o privilegio exclusivo da Igreja Ca-
 tholica, Apostolica, Romana].

« Terceira: quando um homem declara e pronuncia o per-
 « dão concedido por outrem, como, por exemplo, quando pro-
 « clama o perdão de Deus ao peccador arrependido. E' evidente
 « que isto pôde ser feito tanto por um leigo como por um mi-
 « nistro » [quando receberam missão para isto, sim; quando não
 receberam esta missão, não]: « mas, não é menos evidente, que
 « este se acha authorisado para fazel-o, aquelle não » [quando
 recebe missão divina para isto, como, por exemplo, os padres
 catholicos, sim; quando não recebem missão divina para isto,
 como, por exemplo, os ministros protestantes, não]. « O crimi-
 « noso, que está debaixo da sentença de morte, pôde ser per-
 « doado por graça de seu soberano, e qualquer homem, que
 « tenha entrado no lugar onde está o criminoso, pôde dar-lhe
 « parte de seu perdão: mas um empregado é o agente com-
 « missionado para fazel-o, e, portanto, o criminoso sómente se
 « satisfaz com a declaração d'este » [muito bem, mas estas pa-
 lavras não podem provar as que agora vão seguir]. « O mesmo
 « acontece com a proclamação do Evangelho, qualquer homem
 « pôde proclamar ao peccador, mas o ministro [isto é, ministro
 authorisado, um padre catholico, sim; mas não um ministro pro-
 testante, que não passa de leigo, sem poder algum], « a pôde
 « proclamar » [e não sómente proclamar, mas *dar* este perdão
 pelo poder que Jesus lhe conferiu: Math. XVIII. 18. João, XX. 20],
 « mas o ministro » [padre catholico, sim; ministro protestante,
 não] « é o nomeado especialmente » [unicamente] « para fazel-o.
 « Em todo caso, é sómente Deus quem pôde perdoar; o minis-

«tro nada mais faz do que declarar e pronunciar o perdão» [erro gravissimo, sr. autor das *Noites com os Romanistas*: Deus perdoo e o padre catholico perdoo tambem pelo poder, do qual foi investido por Jesus Christo, como provam os textos de S. Matheus e S. João; logo, o padre *não declara, não pronuncia o perdão, mas dá o perdão*; a absolvição do padre é tão effizaz como a de Jesus Christo].

E agora para provar seu erro, que os padres não podem senão *declarar que os peccados são perdoados ao peccador*, e não têm poder algum para *perdoar em virtude da sua jurisdicção* os peccados ao peccador, o autor sustenta, que Nosso Senhor pronunciando as palavras «aos que vós perdoardes os peccados, e ser-lhes-hão perdoados, e aos que vós os retiverdes ser-lhes-hão retidos», fazia allusão á pratica dos sacerdotes do Antigo Testamento, os quaes *não tiraram* a lepra corporal, imagem da lepra espirital, isto é, do peccado, *mas só declararam*, que o doente estava *infeccionado* ou *curado* da lepra, allegando muitos textos, como, por exemplo: Lev. XXIII: 2-6; 11-13; 20; 37; 43, e dizendo que o poder de *perdoar* os peccados pertence só a Deus

Respondo: 1.^a nego a força do argumento tirado da analogia entre os sacerdotes da Antiga e os da Nova Lei neste particular. Trata-se de assumptos inteiramente differentes: uma cousa é a lepra corporal, outra a lepra espirital. Ou se o autor quer por força vêr nisto certa analogia, digo, que sendo o sacerdocio da Nova lei tão superior ao da Antiga, aquelle deve têr poder mui superior a este. Dahi as expressões dos SS. Padres, que exaltando o sacerdocio catholico acima do mosaico, dizem que este *declara* o homem limpo da lepra corporal e aquelle *tira* a lepra espirital do peccado. 2.^a que *nos textos do Antigo Testamento* lê-se com expressas palavras, que os sacerdotes da Antiga lei *declararam* o doente infeccionado ou curado da lepra: e se na antiga versão grega dos setenta se lê em um lugar, que o sacerdote *não declara* que o homem é immundo, mas *o contamina*; e que *não declara* que o homem é limpo, mas *sim que o limpa*; e se este modo de fallar é conservado uma ou outra vez na Vulgata latina estas expressões devem ser explicadas segundo a multidão dos outros textos claros que fallam sempre em *declarar* contaminado, em *declarar* limpo: mas que *nos textos do Novo Testamento* se lê com expressas palavras, que os ministros e sacerdotes da Nova Lei *perdoam* ou *retêm* o peccado. Na verdade, Jesus não disse em Matth. XVIII: 18, tudo o que vos *declarardes* ligado na terra será tambem ligado no céo, tudo o que vos *declarardes* desligado na terra será tambem desligado no céo; mas tudo o que *vós ligardes*,... tudo o que *vós desligardes*, etc.; nem em João XX: 23, aos que vós *declarardes* perdoados os

peccados, ser-lhes-hão perdoados; aos que vós *declarardes* retidos os peccados, ser-lhes-hão retidos; mas aos que vós *perdoardes os peccados....* aos que vós *retirerdes os peccados...*

E esta doutrina foi e ainda sempre é a da Igreja Catholica, Apostolica, Romana e de todos os herejes ou schismaticos até chegar o protestantismo, o qual sendo especialmente negação de toda a religião, procurou também negar esta verdade, porém debalde, como provei claramente.

Por isso um exame desapassionado de Math. XVIII: 18 e João XX: 23 prova claramente, que estes textos *não* devem explicar-se segundo os principios da lei levitica: segue-se dahi a futilidade da objecção do autor.

E quanto á sua asserção, que só Deus tem o poder de perdoar ou reter os peccados, respondo: sim; mas elle póde communicar este poder a outros como de facto o fez; communicando-o aos Apostolos, Math. XVIII: 18, João, XX: 23. E com isto julgo ter respondido peremptoriamente ás objecções do autor e provado claramente *que Nosso Senhor Jesus Christo deu sómente a seus Apostolos*, e não tanto aos ministros da Igreja como aos leigos, *o poder de perdoar e reter os peccados em Math. XVIII: 18 e João, XX: 23.* Terminando este argumento eu podia ainda refutar as palavras do autor: «sustento que todo o homem tanto secular como ministro tem autoridade para proclamar o Evangelho e prégear e Christo», mas estou afflicto para refutar as outras objecções do autor contra a confissão, e por isso faço só o pergunta seguinte: *a quem* foram dirigidas as palavras de Jesus: «Ide e prégai o Evangelho a toda a creatura? (Math. XXVIII: 19. Marc. XVI: 15) Aos leigos, ou aos Apostolos?» E' claro, *aos Apostolos.* Donde então o autor deriva este poder para os leigos?

Mas eis outra objecção, á qual também responderei na mesma citação: «Uma grande» [notai bem: grande] «objecção a todo o systema da confissão auricular e da absolvição «sacerdotal é a de ser elle incompativel com a pureza da «justiça divina». [O autor é atrevido; mais, é blasphemo, exproba a Deus, o qual, como provamos, instituiu o confissão, de ter derogado á sua justiça divina.] «Para que esta seja «pura, deve ser administrada com discernimento e de um modo imparcial; portanto, não ha nada mais justo do que Deus «conservar-a em suas proprias mãos» [e nada mais misericordioso do que Deus confial-a a outras]. «E' Deus mesmo, «quem prova o peccador; é Deus mesmo, que tem a balança; é Deus, quem tem a espada da justiça e o sceptro de «misericordia» [por natureza e direito proprio, sim; mas nada impede d'Elle o communicar por uma condescendencia misericordiosa a outros]. «Assim segundo os nossos principios «protestantes tudo de accordo». [Nada vae de accordo, pois

estes principios negam o que Deus diz ter feito: communicado seu poder a outros].

« Tudo porém é o contrario na Igreja Romana » [contrario ao protestantismo, sim; contrario á doutrina de Jesus Christo, não,] « porque no meio da cegueira do homem caído, no meio do juizo ennuclado do homem miseravel, no meio das parcialidades, preoccupações e corrupção da natureza humana, não pôde haver segurança para a boa e exacta administração da justiça divina » [pôde: o facto da Igreja Catholica tel-a administrado durante XX seculos comprova-o] « e seria inteiramente incompativel com a equidade de Deus delegar a uma creatura decaída, como é o homem um poder que exige para sua justa applicação, a perfeição e a consciencia e a pureza divina » [não é incompativel com a equidade de Deus tal delegação, pois Deus deu esta delegação: vêde Math. XVIII: 18; João XX: 23, explicados neste artigo; por consequente tal delegação tambem não exige esta pureza divina]. « O homem não pôde ser capaz de julgar dos destinos eternos de seus semelhantes » [pôde: vêde por exemplo I Cor. V: 5, e seja o tal *entregue a Satanaz* para a mortificação da carne, *afim* de que a sua alma *seja salva* no dia de Nosso Senhor Jesus Christo]. « Para que possam crêr, pois que Deus delegou semelhante poder a uma classe ou especie de homens, é evidente » [concordo plenamente com o autor] « que tenhamos necessidade de uma prova peremptoria, inequivoca e terminante desse facto, e tal prova não existe » [existe; todo esse artigo é a prova deste poder dado em Math. XVIII: 18 e João XX: 23].

« Succede, pelo contrario, que de antemão podemos arguir que tal poder é impossivel e que é inteiramente incompativel com a magestade de Deus » [já provei mil vezes o contrario — mas ouçamos o argumento do autor], « porque qual é o attributo mais amavel e glorioso da natureza divina do que o de perdoar os peccados? Qual é a joia mais resplandescente e preciosa da coroa do Eterno do que o perdão dos peccados? E é possivel pensar-se por um momento sequer, que Jehovah tivesse posto nas mãos dos homens aquillo, que é a gloria da sua natureza e a joia do seu diadema, que se tivesse despojado do attributo mais nobre da sua divindade e delegado aos homens o sceptro da sua misericordia? » [Sim é possivel; pois Jehovah fez muito mais, Elle entregou *seu proprio Filho* por nós todos e dando-nol-o não nos deu tambem com elle *todas* as cousas? Rom. VIII: 32. E o proprio Filho se nos deu por inteiro no presepio de Belem, na cruz de Jerusalem e na Sagrada Communhão]. « Cre-mos muito pelo contrario, que Deus têm reservado para si todos os seus attributos essenciaes » [não se privou delles

sim; mas conservando-os, communicou-os tambem a outros]
 « Elle é omnisciente, omnipotente, e omnipresente e a nin-
 « guem tem delegado sua omniscencia, omnipotencia e omni-
 « presenca » [em sua totalidade, concedo; por parte, nego; pois
 o Papa em certos casos determinados é infallivel; o padre
 ao altar consagra, isto é, converte o pão e o vinho no corpo
 e sangue de Jesus Christo; os santos de vez em quando tive-
 ram o dom de bilocação] « pois que de outro modo teria dei-
 « xado de ser o unico omnipotente, omnisciente, omnipre-
 « sente » [menos no sentido agora mesmo explicado por mim].

« O mesmo acontece a respeito do perdão dos peccados;
 « mesmo porque delegar este poder á creatura seria pô-la no
 « mesmo pé de igualdade com o Creador » [é mesmo, no sen-
 « tido explicado]. « Elle não poudé [não poudé? é falso, elle
 não o fez: sim] « offerecer o perdão ao homem decahido, sem
 « que tivesse dado seu proprio Filho para expiar os peccados do
 « homem. Nosso perdão custou ao Senhor Jesus as glorias do
 « céu que deixou; os soffrimentos da terra a que baixou: a
 « humilhação da carne, de que se vestiu; a agonia e o suor
 « de sangue; a excessiva mortal tristeza da sua alma; a morte
 « lenta e terrivel na cruz; custou-lhe agonias indiziveis, por
 « que foram infinitas como os peccados de que se carregou e
 « a justiça que satisfez. Não é possivel pois, que Deus tenha
 « confiada ás mãos impuras e aos juizos perversos de pecca-
 « dores como somos » [o autor é habil pintor, um fundo muito
 negro realça, faz melhor sobressahir a pintura,] « aquelle joia,
 « a mais brilhante de seu diadema — esse precioso thesouro,
 « cujo preço foi o sangue de seu proprio Filho » [já respondi
 « á chamada impossibilidade], Deus não delegou ao homem
 « o poder de perdoar assim como não lhe deu o de crear [o
 poder de perdoar não presuppõe o de crear; além disto o mes-
 mo padre, que assentado no confessorario perdoa, n'um certo
 sentido cria quando está ao altar] « os padres e os ministros
 « da religião teriam tanto direito de pretender possuir a divina pre-
 « rogativa de crear como o que têm em pretender possuir
 « a prerogativa divina de perdoar ».

« Não faria maior offensa á gloria do Creador aquelle que,
 « homem mortal e decahido, ou anjo puro e immortal, preten-
 « desse ter o poder divino de crear, do que faz aquelle, que
 « pretende ter o poder divino de perdoar peccados » [já
 respondi agora mesmo].

E depois desta resposta á citada passagem do autor, cheia
 de falsidades, inverdades e sophismas, passo a outra objecção,
 na qual elle patenteia todo o seu odio de sectario contra a
 Igreja Catholica, Apostolica, Romana.

« Um dia, diz o autor, discuti este ponto com um padre
 « Catholico, Romano em presenca de uns vinte correligionarios

« seus, os quaes o tinham trazido consigo para que susten-
 « tasse contra mim o poder da absolvição, que elle preten-
 « dia possuir ». Antes porém de continuar as palavras do autor,
 quero fazer uma observação geral, que diz respeito tanto a
 tudo o que o autor escreveu até agora como a quanto ainda
 escreverá ao depois em sua obra *Noites com os Romanistas*.
 O autor se nos apresenta sempre a si mesmo como empenhado
 em contenda religiosa com qualquer membro da Igreja Catholi-
 ca, Apostolica, Romana, ou com um dos seus padres. Daquellas
 luctas o autor sempre sae vencedor, coberto de gloria, deixan-
 do seu adversario cheio de confusão e esmagado sob o peso
 dos seus argumentos. Ora, deixo ao juizo de meus leitores de-
 cidir de que natureza devem ser estas victorias do autor: acho
 que não porão duvida em concordar commigo dizendo que elle
 possui uma imaginação prodigiosa quando está fallando em
 victorias, que sempre acabam com uma derrota total. Dito isto
 vou continuar suas palavras: « Nessa occasião tirei o meu ar-
 « gumento do terreno de factos que eu sabia: e disse, que um
 « Deus de misericórdia e bondade nunca concederia aos ho-
 « mens uma faculdade tão prejudicial á moral e tão adequada
 « a fomentar o peccado ».

E agora formula em termos, que bem mostram o seu es-
 pírito apaixonado de partido, tres objecções. Vou reproduzir
 suas palavras: « Quando os homens crêm, que os sacerdotes
 « têm a faculdade de perdoar os peccados, tornam-se seus hu-
 « mildes escravos. As Escripturas Sagradas ensinam-nos; e tanto
 « a historia como a experiencia o confirmam, que os homens
 « estão sempre dispostos a fazer os maiores sacrificios pecunia-
 « rios, chegando até a offerecer o valor de seu corpo, para
 « livrar-se do peccado de sua alma; e, assim que chegam a
 « crêr, que os sacerdotes têm poder de perdoar, são capazes
 « de se tornarem escravos d'estes e de pôr em poder d'elles
 « todos os seus haveres, afim de comprarem o perdão de seus
 « peccados — e isto sem se terem ainda arrependido. O liber-
 « tino mais entregue a seus excessos, o assassino, o homicida,
 « o ladrão, todos podem alcançar o perdão, comtanto que pos-
 « sam satisfazer ao padre: o que, em razão da depravação
 « humana, não é muito difficil para os que têm meios. O rico
 « só tem que escolher um confessor servil, indulgente ou las-
 « civo, e então, intimidando o sacerdote servil, comprando o
 « pobre, adulando o indulgente, alimentando a ambição do am-
 « bicioso, e dissimulando a absolvição de seus peccados, não
 « lhe custará trabalho algum. A historia e a experiencia huma-
 « na são testemunhas d'isto. Debaixo d'este conceito, o proprio
 « paganismo não póde ser peor nem mesmo tão mau ».

Respondo: que esta objecção é propria de hypocritas, que
 gratuita e acintosamente perseguem, injuriam, ultrajam e ca-

lumniam a Jesus Christo e sua Igreja, e podem applicar-se-lhe as palavras da Escriptura Sagrada «mentita est iniquitas sibi», que a iniquidade (do autor) mentiu aqui em seu proprio damno. Pois nesta mesma passagem, onde principia com dizer, que os *penitentes* se tornam os humildes escravos *do confessor*, elle sustenta que o *rico* domina ao «*confessor*» e d'elle faz seu escravo humilde, e que o libertino mais entregue a seus excessos, o assassino, o homicida, o ladrão, todos podem alcançar o perdão, na tanto que possam satisfazer ao padre», não reparando na contradicção formal em que cahê consigo mesmo, pois se todos esses malvados podem alcançar do padre o perdão de seus peccados é só porque em vez de serem escravizados por elle, têm a habilidade de o tornar o seu escravo e forçal-o a praticar um acto que a lei de Deus lhe prohibe. Conclui d'ahi, caros leitores, quão falsas são as palavras que seguem e constituem a segunda objecção do autor. «Até aqui nada tenho dito « acerca das tentações que estão necessaria e estreitamente ligadas ao confessorio. E' bem sabido que quando um homem descobre de qualquer modo os segredos do coração de « uma mulher — os segredos de seus peccados, ou de um crime, ou de seus pensamentos impios, — esse homem a tem desde « então em seu poder. O uso que póde fazer d'este poder é « uma questão á parte, porém o facto é que a tem em seu poder e que póde fazer d'este poder o mais nefando uso », etc. etc... pois repugna-me transcrever suas palavras.

Só digo que é uma mentira, uma vil calumnia, inventada pelo demonio, e por elle mesmo inspirada a padres apostatas como por exemplo ao ex-padre Chiniquy, ou a inimigos da verdadeira Religião, como por exemplo, ao autor das *Noites com os Romanistas* sustentar, que pela manifestação da consciencia o padre alcança poder em seu penitente e que a confissão se torna tanto para o confessor como para seu penitente fonte de tentações, e causa de quedas. Sim, sel-o-hia para os ministros protestantes quer solteiros, quer casados, os quaes sem vocação divina e sem o auxilio da graça divina, e sem terem aprendido desde meninos a refrear suas paixões desordenadas, se atrevessem a exercer este ministerio tão santo; mas não o é para o padre, que assentado no confessorio e ouvindo a manifestação das consciencias de outros, já por sua educação especial desde a mocidade, mais religioso, mais casto, mais recolhido do que outros, exerce seu santo ministerio por delegação especial de Deus e por isso póde contar de antemão com a graça especial de Deus. Por conseguinte, não ha lugar para esta vil insinuação do autor, no padre assentado no confessorio. E sem negar que tenha havido no passado e talvez ainda haja hoje entre tantos milhares de confessores, como entre os apóstolos, um desgraçado Judas, que esqueceu sua alta vocação, isto não

prova nada contra a própria confissão, mas *só contra o miseravel que della abusa*. Ou deve-se reprovar a arte de medicina e a pratica das senhoras (solteiras ou casadas), em suas doencas consultarem o medico (solteiro ou casado), porque têm havido e infelizmente ainda ha medicos que abusam da confiança que as pobres doentes põem nelles? Percorrei, digo com o frei Celestino, todos os ramos da actividade humana e dizei-me se não encontraes abusos em toda a parte? Porque ha negociantes infieis aos seus tratos, conclus por isso que o commercio é máu e que se deve acabar com elle?

Porque tem havido, ha e haverá sempre magistrados corruptos, indignos, infieis a seus sacrosantos deveres conclus vós que a jurisprudencia é má e que se deve por isso mesmo supprimir os tribunaes, que são a garantia de todo o direito? Por isso que ha ladrões de mão cheia e adulteros e homicidas podeis vós assentar que as leis divina e humana são uma impostura, uma cousa immoral? Eis ahi a improcedencia do raciocínio, do autor das *Noites com os Romanistas*; era a instituição divina da confissão, que devia atacar de frente erguida e destruir totalmente com argumentos irrefutaveis. Mas este divino Sacramento é um osso duro, que sempre embotou e quebrou os dentes envenenados da heresia. O autor não tem dentes para roel-o e por isso dá por páos e por pedras e em falta de melhores argumentos, allega perigos phantasticos excogitados por sua imaginação sobreexitada de partidario da heresia, perigos que, geralmente fallando, de todo não existem e mesmo quando existam, não provam nada contra a confissão, porque neste caso são abusos sacrilegos, que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana não approva, não louva, mas abomina, e fulmina com os raios tremendos das mais rigorosas penas canonicas. E por isso, toda esta pretensa immoralidade da confissão é um verdadeiro paradoxo, um erro deploravel ou melhor uma vil calunnia refutada até por eminentes escriptores protestantes e pelos proprios inimigos da Igreja Catholica, Apostolica, Romana. O celebre philosopho protestante Leibnitz dizia, que este Sacramento foi um grande beneficio que o Senhor conferiu á humanidade. O impio Rousseau, apezar de seu odio religioso, não podia deixar de reconhecer a utilidade da confissão e exclamar: quantas restituções, quantas reparações não tem produzido a confissão entre os catholicos! O zombador Voltaire, que tanto havia escarnecido a confissão, exigia e ordenava que seus criados se confessassem, para que lhe fossem fieis; e não trepidava em affirmar, que a confissão instituida desde a mais remota antiguidade se deve considerar *como o maior freio da perversidade e o melhor meio para abrandar os corações degenerados*. Ha mais: a primeira vez, que estava para morrer, mandou buscar um padre para se confessar e quan-

do em outro perigo de morte, ao qual succumbiu, a seu pedido ímpios e incredulos que cercavam seu leito de morte, não quiseram chamar um padre para ouvir-o de confissão, o ímpio encarnecedor da confissão morreu como um desesperado por esta falta de confissão. E quantos outros incredulos e tambem quantos protestantes têm admirado invejados, a instituição da confissão, precisamente para a reforma dos costumes.

E' geralmente sabido, por exemplo, o facto historico : que habitantes d'uma cidade allemã os quaes, tornando-se protestantes, abrogaram a Confissão auricular, espantados pelas más consequencias da falta da confissão, pediram a Carlos V, que lh'a restituísse. O mesmo pedido fez o *Reichsbote*, órgão do partido protestante allemão, em 1901: « Do que nossa igreja » ja (escreve o dito jornal) precisa como do pão de todos os » dias, é da *restauração da confissão auricular*. Quem tiver » atraz de si uma longa carreira pastoral, saberá ser a nossa » igreja cheia de gente, que *precisa da confissão e suspira por ella*. Não somente os assassinos e os perjuros adquirem a » paz da consciencia pelo unico meio da confissão feita ao » homem, mas milhares de entes humanos perseguidos por seus » actos passados como por um phantasma, quizeram apagar » á força de lagrimas e com seu proprio sangue as manchas » que contaminam o livro da sua vida; porem sua consciencia permanece ferida e a sua alma enferma; falta-lhes » uma palavra de perdão, o perdão divino transmittido pessoalmente ao peccador por meio de labios humanos ».

Mas basta: provei claramente que estas duas objecções do autor, bem como a ultima, que consiste em fazer do padre o confidente solteiro da mulher casada, que pode profanar o santuario inviolavel da familia, não passam de vis calumnias, que servem tão somente para mostrar, não a immoralidade da confissão, *mas a immoralidade do protestantismo que anima seus adeptos de sentimentos tão baixos, de suspeitas tão falsas, de julgamentos tão vergonhosos*. E dito isto vou ainda, antes de concluir, fazer umas observações:

1.^a Se o autor acha subtilezas, como a do exemplo de Judas narrado na pag. 138, improprias em materia desta ordem, porque então elle as refere podendo deixal-as sem prejuizo algum, e as refere com um prazer mal escondido, fazendo sobresahir a circumstancia de Judas procurar os padres para confessar-se sem se esquecer de levar o dinheiro ao sacerdote? Que duplicidade! que hypocrisia! reprovar com a bocca o que se approva dentro do coração! Será biblico este procedimento?

2.^a Que significa tambem esta nota odiosa e mentirosa: « Na Irlanda os sacerdotes exigem certa esportula pela con-

fissão « ? E' sempre o mesmo estribilho : « menti, menti impudentemente, que sempre ha de ficar alguma cousa ».

3.^a Que a confissão a Deus, assim como ella é praticada no protestantismo, e descripta pelo autor, neste capitulo, propriamente não merece o nome de confissão feita a Deus e por isso não pôde produzir como fructo este consolo, esta bemaventurança, esta doce paz de que falla o autor. A razão é porque essa confissão do homem que com termos geraes perante Deus se reconhece peccador, sem accusar-lhe os seus peccados commettidos por pensamentos, desejos, palavras, obras e omissões, segundo a sua especie, o seu numero e as circumstancias que mudam a especie, não é o meio, como quer que o seja o autor, « para patentear a Deus toda a sua alma, « abrir-lhe o seu coração e descarregal-o de todo o pezar ao « ouvido d'Aquelle, que tem os olhos postos sobre os justos, os « ouvidos abertos ás suas orações ».

Não ; sómente do catholico que para satisfazer ao preceito da confissão examina, ao ter de chegar-se aos pés do confessor, seu coração e desce ás suas dobras mais escondidas, percorrendo um por um os mandamentos da lei de Deus e da Igreja e os varios deveres de seu estado, para indagar quantas vezes tem peccado por pensamentos, desejos, palavras, obras e omissões contra qualquer delles, — delle sim pôde-se dizer com toda a verdade, que humilhando-se ao depois desses peccados perante Deus e excitando-se a arrepender-se delles, « patenteia a Deus toda a sua alma, que lhe abre seu coração e o descarrega de todo o pezar ao ouvido d'Aquelle « que têm os olhos postos sobre os justos e os ouvidos abertos ás suas orações ».

Mas isto não é applicavel á confissão protestante, de que falla o autor, e por isso a alegria, o socego do coração, a paz da alma, a bemaventurança, o antegoso do céu pela certeza do perdão, é a parte dos catholicos e não dos protestantes. Eu, portanto, não admitto o que sustenta o autor, quando assevera que *os protestantes se confessam a Deus* : pôde ser que alguns protestantes, que são de boa fé, e além d'isto verdadeiramente religiosos, o façam : a maioria em todo o caso não o faz ; e quanto ao testemunho que o autor dá do mesmo, dizendo que elle nem por coisa alguma do mundo deixaria o privilegio de confessar os seus peccados, que os denunciava publica e particularmente — passe em silencio, porque não quero tornar me odioso fazendo certos commentarios muito acertados.

4.^a Que o autor fazendo dizer a seu interlocutor, que quando a confissão é feita por este modo (isto é, *recitando-se antes de principiar-se a accusação dos peccados, o confiteor*), fica debaixo de sigillo, e que o sacerdote não pôde revelal-a, mas que *quando não é feita assim*, o sacerdote não fica obri-

gado a guardar o sigillo sacramental: — lhe faz dizer (talvez propositalmente, para afastar os catholicos da confissão) uma grande asneira, um gravissimo erro theologico: pois *toda a confissão sacramental feita ao padre, quer seja precedida quer não precedida do confiteor obriga-o ao sigillo*. Principiar-se a confissão das culpas pela recitação do confiteor é costume muito louvavel, porque é acto de humildade: mas não é obrigação. Pode-se tanto rezal-o como deixal-o: e quando a affluencia de penitentes é muito grande e os confessores são poucos, é mesmo melhor deixal-o para ganhar tempo.

5.^a Que não ha lugar para os reparos que faz o autor sobre a resa que se chama «Confiteor», ou como nós costumamos dizer a confissão geral: «Eu peccador, etc.»

Diz elle: « Nesta formula de confissão ha alguma coisa ainda » de maior importancia. Contém uma confissão do peccado, feita » a Deus e aos Santos, como se não houvesse differença alguma entre elles, e como se o peccado fosse commettido tanto » contra os santos como contra Deus! E em seguida ha uma » oração dirigida aos santos (não a Deus, mas *sómente* aos » santos), para que roguem a Deus pelo penitente! E, sobre- » tudo, não ha oração alguma dirigida a Deus, nem se men- » ciona o nome de Jesus Christo, por quem *sómente* podemos » alcançar o perdão de nossos peccados, e nem sequer se fal- » la do Espirito Santo, por quem *sómente* podemos ser santi- » ficados. Ha uma falta completa de tudo o que distingue o » Christianismo ».

Respondo: de tudo quanto distingue o protestantismo, o qual, como provei, não é o verdadeiro Christianismo, — concedo: de tudo quanto distingue o verdadeiro Christianismo, *o qual é só o Catholicismo*, — nego.

Pois esta confissão geral se faz antes de tudo a Deus: « Eu, peccador, me confesso a Deus Todo-Poderoso ». O peccador na consciencia da sua culpabilidade, se representa Deus, um em essencia e trino em pessoas, assentado em seu throno real, rodeado de seus Anjos e Santos. Logo não exclue da sua confissão nem ao Filho nem ao Espirito Santo: a palavra Deus Todo Poderoso inclue tanto o Filho e o Espirito Santo, como o Padre. A este Deus só, fãõ offendido por seus peccados, elle confessa ter peccado por pensamentos, palavras e obras, e ao mesmo tempo dirigindo-se aos anjos e santos, que estão presentes e a seu proprio confessor, o qual para elle é o logar-tenente de Deus, elle os toma *por testemunhas da sua humilde confissão e lhes pede que, compadecidos á vista da sua desgraça, intercedam por elle e lhe alcancem perdão*. E d'este modo o penitente resando o confiteor, faz grande differença entre Deus e os santos: não confessa que o seu peccado foi commettido tanto contra os santos como contra Deus, embora se pudesse dizer

muito bem, que todo peccado contra Deus seja ao menos indirectamente tambem uma injuria aos santos, seus intimos amigos. Tem pois o penitente de se dirigir aos anjos e santos, para rogar-lhes que intercedam por elle; até não pode dirigir-se a outros, se procura intercessores perto de Deus; e d'este modo desvanee-se toda a objecção do autor das *Noites com os Romanistas*.

E dito isto, ponho fim a este capitulo, pedindo a Deus muito de coração, que pela intercessão dos Anjos e Santos do céu, illumine o entendimento do autor e fortaleça sua vontade, para que reconhecendo a necessidade da confissão auricular para a salvação do peccador, deixe de impugnal-a, resolva a confessar-se não sómente a Deus mas tambem ao padre, e d'este modo alcance a graça de Deus, a paz, a alegria da alma nesta vida e a eterna bemaventurança na outra. (*)



(*) Aos ministros protestantes que pretendem ganhar um dinheirão, offerece-se uma occasião esplendida. Como ultimamente (no anno de 1901), os protestantes da Allemanha, tivessem aberto uma campanha, posto que desastrado, contra a instituição divina da confissão, um commerciante catholico de Aquigrana, depositou a quantia de 15.000 marcos n'um diário d'aquella cidade, pagavel a qualquer ministro protestante, que provasse que o Sacramento da Penitencia não é instituido por Jesus Christo. Aos emissarios methodistas, anabaptistas, protestantes, etc., que tanto infestam nosso paiz, apresenta-se occasião magnifica de ganhar de pancada bom pedaço de dinheiro. Pena é que nunca chegaram a cumprir a condição.



CAPITULO VII

O USO D'UMA LINGUA DESCONHECIDA NO CULTO PUBLICO

Principia, o autor das *Noites com os Romanistas*, seu capitulo sobre o uso d'uma lingua desconhecida no culto publico, propondo outra vez sua chamada incoherencia fatal da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, que prohibindo a seus filhos a leitura da Biblia, porque diz que ella é difficil de comprehender, ao mesmo tempo os obriga sob peccado mortal a assistirem á Missa, que se celebra n'uma lingua da qual nada entendem.

A esta objecção, já respondi no meu primeiro capitulo: «sobre a leitura das Escripturas» (Cap. I. pags. 34 e 35), provando claramente que nisto não ha incoherencia alguma: 1.º. Porque não é verdade, como alli deixei explicado, que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, prohibe a seus filhos a leitura da Biblia; pois mesmo a leitura das traducções da Biblia, em lingua vulgar, é permittida por ella a todos os catholicos, á condição que usem de traducções acompanhadas de notas explicativas e approvadas por um dos bispos catholicos: condição esta, sabiamente por ella requerida, para preservar seus filhos de lêrem a Biblia falsificada e troncada dos protestantes e methodistas. 2.º. Porque a Missa, embora celebrada n'uma lingua desconhecida, não deixa de ser entendida claramente pelos assistentes, tanto em sua natureza, como em todas as cerimoniaes que a acompanham, mesmo na maior parte das suas palavras, como por exemplo são: Confiteor, Kyrie-eleison, Gloria, Epistola, Evangelho, Offertorio, Prefação, Consagração, Memento dos fallecidos, Padre Nosso, Agnus Dei, Communhão, Benção, Ultimo Evangelho... A razão é que os padres catholicos não se cançam em explicar tudo isto ao povo, e este mesmo povo, na falta de instrucção sacerdotal, ainda poderá aprendel-o nos manuaes de devoção *approvados pelos bispos*, onde ás vezes acham as orações latinas traduzidas em lingua vulgar e explicadas

todas as ceremonias. 3.º. Porque a Missa celebrada em latim e não entendida pelos assistentes, não leva ás tristes consequências, ás quaes leva a leitura d'uma traducção da Biblia em lingua vulgar, sem notas explicativas approvadas por um dos bispos catholicos: pois, ao passo que a Biblia em lingua vulgar e sem notas explicativas approvadas por um dos bispos catholicos leva, por causa da difficuldade de entendel-a, os leitores, ás maiores aberrações tanto na fé como nos costumes (peço ao leitor lêr outra vez, o que a este respeito escrevi no meu primeiro capitulo sobre a leitura das Escripturas), a Missa celebrada n'uma lingua estrangeira e desconhecida, não leva a consequências tão tristes, pois augmenta a fé e a moralidade dos assistentes, como se vê claramente pela differença entre os catholicos que costumam assistir á Missa, e os que costumam falhar a ella; estes quasi sempre são indifferentes em materia de religião e relaxados nos costumes, aquelles fervorosos na religião e muito morigerados.

E, portanto, quando o autor diz, que seu argumento da tal incoherencia fatal, fez muita impressão em varios catholicos que assistiam a reunião, posso garantir-lhe que naquella occasião fallava ou a catholicos que costumavam falhar á Missa, ou a catholicos bôbos, simplorios, patetas, a quem enleiou com seus argumentos capciosos e seus sophismas: um catholico instruido teria encolhido os hombros e continuado seu caminho sem prestar-lhe attenção, ou tel-o-ia esmagado com sua resposta.

Depois deste preambulo o autor entra em acção, vae impugnar o uso d'uma lingua desconhecida na Igreja Catholica, Apostolica, Romana. Seu primeiro argumento é: que ella, servindo-se d'uma lingua desconhecida, renega a sua verdadeira missão, a qual é a de vencer a ignorancia e a indiferença do mundo por meio da instrucção.

Mas é melhor citar suas proprias palavras: « Comecei por dizer que, a meu vêr, a grande missão da Igreja é vencer a ignorancia e a indiferença do mundo por meio da instrucção e do devido ensino da Palavra de Deus, e que, como o vicio e a desmoralisação nascem da natureza corrupta, esta missão estende-se tambem a elevar os homens, fazendo-os superiores ao mundo em que vivem, e a preparal-os para uma vida mais santa e mais pura, apresentando-lhes a luz da religião revelada, ensinando-lhes os verdadeiros principios da moral, e pondo-lhes deante dos olhos as gloriosas promessas do Evangelho de Christo: que, tendo tudo isto por objecto, deve a Igreja empregar toda a sua energia na tarefa de dissipar a ignorancia e as trevas que nos rodeiam, e, evitando tudo o que fôr pouco adequado ou pouco intelligivel para illustrar o entendimento, deve manifestar todas as coisas concernentes ao culto de Deus, do modo o mais claro,

« para instrucção dos ignorantes, edificação dos intelligentes e
 « elevação de todos, realisando assim a verdadeira missão da
 « Igreja de Christo.

« O meu companheiro concordou cordialmente com tu-
 « do isto.

« Em seguida, disse eu, que as igrejas protestantes regu-
 « lam o seu culto publico em conformidade com este principio.
 « As Escripturas Sagradas são lidas publicamente para o en-
 « sino do povo. A' sua leitura juntam-se exhortações, exposi-
 « ções e sermões, com o fim de illustrar e fazer applicação da
 « palavra de Deus. A santa ceia, que representa a morte do
 « Salvador para nossa salvação; o baptismo, que nos lembra,
 « que assim como a agua limpa o corpo, assim o Espirito Santo
 « ha de lavar e limpar a nossa vida interior e exterior de to-
 « das as más inclinações e da mancha do peccado: estes ritos
 « sacramentaes, com todos os hymnos e acções de graças, ora-
 « ções, supplicas e discursos, são celebrados e proferidos na
 « linguagem mais clara e simples, para que todos os ignoran-
 « tes, ouvindo e entendendo, possam ser instruidos e edificados.
 « D'este modo realisa a igreja protestante a missão da igreja,
 « como instructora das nações » [sem contestar que o protes-
 « tantismo faça tudo em lingua vulgar, quero, antes de continuar
 o texto do autor, observar aos catholicos que a Biblia *protes-
 tante* não é a Palavra de Deus mas a do homem; que a S. Eu-
 charistia, que Jesus Christo instituiu, não é a ceia protestante;
 que o baptismo nos limpa do peccado original e de todos os
 mais peccados commettidos antes d'elle mas não nos limpa de
todas as más inclinações/.

« A pratica da Igreja Romana apresenta um contraste no-
 « tavel. Todas as formulas, que usa no baptismo, na Eucharistia
 « e no sacrificio da Missa, e tambem todos os seus hymnos e
 « ritos sacramentaes, são celebrados na lingua latina. A con-
 « sequencia d'isto é, que em seu culto publico, tudo está fóra
 « do alcance da comprehensão do povo e, portanto, não obe-
 « dece á Palavra de Deus e nem edifica ninguém ».

Respondo: 1.^o que estou muito admirado desta conclusão.
 A boa logica exigiu, que o autor concluísse, « e portanto a
 Igreja Romana não cumpre a sua verdadeira missão a saber a
 de vencer a ignorancia e a indifferença do mundo por meio
 da instrucção » e em logar disto conclue: « não obedece á Pa-
 lavra de Deus nem edifica a ninguém. » — Mas, propriamente
 não devia admirar-me; o autor das *Noites com os Romanistas*
 é sophista da primeira ordem, estudou mais a arte de fazer
 sophismas do que a logica, sabe melhor sophisticar do que ra-
 ciocinar; que muito pois que saísse uma destas? Em todo o
 caso, antes de continuar a responder á sua objecção, prometto
 ao autor de provar (elle mesmo apresentar-me-á a occasião para

isto, explicando erradamente as palavras de S. Paulo (I Cor. XIV)], que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana servindo-se da lingua latina *não desobedece á Palavra de Deus e edifica todos, menos os protestantes, methodistas etc.*

2º. Mas tratemos da objecção: Diz o autor, que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana não cumpre sua verdadeira missão; a saber: a de vencer a ignorancia e a indifferença do mundo por meio da instrucção porque na celebração da Missa e em seus ritos Sacramentaes usa d'uma lingua desconhecida.

Pergunto eu, quando é sobretudo que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana instrue e vence a ignorancia e a indifferença do mundo, ensinando a doutrina revelada e excitando o homem a uma vida mais pura mais santa? E' quando celebra a Missa ou administra os Sacramentos? Não; é especialmente quando, cumprindo o mandamento de Jesus Christo, «*ide e prégae o Evangelho a toda a creatura*», explica a Palavra de Deus em suas exposições, seus sermões, suas exhortações; com outras palavras, quando *préga*. Ora, suas *prégações* não se fazem sempre na lingua vulgar? E seus missionarios, que são incomparavelmente mais espalhados pelo mundo do que os protestantes, não aprendem as linguas mais difficeis, mais barbaras, até os varios dialectos para instruir o povo que lhes é confiado? Valeria a pena fazer-se aqui uma comparação *entre o numero* das linguas e dialectos, de que se servem os *missionarios catholicos* em sua *prégação* aos varios povos a quem *prégam* o Evangelho, e o, de que se servem os *ministros protestantes*? O resultado seria esmagador para o protestantismo. Além disto, quem vence a ignorancia e a indifferença do mundo, o protestantismo, que *prégando-lhe* o erro promove a ignorancia e a indifferença e conduz o mundo ao atheismo e á maior corrupção de costumes, ou o Catholicismo, que *prégando-lhe* a verdade, lhe tira a ignorancia religiosa e o excita a uma vida mais pura, mais santa? E mesmo fallando da Missa e dos ritos Sacramentaes feitas n'uma lingua desconhecida — haverá catholico, por pouco instruido que seja, que embora não entenda tudo o que diz o padre, não entenda quanto basta para poder acompanhá-lo em tudo quanto diz e faz, assistir á Missa, ou receber os Sacramentos com grande devoção, com grande proveito da sua alma e poder explicar as mais ordinarias ceremonias do culto? Por consequente, é inteiramente falso o que sustenta o autor.

Mas elle não se dá por vencido e continua: «*Repliquei, que não se pôde duvidar da profunda e ardente devoção de muitos, dos que assistem a esses actos de culto publico, por mais incompreensiveis que sejam*» [para o autor sim; para os catholicos não] «*que eu vivêra muito tempo entre os catholicos romanos e examinára de perto o seu systema e que portanto, tinha tido occasião de notar, que em muitos*

« delles ha sincera devoção e humildade. Disse, porém, que isto mesmo era muito alheio ao seu systema e succedia na minha opinião, a seu despeito. O resultado disso é que os assistentes, não podendo entender a lingua em latim, munem-se de liturgias inteiramente differentes » [peço ao autor me dê uma boa explicação da palavra *liturgia*], compostas em seu proprio idioma. Um tem *O jardim da alma*; outro *A chare do céu*; uns usam a *Lenda do Paraizo*, e outros *O Sagrado Coração*. Cada pessoa mune-se de qualquer livro liturgico ou de devoção » [o autor erra: um não é outro; ha grande differença entre um livro liturgico e um livro de devoção], « que quadra com seu gosto particular, sendo todos elles differentes uns dos outros, e estando de accordo sómente em serem totalmente differentes do officio, que o sacerdote está dizendo. Este estado de coisas é completamente incompativel com a instrucção ou edificação dos ouvintes. Ouvem, mas nada entendem; veem as ceremonias mas não as comprehendem: assistem ao culto mas não tomam parte nelle; e o resultado é, que ignorando inteiramente o que o sacerdote está dizendo no altar, chegou a ser pratica universal tocar uma campainha, afim de avisal-os, quando a hostia está prestes a ser elevada, para que, pros-trando-se a adorem. Assim pois pôde-se dizer que, de todo o officio da missa, só entendem o toque da campainha.

Respondo, que embora o autor assevere ter vivido muito tempo entre catholicos e bem observado o seu systema, elle ou não teve o dom da observação, ou não tem boa memoria: senão teria visto, ou agora se lembraria, que no principio da Missa quando o padre recitando a confissão geral bate tres vezes no peito ás palavras « mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa » em signal da sua indignidade de celebrar um Sacrificio tão augusto, o povo em signal da sua indignidade de assistir a elle faz a mesma cousa: que ao primeiro Evangelho, quando o padre se persigna na testa, na bocca, no peito, para exprimir que crê com a mente, professa com a bocca e ama com o coração a doutrina evangelica, o povo com o mesmo fim imita o que faz o padre; que no fim da prefação quando ao primeiro toque de campainha (o autor não se lembra mais que a campainha se toca tres, quatro vezes na Missa); o padre em união com os Anjos e Santos diz santus, santus, santus, todo o povo o acompanha neste acto; que depois da consagração do pão e do vinho, na qual o povo tambem se uniu ao padre, ao padre nosso do padre o povo não deixa de tomar parte nesta recitação; que ao *Agnus Dei*, e depois ao *Domine non sum dignus*, o povo, batendo-se tres vezes no peito em signal de humildade, repete com o padre as palavras do Centurião: *Senhor não sou digno etc.*; que quando o padre communga

sacramentalmente, o povo o faz espiritualmente: que quando o padre no fim da Missa dá a bênção, todos se ajoelham para receber com fé a bênção sacerdotal: que ao fim da Missa, ao ultimo Evangelho, o povo com o mesmo fim como ao primeiro Evangelho se persigna: etc. etc..

Ora que prova tudo isto? Não somente que o autor não tem o dom da observação, ou não se pôde ufanar da sua memoria, senão também que elle se engana redondamente quando assevera que o povo ouve mas nada entende: que vê as cereimonias mas não as comprehende: que assiste ao culto mas não toma parte nelle e que os assistentes só estão de accordo em serem suas devoções totalmente differentes do officio, que o sacerdote está dizendo.

E quanto aos livros de devoção (não livros *liturgicos* como sem conhecimento de causa escreve o autor, livros liturgicos são só os de que se servem a Igreja ou os *ministros* da Igreja em seu culto publico, como sejam o Ritual, o Missal, o Pontifical, etc.), cada um pôde escolher o que mais quadre com seu gosto particular, porque sendo a Missa o *sacrificio* que em nome de toda a Igreja o padre como ministro de Jesus Christo, offerece com Elle ao Padre Eterno, basta, que o povo assista a elle com espirito de fé e de devoção, unindo-se a elle na mesma fé e adoração, sem que seja preciso para isso pronunciar as mesmas palavras que reza o padre e por isso pôde-se, sem prejuizo algum para o culto, durante a missa rezar o terço, ou outras orações que não sejam as da Missa, dando uma attenção especial às principaes partes da mesma que são: o offertorio, a consagração e a comunhão.

Eis também a causa porque não comprehendo como o autor pôde dizer: «Tenho achado sempre que esta especie de raciocinio nunca deixa de influir em todos aquelles que são susceptiveis de se impressionar por algum argumento»: pois *uma victoria tão facil, alcançada com taes armas, não depõe em favor da mentalidade dos cencidos*. Homens de intelligencia não se deixam tão facilmente enganar por sophisma e por isso nego absolutamente o que dizem, segundo o autor, «os catholicos romanos de intelligencia e educação, que lamentam que tal systema se tenha observado na sua Igreja». Assim também, ao que parece, fallou o companheiro do autor, «acrescentando não obstante que era materia de disciplina e não de fé, e que o Papa pôde em qualquer tempo mudar isto de maneira que todo o culto venha a celebrar-se na lingua vulgar de cada paiz».

Estas palavras dão ao autor das *Noites com os Romanistas* occasião favoravel de mover outra difficuldade, ao uso de uma lingua desconhecida. Citarei suas palavras: «Em contestação disse eu que esta desculpa não fazia mais do que prejudicar a

« questão, porque se tal pratica fosse necessária e inalteravel, não seria mister outra desculpa: mas quando se admitte, que não ha tal necessidade, e que está no poder do pontifice alteral-a, a objecção vem ainda a ser mais terminante contra o systema tão irracional e mau em si, e que, comtudo, pôde reformar-se tão facilmente. [Veremos se assim é na resposta]. Neste ponto do argumento, accrescentei, que o papa não tem direito algum de tornar obrigatoria uma pratica, que não sómente é inutil e má em si, mas que também é directamente opposta ás terminantes declarações da Escriptura Sagrada [concedo: mas a dita pratica não é desta natureza]. E, em seguida abrindo o sagrado volume, li o segundo capitulo dos Actos dos Apostolos desde o primeiro até o undecimo verso. Nesta passagem nos são ministrados os detalhes daquelle maravilhoso acontecimento, que estabeleceu os fundamentos da Igreja Christã a saber: o dom das linguas. Nosso Senhor tinha ordenado a seus Apostolos, que fossem prégar o Evangelho a todas as nações, instruindo-as e baptizando-as: com o fim de preparal-os para esta sagrada missão: o Espirito Santo derramou sobre elles o dom milagroso de poderem endender e fallar todos os idiomas das nações entre as quaes haviam de prégar ensinar e baptizar ».

« A noticia d'este milagre espalhou-se immediatamente e muita gente os ouviu fallar, cada um em sua propria lingua, e estavam todos attonitos, e se admiravam dizendo: « Como os temos ouvido nós fallar cada um em nossa lingua em que nascemos?... todos os temos ouvido fallar nas nossas linguas as maravilhas de Deus ». Este foi o milagre fundamental da Igreja Christã » [Nego-o: o milagre fundamental da Igreja Christã foi a descida do Espirito Santo sobre os Apostolos e não o dom das linguas], « e o facto de que alguma igreja particular ou nacional, como a Romana » [perdoe, sr. autor: a Igreja Romana nem é particular nem é nacional: é Catholica ou Universal], « véda o uso de uma lingua conhecida no culto publico, obriga a que o serviço da Ceia do Senhor » [o dito serviço da Ceia do Senhor os catholicos não o conhecem, conhecem o SS. Sacramento da Eucharistia], « e a administração do Baptismo se celebrem na lingua latina em vez de ser na lingua vulgar do povo, é uma plena e aberta violencia d'este principio fundamental da Igreja Christã » [Não o é, veremos]. Evidentemente, a intenção de Deus foi, que todos os paizes tirassem proveito dos serviços da Igreja de Christo, em seu proprio idioma, e não em uma lingua morta, desconhecida e que não se falla em paiz algum do mundo » [dos serviços da Igreja, isto é, de seu ensino, concedo; e por isso o numero das linguas vivas falladas pelos missionarios catholicos, é incompa-

ravelmente maior do que o das linguas vivas falladas pelos ministros protestantes; *dos serviços da Igreja*, isto é, de *seu culto*, nego; pois então pôde usar d'uma lingua morta, por muitas razões que explicarei mais adiante, sob a condição porém que em lingua vulgar explique o culto; ora, isto a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, sempre faz]. « Porém, em lugar d'isto, é « em aberta contradição com aquella idéa (que claramente « exige não a uniformidade, mas a diversidade das linguas), a « Igreja Romana requer que em todos os paizes, seja na Italia « ou na Hespanha, na França ou na Irlanda, seja entre os « selvagens da Africa, os chins da Asia ou os indios da Ame- « rica, todo o culto principal da Igreja se celebre em latim, « de modo que ninguém possa entender, ninguém tire proveito « e todo o culto externo se assimilhe a um encantamento mys- « terioso e incomprehensivel » [já provei o contrario, quando convenci o autor de sua falta de observação ou de memoria]. « Se Deus quizesse, que o culto da sua Igreja fosse celebrado « em latim, não teria concedido senão o dom da lingua latina; « esta só teria sido sufficiente e não teria havido necessidade « de outra qualquer ».

[Que logica!?! Duvido muito se S. S. desse um bom Deus; o a quem nós adoramos felizmente não pensa assim].

« Nunca encontrei uma pessoa que tentasse contestar este « argumento fundado no dom das linguas ».

Pois bem, se o autor das *Noites com os Romanistas* me dá licença, vou tentá-lo. Diz elle, que se o Papa pudesse mudar o costume do uso da lingua latina, devia fazel-o e substitui-lo pelo uso da lingua vulgar; mais: sustenta, que o Papa de todo não pôde tornar obrigatorio o uso da lingua latina na celebração da Missa e na administração dos Sacramentos. Porque não? Porque é uma pratica não somente inutil e má em si, mas directamente opposta ás terminantes declarações da Escriptura Sagrada. Respondo: que o Papa não sómente nunca mudará esta pratica, mas que não tem nenhuma obrigação para isto, e que pôde com pleno jus tornal-a obrigatoria. A razão é 1.º porque de todo não é inutil e má em si esta pratica: como provarei mais adiante explicando as gravissimas razões, que determinaram a Igreja a adoptar a lingua latina em seu culto publico; e 2.º porque de todo não contradiz ás terminantes declarações da Escriptura Sagrada. Pois, que força tem o argumento allegado pelo autor, a saber o dom das linguas, dado aos Apostolos no principio da Igreja, e descripto em suas maravilhosas consequências em Actos II: 1-11, para provar a illi- ciedade do latim na Missa e nos Sacramentos? A Escriptura Sagrada alli *não manda, que os Apostolos e os seus successores sempre usassem da lingua vulgar, nem prohibe que usassem d'uma lingua desconhecida, o que era absolutamente necessario para po-*

der-se tirar deste texto um argumento em favor da lingua vulgar e contra uma lingua desconhecida; não, ella só refere um facto, narra um milagre espantoso, que naquella occasião era mui opportuno, para não dizer quasi necessario. Tratava-se de convencer alguns milhares de homens da necessidade que tinham de deixarem o judaismo e entrar na Igreja instituida por Jesus Christo e fundada sobre os Apostolos. Esses milhares de homens não eram da mesma nação, não fallavam a mesma lingua. Como, portanto, os Apostolos, podiam convencel-os da obrigação, que tinham de mudarem de religião, deixar o judaismo e entrar na Igreja de Jesus Christo se não fossem entendidos por seus ouvintes? E dahi o milagre assombroso, que obrou Deus, dando a seus Apostolos o dom das linguas. Este milagre por conseguinte nada prova contra o uso da lingua latina, e nada em favor da lingua vulgar; só prova, que quando se *prêga* a um povo, que falla uma lingua differente da do prégador, é necessario, que este, se quer ser entendido por esse povo, lhe falle *na lingua usada por este mesmo povo* e para nos convencermos disto nem precisavamos deste milagre, visto como a só razão já o prova de sobejo. *Ora não é este o costume da Igreja Catholica, Apostolica, Romana?* Houve tempo em que *não prégasse* na lingua vulgar do povo? Seus missionarios não aprendem apezar de extremas difficuldades as *linguas mais barbaras, os dialectos mais impossiveis*, cousa em que não são imitados pelos ministros protestantes? O texto portanto falla só da *prêgação*, não do *culto*; além disto não manda o uso da lingua vulgar nem reprova o da lingua latina, refere um successo espantoso e nada mais; e deste modo se dissolve toda a objecção do autor, e provou-se, que o uso do latim não é uma plena e aberta violencia do principio fundamental da Igreja Christã.

Mas, este texto da Escripura Sagrada não é o unico, em que se baseia o autor. Como bom protestante que se serve de todas as armas empregadas por seus avoengos para combater a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, *por mais embotadas que sejam*, abre a Biblia no capitulo XIV da primeira Epistola aos Corinthios e lê em alta voz alguns textos explicados por elle a seu modo. Ouçamol-o: « Agora, pois, irmãos, se eu
« vós aproveitarei eu, se vós não fallar ao por revelação, ou
« por sciencia, ou por prophecia ou por doutrina? Certamen-
« te as cousas inanimadas que fazem consonancia, como a flau-
« ta, ou a cithara, se não fizerem differença de sons como
« se distinguirá, o que se canta á flauta ou o que se toca na
« cithara? Porque, se a trombeta der um som confuso, quem
« se preparará para a batalha! Assim tambem vós, se pela
« lingua não derdes palavras intelligiveis, como se entenderá

« o que se diz? porque sereis como que falla ao vento. Ha
« como acontece tantos generos de linguas neste mundo; e
« nada ha sem voz. Se eu pois não entender o que signi-
« ficam as palavras, serei um barbaro para aquelle a quem fal-
« lo, e o que falla, sel-o-ha para mim do mesmo modo ».

« Sobre isto observei, continua o autor, que o apostolo
« alludia ao uso improprio do dom das linguas, e reprovava
« aquelles que fallavam na igreja n'uma lingua desconhecida
« [explicação errada, como provarei] e accrescentei que
« quando o ministro emprega uma lingua desconhecida na
« igreja, elle e o povo são como barbaros um para o outro,
« isto é, não se podem entender » [será conforme].

« Respondeu-me [o companheiro do autor], que esta re-
« prehensão do Apostolo referia-se á pregação do Evangelho e
« não aos demais officios religiosos, sendo este o motivo por-
« que na Igreja Romana, embora estes se celebrem em latim,
« se prega sempre na lingua vulgar ».

« Repliquei dizendo, que o argumento do Apostolo refe-
« re-se tanto ás orações e ás acções de graças como á pré-
« gação e ao ensino [ambos erram, como provarei : os textos
« citados só dizem respeito ás orações e ás acções de graças],
« e continuei lendo. Porque, se eu orar n'uma lingua estran-
« geira, verdade é que meu espirito ora, mas o meu entendi-
« mento fica sem fructo. Que farei eu logo? orarei com o
« espirito, orarei tambem com a mente. Mas se louvares com
« o espirito, o que occupa o lugar de simples povo como di-
« rá « Amen », sobre a tua benção, visto não entender o que
« tu dizes? verdade é que tu dás bem ás graças, mas o outro
« não é edificado ». (I Cor. XIV : 14-17).

« Parece que o Apostolo nunca pensou na invenção de
« tocar uma campainha para avisar os ignorantes de que de-
« vem dizer « Amen » a uma oração ou acção de graças que
« não entendem [Que bonito trecho de espiritualidade !]. O
« meu companheiro sorriu-se, [sim ; muito riso, pouco siso]
« meneando a cabeça, e disse que achava acertado o que eu di-
« zia. Continuei então lendo o arrazoado do Apostolo contra
« este systema: « Graças dou a meu Deus, que fallo todas as
« linguas que vós fallaes. Mas eu antes quero fallar na Igre-
« ja cinco palavras da minha intelligencia, para instruir tam-
« bem os outros do que dez mil palavras em lingua estranha,
« (I Cor. XIV : 18-19).

« Aqui o Apostolo diz que, apezar de todo o conhecimen-
« to que tinha de diversas linguas, queria antes dizer cinco
« palavras em uma lingua intelligivel do que dez mil em uma
« lingua que não podesse ser entendida ; e se, como pen-
« sam muitos catholicos » [desafio o autor a citar-me os seus
« nomes] « as cinco palavras a que o Apostolo allude, são

« — hoc est enim corpus meum — este pois é meu corpo — as
 « cinco palavras mysticas, pelas quaes se realisa na Missa, se-
 « gundo dizem, a transsubstanciação, fica clara que o canon da
 « Missa em particular deve ser lido em uma lingua conhecida
 « e entendida pelo povo. Em um officio celebrado em lingua
 « desconhecida o homem, que não a sabe não ouve senão
 « sons incomprehensíveis, e pôde bem dizer: Estaes fora do jui-
 « zo; entretanto que quando se celebra qualquer officio re-
 « ligioso na lingua vulgar, qualquer pessoa pôde ouvir e en-
 « tender a mensagem do Evangelho, e este convence-o-ha de
 « seus peccados e conduzil-o à oração e ao culto de Deus.
 « O arrazoado do Apostolo é claro e terminante em todas as
 « suas partes, é totalmente opposto á pratica da Igreja Ro-
 « mana e aos seus officios em latim e por mais subteis, que
 « sejam as desculpas que os Catholicos Romanos inventam,
 « para justificar as suas praticas, ha de forçosamente admittir-
 « se que estas são diametralmente oppostas á auctoridade di-
 « vina. » [Vou agora mesmo provar o contrario].

« Entre os muitos catholicos romanos intelligentes e fran-
 « cos, que tenho conhecido, nem um só encontrei, que não
 « tentasse subtrahir-se a este argumento do Apostolo » [o meu
 « e o dos protestantes, deve dizer o autor; pois não é do Aposto-
 « lo]; « muitas vezes o tenho apresentado, e sempre com o mes-
 « mo effeito. Sentem plenamente a sua força, e não podem
 « contestal-o; porém, em vez de cederem, em vez de se incli-
 « narem humildes e obedientes ante a authoridade divina » [ante
 « minha authoridade de prégador d'uma seita falsa, condemnada
 « por Deus e pela Igreja] « ridicularisam-n'a e procuram provar
 « que a despeito do juizo do Apostolo, os officios em latim têm
 « algumas vantagens ».

Eis a objecção do autor. Pois bem, *a despeito de seu juizo, a despeito da sua nenhuma authoridade de ministro evangelico*, vou provar, que o Apostolo S. Paulo, não reprova nos textos citados a pratica da Igreja Apostolica, Catholica, Romana, de usar uma lingua desconhecida (no caso o latim), na celebração da Missa, e na administração dos Sacramentos, n'uma palavra: em seu culto publico.

A simples explicação do capitulo XIV da primeira Epistola aos Corinthios, contém a prova mais peremptoria d'esta verdade. Qual é o fim, que o Apostolo Paulo se propõe neste capitulo? Depois de ter provado no capitulo XIII, que a *cosa principal* á cuja assecução os Corinthios antes de tudo haviam de applicar-se, *era a caridade*, isto é, o estado de graça santificante pela qual o homem se torna filho de Deus, co-irmão de Jesus Christo, herdeiro do reino celestial, e d'este modo já indirectamente os excitára a *não cobiçar desordenadamente os Charismas (os dons) do Espirito Santo*, mas a applicar-se antes á

assecução da caridade: elle quer prevenil-os *contra um erro em que ducam*. Pois julgavam, que o dom *das linguas* era muito preferivel ao *da prophesia*, e por isso *ambicionavam antes de tudo o dom das linguas*. Ora, para tirar-lhes este erro, o Apostolo compara o dom das linguas com o da prophesia, e conclue que, *attenta sua utilidade, o dom da prophesia é muito preferivel ao das linguas*. Mas, em que consistiam estes dons? *O dom das linguas* consistia n'isto, que uma pessoa por inspiração do Espirito Santo, de repente principiava a rezar a Deus, a dar-lhe graças ou celebrar seus louvores n'uma lingua ou em mais linguas que elle mesmo não sabia e muitas vezes, como se vê claramente pelo contexto, nem entendia, nem sabia traduzir. Era portanto, um dom, que não tinha por fim immediato *prégar* a Deus, mas LOUVAR A DEUS. Por este dom, uma pessoa sob o influxo do Espirito Santo, principiava a louvar a Deus, n'uma lingua estrangeira, e embora *muitas vezes não entendesse o que dizia, nem fosse entendida pelos assistentes*, glorificava a Deus com devoção, porque o mesmo Espirito Santo suscitava no espirito d'elle *sentimentos analogos ás palavras*, que sua bocca proferia.

De natureza muito differente era o *dom da prophesia*. Este mirava directamente a PRÉGAÇÃO e não o *ecomio de Deus*. Uma pessoa dotada d'este dom, sob o influxo do Espirito Santo, *prégava assim como os antigos prophetas*; excitava com suas exhortações e admoestações os recém-convertidos á fugida do peccado e á pratica das virtudes, e *para que o fizesse mais effizamente*, o Espirito Santo communicava-lhe o *dom de manifestar cousas occultas*, conhecidas só pelas pessoas a quem se dirigiu, e mesmo ás vezes o *dom de predizer o futuro*.

Os que possuíam este dom eram pois *prégadores inspirados*, ao passo que os outros eram *rezadores inspirados*.

Pois bem para provar aos Corinthios, que preferiam imerecidamente o dom das linguas ao da prophesia, a maior excellencia do dom da prophesia, S. Paulo compara um com outro, e conclue que, *attenta a sua utilidade o dom da prophesia, que era entendida tanto do que prophetisava, como daquelles que a ouvião, devia ser proferido ao das linguas, que muitas vezes não eram entendidas pelo que as fallava, nem pelos ouintes, se não havia interprete*. (I Cor. XIV 1-6). « Segui a caridade: anhelae aos dons espirituaes, porém sobretudo ao da prophesia. Porque o que falla uma lingua estrangeira não falla aos homens » [que não o entendem] « mas a Deus: porque ninguem o entende mas pelo espirito » [por inspiração e com propria devoção] « falla cousas mysteriosas. Mas o que prophetisa, falla a homens » [que o entendem] « para edificação, exhortação e consolação. O que falla uma lingua estrangeira a si mesmo se edifica » [por causa da de-

voção com que reza] « mas o que prophetiza, edifica a Igreja de Deus » [isto é os ouvintes, que terão proveito das suas palavras.] « Quero pois que todos vós falleis as linguas » [o Apostolo deseja a todos os Corinthios o dom que apreciam tanto] « mas ainda mais que prophetiseis. Porque maior é o que prophetisa, do que o que falla linguas estrangeiras » [que elle mesmo não entende] « a não ser que tambem as interprete para que a Igreja receba edificação » [pois se o que tem o dom das linguas, tem ao mesmo tempo o dom de interpretar as palavras que falla, elle alcança o mesmo fim, que o que prophetiza, edifica a Igreja]. « Agora porem, irmãos, se eu fór ter com vosco fallando linguas estrangeiras de que modo vos se- rei util, se não juntar ás minhas palavras ou revelação, ou sciencia, ou prophecia, ou doutrina. » [Confirmo o dito por meu exemplo, se eu tivesse tido só o dom das linguas sem o da prophecia, ter-vos-hia aproveitado muito minha estada entre vós ?]

Dito isto, o Apostolo desde o verso 7 até 12 illustra a inutilidade do dons das linguas para a edificação da Igreja com algumas comparações: « Certamente as cousas inanimadas, que fazem consonancia, como a flauta ou a harpa, se não fizerem differença de sons, como se distinguirá o que se canta na flauta, ou o que se toca na harpa. » [A differença de sons indica a differença dos instrumentos dos quaes procedem]. « E se a trombeta [pela qual se dão *todos os signaes* aos soldados] « der um som confuso » [não indica claramente a que exercicio chama os soldados] « quem se preparará para a batalha? Assim tambem vós, se pela lingua não vós exprimirdes com palavras intelligiveis, como se entenderá o que disserdes? Fallarcis ao ar. » [E isto fazem os que tem o dom das linguas sem ao mesmo tempo terem o da interpretação das linguas.] « Ha, com effeito, tantos generos de linguas neste mundo e todos têm sons intelligiveis. » [Ha no mundo muitas linguas só sabidas por quem as falla e entende]. « Se eu pois não entender, o que significam as palavras, serei um barbaro para aquelle a quem fallo, e o que falla será para mim barbaro » [Seremos um para o outro como barbaros, que não se entendem:] « Assim tambem vós porquanto sois desejosos de dons espirituaes procuraes abundar nelles para edificação da Igreja. » [Portanto vós Corinthios procuraes um dom, que vós torne uteis á Igreja, o da prophecia, ou das linguas, se ao mesmo tempo tiverdes o de interpretação].

Depois o Apostolo chega a uma conclusão pratica derivada do que deixou explicado e provado, e confirma esta conclusão com novos argumentos. (I Cor. XIV 13-19). « Por isso, o que falla uma lingua estrangeira, peça « a Deus » o dom de a interpretar. Porque se eu orar n'uma lingua estran-

« geira meu espirito ora » [movido como é pelo impulso do espirito Santo] » mas meu entendimento fica sem fructo « [porque eu mesmo não entendo o que digo] » Que farei pois? Orarei com o espirito « [com a parte affectiva] » mas orarei tambem com o entendimento « [com a parte intellectiva, caso Deus me dê tambem o dom da interpretação]; » cantarei com o espirito « canticos porem cantarei tambem com o entendimento. Aliás « se louvares só com o espirito « [sem entender e poder interpretar o que dizes] » o que occupa o lugar do simples « povo, como responderá Amem sobre tua benção, pois que não « entende o que tu dizes? Verdade é que tu dás graças « [que louvas a Deus] » mas o outro não é edificado « [porque não entende teus louvores.] » Mas eu estimo mais fallar na Igreja « cinco palavras « [estimo mais inspirado pelo Espirito Santo dizer prophetisando poucas palavras] » para instruir tambem aos outros do que dez mil palavras em lingua estrangeira [pelo dom das linguas.

Emfim o Apostolo (I Cor XIV 20-25) mostra, que o dom da prophesia é mais util para os infieis, os gentios do que o das linguas.

Eis, pois, a explicação dos famosos textos, que os protestantes allegam contra a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, e, segundo elles, contém a condemnação mais formal do uso do latim na Igreja Catholica, Apostolica, Romana. Ora, quem não vê que estes textos *não dizem respeito algum ás orações latinas* usadas na celebração da Missa, na administração dos Sacramentos, n'uma palavra no culto publico da Igreja, mas sómente a essas orações e acções de graças *extraordinarias*, cujo conteúdo, se não era explicado, ficava desconhecido a todos, muitas vezes até áquelle que as pronunciava com a bocca? Além d'isto, quem não vê que mesmo *essas orações extraordinarias*, não são reprovadas absolutamente pelo Apostolo; pelo contrario, que elle *as approva e as permite, quando ha quem as interprete e explique*; pois então, segundo elle, surtirão o mesmo effeito que as prophcias: edificar o povo. E mesmo caso não haja interprete não as reprova absolutamente, pois o dom das linguas, sendo um dom do Espirito Santo, não pôde ser reprovado pelo Apostolo. Dado, portanto, mas não concedido, que as palavras do Apostolo pudessem ser applicadas á liturgia latina da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, não se pode dizer que nella falta quem as interprete e explique ao povo, te por consequente, que *o uso do latim é contrario á doutrina do Apostolo*. Pois, como já repeti tantas vezes em minhas refutações d'esta objecção tirada do latim do culto publico, os padres, os vigarios, e os proprios bispos, obedecendo ás determinações do Concilio Tridentino, nunca têm deixado de explicar as orações latinas do culto publico. Acrescenta,

que ha uma infinidade de livros, approvados pelos bispos, onde os fieis podem achar traduzidas todas as Orações liturgicas latinas e explicadas todas as ceremonias, e portanto, o culto, embora feito em lingua desconhecida, é muito bem comprehendido pelos simples fieis, e todos podem e devem dizer « Amen », sobre as palavras pronunciadas pelo padre na celebração da Missa e na administração dos Sacramentos. Por isso S. Thomaz, † 1274, como que já presentindo a objecção dos futuros protestantes, respondeu em seu tempo á pergunta, que elle fez a si mesmo: « Porque é que as benções não se dão em lingua vulgar, para que sejam entendidas pelo povo e que o povo mais se conforme com ellas? Talvez isto fosse bom na primitiva Igreja: agora, porém, que todos são bem instruidos e entendem o que ouvem no culto publico, não ha mais motivo algum para não usar-se da lingua latina ».

Mui immerecidamente, portanto, reprocham os protestantes antigos e modernos, baseados nestas palavras de S. Paulo, a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, sua liturgia latina. Nem elle, nem os mais Apostolos, condemnaram o uso d'uma lingua estrangeira, mas interpretada no culto publico: muito pelo contrario, *elles mesmos em sua liturgia Apostolica empregaram muitas palavras aramaicas* (lingua fallada por Nosso Senhor Jesus Christo), que precisavam de interpretação, como sejam Amen, Maranatha, Abba, etc.

Depois de seus esforços mallogrados para provar que o uso do latim no culto publico é contrario ás declarações terminantes da Escriptura Sagrada, o autor vae impugnar as vantagens d'aquelle uso, e as razões que determinaram a Igreja a escolher como sua a lingua latina. Vou acompanhá-lo: porém, antes de occupar-me d'elle, não posso deixar de lembrar ao leitor o que já deixei explicado no meu primeiro capitulo, sobre a leitura das Escripturas Sagradas, a saber: que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, escolheu para o Occidente a lingua latina por tres razões: 1.º, porque sendo ella Catholica, isto é, universalmente espalhada pelo mundo, convinha muito, que em toda a parte fallasse a mesma lingua; 2.º, porque sendo Invariavel, convinha muito que empregasse para a definição dos seus dogmas e a manutenção de seu culto, uma lingua morta e por isso invariavel; 3.º, porque sendo Apostolica, convinha muito que conservasse as duas linguas falladas nos primitivos tempos, o grego para o Oriente, o latim para o Occidente. Dito isto, ponho-me ás ordens do autor.

O seu companheiro objectou « que o uso universal do latim tende á unidade ou uniformidade do culto, de modo que o catholico romano que viaja para qualquer parte..... está certo de achar em toda a parte exactamente a mesma forma do culto, as mesmas orações e a mesma lingua. Para

« onde quer que vá o estrangeiro.... ouve as mesmas bem
« conhecidas palavras.... sempre em lingua latina, sempre
« uma mesma coisa ».

A isto responde o autor a quem vou refutar no proprio contexto: « Em resposta, disse eu, que quaesquer que sejam as
« conveniencias relacionadas com esta pratica, não podem des-
« culpar e menos ainda justificar uma pratica tão contraria ás
« terminantes declarações da Sagrada Escriptura » [visto que,
assim como acabo de provar, esta pratica *não é contraria mas
mesmo conforme* à Escriptura Sagrada, o autor falla ao ar, e
não refuta a objecção]. « E, sem duvida uma conveniencia pro-
« blematica para o viajante ou emigrado, é uma desculpa in-
« sufficiente » [Não ha logar para desculpa, porque o latim
não é contrario à Biblia; e a certeza de encontrar-se por toda
a parte do mundo o mesmo culto, não é uma conveniencia pro-
blematica mas *muito real*, e além d'isto, *da maior importancia*].
« Os viajantes e emigrados sempre serão muito poucos em
« confronto com a multidão do povo de cada paiz. E, segundo
« este argumento, a enorme quantidade de povo de cada na-
« ção teria de ser incommodada por causa de uns poucos in-
« dividuos: toda a população teria de soffrer o inconveniente
« de se celebrar o seu culto em uma lingua que não enten-
« desse, e isto para favorecer aos poucos viajantes ou emigra-
« dos. Este argumento prova que, para favorecer uns poucos
« de hespanhoes viajando ou estabelecidos na Inglaterra, para
« favorecer uns poucos de italianos na Allemanha, ou alguns
« irlandezes na America, toda a população desses paizes deve
« soffrer o inconveniente de não entender nada de seus offi-
« cios religiosos. Isto seria, na verdade, sacrificar os interes-
« ses de muitos á conveniencia de poucos » [Erro; sr. autor
das *Noites com os Romanistas*, erro gravissimo: porque os ca-
tholicos pelo mundo inteiro são instruidos por seus padres a
respeito do culto publico, entendem-n'o, embora se faça numa
lingua desconhecida, e por isso *ninguém é favorecido, ninguém
prejudicado*; não se sacrifica a multidão a poucos; mas *todos,
quer estrangeiros quer moradores do paiz, têm esta vantagem que
a qualquer parte do mundo que se dirijam, encontram o que lhes
é conhecido, o mesmo culto*].

« E, com tudo, accrescentei; não haveria vantagem al-
« guma real mesmo para esses poucos, porque, se um hes-
« panhol na Inglaterra não póde entender o culto em inglez,
« tão pouco o póde entender em latim » [póde-o, porque o
latim da Missa etc., lhe é explicado, o inglez não]; « do mes-
« mo modo, se um italiano na Allemanha ou um irlandez na
« America não entende o allemão ou o inglez, não achará
« mais intillegiveis os officios divinos por serem celebrados
« em latim »? [a isto respondi agora mesmo] « Assim pois,

« tudo se resume nisto, que aonde quer que vá o viajante, ou
 « se estabeleça o emigrante sempre achará a celebração dos
 « officios da sua Igreja em uma lingua que não entende!
 [Desculpe; eis o caso do viajante ou emigrado *protestante*,
 sim; mas não o do viajante ou emigrado *catholico*. O viajan-
 te ou emigrado *protestante* entrando n'uma casa de oração,
 onde se fazem os officios na lingua patria, não entendida por
 elle e sempre d'um modo differente do por que esses officios
 se fazem em seu paiz, ouvindo senão sons incompreensíveis,
 pôde bem dizer as palavras do Apostolo: « *Estaes fóra do*
juizo »; o *catholico* porém, porque é instruido no que significa
 o latim, entende o culto e fica *edificado*. Vede como o protes-
 tantismo prejudica mesmo os pobres viajantes ou emigrados] ».

Mas o companheiro do autor lhe apresenta outra objec-
 ção. « Allegou que tal havia sido sempre a pratica univer-
 « sal da Igreja; que em todos os seculos e em todas as par-
 « tes do mundo as liturgias sempre tinham estado na lingua
 « latina; que o latim era a lingua da Igreja; que constituia
 « parte da communhão dos santos; que era justo que a Igre-
 « ja no seculo actual fallasse a seus filhos nas mesmas pala-
 « vras de que se tinham servido nos seculos passados; e
 « que era proprio da perpetuidade e immutabilidade da Igre-
 « ja continuar sempre celebrando o seu culto em uma mes-
 « ma lingua. Disse alem disto que o uso da lingua latina é
 « um argumento a favor da Igreja Romana — sendo signal
 « de ser a mesma que sempre tem sido — a santa Igreja Ca-
 « tholica ».

Assim como vê. o judicioso leitor, o companheiro em
 sua objecção mistura tudo, ouripel e ouro de lei, e alem dis-
 to é tão verboso, que eu cá para mim julgo, que em vez de
 ouvir a objecção do companheiro do autor, ouço *uma objecção*
feita calculada e astuciosamente pelo proprio autor. Em todo o
 caso, seja como quizer, vou referir a sua resposta commentan-
 do-a e refutando-a no proprio contexto.

« Contestei assim falla o autor, dizendo ser absolutamente er-
 « roneo e inteiramente inexacto e falso dizer, que tal tem sido a
 « pratica da Igreja, em todo o tempo e em todas as partes, pois
 « não ha quem ignore » [nem *catholico* que contradiga e eis uma
 das razões porque sustento, que a dita objecção não é do com-
 panheiro do autor mas delle mesmo] « que a Igreja de Jesus
 « Christo começou em Jerusalem, que todos os Evangelhos e
 « Epistolas foram escriptos em grego » [menos o Evangelho
 S. Matheus que foi escripto na lingua aramaica] « e que é
 « evidente que aquelles que communmente escreviam em grego
 « (como aconteceu com os Apostolos) tambem fallavam, ora-
 « vam e prégavam em grego ». [Distingo: estando em loga-
 res onde dominava o grego, concedo; estando em logares on-

de dominava o latim, nego; e por isso é muito provavel para não dizer certo que S. Pedro estando em Roma fallasse latim a lingua do simples povo, só os letrados fallavam grego, como tambem S. Paulo estando na Hespanha. « Não ha duvida » [ha] « de que as Igrejas primitivas celebravam os seus officios em grego » [no Oriente, concedo; no Occidente, nego; alli o officio era em latim] « pois que as mais antigas liturgias que tem chegado a nossos tempos estão escriptas nessa lingua » [e no latim, depende da sua procedencia, se do oriente se do occidente.] « e até o dia de hoje a Igreja grega e armenia, os christãos coptas, nestorianos e syriacos e todas as Igrejas orientaes tem as suas liturgias no idioma do Oriente e nem uma só dellas faz uso do latim ». [Concedo, mas como isto possa depôr contra o latim não entendo) (*).

« E' verdade, accrescentei, que nas igrejas latinas usava-se se mas geralmente do latim nos ritos sagrados » [habemus confitentem reum] « pois que o latim era o idioma mais geralmente fallado e melhor entendido, e por este motivo era o idioma mais adequado ás liturgias daquelles paizes. Isto não obstante estava muito longe de ser um costume universal » [era geral] « pois sabemos que a Hespanha a França e a Inglaterra as tinham differentes e até em differentes idiomas ». [Veja-se a nota ao pé da pagina]. « Mesmo na Italia, as liturgias não eram em todos os logares as mesmas » [mas quasi em todos] « e nas partes da Italia colonisadas pelos gregos os officios divinos eram celebrados na lingua grega. No decurso de alguns seculos estas differenças foram pouco a pouco desaparecendo até que afinal a Igreja Romana logrou impôr » [não houve resistencia tenaz em geral, tudo ia pacificamente] « a sua liturgia latina a todas as Igrejas da Europa, muito depois de ter o latim deixado de ser lingua viva » [inverdade, pois na idade media ainda se fallava e prégava em muitos logares no latim]. « Já são passados muitos seculos » [quantos ha] « desde que o latim desapareceu da Europa, mas a Igreja Romana conserva ainda o uso dessa lingua velha e morta »

(*) Não se póde definir com toda a certeza se os Apostolos tem celebrado a Missa na lingua patria de cada povo a quem prégaram o Evangelho, ou só nas linguas aramaica, grega e latina. Em todo o caso dos quatro primeiros seculos não nos restam liturgias em outras linguas fóra destas tres.

Na Igreja Occidental, por exemplo na Italia, na Allemanha, na Hespanha, nas Gallias e na Inglaterra o latim sempre foi a lingua liturgica. Para os fins do seculo IX o Papa João VIII permittiu aos slavos convertidos por S. Cyrillo e Methodio celebrarem a Missa na sua lingua glagolitica para prevenir a sua apostasia para o schisma grego. Tambem a alguns povos do Oriente que voltaram á união Catholica (como por exemplo aos coptos, armenios, ethiopes) a Igreja permittiu o culto na lingua patria. Hoje em dia a liturgia catholica reconhece 12 linguas, a latina, a grega, a syriaca, a chaldaica, a arabica, a ethiopica, a glagolitica, a ruthena, a bulgara, a armenica, a coptica e a rumana. Excepção feita da rumana, todas as mais linguas são linguas mortas, linguas que não se fallam mais.

[graças a Deus] « — lingua que não é entendida pelo povo de nenhum paiz do mundo [pelo povo miúdo, concedo; pelos sabios negro]. (*)

Depois destas palavras do autor, seu companheiro disse: « que o uso do latim não era inconveniente para o povo, porque ha traducções e grande quantidade de livros religiosos, por meio dos quaes se pôde acompanhar o sacerdote e entender-se os officios divinos ». A isto replica o autor que não o nega, mas que assevera que na Igreja Catholica não ha nenhuma traducção authorisada do officio da Missa, e que por isto cada um escolhe o livro de devoção, que mais lhe agrade; e que mesmo tendo em seus livros de devoção uma traducção das orações da Missa e de outras orações liturgicas, muitos não as rezam, mas que todos rezam orações differentes não sómente umas das outras, senão tambem das que reza o padre, e conclue: « assim não passa de ficção o dizer, que não ha inconveniente em que os officios divinos sejam celebrados em latim, porque o povo tem em seus livros de orações traducções que o habilita a acompanhar o padre no que diz ».

Respondendo: 1.º, que embora não haja traducção das orações da Missa e das outras orações liturgicas, directamente feita *pela Igreja*, as traducções que existem, não deixam de ser authorisadas, porque todos os livros de orações e manuaes de devoção precisam da approvação Ecclesiastica (isto é, do Bispo ou de seu delegado) para serem imprimidos, e que por consequente os fieis, lendo essas traducções, podem ter a certeza que têm uma traducção fiel.

2.º Que o autor deve *procurar* que para assistir devota e fructuosamente a Missa e aos mais actos do culto, *é preciso, que o povo acompanhe o padre rezando quer na lingua latina quer na lingua vulgar, as mesmas orações que elle reza*. Isto de todo não é preciso; e por isso vemos entre os catholicos a pratica geral de o povo durante a Missa e os mais actos do culto re-

(*) Tambem as Igrejas Orientaes rejeitam o principio: que a lingua usada no culto deve ser a lingua patria. Os factos provam-no. Os gregos unidos e os gregos schismaticos usam do grego antigo que o povo não entende. Os abyssinios e os armenios usam das linguas ethiopica e armenica *antiquadas* são entendidas pelos sabios; o mesmo é applicavel aos syrios e egypcios que se servem do syrio antigo, e aos melchitas e georgios que celebram no grego antigo. Costume identico seguem os russos cuja lingua liturgica é o grego antigo, enquanto a do povo é um *dialecto slavo*. — Convem citar aqui a pratica do Antigo Testamento. Nelle até no tempo de Jesus Christo e dos Apostolos a lingua liturgica era o hebreo antigo, embora não fosse mais entendido pelo povo judaico o qual depois do captiveiro babilonico se serviu da lingua syro-chaldaica. A ESTE CULTO NO HEBREO ANTIGO JESUS E OS APOSTOLOS ASSIMILAVAM E DESTA MODO APPROVARAM PELO FACTO O USO D'UMA LINGUA DESCONHECIDA AO POVO NO CULTO PUBLICO.

Segue-se dahi que o uso d'uma lingua desconhecida no culto publico pôde appellar para uma *pratica diuturna* na Igreja do Antigo Testamento e para a APPROVAÇÃO DE JESUS E DE SEUS APOSTOLOS QUE A NÃO REPROVARAM COMO ABUSO.

Que dizem a isto os protestantes?

zar o terço, recitar o breviário e ler outras orações, sem que haja quem d'isto se admire. A razão é porque julgam satisfazer ao preceito unindo-se pela fé ao sacrificio do padre e rezando a Deus do modo que lhes agradar e o Espírito Santo lhes inspirar, e enquanto o autor não tiver provado (e nunca poderá provar-o), que esta pratica é má, sua objecção não provará nada contra o uso da lingua estrangeira no culto publico que na Igreja Catholica, Apostolica, Romana, é EXERCIDO PELOS SEUS MINISTROS e só ASSISTIDO PELO POVO.

Mas, o companheiro fallou mais algumas palavras, ás quaes respondeu o autor.

Disse o companheiro «que tinha lido ainda outra razão a favor da lingua latina, a saber: a bella concepção da unidade da lingua no culto divino, idéa esta, que expoz do modo seguinte: «A Igreja deve ser uma irmandade ou sociedade universal, estendendo-se por todo o mundo, abrangendo homens de todas as côres, de todos os climas e de todas as linguas. Por mais separados que se achem pela cor ou clima, pela distancia ou pelos costumes, pela natureza ou lingua, no mais solemne de todos os actos estão unidos entre si, porque em todas as partes não usam senão da mesma lingua. E' uma anticipação do céo, onde todos fallam a mesma lingua».

A estas palavras responde o autor «que tudo isto não passava de vã phantasia, que talvez pareça a alguns grandiosa e bella mas que não é coisa praticavel nem proveitosa. Que Deus, que quer por razões só d'elle conhecidas, que haja diversidade de linguas, não nos den motivo algum para crêr, que tenha estabelecido uma regra differente a respeito do culto religioso:... enfim, que pela unidade da lingua mantém seus membros em uma unidade de adoradores, que nada entendem; que seria um espectaculo muito mais nobre e magestoso vêrmos os filhos do Salvador rezando para elle cada um em sua propria lingua que entendem, do que numa só lingua que não entendem;... que a religião deve ser mais espiritual do que externa, uma coisa obrada *em nós* e praticada *por nós*, em lugar d'um negocio manejado pelo sacerdotio em nosso nome».

Respondo: 1.º, que Jesus Christo instituindo sua Igreja dividiu os membros da sua Igreja em subditos e superiores, em leigos e padres, que estes devem ser os medianeiros entre Elle e o povo, e por isso em nome do povo, offerecer o sacrificio e tratar do culto.

2.º Que por assistirem aos officios do culto publico, feitos pelos padres, os fieis não são só externos, mas igualmente espirituaes em sua religião, a qual por isso não deixa de ser uma cousa obrada *nelles* e praticada *por elles*.

3.º Que me parece espectáculo muito mais nobre e magestoso, vêr todos os povos do mundo em suas orações publicas, usarem da mesma lingua e dos mesmos ritos, que todos entendem, como isto se dá na Igreja Catholica, Apostolica, Romana, do que vel-os rezarem cada um em sua propria lingua.

4.º Que este espectáculo de todos os povos rezarem a Deus cada um em sua propria lingua, se realisa, sem embargo, sempre que rezam privadamente.

5.º Que ha todo o motivo para crêr, que Deus embora queira que haja diversidade de linguas, quer que haja uma lingua pelo menos para o Occidente, tanto por que vemos, que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, a qual é SUA e só sua Igreja, mantém esta unidade da lingua, como porque conhecemos as grandes vantagens que esta unidade de lingua proporciona á Igreja, para a manutenção da unidade da fé, da unidade do culto, da facilidade das mutuas relações tanto entre as varias secções da Igreja, como entre os pastores e os fieis. E com isto, despeço-me do autor depois de ter respondido a todas as suas objecções e provado que não póde fazer do uso de uma lingua desconhecida, uma arma para combater a Igreja.

Só quero ainda accrescentar um testemunho magnifico dado, faz tres ou quatro annos, pelo sr. K. F. Dichermann, ministro protestante, numa importante cidade dos Estados Unidos do America do Norte, Nero-Haven, em Connecticut. Eil-o :

« Alguns extranham que todo o cerimonia da Missa, a administração dos Sacramentos, o canto do coro se fazem *em latim*, numa lingua morta, que é entendida só por um limitado numero de fieis.

« Todavia, esta mesma conservação do latim *é mais uma prova da sabedoria do governo da Igreja*. Porque a Igreja quer ser universal, comprehende-se perfeitamente que faz grande caso da unidade da lingua em suas solemnidades principaes. Para este fim *uma lingua morta por ser inalteravel é preferivel a qualquer lingua viva*.

« Eis porque a Igreja, quasi em toda a parte, faz uso da lingua latina ».

ERRATAS

Como soe acontecer, escaparam alguns erros de typographia, que o leitor benevolo corrigirá por si.

Comtudo não me parece ocioso indicar os seguintes :

PAG.	LIN.	ERRO	EMENDA
15	5	1 126	1 em 126
18	4	aos	ao dos
32	22	viuvos	viuvos, casados pela segunda vez
33	45	consagrado,	consagrado, respondo que
57	30	ainda	ainda que
58	4	<i>Esdras sacerdote escribas</i>	<i>e o sacerdote Esdra, o escriba</i>
82	4	mas	mais
88	41	para as	pelas
91	8	faltaria	faltará
98	22	que Igreja?	que Igrejas?
146	47	8000	5000
148	8	55.000.000	63.077.000
«	«	20.000.00	25.000.000
179	11	o de ter	a de ter
191	5	Prometteu-lhe	Promettem-lhe
195	21	houve ma	houvesse uma
219	38	do mesmo	de si mesmo

INDICE

CAP.	PAG.
Prel. Os resultados moraes do systema Romano.	7
I. A leitura das Sagradas Escripturas	19
II. A unidade da Igreja	63
III. A santidade da Igreja	93
IV. A catholicidade da Igreja	132
V. A apostolicidade da Igreja	165
VI. A confissão e a absolvição	187
VII. O uso de uma lingua desconhecida no culto publico	222

